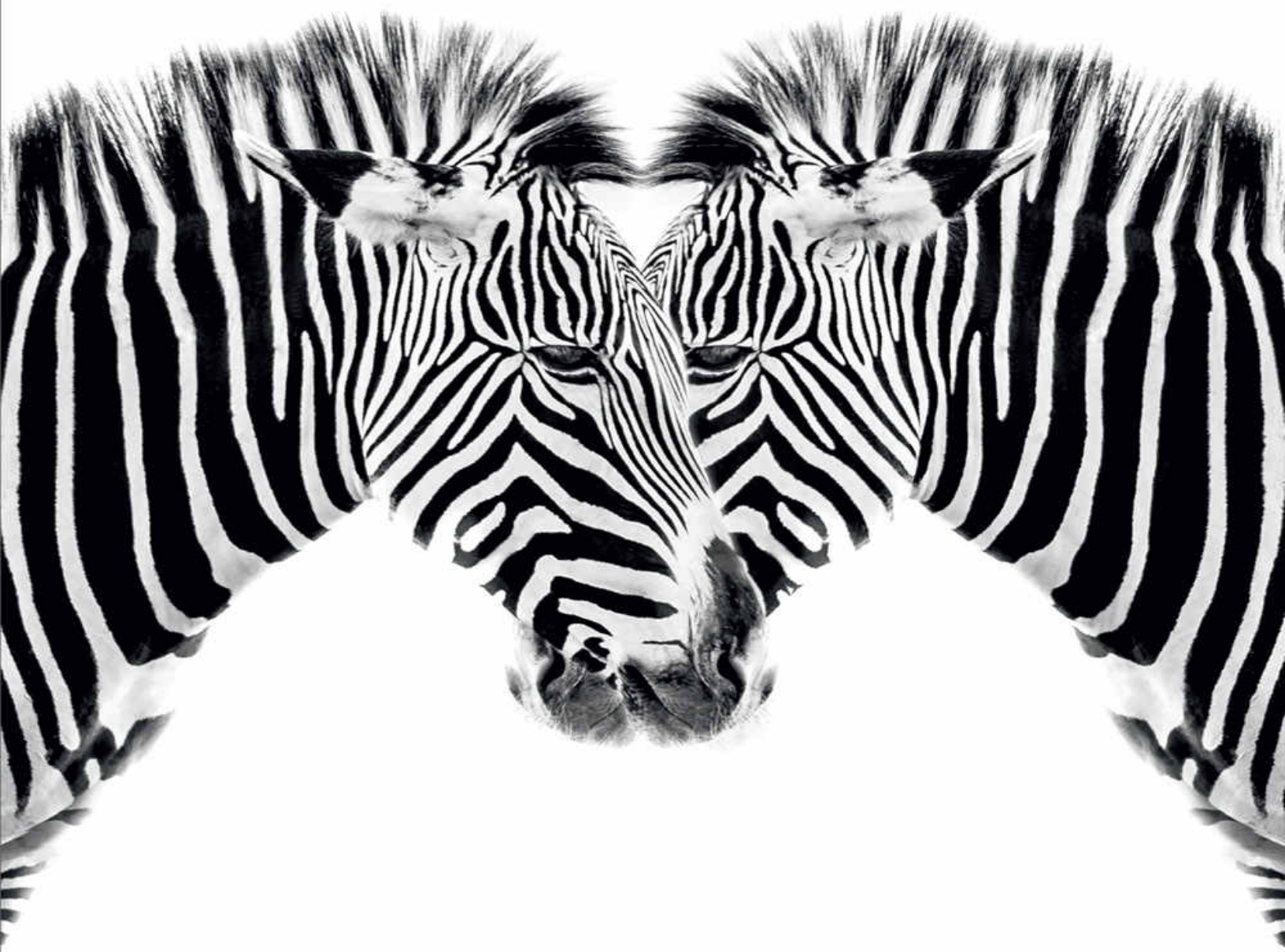


Ernest Hemingway

CONTOS • VOLUME 2





Do mesmo autor:

Adeus às armas

A quinta-coluna

As ilhas da corrente

Contos (Obra completa)

Contos — Vol. 1

Contos — Vol. 2

Contos — Vol. 3

Do outro lado do rio, entre as árvores

Ernest Hemingway, repórter: tempo de morrer

Ernest Hemingway, repórter: tempo de viver

Morte ao entardecer

O jardim do Éden

O sol também se levanta

O velho e o mar

O verão perigoso

Paris é uma festa

Por quem os sinos dobram

Ter e não ter

Verdade ao amanhecer

Finest Highway

CONTOS • VOLUME 2

5ª edição

Tradução
J. J. Veiga

B
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2015

Copyright © 1999 by Hemingway Foreign Rights Trust.

“A vida breve e feliz de Francis Macomber”: copyright original © 1936 Hearst Magazines, Inc., copyright renovado © 1964 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway; “A capital do mundo” e “As neves do Kilimanjaro”: copyright original © 1936 Esquire, Inc., copyright renovado © 1963 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway; “O velho na ponte”: copyright original © 1938 Ken, Inc., copyright renovado © 1965 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway; “A volta do soldado”, “Gato na chuva” e “O meu velho”: copyright original © 1925 Charles Scribner’s Sons, copyright renovado © 1953 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway; “Em um outro país”, “Colinas parecendo elefantes brancos”, “Os pistoleiros”, “Uma indagação inocente”, “Um canário para ela” e “Agora vou dormir”: copyright original © 1927 Charles Scribner’s Sons, copyright renovado © 1955 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway; “Che Ti Dice La Patria?”: copyright original © 1927 The New Republic, copyright renovado © 1955 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway; “Cinquenta mil”: copyright original © 1927 Atlantic Monthly Co., copyright renovado © 1955 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway; “Um lugar limpo e bem iluminado”, “A luz do mundo”, “Homenagem à Suíça” e “O jogador, a freira e o rádio”: copyright original © 1933 Charles Scribner’s Sons, copyright renovado © 1961 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway; “História natural dos mortos”: copyright original © 1932, 1933 Charles Scribner’s Sons, copyright renovado © 1960, 1961 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway.

Título original: *The complete short stories of Ernest Hemingway*

Capa: Angelo Allevato Bottino

Imagem de capa: © Justin Lo / Getty Images

Editoração eletrônica da versão impressa: Imagem Virtual Editoração Ltda.

Preparação de texto: Veio Libri

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2015

Produzido no Brasil

Produced in Brazil

Cip-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros. RJ

H429c Hemingway, Ernest, 1899-1961

Contos, volume 2 [recurso eletrônico] / Ernest Hemingway; tradução J. J. Veiga. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

recurso digital (Contos; 2)

Tradução de: *The complete short stories of Ernest Hemingway*

Sequência de: Contos, volume 1

Continua com: Contos, volume 3
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-286-2132-7 (recurso eletrônico)

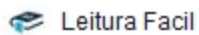
1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Veiga, J. J. II. Título. III. Série.

15-23891

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA .
Rua Argentina, 171 — 2º andar — São Cristóvão
20921-380 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (0xx21) 2585-2070 Fax: (0xx21) 2585-2087



Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (0xx21) 2585-2002

Sumário

A vida breve e feliz de Francis Macomber

A capital do mundo

As neves do Kilimanjaro

O velho na ponte

A volta do soldado

Gato na chuva

O meu velho

Os renitentes

Em um outro país

Colinas parecendo elefantes brancos

Os pistoleiros

Che ti dice la patria?

Cinquenta mil

Uma indagação inocente

Um canário para ela

Agora vou dormir

Um lugar limpo e bem iluminado

A luz do mundo

Homenagem à Suíça

História natural dos mortos

O jogador, a freira e o rádio

A VIDA BREVE E FELIZ
DE FRANCIS MACOMBER



Já estava na hora do almoço, e todos se encontravam sentados na tenda de refeições, protegidos pelo duplo cortinado verde, fingindo que nada havia acontecido.

— Você quer suco de lima ou refresco de limão? — perguntou Macomber.

— Prefiro uma batida — disse Robert Wilson.

— Também vou querer uma batida. Preciso beber alguma coisa — acrescentou a mulher de Macomber.

— É, acho que vocês é que estão certos — concordou Macomber. — Mande-o preparar três batidas.

O copeiro já havia começado a fazê-las, retirando as garrafas das geladeiras portáteis de lona, que transpiravam sob o vento que soprava por entre as árvores que davam sombra às tendas.

— Que gorjeta devo dar a esses empregados? — perguntou Macomber.

— Se lhes der uma libra esterlina, estará muito bom. Não convém deixá-los mal-acostumados.

— Dando-a ao capataz, será que ele se encarrega de distribuí-la?

— Sem dúvida!

Meia hora antes, Francis Macomber fora carregado em triunfo da orla do acampamento até a sua tenda, nos braços e ombros do cozinheiro, dos copeiros, do esfolador e dos carregadores. Os auxiliares de caçada ostensivamente se abstiveram

de participar daquela manifestação. Quando os africanos o depuseram à entrada de sua tenda, ele apertara as mãos de todos eles e recebera seus cumprimentos antes de entrar, sentar-se na cama e esperar que sua mulher chegasse. Ela não lhe dirigiu palavra, e ele se levantou abruptamente para lavar o rosto e as mãos na pia portátil que ficava do lado de fora, dirigindo-se depois para a grande tenda-refeitório, onde se sentou numa confortável cadeira de lona, deliciando-se com a brisa e a sombra.

— Pois não é que você abateu o seu leão? — disse-lhe Robert Wilson, acrescentando: — E excelente, por sinal!

A sra. Macomber lançou os olhos para Wilson. Ela era uma mulher muito atraente e bem-posta, cuja beleza e posição social bem justificavam os cinco mil dólares que, cinco anos antes, recebera, pela recomendação, ilustrada com fotografia, de qualquer produto de toucador que, muito provavelmente, ela jamais usara. Estava casada com Francis Macomber já lá iam onze anos.

— É de fato um bom leão, não é? — concordou Macomber. Sua mulher olhou para ele, dessa vez. Olhou para os dois homens, em verdade, mas era como se nunca os tivesse visto antes.

Um deles, Wilson — o caçador profissional — ela realmente mal chegara a conhecer. Era um homem de estatura mediana, cabelos quase ruivos, bigode curto e eriçado, rosto bem vermelho e olhos de um tom azul-gelado, em torno dos quais se formavam suaves rugas esbranquiçadas quando ele sorria. E ele sorria para ela, agora, levando-a a desviar o rosto e fixar os olhos nos ombros dele, que se delineavam sob a túnica folgada que estava vestindo, com quatro grandes cartuchos presos em canaletas no local onde haveria um bolso frontal à esquerda, em suas largas mãos queimadas de sol, e em seu calção velho e suas botas imundas, antes de retornarem a seu rosto vermelho. Notou a faixa branca que se estendia a certa altura, correspondendo ao círculo de sombra que seu velho chapéu Stetson deixava abaixo da testa, chapéu que, agora, estava pendurado numa saliência do mastro de sustentação da tenda.

— Bem, ergo um brinde ao leão! — saudou Robert Wilson, sorrindo novamente para ela, que, de cara fechada, olhava com um ar curioso para o marido.

Francis Macomber era muito alto, bem-feito de corpo (se não se levassem em conta seus ossos longos), moreno, cabelos cortados rente como os de um remador universitário, lábios finos. Um homem atraente, no julgamento geral. Vestia o mesmo tipo de roupas para um safári, como as de Wilson, com a diferença de que as suas eram novas e limpas. Estava com 35 anos, mantinha-se em plena forma e era muito bom jogador de tênis, além de ter recebido vários troféus em torneios de pesca oceânica. Apesar de tudo isso, acabara de demonstrar — da maneira mais pública — sua covardia.

— Ergo também o meu — disse ele a Wilson. — Jamais lhe poderei agradecer suficientemente pelo que fez.

Margaret, sua mulher, virou o rosto para Wilson, e comentou:

— Acho melhor não falarmos sobre esse leão.

Wilson olhou para ela, com ar espantado, recebendo um sorriso de volta.

— É, foi mesmo uma manhã esquisita a de hoje — reconheceu ela. — Você não acha que deveria manter o chapéu na cabeça aqui dentro, ao meio-dia, como me disse que costuma fazer em certas situações?

— Sim, talvez seja o caso — respondeu Wilson.

— O seu rosto está danado de vermelho, senhor Wilson — falou ela com um estranho sorriso.

— Deve ser por causa da bebida — respondeu ele.

— Não creio. Francis bebe um bocado, e seu rosto nunca fica vermelho.

— Está um tanto vermelho agora — ironizou Macomber num forçado tom jocoso.

— Não. O meu é que está. Mas o do sr. Wilson é sempre vermelho.

— Talvez tenha algo a ver com minhas origens raciais — cortou Wilson, acrescentando: — Vocês não acham que é melhor mudar de assunto?

— Ora, eu mal falei nisso...

— Sim, mas acho bom não prosseguirmos — pediu Wilson.

— Se tivermos assuntos proibidos, a conversa ficará bastante monótona — respondeu Margaret.

— Ora, não seja boba, Margô — advertiu-lhe o marido.

— Para que perder tempo com isso? — continuou Wilson. — Eu já disse que é um leão muito bom!

Margô olhou os dois, e ambos perceberam que ela estava a ponto de chorar. Wilson sentira que isso iria acontecer, temendo pelo pior, mas Macomber desistira de se preocupar.

— Eu gostaria que nada disso tivesse acontecido! Oh, nada disso! — Levantou-se de súbito e se dirigiu para a sua tenda. Não fizera o menor ruído ao chorar, mas os dois puderam ver que seus ombros tremiam sob a blusa cor-de-rosa, à prova de sol, que ela estava usando.

— As mulheres ficam nervosas à toa — disse Wilson a seu cliente altão. — Vai-se ver, não é nada, mas seus nervos reagem de forma incontrollável...

— Não se trata disso — explicou Macomber. — Acho que vou ter de carregar essa coisa pelo resto da minha vida.

— Bobagem! — falou Wilson. — Vamos é nos lembrar sempre da cara do bicho. Esqueça-se do resto, pois não tem a menor importância.

— Farei força — concordou Macomber. — De qualquer maneira, jamais me esquecerei do que você fez por mim.

— Não fiz nada de mais! Já lhe disse que não tem a menor importância.

Ficaram em silêncio algum tempo, naquela área do acampamento sombreada por copadas acácias, tendo por trás uma colina cheia de pedras e, depois, uma extensão de capinzal que chegava até a margem de um rio cujo leito era também pedregoso, além do qual começava a floresta. Beberam suas batidas razoavelmente geladas, evitando-se reciprocamente os olhares, enquanto os rapazes preparavam a mesa para o almoço. Wilson pôde logo ver que eles já sabiam de tudo agora e, ao notar que o copeiro destacado para servir Macomber olhava de soslaio para o patrão, enquanto colocava os pratos, passou-lhe um pito em suaíli. O rapaz virou-se e se afastou com uma cara assustada.

— O que foi que você lhe disse? — perguntou Macomber.

— Nada. Disse-lhe que não ficasse com aquela cara de morto, ou mandaria dar-lhe quinze das boas!

— O quê? Chicotadas?

— Sei que é ilegal — explicou Wilson —, mas é sempre bom assustá-los um pouco, nem que seja com alguma multa.

— Mas ainda se usa açoita-los de vez em quando?

— Oh, sim! Sei que haveria uma onda danada se fossem queixar-se às autoridades, mas a verdade é que as preferem às multas...

— Que estranho! — acrescentou Macomber.

— Nem tanto — admitiu Wilson. — O que você preferiria? Umas chibatadas ou perder o seu salário?

Deu-se conta de que era uma pergunta idiota a alguém como Francis Macomber e, antes que ele pudesse responder, acrescentou:

— A vida nos açoita a toda hora, você sabe... Ora de um jeito, ora de outro...

A emenda fora pior do que o soneto. “Meu Deus! Que merda de diplomata que eu sou!”, concluiu.

— Sim, a vida nos dá umas boas surras — reconheceu Macomber, ainda sem olhar para ele. — Sinto muito esse caso do leão, mas o assunto pode ficar entre nós, não é? Espero que não faça uma onda a respeito dele.

— Você pensa que vou falar sobre isso lá no Club Mathaiga? — Wilson olhou duramente para ele. Não esperava que essa preocupação viesse à tona. “Se pensa nisso, é um bom filho da puta, além de covarde. Eu gostava dele até agora, mas como é que se pode descobrir o que um americano esconde dentro de si?” — Certamente que não — continuou Wilson. — Sou um caçador profissional. Temos como norma jamais falar a respeito de nossos clientes. Pode ficar tranquilo quanto a isso. E saiba que não é de bom-tom pedir-nos que mantenhamos reserva...

Wilson já concluía que seria muito melhor manter um certo distanciamento deles. Comer sozinho, ler um livro durante as refeições. Acompanhá-los pelo resto do safári num relacionamento puramente formal — como é, mesmo, que os franceses o classificam? Relações respeitadas? Bem, seria pelo menos muito mais confortável do que ter de passar por esses acessos emocionais. Ser insultado por um cliente que nem se dava conta do que dizia... Era melhor, mesmo, ficar com seu livro no almoço e no jantar, e bebendo o uísque pago por ele... A propósito, essa frase era a que melhor definia certos tipos de safáris, os que não davam certo. Você

se encontrava com colega, e lhe perguntava: “Como vão as coisas?”, e ele respondia: “Bem, pelo menos ainda estou bebendo o uísque pago por ele...” Isso significava que as coisas haviam desandado...

— Peço desculpas — falou Macomber, olhando para ele com aquela cara americana que permaneceria adolescente até quando chegasse à meia-idade, Wilson observando seu cabelo à escovinha, seus olhos claros e ligeiramente fugidios, seu nariz perfeito acima dos lábios finos e do queixo elegante. — Perdoe-me a mancada. Há um monte de coisas que eu não compreendo bem...

“Vejam só!”, pensou Wilson. “Estou disposto a deixar de lado tudo isso, e esse cara vem me pedir desculpas por me haver insultado...” Mas decidiu pôr os pingos nos is:

— Não me leve tão a sério! Tenho de ganhar a vida, e você sabe que, na África, não há mulher que não abata o seu leão, nem homem que não borre as calças...

— Pois eu borrei as minhas da maneira mais vergonhosa — admitiu Macomber.

“Ora, ora! O que é que se pode dizer a um cara que fala tão direto como este?”, pensou Wilson.

Olhou para Macomber, que tinha aqueles olhos frios de um fuzileiro, e viu o relance de um sorriso em seu rosto. Era um sorriso cordial e envolvente, se não se notasse como seus olhos ficavam tristes quando ele tinha algum drama interior.

— Bem, não posso desistir por isso. Vamos consertar tudo quando eu tiver de enfrentar um búfalo. É o que iremos caçar agora, não é?

— Poderemos tentar amanhã, se você estiver disposto — concordou Wilson. “Esses americanos são mesmo imprevisíveis”, pensou. “Pois não é que este cara está pensando direito? É exatamente o que se deve fazer, nesses casos.” Sua simpatia por Macomber voltou à tona, não importava mais o que ocorrera aquela manhã. Mas é claro que importava! Aquilo fora realmente imperdoável.

— Veja, a *Memsahib* está vindo — disse a Macomber. E, de fato, lá vinha ela de sua tenda, parecendo refrescada e alegre, além de muito atraente. Tinha um rosto

perfeitamente oval, tão bem-delineado que se poderia imaginá-la uma boneca vazia. “Mas ela não é nada vazia”, admitiu Wilson a si mesmo. “Nada vazia!”

— Como está o nosso belo sr. Wilson de cara vermelha? — perguntou ela. — E você, Francis, meu doce? Está se sentindo melhor agora?

— Sim, muito melhor! — confessou Macomber.

— Pois eu decidi não ligar para mais nada — falou ela sentando-se à mesa. — Não tem a menor importância que o Francis seja, ou não seja, bom para abater leões. O seu negócio não é esse. O sr. Wilson é que se ocupa disso. Ele é realmente muito bom nesse negócio de matar animais. O senhor mata qualquer um deles, não é?

— Sim, qualquer um deles, qualquer coisa que se mexa — respondeu Wilson. “Mas mulheres como essa”, pensou ele, “são as feras mais perigosas, mais cruéis que o mundo conhece, as mais atraentes e predatórias, e seus machos acabam amolecendo ou estourando em mil pedaços quando elas passam a jogar pesado. Ou será que elas sabem escolher exatamente o tipo de homem que podem dominar? Talvez não tenham esse dom quando se casam” — imaginou —, “mas dou graças a Deus por me ter escolado bem antes em mulheres americanas, pois essa espécie é das mais atraentes...”

— Amanhã iremos caçar búfalos — disse a ela.

— Ah, irei com vocês?

— Não, não irá, não!

— Irei, sim! Não posso, Francis?

— Por que não fica no acampamento?

— Por nada deste mundo! Você acha que eu ficaria, depois do que presenciei esta manhã? Por nada deste mundo!

Afastou-se deles por um momento, e Wilson se deu conta de que, quando saíra antes do almoço para ir chorar, ela lhe parecera uma mulher extraordinária, compreensiva, mostrando-se magoada tanto pelo que acontecera com o marido quanto por si mesma, ao ver em que pé estavam as coisas. Agora, porém, ela voltava à arena envolta naquele manto de crueldade feminina que destaca as

mulheres americanas. “É isso mesmo! Essas mulheres são as mais danadas que se possa conhecer!”

— Prepararemos outro show para você amanhã cedo — falou Macomber.

— Ela não irá conosco! — insistiu Wilson.

— Você está enganado — respondeu ela. — Quero muito vê-lo novamente em ação. Você esteve ótimo hoje cedo, se é que se possa achar ótimo estourar cabeças de animais.

— O almoço está servido — disse Wilson. — A senhora ficou alegre de repente, não é?

— E por que não deveria ficar? Afinal de contas, não vim aqui para me chatear.

— É, não se pode dizer que este safári esteja sendo chato — respondeu-lhe Wilson, com os olhos postos nas grandes pedras que se erguiam no leito do rio e na mata que se via para além da margem de lá, lembrando-se do incidente matinal.

— Claro que não! Tem sido magnífico! Como será amanhã? Vocês não têm ideia de como estou ansiosa pela caçada de amanhã.

— Seu marido talvez não encontre mais do que uns *elands** para lhe oferecer — sugeriu Wilson.

— *Elands*? Aqueles bichos que parecem vacas, mas saltam como lebres?

— É uma boa descrição — reconheceu Wilson.

— E sua carne é excelente! — acrescentou Macomber.

— Você já caçou algum deles, Francis?

— Já.

— Eles não são perigosos, não é, querido?

— Só se caírem em cima da gente — esclareceu Wilson.

— Ah! Fico feliz em saber!

— Por que não para com essa ironia barata, Margô? — indagou Macomber, enquanto cortava um bife de *eland* e colocava um pouco de purê de batatas e molho de cenoura por sobre o garfo de servir, fincado na carne.

— Pois não, meu bem, já que você diz isso tão bonitinho...

— Poderemos beber um champanhe hoje à noite para comemorar o leão — lembrou Wilson. — Está muito quente para bebermos agora.

— Ah... o leão!... Pois não é que já estava quase esquecendo dele? — admitiu Margô.

“Lá vem ela de novo”, pensava Wilson. “Não sai da pele dele. Ou será que se diverte com isso? Como é que uma mulher age quando vê que seu marido não passa de um covarde? Ela é de fato cruel, mas qual a mulher que não é? Elas querem é mandar, sem dúvida, e mandar exige às vezes certa dose de crueldade... Bem, mas já estou cheio dessa jogada!”

— Coma um pouco mais de *eland* — disse-lhe no tom mais educado.

Naquela tarde, quase ao fim do dia, Wilson e Macomber, acompanhados do motorista e dos dois batedores nativos, saíram no utilitário para dar uma bordejada. A sra. Macomber ficou no acampamento. “Está muito quente para andar por aí” — dissera ela, garantindo que iria com eles à caçada matinal. Quando partiram, Wilson viu-a de pé, à sombra da grande árvore, parecendo mais graciosa do que bela em seus trajes rosados, seus cabelos negros puxados para trás da testa e formando um coque à altura da nuca, seu rosto tão fresco — ele pensou — como se estivesse na Inglaterra. Ela os saudou com a mão quando o carro começou a penetrar a primeira onda de capim verde-amarelado para fazer uma curva em torno das árvores e rumar para as ladeiras cobertas de vegetação rasteira.

Chegando a esse bosque avistaram logo um rebanho de impalas e, descendo do veículo, cercaram um velho macho com longos chifres bem abertos, que Macomber matou com um tiro muito bem-dado, derrubando-o de uma distância de duzentos metros e fazendo com que o resto da manada saísse aos saltos, uns por cima dos outros, em acrobacias tão fantásticas e incríveis como as que só em sonhos às vezes vemos.

— Foi um tiro notável — cumprimentou Wilson —, sendo tão pequeno o alvo.

— Sua cabeça vale a pena como troféu? — perguntou Macomber.

— Claro! Continue atirando assim, que não terá a menor dificuldade.

— Será que encontraremos búfalos amanhã?

— Temos boa chance. Eles gostam de comer bem cedo, antes do sol se erguer muito, e, com alguma sorte, toparemos com eles em campo aberto.

— Gostaria de passar uma borracha nesse capítulo do leão — falou Macomber.
— Não é muito agradável ter minha própria mulher como testemunha duma vergonha daquelas.

“Acho muito mais desagradável que a tenha feito, com ou sem testemunhas”, pensou Wilson. “E ainda pior ficar falando disso.” Mas preferiu dizer-lhe:

— Tire isso da cabeça! Afinal de contas, qualquer um pode intimidar-se diante de seu primeiro leão. A coisa acabou, e está acabada!...

À noite, no entanto, após o jantar e uns uísques com soda diante do fogo, antes de todos se recolherem às suas tendas para dormir nas camas de lona, sob os mosquiteiros, ouvindo ao longe ruídos da selva, a coisa não estava acabada. Nem acabada, nem começando. Ela simplesmente continuava, com algumas partes perversamente realçadas, deixando-o dominado por esmagadora vergonha. Mais do que vergonha, o pior era aquela sensação de medo, fria e seca, que vinha do mais fundo de si mesmo. Sim, o medo continuava dentro dele, como se um buraco vertiginoso e escorregadio tivesse tomado o lugar de sua autoconfiança, e ele se sentia muito mal por isso. O medo continuava dentro dele, estava ali, naquele mesmo instante.

Tudo começara na noite anterior, quando acordara ao ouvir os rugidos do leão, vindos de algum lugar à margem do rio. Era um ruído surdo, ao fim do qual vinha algo parecido como uma sequência de tossidas, aparentemente tão próximo como se a fera estivesse do lado de fora de sua tenda. Macomber acordara naquela escuridão e ficara apavorado. Na outra cama, ressonando suavemente, sua mulher dormia tranquila. Não havia ninguém a quem pudesse dizer do medo que o acometera, ou que pudesse ter medo juntamente com ele. Macomber ainda não tinha tomado conhecimento do velho provérbio suaíli que diz das três vezes que um homem corajoso se apavora com um leão: ao descobrir-lhe as pegadas, ao ouvir-lhe o rugido e ao confrontar-se com ele. Mais tarde, quando ainda estavam fazendo o desjejum à luz de lampiões, antes de o sol começar a se erguer, o leão rugira novamente, e Francis pensara que ele estivesse ao lado do acampamento.

— Soa como um veterano — observou Robert Wilson, erguendo os olhos de seu café com biscoitos. — Ouçam como tosse...

— Estará mesmo tão perto quanto soa?

— Está a pouco mais de mil metros, rio acima, na margem de lá.

— Vamos avistá-lo?

— Tudo indica que sim.

— Então, vamos torcer por isso.

— Engraçado como esse rugido chega de longe, parecendo tão próximo. Esta noite, podia jurar que o bicho estava no acampamento!

— Ah, ele vai longe mesmo... É incrível a sua potência sonora. Só espero que seja uma boa peça para caçarmos. Os rapazes me disseram que há um grandão por aí...

— Se eu conseguisse dar um tiro nele, em que parte devo atirar para derrubá-lo de vez? — perguntou Macomber.

— Mire nos ombros — sugeriu Wilson. — Ou no pescoço, caso possa acertar. O importante é atingir um osso. Quebrá-lo.

— Espero acertá-lo num local adequado.

— Ora, você atira muito bem — disse-lhe Wilson. — Tenha calma, faça boa pontaria. O primeiro tiro é o que realmente conta.

— E de que distância devo atirar?

— Não se pode dizer. O próprio leão é que determina isso. Não atire enquanto ele não esteja perto o bastante para você não errar.

— A menos de cem metros? — perguntou Macomber.

Wilson lançou-lhe um olhar apreensivo.

— A cem metros estará bem. Talvez um pouco menos. Não se deve arriscar de distâncias maiores. Cem metros é a distância decente. Você poderá atingi-lo onde quiser. Oh, lá vem a *Memsahib*.

— Bom-dia — saudou ela. — Vamos atrás daquele leão?

— Assim que tomar seu café — disse-lhe Wilson. — Como está se sentindo?

— Muito bem! — admitiu ela. — E muito excitada!

— Vou ver se está tudo preparado — falou Wilson. Mal começara a afastar-se quando o leão rugiu novamente.

— Que desgraçado barulhento! — reclamou Wilson. — Logo acabaremos com essa zoada!

— Que há, Francis? — perguntou-lhe a mulher.

— Não há nada.

— Há, sim! Você está com um ar preocupado.

— Não, não estou.

Olhando-o bem de frente, ela insistiu:

— Diga-me logo. O que há?

— É esse maldito rugido — reconheceu Macomber. — Você sabe que o desgraçado não parou de rugir a noite inteira?

— Por que não me acordou, meu bem? Eu adoraria tê-lo ouvido.

— Tenho que acabar com esse desgraçado — proclamou Macomber num tom não muito animado.

— Claro! Foi para isso que viemos até aqui, não foi?

— Sim, mas estou um pouco nervoso. Esse rugido sem parar me deu nos nervos.

— Pois faça o que o Wilson disse, acabe logo com essa zoada.

— Sim, minha querida. Falar é fácil...

— Você não está com medo dele, está?

— Claro que não! Mas já lhe disse que esse rugir constante me deu nos nervos.

— Você irá abatê-lo com a maior classe — animou-o. — Estou certa de que irá fazê-lo. Estou ansiosíssima para ver esse espetáculo!

— Tome logo o seu café para nos arrancarmos.

— Calma! Ainda nem está claro... Por que escolheram esta hora ridícula?

Foi quando o leão rugiu novamente, num tom cavo, profundo, numa reverberação que sacudiu o ar e terminou com uma espécie de gemido que se transformou num rosnado.

— Puxa! Parece até que o bicho está aqui ao nosso lado! — disse a mulher de Macomber.

— Desgraçado! Odeio esse maldito barulho!

— É impressionante! — comentou ela.

— Impressionante? É assustador! — falou ele.

Robert Wilson juntou-se a eles, trazendo nas mãos sua Gibbs calibre .505, de cano curto, uma arma feia de se ver. Estava sorrindo.

— Vamos lá — animou ele. — Seu batedor já está com a Springfield e a outra arma pesada. Botou tudo no carro. Você tem as balas à mão?

— Tenho.

— Eu estou mais do que pronta! Andemos — disse a sra. Macomber.

— Vamos lá acabar com esse barulho — acrescentou Wilson. — Você vai no banco da frente, e ela irá comigo no de trás.

Entraram no veículo e começaram a andar, naquela tênue luminosidade matinal, pela margem do rio, passando pelas árvores. Macomber baixou o cano da arma e viu que seu rifle estava carregado com balas de aço. Fechou-o de novo, armou-a e deixou o gatilho na posição de segurança. Notou que suas mãos tremiam um pouco. Verificou se tinha mais balas no bolso e depois passou os dedos pelos cartuchos enfiados nas dobras que havia nas partes fronteiras de sua túnica. Voltou-se para Wilson, sentado no banco traseiro, ao lado de sua mulher, e notou que os dois sorriam, excitados, naquele carro desconfortável, sem portas, compacto. Wilson inclinou-se para a frente e sussurrou:

— Veja que os abutres já estão descendo das árvores. É sinal de que o leão abandonou a carcaça.

De fato, ao olhar para a outra margem do rio, Macomber pôde ver abutres revoando em círculos, vários deles mergulhando em direção ao solo.

— Pela ordem, o leão deve agora vir beber água por aqui, antes de tirar sua soneca. Fique atento!

Estavam trafegando bem devagar pela margem escarpada, que levava abruptamente ao leito do rio, e ziguezagueavam por entre as árvores. Macomber tinha os olhos postos na outra margem quando sentiu a mão de Wilson pousar em seu braço. O carro parou.

— Lá está ele — falou-lhe Wilson ao pé do ouvido. — Um pouco à frente, à direita. Desça e abata-o. É uma peça fora do comum!

Macomber pôde ver o leão agora. Estava em pé, paralelo ao leito do rio, a cabeçorra voltada para onde eles estavam. A suave brisa matinal que soprava na direção deles agitava a negra juba da fera. O leão parecia enorme, visto em silhueta no alto do barranco, naquela luminosidade cinzenta da manhã, com seus ombros altos e aquele corpanzil sólido e vistoso.

— A que distância está ele? — perguntou Macomber, alçando seu rifle.

— Talvez oitenta metros. Desça do carro e acabe com ele!

— Por que não atiro daqui mesmo?

— Não se deve atirar de dentro de um carro — sussurrou Wilson aos seus ouvidos. — Desça logo! Ele não vai ficar esperando o dia inteiro por você.

Macomber saiu do carro pela abertura em curva ao lado do assento, pôs um pé no estribo e pousou o outro no solo. O leão permanecia estático e majestoso, olhando friamente para o carro, um objeto que seus olhos apenas viam como um contorno vago, talvez um grande rinoceronte. Como a brisa soprava por cima dele, nenhum cheiro de homem chegava até lá, e ele ficou observando aquele objeto com alguma curiosidade, movendo sua grande cabeça para lá e para cá. Sem demonstrar medo, mas hesitando um pouco antes de descer a escarpa até o leito do rio para beber, tendo aquele vulto estranho diante de si, percebeu que a figura de um homem se destacava do vulto, avançando para ele. Dando-lhe as costas, buscou num salto a proteção das árvores, mas ouviu um estampido e sentiu o impacto de uma sólida bala calibre .30-06, espoleta de 13 gramas, que lhe mordeu o flanco e injetou-lhe algo muito quente no corpo, produzindo-lhe uma sensação de forte náusea no estômago. Trotando pesadamente, balançando a pança cheia de comida, passou por entre as árvores e buscava esconderijo no meio do capinzal alto quando ouviu novo disparo e percebeu algo passar zunindo por cima dele, cortando o ar. Mais um disparo, e, agora, sentiu o golpe que lhe atingiu as costelas inferiores e também foi fundo em seu corpo, trazendo-lhe imediatamente à boca um jorro de sangue quente e espumante. Correu o quanto pôde até chegar ao capinzal, onde se agachou, ficando à espera, invisível, de que aquele homem, com o pau barulhento nas mãos, se aproximasse dele o bastante para que o pudesse atacar.

Macomber não tinha a menor ideia de como o leão estava se sentindo. Apenas sabia que suas próprias mãos tremiam e que suas pernas pareciam pesadas demais para se mover. Estavam duras à altura das coxas, mas podia sentir-lhes os músculos vibrando. Ergueu o rifle, mirou um ponto na junção da cabeça com a espádua do leão e apertou o gatilho. Nada aconteceu, embora empregasse toda a força do dedo, ao ponto de pensar que ele iria quebrar-se. Foi então que se deu conta de que o deixara travado na segurança. Ao abaixar a arma, para destravá-la, deu um penoso passo à frente. O leão, ao ver seu vulto destacar-se da silhueta do carro, virou-lhe as costas e deu um salto em direção às árvores. Macomber disparou e ouviu um ruído penetrante que lhe indicou ter atingido o alvo, embora o animal continuasse correndo. Disparou de novo, e todos viram que a bala atingiu o solo pouco à frente dele. Disparou uma terceira vez, lembrando-se de baixar o cano, e todos também viram que a bala atingira de novo o animal, mas ele acelerou o passo e se escondeu no capinzal alto antes que Macomber pudesse armar o ferrolho para mais um tiro.

Ficou ali mesmo, indeciso, uma sensação de náusea no estômago, suas mãos trêmulas ainda agarradas ao rifle Springfield, que mantinha armado. Sua mulher e Wilson estavam agora perto dele. Ao lado, os dois batedores nativos falavam sem parar em seu dialeto *wakamba*.

— Eu o atingi! — proclamou Macomber. — Atingi-o duas vezes!

— O segundo tiro foi na barriga, e o primeiro o feriu um pouco à frente — afirmou Wilson sem participar de seu entusiasmo. Os batedores tinham agora um ar grave, e se mantinham em silêncio.

— É possível que tenha acabado com ele — continuou Wilson —, mas temos de esperar um pouco antes de ir até lá para nos certificarmos disso.

— O que quer dizer com isso?

— Temos de esperar que ele enfraqueça antes de ir atrás dele.

— Ah... — exclamou Macomber.

— É um leão de primeira! — reconheceu Wilson. — Pena é que tenha ido para o pior lugar...

— Por que pior?

— Porque você só poderá vê-lo quando estiver quase pisando nele...

— Ah... — exclamou Macomber outra vez.

— Bem, a *Memsahib* pode esperar por nós aqui no carro enquanto vamos até lá para examinar a trilha de sangue.

— Sim, fique aqui, Margô — pediu Macomber com a boca seca, quase não podendo falar.

— Por quê?

— Porque Wilson, que sabe das coisas, disse para você ficar.

— Temos que ir dar uma espiada — admitiu Wilson. — E ficando aqui terá uma boa visão de tudo.

— Está bem.

Wilson disse qualquer coisa em suaíli ao motorista, que acenou com a cabeça, e respondeu:

— Sim, *Bwana*.

Então, ele e Macomber desceram pelo barranco, atravessaram o leito do rio equilibrando-se nas pedras que se espalhavam por ele e subiram pela outra margem, agarrando-se nas raízes que se projetavam pelo terreno, até chegarem ao local onde o leão começara a correr e levara o primeiro tiro. Havia marcas de sangue na grama rasteira e os batedores indicaram com gravetos a direção para onde o animal se deslocara, que ficava além das árvores próximas ao rio.

— E agora, o que faremos? — perguntou Macomber.

— Não temos muita escolha — adiantou Wilson. — Não poderemos trazer o carro para cá. O barranco é muito íngreme. Vamos esperar um pouco até o bicho perder a força e depois você e eu iremos procurar por ele.

— Não seria bom tocar fogo no capinzal?

— Está muito verde ainda...

— Os batedores não poderiam desentocá-lo?

— Claro que poderiam! — concordou Wilson olhando para ele com uma cara chocada —, mas isso seria como condená-los à morte. Sabemos que o leão está ferido. Pode-se desentocar um leão sadio, pois ele irá afastar-se de onde vem o barulho. Mas, quando se trata de um animal ferido, pode-se estar certo de que ele atacará sempre. Ninguém poderá vê-lo até chegar ao pé dele. Ele se agachará de tal

forma no esconderijo de capim, como nem uma lebre seria capaz de fazê-lo. Não se deve mandar os rapazes mexerem com ele, pois podem ser esstraçalhados.

— E que tal mandarmos os auxiliares de caça?

— Esses terão que ir conosco. Faz parte do seu *shauri*, do contrato que estabeleceram com o safári. Mas a cara deles não demonstra felicidade com isso, não é?

— Eu também não tenho a menor vontade de ir até lá — reconheceu Macomber, e essa frase praticamente escapou de seus lábios antes que percebesse tê-la dito.

— Nem eu — acrescentou Wilson num tom zombeteiro —, mas faz parte da ética dos caçadores. — Dando-se conta da inoportunidade dessas palavras, olhou para Macomber e notou que ele tremia, estando com uma cara terrível.

— Você está disposto a entrar sozinho naquele capinzal? Por que não deixamos o leão ficar lá até que morra?

Robert Wilson, que até então só pensara no leão e no problema criado por aquela situação, que não se preocupara com Macomber, embora notasse que ele estava um tanto aéreo, sentiu-se subitamente como alguém que, num hotel, abre a porta de um quarto errado e se depara com uma cena constrangedora.

— O quê?

— Por que não deixamos o leão ficar lá até que morra?

— Você acha, então, que podemos ignorar que ele tenha sido atingido?

— Não. Mas acho que podemos abandoná-lo à sua sorte.

— De modo algum!

— Por que não?

— Por dois motivos: primeiro, porque ele deve estar sofrendo; segundo, porque alguém pode passar por ali, sem saber de nada.

— Ah, estou entendendo...

— Como lhe disse, você não precisa se meter nesse lance. Eu cuidarei de tudo.

— Vou com você — afirmou Macomber —, embora esteja apavorado.

— Eu irei na frente quando formos procurá-lo — tranquilizou Wilson — e teremos o Kongoni ajudando-nos a rastrear. Fique atrás de mim, um pouco para o

lado. É bem provável que o ouçamos rosnar. Assim que o virmos, nós dois atiraremos. Não se preocupe com nada mais. Eu lhe darei cobertura. Pensando bem, talvez seja melhor mesmo que você não vá até lá. Será melhor assim. Fique com a *Memsahib* lá no carro, enquanto eu tento resolver o problema.

— Não, faço questão de acompanhá-lo.

— Está bem, mas não vá se não estiver realmente convencido disso. O problema, agora, faz parte do meu *shauri*, como bem sabe.

— Insisto em participar da coisa — insistiu Macomber.

Sentaram-se sob uma árvore e acenderam cigarros.

— Não quer dar um pulo até o carro e discutir o assunto com a *Memsahib* enquanto damos tempo ao tempo? — perguntou Wilson.

— Não.

— Então irei até lá e lhe pedirei para ter paciência.

— Ótimo! — fez Macomber. Ficou ali, suando nas axilas, com a boca seca e um vazio no estômago, esperando ter a coragem de pedir a Wilson que fosse até lá e acabasse com o leão sem ele.

Não imaginava que Wilson estivesse furioso pelo fato de ele não ter notado a irritação que o dominara momentos atrás, e por ter concordado que ele fosse falar com sua mulher. Mas o caçador profissional voltou, depois de algum tempo, e lhe disse:

— Achei bom trazer seu rifle de maior calibre. Fique com ele. Já demos muita folga ao leão, segundo me parece. Vamos lá!

Macomber apanhou o rifle, e Wilson lhe fez de novo a recomendação:

— Fique atrás de mim, uns quatro metros à minha direita, e faça exatamente o que eu lhe disser para fazer. — Dirigiu-se então em suaíli aos caçadores auxiliares, que estavam com uma cara de morte.

— Vamos em frente — ordenou.

— Posso tomar antes um gole d'água? — perguntou Macomber. Wilson deu a ordem a um dos auxiliares, que trazia um cantil preso à cintura, e ele prontamente tirou-lhe a tampa e a rolha, passando-a a Macomber, que a apanhou, sentindo quão pesada era e quão áspero e cabeludo o feltro que a envolvia. Ergueu-a até a boca e

olhou à sua frente, para o capinjal alto que se estendia antes das árvores de copas lisas. Uma brisa soprava na direção deles, fazendo com que o capinjal ondesse suavemente. Olhou para o auxiliar de caçada e pôde ver que ele também estava morto de medo.

Cerca de 35 metros adiante, escondido no capinjal, o grande leão permanecia colado ao solo. Com as orelhas voltadas para trás, seu único movimento era uma ligeira agitação da longa cauda que terminava num tufo de pelos pretos. Ele ficara à espreita tão logo alcançara esse esconderijo, sentindo-se mal com o ferimento na barriga cheia, e também com o outro, nos pulmões, que lhe trazia uma espuma sanguinolenta à boca cada vez que respirava. Seus flancos estavam quentes e úmidos, e as moscas não saíam dos buracos que as balas de aço tinham feito em seu couro de cor caramelada. Os grandes olhos amarelos, estreitados pelo ódio, estavam fixados à frente, apenas piscando quando a dor causada pela respiração o dominava, e suas garras se enterravam na terra macia, crestada pelo sol. Todo ele era dominado por dor, mal-estar e ódio, e tudo o que restava de sua força se concentrava numa absoluta atenção, preparando-se para disparar. Podia ouvir a fala dos homens e esperava, disposto a fazer um ataque fulminante assim que eles se aproximassem do capinjal. Acompanhando suas vozes, a cauda se erguia e baixava, tensa. Quando as vozes chegaram mais perto dele, o leão rosnou e tossiu, saltando à frente com toda fúria.

Kongoni, o velho caçador auxiliar, estava adiante, seguindo a trilha de sangue; Wilson vinha atrás dele, atento a qualquer movimento brusco do capim alto, sua poderosa arma pronta para atirar; um pouco à esquerda, o segundo auxiliar tinha os olhos firmes e os ouvidos aguçados. Seguindo Wilson a pequena distância, rifle armado, Macomber avançava com passos hesitantes. Foi o primeiro a ouvir o rosnar amortecido pelo sangue que o leão soltou, e a ver o sacolejar violento das hastes de capim. Quase sem se dar conta disso, começou a correr desesperadamente, dominado por terrível pânico, na direção do rio.

Estava correndo, aos tropeços, quando ouviu o *ra-ra-bum!* do pesado rifle de Wilson, seguido imediatamente de outro disparo — *ra-ra-bum!* Voltou-se e viu o leão, horivelmente desfigurado (metade de sua cabeça parecia ter ido pelos ares),

arrastando-se em direção a Wilson, logo à beira do capinzal, enquanto o caçador profissional, com o rosto vermelho, puxava de novo o ferrolho de seu pesado rifle de cano curto e, fazendo cuidadosa pontaria, disparou uma terceira vez — *ra-ra-bum!* —, imobilizando por fim o corpanzil da fera, cuja cabeçorra mutilada tombou por terra. Macomber ficou parado na clareira onde chegara, com o rifle armado ainda nas mãos, e os três homens — o caçador branco e os dois auxiliares nativos — olharam para ele com desprezo. Vendo o animal morto, Macomber se aproximou de Wilson, sua altura justificando ainda mais a censura dos outros. Wilson olhou para ele e disse:

— Quer tirar uma fotografia com o leão?

— Não — respondeu.

Foi tudo o que disseram até chegarem de volta ao carro. Lá, Wilson fez um comentário seco e direto:

— Era mesmo um leão e tanto! Vamos esperar aqui na sombra enquanto os rapazes lhe tiram a pele.

A mulher de Macomber não olhara para ele, nem ele para ela, e os dois estavam lado a lado no assento traseiro, com Wilson sentado na frente. Lá pelas tantas, Francis estendeu a mão e segurou a da mulher, embora não virando o rosto para ela, mas Margô fez questão de livrar-se daquele contato. Olhando para além das margens do rio, para o local onde os rapazes estavam esfolando o leão, ele pôde perceber que, do carro, ela tivera ampla visão de tudo o que acontecera. Estavam ali, esperando, quando de repente ela se inclinou para a frente, pôs a mão nos ombros de Wilson e, quando este se virou, deu-lhe um beijo na boca.

— Ora, que belo presente! — saudou Wilson, com o rosto mais vermelho do que o normal.

— Meu caro sr. Robert Wilson — exclamou ela. — Meu belo e vermelho sr. Wilson!

Sentou-se novamente ao lado do marido e ficou a olhar para o local onde estava a carcaça do leão, com os tendões aparentes nas patas dianteiras erguidas, e a inchada barriga branca reluzindo debaixo do sol, enquanto os rapazes terminavam de esfolá-lo. Depois de algum tempo, tendo enrolado a pele do animal, eles a

trouxeram, colocaram-na sangrenta e pesada na caçamba do utilitário, onde também se alojaram, partindo todos de volta ao acampamento. Ninguém disse uma só palavra até chegarem lá.

Foi assim que se deu o episódio envolvendo o leão. Macomber não tinha a menor ideia de como o animal se sentira antes de começar sua arrancada final, nem quando a bala calibre .505, com um impacto da ordem de duas toneladas, o atingira na boca, nem, ainda, quando ele se arrastara, já mortalmente ferido e com um segundo tiro tendo-lhe arrasado o quarto traseiro, rumo àquele pau que dava estouros e liquidara com ele. Wilson tinha alguma ideia a respeito disso, pois dissera que o animal “era um leão e tanto!”, mas Macomber não podia saber o que o caçador profissional guardava em silêncio dentro dele. Não tinha ideias claras, ainda, sobre o que estaria pensando sua própria mulher, embora fosse visível que ela estava por conta com ele.

Bem, ela já estivera danada com ele outras vezes, mas essa reação nunca durara muito tempo. Ele era muito rico, e ficaria ainda mais rico num futuro próximo. Sabia, por isso, que ela nunca o abandonaria. Era, em verdade, uma das poucas coisas que sabia muito bem. Todo o quadro se mostrava diante dele: as motocicletas (isso fora bem no começo), os carros, as caçadas elegantes, as pescarias — que foram das trutas aos salmões, e destes às aventuras oceânicas —, os livros eróticos (muitos livros), os esportes com raquetes, os cachorros (ele nunca fora muito ligado a cavalos), o seguro controle de seu dinheiro, assim como todas as outras coisas que caracterizavam seu trem de vida. Francis Macomber sabia que sua mulher nunca abriria mão delas. Ela fora uma mulher de grande beleza, e ainda era — pelo menos ali na África — uma mulher muito bonita, embora já não o fosse tanto em outros lugares — como na terra deles — para que o pudesse deixar sem perda de substância. Ela sabia disso, e ele sabia que ela sabia. Ela perdera a oportunidade de abandoná-lo, e ele também sabia disso. Se ele fosse um mulherengo, ela talvez até se preocupasse com a hipótese de ser abandonada, de seu marido trocá-la por uma mulher mais jovem. Como não fosse o caso, esse problema não existia na sua cabeça. Além de tudo, ele sempre fora uma pessoa tolerante, e essa era uma de suas melhores qualidades, se não fosse também a mais sinistra.

Eles constituíam, em suma, aquilo que se pode considerar um casal perfeitamente ajustado, um casal sobre o qual pairavam, como acontece com quaisquer outros, ocasionais rumores de rusgas, só que elas jamais chegavam a ser uma coisa séria. Tanto assim, que um colunista do *society* escreveu que os dois estavam agora colocando o tempero da *aventura* sobre o seu eterno e invejado *romance* ao participarem de um *safári* no Continente Negro, como era conhecida a África antes de o casal Martin Johnson torná-la conhecida nas telas de todos os cinemas do mundo, caçando o Velho Simba — o leão —, o búfalo, e Temba — o elefante —, para enriquecer com seus troféus o acervo do Museu de História Natural. O mesmo colunista já escrevera pelo menos três vezes antes que eles estavam *a ponto de*, como de fato estiveram. Mas as coisas sempre se haviam arrumado: Margô era bela demais para que Macomber se separasse dela, e ele tinha muito dinheiro para que ela o abandonasse.

Eram três horas da manhã quando Francis Macomber, que só conseguira dormir quando parara de pensar no leão, e estava com o sono leve, despertou subitamente, tendo visto, num sonho, a cabeça sangrenta da fera quase encostada à dele, e ficou trêmulo em seu catre de lona, o coração disparado. Foi então que notou a ausência de Margô: ela não estava deitada no outro catre, nem se encontrava sob a tenda. Diante de tal descoberta, Francis não conseguiu mais dormir, e ficou lá, pensativo, pelas duas horas seguintes.

Ao fim desse tempo, ela voltou à tenda, ergueu o mosquiteiro e se deitou aconchegadamente no leito.

— Onde é que você esteve? — perguntou-lhe Macomber em plena escuridão.

— Olá — respondeu ela. — Você está acordado?

— Onde é que você esteve?

— Fui respirar ar fresco lá fora.

— Ora, não me venha com essa!

— O que você quer que eu diga, querido?

— Onde é que você esteve?

— Fui tomar ar fresco, já disse.

— Ah, agora é assim que se chama? Você é uma puta!

— E você não passa de um covarde!

— E daí? O que tem uma coisa a ver com a outra?

— Nada, no que me diz respeito. Mas é melhor não continuar este papo, porque estou com muito sono.

— Você acha que eu estou disposto a aceitar isso?

— Acho que está, querido.

— Bem, saiba que não estou.

— Vamos parar por aqui, querido. Já lhe disse que estou morrendo de sono.

— Tínhamos combinado que não aconteceria nada disso. Você me prometeu.

— Mas acabou acontecendo — admitiu ela no tom mais doce.

— Você me garantiu que se fizéssemos esta viagem não haveria nada disso. Você me prometeu que não haveria.

— É verdade, querido. E eu estava realmente disposta a cumprir a promessa até que as coisas desandaram. Até ontem, para ser precisa. Mas temos mesmo que falar sobre isso?

— Você nem perde tempo para pensar assim que uma oportunidade se apresenta, não é?

— Chega de papo, meu bem. Mal consigo manter os olhos abertos...

— Mas eu quero falar!

— Então me desculpe, porque agora eu vou mesmo dormir. — E dormiu naquele instante.

Ao café da manhã, antes de clarear, reuniram-se à mesa todos os três, e Francis Macomber pôde ver que, de todos os homens que ele odiara antes, a nenhum odiara tanto quanto a Robert Wilson.

— Dormiu bem? — perguntou-lhe Wilson com aquela sua voz rouca, enquanto acendia o cachimbo.

— E você? — respondeu Macomber.

— Esplendidamente! — exclamou o caçador profissional.

“Seu filho da puta!”, pensou Macomber. “Seu safado filho da puta!”

“Está na cara que ela o acordou ao voltar à tenda”, raciocinou Wilson, olhando para o casal com aqueles seus olhos duros e frios. “Que se dane! Por que não toma

conta de sua mulher? Será que pensa que eu sou uma pedra de gelo? Se quiser controlá-la, que cuide dela! A culpa de tudo cabe a ele mesmo!”

— Você acha que iremos encontrar búfalos hoje? — perguntou Margô, afastando um prato com cascas de pêssago.

— Pode ser que sim — respondeu-lhe Wilson com um sorriso. — Mas será que não prefere ficar no acampamento?

— Por nada deste mundo! — exclamou Margô.

— Por que não lhe diz para ficar? — perguntou ele a Macomber.

— Diga você — respondeu-lhe Macomber num tom azedo.

— Espere aí! — falou Margô ao marido. — Vamos acabar com esse negócio de me dar ordens, com essa besteira toda!

— Está pronto para sair? — perguntou Macomber.

— À hora que você mandar — respondeu Wilson. — Quer que a *Memsahib* nos acompanhe?

— Faz alguma diferença que eu queira, ou não?

“Que se dane!”, pensou Wilson. “Que vá para o inferno! Se é assim que as coisas vão ser a partir de agora, que sejam! E, se forem, o que é que eu tenho com isso?”

— Bem, não faz diferença alguma ela ir conosco ou não.

— Quem sabe você e Margô preferem ficar descansando no acampamento, enquanto eu saio por aí à procura de búfalos — insinuou Macomber.

— Claro que não farei isso — respondeu Wilson. — Eu, se fosse você, nem pensaria em tal bobagem.

— Não estou pensando em bobagens. Estou apenas de saco cheio — disse Macomber.

— Saco cheio?! Não é uma expressão elegante!

— Ora, Francis! — interveio Margô. — Pare de dizer besteira!

— Besteira coisa nenhuma! Você não vê que comida miserável nos oferecem?

— Há algo de errado com a comida? — perguntou Wilson num tom educado.

— Não mais errado do que todo o resto — falou Macomber.

— Acho melhor você controlar um pouco a língua — disse Wilson —, pois aquele copeiro ali entende inglês razoavelmente.

— Que se dane ele com o seu inglês — rosnou Macomber.

Wilson levantou-se, tirando baforadas do cachimbo, e se distanciou deles, dizendo algumas palavras em suaíli a um dos auxiliares de caça que estava por ali, aguardando ordens. Macomber e sua mulher ficaram à mesa, ele olhando perdidamente para a xícara do café.

— Se está pretendendo armar alguma cena, esteja certo de que o abandonarei — afirmou Margô com a maior calma.

— Não me abandonará, não! — garantiu-lhe Macomber.

— Experimente, e verá — reafirmou ela.

— Repito que não me abandonará — respondeu ele categoricamente.

— Está bem! Não o deixarei se você se comportar direito.

— Comportar-me direito?! Que coisa engraçada! Comportar-me direito!

— Sim! Comporte-se direito!

— E por que você não se esforça para fazer isso?

— Já me cansei de fazer força durante tanto tempo. Tempo demais!

— Odeio aquele porco vermelho — desabafou Macomber. — Odeio a cara dele!

— Ora, não diga isso! Ele é tão legal!

— Cale a boca! — ordenou Macomber, quase gritando. Interrompeu-se quando o jipão parou subitamente diante da tenda-refeitório e o motorista e os dois auxiliares de caça saltaram dele.

Wilson veio até a mesa e lhes perguntou:

— Vamos caçar?

— Vamos — assentiu Macomber, levantando-se em seguida.

— É melhor trazer um suéter — recomendou Wilson —, pois ficará bem fresco com o carro em movimento.

— Vou botar um blusão de couro — respondeu-lhe Margô.

— Já está nas mãos do copeiro — apontou Wilson.

Sentou-se no banco dianteiro, ao lado do motorista, e Francis e a mulher, sem trocarem palavra, acomodaram-se no traseiro.

“Espero que esse débil mental não me dê um tiro na nuca”, pensou Wilson. “Mulheres em safári são um atraso de vida.”

O carro começou a ranger quando cruzaram o rio num baixio pedregoso, àquela hora cinzenta da manhã, e iniciaram a subida íngreme pela margem escarpada, que Wilson mandara livrar de tocos e calhaus no dia anterior, para tornar mais acessível o ondulante terreno arborizado que se estendia ao alto, como um grande parque.

“É uma bela manhã”, pensou Wilson. Havia ainda muito orvalho sobre a vegetação, e ele pôde sentir o odor agradável de plantas esmagadas quando as rodas passaram sobre a grama e o mato rasteiro. Era como um perfume de verbena, e ele sorveu com prazer aquele ar puro e úmido, temperado pelo cheiro de samambaias pisadas, enquanto via os troncos das árvores, parecendo negros em meio à neblina matinal, deslizarem ante a passagem do veículo por aquele terreno virgem de trilhas. Começou a pensar nos búfalos, tirando completamente da cabeça aqueles dois no banco traseiro. Os búfalos em que ele pensava agora eram aqueles que passam quase todo o dia mergulhados no pantanal grosso, onde seria difícil encontrar um bom ponto de tiro, mas costumam sair de lá ao anoitecer, para pastar nas campinas próximas. Se tivessem a sorte de colocar o carro entre as pastagens e seu pantanal, Macomber teria boa chance de enfrentá-los em campo aberto e firme. Wilson queria tudo menos caçar búfalos com Macomber numa zona arborizada. Na realidade, não estava muito disposto a caçá-los com ele — ou qualquer outro animal perigoso — fosse qual fosse a área. No entanto, era um caçador profissional, e os caçadores profissionais têm a obrigação de acompanhar e proteger os tipos mais estranhos de pessoas que os possam contratar. Se encontrassem búfalos naquele dia, só ficaria faltando um rinoceronte para completar a relação dos animais contida na permissão oficial de caça, com a qual aquele pobre homem terminaria sua perigosa aventura e as coisas voltariam à normalidade. Não se envolveria mais com a mulher dele, e Macomber acabaria engolindo também essa. Pelo visto, ele já fora corneado

por ela muitas vezes antes. Pobre coitado! Talvez fosse um corno manso... E, se fosse, toda a culpa sem dúvida lhe caberia, pobre palhaço!

Estando por dentro das coisas, Wilson sempre levava um catre de casal nos safáris que conduzia, para o que desse e viesse. Seus clientes eram sempre homens de alto bordo, do *grand monde* internacional, pessoas de mão e espírito abertos, cujas mulheres só se achavam compensadas pelos elevados gastos quando pudessem levar para a cama “o grande caçador branco”. Wilson as desprezava quando se via livre dos safáris, embora às vezes até se divertisse bastante com algumas delas. Como vivia à custa e por conta dos clientes, achava perfeitamente natural adotar seus padrões de comportamento enquanto estivesse a serviço deles.

Seus padrões passavam a ser os dele, em tudo, menos na hora das caçadas em si. Nesses momentos, os padrões ficavam exclusivamente sob sua responsabilidade, e os animais deveriam ser abatidos segundo suas normas. Se não gostassem disso, os contratos poderiam ser rompidos imediatamente, e eles que fossem procurar outro caçador profissional. Era precisamente por isso que ele granjeava boa nomeada entre os especialistas do ramo, e todos o respeitavam. “Esse tal de Macomber, sem dúvida, era um tipo estranho. No duro que era! E a sua mulher, hein? Sim, a sua mulher! Que mulher!...” Decidiu não pensar mais em tudo isso. Virou-se para o banco de trás, onde Macomber continuava de fisionomia cerrada, visivelmente furioso. Margô sorriu para ele, parecendo mais jovem essa manhã, mais inocente, mais fresca, menos profissionalmente bonita. “O que vai por sua cabeça só Deus sabe”, pensou Wilson. Ela quase não falara durante o encontro que tiveram à noite, e fora um dos maiores prazeres que tivera.

O carro subiu uma pequena ladeira, passou por entre as árvores e entrou numa abertura gramada e plana, mantendo-se porém no limite sombreado. O motorista seguia em marcha lenta, permitindo que Wilson observasse cuidadosamente toda a extensão do campo. Lá pelas tantas, mandou que o carro parasse e, com seu binóculo, examinou as extremidades do cerrado. Fez sinal com a mão, e o motorista prosseguiu caminho, indo bem devagar, evitando os buracos cavados por porcos-domato e circundando as torres de cupinzais. Num dado momento, ainda com o

binóculo apontado para uma clareira na margem oposta da pradaria, Wilson voltou-se e exclamou:

— Graças a Deus! Lá estão eles!

Olhando para onde ele apontara, com o carro acelerando e Wilson dizendo qualquer coisa em suaíli ao motorista, num tom agitado, Macomber pôde ver três imensos vultos negros, parecendo quase cilíndricos em sua extensão corpulenta, galopando ao longo da pradaria como se fossem três caminhões-tanque em movimento. Seus corpos se deslocavam com os pescoços rígidos, num galope pesado, e ele se impressionou com os longos chifres negros, curvados para cima, que pareciam deslizar sobre um plano contínuo, já que as cabeças não se moviam lateralmente.

— São três velhos touros — informou Wilson. — Precisamos interceptá-los antes que cheguem ao pantanal.

O jipão, agora, já estava a uns bons setenta quilômetros por hora, atravessando o campo em diagonal. Macomber viu os vultos crescerem e crescerem, até que pôde observar nitidamente a carantonha cinza e glabra de um deles, o pescoço fixo nos ombros, o brilho negro dos chifres, que galopava um pouco atrás dos outros, formando com eles como que uma linha esticada; o carro deu um solavanco brusco, depois de fazer um cavalo de pau, colocando-se diretamente na linha de corrida do animal. Macomber mal teve tempo de observar a imensidão do bicho, o largo espaço entre os chifres, seu focinho amplo, com narinas arfantes. Estava erguendo seu rifle quando Wilson berrou.

— Não atire de dentro do carro, seu idiota! — E ele não teve medo, apenas ódio daquele homem, quando os freios do carro bloquearam as rodas e o veículo deu uma grande derrapagem lateral. Antes que parasse por completo, Wilson saiu por um lado e ele por outro, quase caindo quando seus pés tocaram o solo. Deu-se conta de que imediatamente começara a disparar contra o animal em movimento e de que ouvia as balas penetrando em seu corpanzil. Esvaziou a arma, mas o touro continuava galopando. Lembrou-se, então, de que Wilson lhe recomendara atirar na omoplata, e estava nervosamente recarregando a arma quando o bicho desabou. Caíra sobre os joelhos, a cabeçorra se agitando em agonia. Vendo os outros dois em

disparada, atirou no primeiro deles, acertando-o. Atirou novamente, mas errou, e ouviu o *ra-ra-bum!* do rifle de Wilson, que o atingiu em cheio, derrubando-o de cara no chão.

— Acerte o outro! — gritou Wilson. — Você está indo bem!

Mas o outro búfalo prosseguiu no mesmo galope, e ele não acertou o disparo, que tocou o solo um pouco à frente do animal, levantando uma pequena nuvem de poeira. Wilson atirou imediatamente em seguida, mas também errou, levantando outra nuvenzinha.

— Pare! Ele já está longe demais — ordenou Wilson, puxando-o pelo braço. Pularam no carro, ficando em pé nos estribos, um de cada lado, e saíram em disparada, corcoveando sobre o terreno irregular, fazendo desvios bruscos de buracos e pedras, até que chegaram novamente perto daquele monstro que pisava duro e seguia sempre em frente, sem mexer o pescoço.

Continuaram atrás dele, Macomber recarregando sua arma e deixando tombar os cartuchos já disparados, até que Wilson gritou “Pare!”, e o carro estancou após nova derrapagem, tão forte que quase o fez tombar de lado. Macomber foi projetado do estribo, mas caiu de pé empurrando o ferrolho e disparando contra o lombo negro do vulto fugidio. Disparou mais uma segunda, uma terceira e quarta vezes. Todas as balas atingiram o alvo, embora não mostrassem ter causado qualquer efeito aparente ao animal. Wilson deu um tiro, com um ruído ensurdecador, e Macomber pôde ver que o bichão tremeu nas bases. Fez cuidadosa pontaria e ele próprio disparou mais um tiro. O búfalo caiu de joelhos.

— Muito bem! — cumprimentou Wilson. — Belo trabalho! Aí estão os três! Macomber teve uma sensação de bebedeira.

— Quantas vezes você atirou?

— Três apenas — respondeu Wilson. — Você matou o primeiro búfalo, o maior de todos. Eu não fiz mais do que ajudá-lo a abater os outros dois, pois tive receio de que se abrigassem no mato. Mas já estavam mortalmente feridos. Dei só uma mãozinha. Você atirou muito bem!

— Vamos para o carro — sugeriu Macomber. — Acho que preciso de um trago.

— Boa ideia! — respondeu Wilson —, mas primeiro liquide aquele animal ali.

O animal estava de joelhos no solo, sacudindo furiosamente a cabeça, e soltou um bramido terrível quando viu os dois homens aproximarem-se dele.

— Cuidado para que não se levante — advertiu Wilson, acrescentando: — Atire do lado e acerte-o no pescoço, pouco atrás das orelhas.

Macomber fez pontaria com toda calma no centro daquele negro pescoço maciço, que se agitava freneticamente, e disparou. Assim que o fez, a cabeçorra tombou dura no chão.

— Excelente! Acertou-lhe a espinha. É um bicho fantástico, não é?

— Vamos tomar um drinque — respondeu Macomber. Nunca se sentira tão bem anteriormente.

No carro, a mulher de Macomber estava imóvel, com o rosto quase sem cor.

— Você foi maravilhoso, querido! Essa caçada foi sensacional!

— Não se machucou nessa correria toda? — perguntou-lhe Wilson.

— Não, mas foi assustador! Nunca tive tanto medo em minha vida!

— Tomemos todos um drinque — falou Macomber.

— Claro que sim! — disse Wilson. — Sirva primeiro à *Memsahib*.

Ela tomou uma dose de uísque puro, diretamente do frasco, e estremeceu um pouco ao engoli-la. Passou então o frasco ao marido, que o transferiu a Wilson.

— Foi mesmo uma coisa excitante! — admitiu ela. — Fiquei até com uma dor de cabeça bem forte. Mas não sabia que era permitido abatê-los de um carro.

— Ninguém atirou de dentro do carro! — atalhou Wilson num tom incisivo.

— Bem, quero dizer persegui-los com um carro — corrigiu ela.

— De um modo geral não se faz isso — disse Wilson —, mas aqui as chances estiveram equilibradas. Não se esqueça de que estávamos a toda num campo bastante esburacado, o que foi bem mais arriscado do que ter ido a pé. Além disso, qualquer um dos três poderia ter investido contra nós enquanto atirávamos neles. Se eu fosse você, porém, não comentaria isso com ninguém. É de fato ilegal persegui-los com um veículo.

— Bem que me pareceu um tanto quanto desleal — disse Margô. — Correr atrás dos coitados com um carro...

— Pareceu-lhe, é? — perguntou Wilson.

— O que aconteceria se viessem a saber disso em Nairóbi?

— Ora, a primeira coisa seria cassarem minha licença de caçador profissional. E haveria ainda várias outras chateações — acrescentou Wilson, antes de botar o frasco na boca. — Em suma: eu estaria liquidado!

— Não me diga!

— Sim! Liquidado!

— Veja você! — disse Macomber a Wilson, sorrindo pela primeira vez naquele dia. — Ela já tem algo contra você agora!

— Você tem umas ideias infelizes, Francis! — observou Margô Macomber.

Wilson olhou para os dois, pensando: “Se um boboca como esse se casa com uma cadela desse tipo, que raio de prole resultará dessa união?” Mas, ao abrir a boca, disse algo muito diferente:

— Sumiu um dos nossos auxiliares de caça. Você não se deu conta disso?

— Puxa! Não me dei, não!

— Ah, ei-lo ali, vindo para cá. Talvez tenha caído do carro quando corríamos atrás do primeiro búfalo.

De fato, lá vinha ele manquitolando, um nativo de meia-idade, com seu gorro xadrez, túnica cáqui, short, sandálias de borracha e uma cara bastante aborrecida. Ao chegar até eles, dirigiu-se em suaíli a Wilson, e todos viram que a fisionomia deste logo se fechou.

— O que ele está dizendo? — perguntou Margô.

— Ele diz que o primeiro búfalo conseguiu pôr-se de pé e embarafustou pelo matagal — explicou Wilson num tom de voz inalterado.

— Oh! — exclamou Macomber com visível desapontamento.

— Uma situação parecida com aquela do leão — lembrou Margô com um ar provocador.

— Não tem nada a ver! — respondeu-lhe rispidamente Wilson. — Você não quer outro drinque, Macomber?

— Quero, sim, muito obrigado — respondeu Francis. Ele temia que o medo que tivera com o tal caso do leão voltasse a dominá-lo, mas nada sentiu. Em

verdade, via-se totalmente livre do medo pela primeira vez em sua vida. Em lugar de medo, estava possuído de grande animação interior.

— Já que estamos nessa, vamos ver antes o segundo búfalo — sugeriu Wilson.

— Mandarei o motorista colocar o carro na sombra.

— O que vocês vão fazer? — perguntou Margaret Macomber.

— Vamos dar uma espiada nos dois búfalos — respondeu Wilson.

— Quero ir com vocês.

— Então, venha.

Os três caminharam em direção ao segundo búfalo, que estava caído por terra, a cabeça metida na grama, os dois enormes chifres formando um arco.

— É um belo troféu — reconheceu Wilson. — Esse par de chifres tem um metro entre os cornos.

Macomber examinou o animal com visível prazer.

— Não gosto da cara dele — afirmou Margô. — Não podemos ir para a sombra?

— Claro! — concordou Wilson. Virando-se para Macomber, disse: — Está vendo aquelas plantas ali?

— Sim.

— Foi por onde passou o primeiro búfalo. O caçador auxiliar disse que, quando foi jogado do carro, o animal estava caído no chão. Ficou olhando para nós quando continuamos correndo atrás dos outros dois e, ao voltar-se, viu que o bicho se levantara e tinha os olhos postos nele. Correu apavorado, mas ainda pôde notar que o búfalo se meteu por aquele mato.

— Vamos procurá-lo — ordenou Macomber.

Wilson fez um olhar de aprovação. “Esse cara é mesmo estranho”, pensou. “Ontem fez aquele papelão, e hoje está disposto a tudo!”

— Acho melhor dar-lhe algum tempo — respondeu Wilson.

— Então vamos para a sombra — insistiu Margô. Seu rosto estava branco como cera, e ela não parecia bem-disposta.

Foram para o carro, que estacionara sob umas árvores, e os três entraram nele.

— É bem provável que já esteja morto — imaginou Wilson. — Daqui a pouco vamos dar uma espiada.

Macomber sentia-se de tal forma feliz que essa alegria lhe parecia um bocado estranha.

— Por Deus que eu gostei dessa corrida! — exclamou. — Não foi uma coisa maravilhosa, Margô?

— Eu detestei — enfatizou ela.

— Por quê?

— Detestei tudo isso! Achei um nojo! — acrescentou num tom irritado.

— Você sabe, acho que nunca mais terei medo de coisa alguma! — afirmou Macomber a Wilson. — Alguma coisa aconteceu dentro de mim quando encontramos os búfalos e saímos atrás deles. Como se fosse o rompimento de uma barragem! Fui inundado por uma tremenda excitação!

— Isso é ótimo! Limpa o fígado da gente — disse Wilson. — E hoje é o dia do caçador!

O rosto de Macomber brilhava de entusiasmo.

— É, algo estranho aconteceu dentro de mim! Sinto-me completamente outro!

Sua mulher não abriu a boca, mas olhou-o de modo esquisito. Ela estava afundada no banco traseiro e Macomber se colocara mais para a frente, dirigindo-se de mais perto a Wilson, que se virara de lado, para encará-lo.

— Do jeito que me sinto, bem que gostaria de procurar outro leão — declarou Macomber. — Já não tenho o menor medo deles. Afinal de contas, o que é que podem fazer com a gente?

— É isso mesmo — concordou Wilson. — O pior que podem fazer é matar-nos. Quem foi que disse algo parecido com isso? Creio que foi Shakespeare. Algo danado de bom! Deixe ver se me lembro... Acho que é isto: “Palavra que não ligo para isso! Um homem só morre uma vez; Deus nos garante a morte, e que ela venha como vier! Quem morrer este ano estará livre disso para sempre!” É ou não é uma beleza?

Calou-se, parecendo um pouco embaraçado por ter tornado público um credo íntimo pelo qual sempre norteara sua existência. Mas já testemunhara vários processos de amadurecimento humano, e sempre se comovera com eles, pois sabia que amadurecimento nada tem a ver com maioridade.

“No caso de Macomber, fora um corriqueiro episódio de caçada, uma súbita precipitação no perigo, sem qualquer oportunidade de se preocupar com ele antes, que operara a transformação. Fosse qual fosse a causa, ela se dera, sem dúvida se dera! Basta olhar para o rosto dele!”, pensou Wilson. “Há homens que durante muito tempo não passam de garotos. Alguns ficam assim a vida inteira, conservando suas caras juvenis até depois dos 50. Isso acontece muito com os americanos, que acabam sendo homens-garotos... Que raio de povo estranho!” Mas, ao mesmo tempo que pensava nisso, viu que começara a gostar de Macomber. “Que tipo curioso! Mergulha no inferno e sai dele passado a limpo! Garanto também que vai deixar de ser corno manso! Vai ser bom para ele, vai ser danado de bom! Talvez ele tenha sido medroso toda a sua vida, até agora! Não sei o que lhe trouxe essa mudança, mas ele deu a volta por cima! Não teve tempo de temer os búfalos, estava com muita raiva dentro dele, e se viu estimulado por um carro. Sim, americanos adoram carros! Mas o caso é que mudou mesmo! A partir de agora será dono do seu nariz! Coisas assim acontecem durante as guerras, como eu bem sei! São mudanças mais sérias do que a perda da virgindade. Perde-se o medo como quem passa por uma cirurgia. Cresce alguma coisa nova em seu lugar. É isso que transforma os garotos em homens. As mulheres sentem quando isso lhes acontece, quando o medo vai embora...”

Encolhida ao fundo do banco traseiro, Margaret Macomber olhava para os dois. Wilson continuava o mesmo. Era exatamente como o vira no dia anterior, quando percebera seu talento para outras coisas também. Mas podia ver que Francis Macomber passara por alguma metamorfose.

— Você alguma vez já teve a sensação de felicidade antecipada? — perguntou Macomber, ainda explorando aquela recém-descoberta riqueza que encontrara dentro de si.

— É melhor nem falar sobre isso — respondeu-lhe Wilson, olhando-o fixamente no rosto. — Faz muito mais charme confessar que temos medo. E não se iluda, meu caro! Você ainda vai ter medo um montão de vezes.

— Pode ser, mas o que lhe pergunto é se já teve essa sensação de felicidade diante do risco que vai enfrentar...

— Já — anuiu Wilson. — Mas é melhor não falar a respeito, porque a felicidade pode ir embora. Quanto mais se fala, menos a coisa parece importante...

— Quanta besteira vocês estão dizendo! — exclamou Margô. — Correram de carro atrás de uns pobres animais e ficam aí bancando heróis!...

— Desculpe-me — reconheceu Wilson. — Acho que estou mesmo falando demais... — “Ah, ela já começa a se preocupar com a transformação dele”, pensou.

— Se você não entende do que estamos falando, por que se mete na conversa? — perguntou-lhe Macomber.

— Ora, vejam só! — respondeu Margô. — Pois não é que de repente ele começa a dar uma de machão? — continuou num tom de desprezo, mas era visível que não estava tão segura desse sentimento. Era ela que começava a ter medo de alguma coisa.

Macomber deu uma risada, uma risada natural, plena de autoconfiança.

— Não finja, minha querida. Eu me sinto confiante, e você sabe que eu estou seguro.

— Não é um pouco tarde demais para isso? — indagou azedamente Margô. Ela julgava ter dado o melhor de si durante muitos anos, e não lhe parecia ser culpa de ninguém a situação atual do relacionamento entre os dois.

— Para mim, não! — falou Macomber.

Margô calou a boca, afundando mais no canto do assento.

— Não acha que já lhe demos tempo mais do que suficiente? — perguntou Macomber a Wilson.

— Vamos lá dar uma espiada — respondeu ele. — Você ainda tem balas de aço no bolso?

— Estão com o nosso auxiliar.

Wilson disse alguma coisa em suaíli e o mais velho dos caçadores-ajudantes, que estava esfolando a cabeça de um dos búfalos, levantou-se, tirou uma caixa de balas do bolso e entregou-a a Macomber, que encheu um pente, colocou-o no rifle e guardou no bolso as balas avulsas.

— É melhor usar o Springfield — recomendou Wilson. — Você está mais acostumado com essa arma. Deixe o Mannlicher no carro, com a Memsahib. O ajudante de caça carregará a outra arma de grosso calibre. E eu estou com este verdadeiro canhão. Agora, deixe-me explicar-lhe algumas coisas importantes.

Ele deixara isso para o fim, porque não quisera assustar Macomber com os riscos possíveis, mas verdadeiros, da situação que iriam enfrentar.

— Quando um búfalo parte para o ataque, ele vem sempre com a cabeça erguida e galopa em linha reta. A carapaça onde se alojam os chifres torna quase impossível atingir seu cérebro. O único meio de abatê-lo com segurança é dar-lhe um tiro diretamente no focinho. Como alternativa, um tiro no peito, com arma de grosso calibre ou, se o caçador está numa posição lateral, um tiro no pescoço ou um que lhe quebre os ombros. O animal que já foi atingido uma vez em lugar não mortal passa a ser a mais perigosa das feras. É corajoso e sabido! Não tente florear a coisa. Você está lá para matá-lo, e ele quer fazer exatamente isso com você. Atire com a máxima precisão, num dos pontos que lhe indiquei. Bem, os auxiliares já terminaram a esfolagem. Vamos lá?

— Levarei conosco apenas o Kongoni — disse Wilson. — Os outros ficarão por aqui, para espantar os abutres.

Quando o carro começou a mexer-se pelo campo aberto, em direção ao conjunto de árvores que se erguia ao longo de um rio agora seco, atravessando a depressão ao fundo, Macomber sentiu o coração bater mais forte, notando que sua boca estava seca. Mas já não era medo o que o dominava, e sim uma grande excitação.

— Foi por aqui que ele entrou — afirmou Wilson. Voltando-se para o batedor, ordenou-lhe em suaíli: — Acompanhe as manchas de sangue.

O carro prosseguia agora paralelamente aos tufo de vegetação rasteira. Macomber, Wilson e o batedor desceram do veículo. Francis, olhando para trás, viu

que sua mulher, com o rifle ao lado dela no assento, acompanhava-lhe os passos. Fez-lhe um aceno com o braço, mas não teve resposta.

Pouco adiante, o mato se emaranhava numa barreira difícil de transpor. O terreno estava muito seco. O batedor transpirava muito, e Wilson protegia os olhos com a aba do chapéu, descobrindo seu pescoço vermelho bem à frente de Macomber. De repente o caçador nativo disse qualquer coisa em suaíli a Wilson, e correu à frente.

— O bicho está morto bem aí — reconheceu Wilson. — Meus parabéns! Você fez um bom trabalho! — Estavam apertando as mãos, sorrindo um para o outro, quando Kongoni soltou um grito desesperado e os dois o viram sair correndo do meio dos arbustos, rápido como uma lebre, tendo atrás de si o búfalo, que galopava com a boca fechada, sangue escorrendo pelo focinho, a cabeçorra preparada para o ataque, os olhos avermelhados fixando-os com ódio. Wilson, que estava à frente, ajoelhou-se e começou a disparar. Macomber atirou também, mas o estampido de sua arma foi abafado pelo troar do verdadeiro canhão portátil que seu companheiro tinha em mãos. Pôde ver, numa fração de segundos, que fragmentos ósseos da protuberância de onde se erguiam os chifres voavam pelos ares, o tiro sacudindo a cabeça do animal. Disparou outra vez, apontando diretamente para o focinho, e de novo a cabeça balançou com violência, novos fragmentos de carne e osso se espalhando em várias direções. Wilson não estava mais em seu campo de visão, mas, fazendo cuidadosa mira, disparou um terceiro tiro, tão de perto que o animal já estava quase em cima dele, que podia ver aqueles olhinhos rajados e a cabeça abaixando-se para a chifrada mortal. Nesse preciso instante, um raio brilhantíssimo, ofuscante, pareceu explodir dentro de sua cabeça. Foi a última coisa que viu ou sentiu.

Wilson havia se encolhido para um lado a fim de tentar um tiro na omoplata do animal. Macomber ficara de pé à frente do búfalo, solidamente plantado no chão, atirando-lhe no focinho. Seus dois tiros seguidos foram contudo um pouco acima do alvo, acertando nos chifres, deles tirando lascas como se estivessem atingindo um telhado de ardósia. A sra. Macomber, do carro, atirara também contra

o animal com o Mannlicher 6.5, quando o vira prestes a escornar Macomber, e atingira seu marido cinco centímetros abaixo da base do crânio.

E ele jazia agora de cara no chão, não mais do que dois metros à frente do búfalo, que tombara de flanco. Margô correrá até ali, e ajoelhara-se ao lado do cadáver, com Wilson, estarrecido, olhando tudo de pé.

— Será melhor não desvirar-lhe o corpo — recomendou ele.

Ela chorava histericamente.

— Aconselho-a a voltar para o carro — pediu Wilson num tom seco. — Onde deixou o rifle?

Margô sacudiu a cabeça em desespero, seu rosto consternado. O caçador auxiliar ergueu a arma, que estava caída por terra.

— Deixe-a ficar onde estava — mandou Wilson. — Vá chamar o Abdullah para que ele possa testemunhar como o acidente ocorreu.

Ajoelhou-se então, tirou do bolso um lenço, abriu-o e cobriu com ele a cabeça de Francis Macomber, com seus cabelos à escovinha. O sangue que dela saía estava formando uma poça no solo.

Wilson pôs-se de pé outra vez e examinou o búfalo tombado de lado, as pernas rijas e esticadas, o ventre quase sem pelos coberto por carrapatos. “É um belo troféu”, seu cérebro registrou automaticamente, “com mais de um metro entre as aspas”. Chamou o motorista, determinou-lhe que pusesse um cobertor sobre o cadáver de Macomber e ficasse ali até segunda ordem. Dirigiu-se então até o carro, onde a mulher continuava chorando, despencada sobre o assento traseiro.

— Bela coisa você fez! — disse-lhe num tom neutro. — Bem sabe que o próximo passo dele seria separar-se de você...

— Pare com isso! — gritou Margô.

— Mas foi bem armado... Um triste acidente, sem dúvida...

— Pare com isso! — repetiu Margô.

— Não se preocupe — retrucou Wilson. — Haverá alguma chateação com o inquérito, mas mandarei tirar algumas fotografias que lhe serão muito úteis nessa ocasião. Além disso, os depoimentos do motorista e do auxiliar de caça serão a seu favor. Você se sairá bem...

— Pare com isso! — insistiu ela.

— Há muitas providências a tomar — lembrou ele. — Tenho que mandar o carro até a orla do lago, a fim de que se telegrafe a Nairóbi para que um avião nos venha buscar; a nós três, quero dizer... Mas, explique-me uma coisa: por que não usou veneno, como se costuma fazer na Inglaterra?

— Pare com isso! Pare com isso! — disse ela, chorando.

— Bem, vou parar. Já disse tudo o que queria dizer — explicou Wilson, com os olhos azuis postos nela, sem pestanejar. — Eu estava muito zangado, pois realmente começara a gostar de seu marido...

— Por favor, não continue! — implorou ela. — Por favor!

— Ah, assim está melhor — acedeu Wilson. — *Por favor* é uma forma bem aceitável! Não tocarei mais no assunto.

Nota

* *Eland* — o maior antílope africano, com 1,60m de altura e peso de 600 quilos. (N. T.)

A CAPITAL DO MUNDO



Madri está cheia de garotos chamados Paco, diminutivo de Francisco. Tem lá uma piada do pai que pôs um anúncio na seção de recados de *El Liberal* nestes termos: PACO ME PROCURE NO HOTEL MONTANA TERÇA AO MEIO-DIA TUDO PERDOADO SEU PAI, e um destacamento da Guarda Civil foi chamado para dispersar os oitocentos garotos que atenderam ao chamado. Mas esse Paco, que servia a mesa na Pension Luarca, não tinha pai para perdoá-lo, nem nada a ser perdoado pelo pai. Tinha duas irmãs mais velhas que eram arrumadeiras na Luarca e conseguiram o emprego por serem da mesma aldeia de uma antiga arrumadeira da pensão, onde trabalhara incansável e honestamente, e assim dera à aldeia e a tudo de lá um bom nome. Essas duas moças pagaram a passagem de ônibus do irmão para Madri e conseguiram para ele o lugar de aprendiz de garçom. A aldeia deles ficava em uma região da Estremadura onde a vida era bastante primitiva, a alimentação escassa e tudo muito difícil. O garoto tinha trabalhado ali duramente desde que se dera por gente.

Era um garoto bem-constituído, cabelo preto encaracolado, dentes bons e uma pele que as irmãs invejavam, e sorriso pronto e franco. Era alígero, dava boa conta do trabalho e amava as irmãs, que eram bonitas e bem-apresentáveis. Ele gostou de Madri, ainda uma cidade inacreditável; gostou do trabalho que, feito sob luzes claríssimas, com toalhas muito limpas, traje a rigor e comida farta na cozinha, ele achava romântico e maravilhoso.

Havia umas oito ou doze pessoas morando na Luarca e comendo no salão de refeições, mas para Paco, o mais jovem dos três garçons, só os toureiros existiam.

Matadores de segunda categoria moravam na pensão porque o endereço — Calle San Jerónimo — tinha prestígio, a comida era excelente e a diária, barata. O toureiro precisa aparentar, senão prosperidade, pelo menos respeitabilidade, pois decoro e dignidade contam mais do que coragem entre as virtudes mais apreciadas na Espanha. Os toureiros ficavam na Luarca enquanto lhes restassem pesetas. Não há notícia de nenhum toureiro que tenha trocado a pensão por um hotel melhor ou mais caro; toureiro de segunda categoria nunca chega à primeira; mas sair de Luarca era muito fácil, pelo seguinte: quem estivesse faturando alguma coisa podia ficar lá, e nenhuma conta lhe era apresentada enquanto ele não pedisse — exceto quando a senhora que dirigia o estabelecimento concluísse que se tratava de caso perdido.

Na ocasião moravam na Luarca três matadores respeitados, dois picadores muito bons e um *banderillero* excelente. A Luarca era um luxo para os picadores e os *banderilleros* que, tendo a família em Sevilha, precisavam estar em Madri na temporada da primavera; mas ganhavam bem e pertenciam à categoria dos toureiros contratados por duas temporadas; mesmo como subalternos, provavelmente ganhassem bem mais do que qualquer dos três matadores. Desses, um estava doente e procurava esconder a verdade; um já tinha perdido a aura de novidade, que tem curta duração; e o terceiro era covarde.

Antes de receber uma chifrada feia no baixo abdome no início de sua primeira temporada de matador, o agora covarde era excepcionalmente corajoso e extraordinariamente hábil. Mas guardou alguns dos maneirismos elegantes de seus dias de sucesso. Era jovial em excesso e ria frequentemente com ou sem motivo. Em seus dias de sucesso gostava de fazer brincadeiras de mau gosto, porém agora não mais; elas exigem uma segurança que ele já não tinha. Tinha feições inteligentes e abertas e um jeito elegante de andar.

O matador doente se vigiava muito para não mostrar isso, e fazia questão de se servir de um pouquinho de cada prato que vinha à mesa. Tinha grande quantidade de lenços que ele mesmo lavava no quarto, e ultimamente vinha vendendo os seus trajes de arena. Vendera um a preço baixíssimo antes do Natal e outro em abril.

Eram trajes muito caros e muito bem-conservados, e agora só lhe restava um. Antes de adoecer ele era um toureiro promissor, até sensacional, e apesar de analfabeto guardava recortes segundo os quais a sua estreia em Madri fora sensacional, com momentos em que ele se mostrara melhor do que Belmonte. Comia sozinho numa mesa pequena e raramente levantava os olhos.

O matador que tinha sido novidade era muito baixo e trigueiro e de ar altivo. Esse também comia sozinho numa mesa separada, raramente sorria e nunca ria. Era de Valladolid, cidade de gente muito séria. Era um matador competente; mas o seu estilo se tornou obsoleto antes mesmo de ele conquistar o público por suas virtudes, que eram coragem e calma. Agora o seu nome num cartaz não atraía ninguém a uma praça de touros. A novidade dele tinha sido a estatura, tão baixa que ele mal podia enxergar o lombo do touro; mas havia outros toureiros baixinhos, e ele nunca conseguiu conquistar a preferência do público.

Dos picadores um era magro, rosto de águia, cabelo grisalho, constituição franzina, mas pernas e braços fortes como ferro. Usava sempre botinas de boiadeiro, bebia muito todas as noites e lançava olhares a qualquer mulher da pensão. O outro era grandalhão, moreno, boa estampa, cabelo preto como de índio e mãos enormes. Eram ambos bons picadores, mas dizia-se que o primeiro tinha perdido muito de sua agilidade por causa da bebida e da vida desregrada, e do segundo diziam que era teimoso e provocador, por isso não ficava mais de uma temporada com um mesmo matador.

O *banderillero* era de meia-idade, grisalho, muito ágil apesar dos anos. Sentado à mesa, parecia um homem de negócios moderadamente próspero. As pernas ainda eram boas para aquela temporada, e se viessem a fraquejar, ele teria inteligência e experiência suficientes para continuar trabalhando por muito tempo ainda. A diferença é que, se a agilidade dos pés faltasse, ele ficaria amedrontado e não seria mais um profissional seguro e calmo na arena e fora dela.

Àquela noite, todos tinham deixado o refeitório, menos o picador cara de águia, que bebia muito; o leiloeiro de relógios nas feiras e festivais da Espanha, que tinha no rosto uma marca de nascença, e que também bebia bastante; e dois padres da Galícia que bebiam se não muito pelo menos razoavelmente, sentados numa

mesa de canto. Naquele tempo o vinho era incluído no preço da diária da Luarca. Os garçons tinham acabado de pôr mais garrafas de Valdepeñas na mesa do leiloeiro, na do picador e na dos padres.

Os três garçons estavam em pé no fundo do refeitório. Era norma da casa ficarem eles a postos até que os hóspedes por cujas mesas eram responsáveis se retirassem; mas o garçom que servia a mesa dos padres precisava ir a uma reunião anarcossindicalista, e Paco concordou em servir os padres no lugar dele.

Em seu quarto lá em cima o matador doente estava deitado de bruços. O matador que não era mais novidade estava também lá em cima sentado, olhando pela janela, esperando a hora de sair para o café. O matador covarde estava em seu quarto com a irmã mais velha de Paco, querendo dela alguma coisa que ela negava rindo. O matador dizia:

— Vamos, brabezinha.

— Não — respondeu a moça. — Por que agora?

— É um favor.

— Você jantou e agora me quer como sobremesa.

— Uma vez só. Que mal faz?

— Não me amole.

No refeitório embaixo o garçom mais alto dos três, que estava atrasado para a reunião, disse:

— Olhem como bebem aqueles porcos pretos.

— Isso é modo de falar? — interpelou o segundo garçom. — São bons fregueses. Não bebem tanto assim.

— Esse é o meu modo de falar — reconheceu o mais alto. — As duas pragas da Espanha são os touros e os padres.

— Mas não o touro como animal e o padre como pessoa — admitiu o segundo garçom.

— É, mas só pelo indivíduo se pode atacar a classe — contrapôs o mais alto. — É preciso matar o touro individual e o padre individual. Todos eles. Até não ficar nenhum.

— Guarde isso para a reunião — retrucou o outro.

— Veja a barbaridade que é Madri — falou o mais alto. — Já são onze e meia, e esses aí continuam se empanturrando.

— Começam às dez — disse o outro. — São muitos pratos, como você sabe. O vinho é barato, e eles pagaram. É vinho fraco.

— Como pode haver solidariedade entre trabalhadores com idiotas como você?

— Olhe aqui — interveio o segundo garçom, homem de seus 50 anos —, trabalho desde criança, e preciso trabalhar enquanto viver. Não me queixo do trabalho. Trabalhar é normal.

— É, mas a falta de trabalho mata.

— Sempre trabalhei — afirmou o mais velho. — Vá para a sua reunião. Não há necessidade de você ficar aqui.

— Você é um bom camarada — reconheceu o alto. — O que lhe falta é ideologia.

— *Mejor si me falta eso que el otro* — sentenciou o mais velho, querendo dizer que antes faltar isso do que trabalho. — Vá para o mitin.

Paco estivera só escutando. Ainda não entendia de política, mas ficava aceso quando ouvia o garçom alto falar da necessidade de matar os padres e a Guarda Civil. Para ele o alto representava revolução e revolução era algo romântico. Ele gostaria de ser um bom católico, um revolucionário, e ter um emprego fixo, como aquele, e ao mesmo tempo ser toureiro.

— Vá para a reunião, Ignacio — ordenou Paco. — Eu faço o seu trabalho.

— Nós dois — disse o mais velho.

— Não chega nem para um — admitiu Paco. — Vá para a reunião.

— *Pues, me voy*. E muito obrigado.

Enquanto isso lá em cima a irmã de Paco se desvencilhava do abraço do matador com a habilidade de profissional de luta romana se soltando de um golpe, e dizia, agora zangada:

— Você é como um faminto. Um toureiro fracassado. Com uma carrada de medo. Se é forte assim, use a força na arena.

— Assim falam as putas.

— Puta também é mulher, mas eu não sou puta.

— Vai ser.

— Não por você.

— Me deixe — pediu o matador que, repellido e recusado, sentiu a nudez de sua covardia reaparecendo.

— Deixar você? O que é que ainda não deixou você? — perguntou a moça. — Não quer que eu arrume a cama? Sou paga para isso.

— Me deixe — repetiu o matador, o rosto largo e bem-proporcionado se contorcendo como o de quem chora. — Sua puta. Putinha imunda.

— Matador — falou ela saindo e fechando a porta. — Meu matador.

O matador sentou-se na cama. O rosto ainda tinha a contorção que na arena ele transformava em sorriso permanente que assustava as pessoas da primeira fila, que sabiam o que estavam vendo.

“E isto”, disse ele em voz alta. “E isto. E isto.”

Lembrou-se de quando era bom, e não fazia muito tempo, só três anos. Lembrou-se da jaqueta bordada de ouro pesando no ombro naquela tarde quente de maio quando a voz dele ainda era a mesma na arena e no café, lembrou-se apontando a extremidade aguçada da lâmina para o ponto no alto do cachaço de pelo empoeirado que cobria a massa de músculos entre os chifres capazes de derrubar árvore e destruir tapume, chifres que se abaixaram quando ele partiu para matar; e a espada entrando fácil como num bloco de manteiga, ele empurrando o pomo com a palma da mão, o braço esquerdo pendendo dobrado, o ombro esquerdo avançado, o peso todo na perna esquerda, e de repente não mais. O peso agora estava no baixo abdome, e quando o touro ergueu a cabeça o chifre tinha sumido dentro do matador, que girou duas vezes em volta do chifre antes que o tirassem. Por isso, agora, quando partia para matar, o que raramente acontecia, ele não podia olhar para os chifres, e o que é que qualquer puta sabe do que ele passou antes da chifrada? E o que passaram elas para rir dele? Eram todas putas, e sabiam o que fazer com isso.

Lá no refeitório o picador em sua cadeira olhava os padres. Quando havia mulheres no salão, ele olhava para elas. Se não havia, olhava encantado para algum

estrangeiro, um inglês; mas não tendo mulheres nem estrangeiros ele olhava com encantamento e insolência para os dois padres. Enquanto ele olhava, o leiloeiro de marca de nascença no rosto levantou-se, dobrou o guardanapo e saiu, deixando ainda acima do meio a garrafa de vinho que havia pedido. Se ele estivesse em dia com o pagamento da pensão, teria bebido todo o vinho.

Os dois padres não retribuíaam o olhar do picador. Um deles dizia:

— Estou aqui há dez dias esperando, todos os dias fico sentado na antessala, e ele não me recebe.

— Fazer o quê?

— Nada. O que é que se pode fazer? Não se pode ir contra a autoridade.

— Estou aqui há duas semanas, e nada. Espero, eles não me recebem.

— Somos de uma terra abandonada. Quando acabar o dinheiro, o jeito é voltar.

— Para a terra abandonada. Madri não se importa com a Galícia. Somos uma província pobre.

— Compreendo o comportamento do irmão Basilio.

— Eu ainda não acredito na integridade de Basilio Alvarez.

— Em Madri a gente aprende a entender. Madri mata a Espanha.

— Se pelo menos recebessem a gente e dissessem não.

— Querem ver a gente nas últimas, esperando.

— Bem, vamos ver. Vou esperar tanto quanto qualquer outro.

Nessa altura o picador se levantou, caminhou até a mesa dos padres e ficou parado, com o seu cabelo grisalho e sua cara de águia, olhando e sorrindo para eles.

— Um torero — falou um padre ao outro.

— E bom — proclamou-se o picador, e saiu do refeitório com sua jaqueta cinzenta cinturada, as pernas tortas dentro do culote justo, as botinas de salto alto de boiadeiro clicando no assoalho, os passos firmes, ele sorrindo. Ele vivia em um mundo profissional pequeno, fechado, onde vigorava a eficiência pessoal, feitos alcoólicos noturnos e insolência. Acendeu um charuto, entortou o chapéu de lado ao chegar ao portal, e saiu para o café.

Os padres saíram logo depois do picador, de repente conscientes de serem os últimos no refeitório, onde não havia mais ninguém a não ser Paco e o garçom de

meia-idade. Os garçons limparam as mesas e levaram as garrafas para a cozinha.

Na cozinha estava o rapaz que lavava a louça. Tinha três anos mais do que Paco, era cínico e revoltado.

— Pra você — disse o garçom de meia-idade enchendo um copo do Valdepeñas e passando-o ao rapaz.

— Por que não? — admitiu o rapaz, e pegou o copo.

— Tu, Paco? — perguntou o garçom mais velho.

— Aceito — falou Paco. Os três beberam.

— Me voy — despediu-se o garçom de meia-idade.

— Boa-noite — responderam os outros.

Ele saiu, os outros ficaram. Paco pegou um guardanapo que um dos padres tinha usado, endireitou o corpo, firmou os calcanhares no chão, abaixou o guardanapo e, acompanhando o movimento com a cabeça, girou os braços numa lenta *verónica*. Virou-se, adiantou um pouco o pé direito, fez o segundo passe, ganhou terreno contra o touro imaginário e fez um terceiro passe, lento, perfeitamente medido e suave; puxou o guardanapo para o peito e torceu a cintura para se livrar do touro com uma *media-verónica*.

O lavador de pratos, que se chamava Enrique, o observava criticamente, desaprovando.

— Como é o touro? — perguntou.

— Muito brabo — afirmou Paco. — Olhe.

Esticando o corpo ereto, fez mais quatro passes perfeitos, suaves, elegantes e graciosos.

— E o touro? — perguntou Enrique encostado na pia, de avental e com o copo na mão.

— Ainda tem muito gás — acrescentou Paco.

— Você não dá pra isso.

— Por quê?

— Veja.

Enrique tirou o avental e, incitando o touro imaginário, executou quatro *verónicas* perfeitas, lânguidas, e encerrou com uma *rebolera* que fez o avental descrever

um arco diante do focinho do touro enquanto o torero se afastava dele.

— Viu? — disse. — E eu lavo pratos.

— Por quê?

— Medo — admitiu Enrique. — *Miedo*. O medo que você teria na arena com um touro.

— Não. Eu não teria medo.

— *Leche!* — exclamou Enrique. — Todo mundo tem medo. Mas o torero controla o medo para poder trabalhar o touro. Estive numa corrida de amadores e senti tanto medo que não pude parar de correr. Todo mundo achou muito engraçado. Você teria medo. Se não fosse o medo, qualquer engraxate na Espanha seria toureiro. Você, que é da roça, teria mais medo do que eu.

— Não — afirmou Paco.

Ele tinha toureado muitas vezes em imaginação. Muitas vezes viu os chifres, viu o focinho molhado do touro, a orelha mexendo, a cabeça se abaixando e a carga, os cascos cavoucando o chão e o touro elétrico passar por ele quando ele manjava a capa, o touro voltando à carga quando mais uma vez Paco manjava a capa, mais outra, e outra, para terminar enrolando o boi em volta do toureiro com a sua grande *media-verónica*, e o toureiro se afastar gingando, pelos do touro grudados nos enfeites dourados da jaqueta devido aos passes de muito perto; o touro imóvel, hipnotizado, a multidão aplaudindo. Não, ele não teria medo. Outros, sim. Ele, não. Sabia que não teria medo. Mesmo se alguma vez tivesse, sabia que não correria. Tinha confiança.

— Eu não teria medo — repetiu.

Mais uma vez Enrique repetiu a palavra *leche*. E acrescentou:

— Que tal experimentar?

— Como?

— Você pensa no touro mas não pensa nos chifres. A força do touro é tanta que os chifres rasgam como faca, furam como baioneta, matam como porrete. Veja. — Abriu uma gaveta da mesa e pegou duas facas de carne. — Vou amarrar estas facas nas pernas de uma cadeira. Com a cadeira diante da cabeça, faço de conta que

sou touro para você. As facas são os chifres. Se você fizer aqueles passes, mudo de ideia a seu respeito.

— Me empreste o avental — pediu Paco. — Vamos fazer lá no refeitório.

— Não — disse Enrique, já menos hostil. — Não faça isso, Paco.

— Por que não? Não tenho medo.

— Vai ter quando vir as facas.

— Veremos. Me dê o avental.

Enquanto Enrique amarrava as duas facas de lâmina pesada e corte de navalha nas pernas da cadeira com dois guardanapos molhados prendendo metade de cada faca e apertava os nós, as duas arrumadeiras, irmãs de Paco, iam a caminho do cinema ver Greta Garbo em Anna Christie. Dos dois padres, um sentado de ceroulas lia o seu breviário, e o outro, de camisola, rezava o rosário. Os toureiros todos menos o que estava doente tinham ido ao Café Fornos, onde apareciam todas as noites e onde o picador grandalhão de cabelo escuro jogava bilhar; o matador pequeno, de ar sério, estava em uma mesa com outras pessoas tomando café com leite, entre elas o *banderillero* de meia-idade e outros trabalhadores sérios.

O picador de cabelo grisalho e que gostava de beber tinha em sua frente na mesa um copo de Cazalas e olhava interessado para a mesa onde estava o matador que tinha perdido a coragem e mais outro matador que tinha deixado a espada para voltar a ser *banderillero*, e duas prostitutas de ar muito cansado.

O leiloeiro estava na esquina conversando com amigos. O garçom alto estava na reunião anarcossindicalista aguardando oportunidade de falar. O garçom de meia-idade tomava uma cerveja no terraço do Café Alvarez. A proprietária da Luarca já dormia em seu quarto, deitada de costas com uma almofada entre as pernas; alta, gorda, honesta, limpa, alegre, muito religiosa, ela nunca se esquecia de rezar diariamente pelo marido morto há vinte anos. Sozinho em seu quarto, o matador doente estava deitado de bruços na cama, com um lenço na boca.

No refeitório deserto, Enrique deu o último nó nos guardanapos que prendiam as facas nos pés da cadeira, e a levantou. Ergueu-a na altura da cabeça, com as pernas que tinham as facas para a frente.

— É pesado — disse. — É muito perigoso, Paco. É melhor desistir. — Tinha o rosto suado.

De frente para ele, Paco abriu o avental, que segurava pelos cantos superiores, polegares para cima, os dedos mínimos para a frente apontados para os olhos do touro.

— Ataque — ordenou. — Faça como um touro. Ataque quantas vezes quiser.

— Como é que você sabe quando fazer o passe? — perguntou Enrique. — É melhor fazer três e depois uma *media*.

— Está bem. Mas venha firme. Vamos, *torito*! Venha, meu *tourinho*!

De cabeça baixa Enrique atacou e Paco sacudiu o avental bem na frente da faca, que passou quase rente à barriga dele; e quando a faca passou, Paco sentiu-a como chifre mesmo, negro, de ponta branca, liso; e, quando Enrique voltou para novo ataque, o que Paco viu foi a massa quente do touro, que passou, virou-se como um gato e atacou mais uma vez, enquanto Paco manejava a capa lentamente. O touro virou-se e carregou de novo; observando a ponta que avançava, Paco adiantou o pé esquerdo cinco centímetros a mais do que devia, e a faca não passou: rasgou como se rasgasse um odre de vinho; uma coisa quente escorreu por cima e em volta da repentina rigidez interna do aço, e Enrique gritou:

— Epa! Epa! Deixe eu tirar ela! Deixe eu tirar ela! — E Paco pendeu de frente sobre a cadeira, o avental ainda na mão, Enrique puxando a cadeira e a faca mexendo nele, nele, Paco.

A faca já estava fora e Paco sentado no chão no meio da poça morna que aumentava.

— Ponha o guardanapo em cima. E segure! — ordenou Enrique. — Aperte bem. Vou correndo chamar o médico. Você precisa parar a hemorragia.

— Devia ter um copo de borracha — admitiu Paco. Ele tinha visto isto na arena.

— Volto já — disse Enrique. — Eu só queria mostrar o perigo.

— Não foi nada — falou Paco, a voz já distante. — Mas traga o médico.

Na arena eles pegam o toureiro e o levam correndo para a sala de cirurgia. Se a artéria femoral se esvazia antes de se chegar à mesa, chamam o padre.

— Avise um dos padres — pediu Paco apertando o guardanapo no baixo abdome. Ele não acreditava que aquilo tivesse acontecido com ele.

Mas Enrique já corria pela Calle San Jerónimo para o pronto-socorro noturno e Paco ficou sozinho, primeiro sentado, depois encolhido, depois esticado no chão até o fim, sentindo a vida escorrer dele como água suja escorre de uma banheira quando se retira a bucha. Assustado, fraco, tentou rezar um ato de contrição, lembrou-se do começo, mas, antes de dizer depressa “Oh, meu Deus, como sinto ter-Vos ofendido, Vós que sois digno de todo o meu amor e eu firmemente...”, sentiu-se muito fraco, encostou o rosto no chão e o fim veio rápido. Uma artéria femoral seccionada esvazia-se muito depressa.

Quando o médico do pronto-socorro subia a escada acompanhado do policial que conduzia Enrique pelo braço, as duas irmãs de Paco ainda estavam no cinema da Gran Via, muito decepcionadas com o filme da Garbo, que mostrava a grande estrela em ambiente miserável, pois se acostumaram a vê-la cercada de brilho e luxo. A plateia não gostou nada do filme e protestava com assobios e pateada. Todas as outras pessoas da pensão faziam quase o mesmo que estiveram fazendo quando aconteceu o acidente, com exceção dos dois padres, que se preparavam para dormir depois de suas devoções, e o picador grisalho que tinha levado o seu copo para a mesa das duas prostitutas de ar cansado. Pouco depois ele saiu do café com uma delas — aquela para quem o matador que perdeu a coragem tinha pago bebida.

O jovem Paco não ficou sabendo nada disso nem do que essas pessoas todas estariam fazendo no dia seguinte e nos outros. Não fazia ideia de como elas viviam nem de como acabariam. Nem lhe passou pela cabeça que acabariam. Morreu cheio de ilusões, como diz a frase espanhola. Não teve tempo de perder nenhuma nem de terminar um ato de contrição. Nem teve tempo de se decepcionar com o filme de Greta Garbo que decepcionou Madri inteira durante uma semana.

AS NEVES DO KILIMANJARO



— O que há de bom a respeito disto é que não dói nada — disse ele. — Mas é por isso mesmo que se sabe quando começa.

— No duro?

— Certamente! Lamento muito pelo mau cheiro, porém. Deve incomodá-la bastante.

— Por favor! Tire isso da cabeça!

— Veja-os lá — apontou ele. — Não sei se é a visão ou o olfato que os traz até aqui.

O catre em que o homem estava deitado tinha sobre si a sombra de uma copada mimosa e, olhando para a planície refulgente que se estendia diante deles, ele podia ver três grandes abutres pousados obscenamente no solo, enquanto doze outros, ou mais, revoavam pelo céu, espalhando manchas negras em rápido movimento.

— Já estão por aqui desde que o caminhão quebrou — falou ele —, mas hoje é a primeira vez que pousam em terra. Estive sempre a observá-los em seus giros, muito cautelosos, de início, pois é possível que venha a utilizá-los em algum conto que escreva. Não deixa de ser engraçado, nesta situação.

— Pois eu gostaria que nem tivesse ligado para eles — comentou ela.

— Estou apenas brincando — contrapôs ele. — As coisas ficam muito mais fáceis se falamos nelas. Mas não quero aborrecê-la com isso.

— Não me aborrece, não. Mas confesso que estou ficando nervosa por não poder tomar qualquer providência. Vamos pensar em outras coisas até que o avião chegue.

— Ou até que o avião acabe não vindo...

— Diga-me, por favor, se há algo que eu possa fazer. Deve haver alguma coisa...

— Bem, para começo de conversa você poderia amputar minha perna, o que talvez pusesse fim aos meus problemas, embora eu duvide disso. Outra saída seria você me dar um tiro. Eu a ensinei a atirar, não foi?

— Ora, pare com isso. Que tal eu ler alguma coisa para você?

— Ler o quê?

— Qualquer um daqueles livros que estão na sacola nos quais ainda nem mexemos.

— Acho que eu não teria cabeça para isso — admitiu ele. — É melhor conversarmos. A gente acaba discutindo, e isso faz o tempo passar.

— Não quero discutir. Não gosto de discutir. Nunca mais discutiremos, por mais nervosos que possamos ficar. Talvez eles voltem com outro caminhão. Talvez o avião chegue hoje.

— Já não estou nem pensando mais em dar o fora daqui — falou o homem. — Não há o menor sentido nisso, a não ser o de tornar as coisas mais fáceis para você.

— Isso é covardia da sua parte.

— Você não pode admitir que um homem queira morrer tão confortavelmente quanto possa, sem ter de ofendê-lo? Qual é essa de me injuriar?

— Acabe com essa conversa de morte. Você não vai morrer!

— Não seja boba! Eu já estou morrendo. Pergunte àqueles filhos da puta — respondeu ele, indicando com a cabeça os grandes e imundos abutres pousados no solo, suas cabeças nuas enfiadas nas gibas de penas. Um quarto acabara de pousar, dando uma corridinha, indo depois juntar-se aos outros.

— Que bobagem! Sempre há abutres por perto de qualquer acampamento, e você jamais se deu conta deles. Você não morrerá se não entregar a luta.

— Onde é que leu isso? Você é mesmo uma boboca!

— Acho que está me confundindo com alguma outra...

— Ora, meu Deus! — exclamou ele. — Você sabe que sempre me interessei profissionalmente pelas pessoas. São personagens...

Esticou-se no catre e ficou em silêncio por algum tempo, olhando a oscilação das camadas térmicas por sobre a planície, que ia até os limites do matagal. Bem ao longe, vislumbrou algumas gazelas, parecendo liliputianas naquela imensidão amarelada, uma manada de zebras também esbranquiçada sobre o fundo verde da floresta. O acampamento era muito agradável, localizado sob árvores copadas e ao sopé de uma colina, com água corrente e perto de um bebedouro natural já quase seco, para onde convergiam todas as manhãs bandos de aves silvestres.

— Você não quer, mesmo, que eu leia alguma coisa para você? — perguntou ela de novo. Estava sentada numa cadeira de lona, ao lado do catre. — Está soprando uma brisa tão boa!

— Não, obrigado.

— Será que o caminhão vem logo?

— Não estou ligando a mínima para isso!

— Pois eu estou.

— Você se importa com tantas coisas que eu nem levo em conta...

— Não tantas assim, Harry.

— Que tal me dar um drinque?

— Não fará bem a você. O manual de pronto-socorro diz que se devem evitar bebidas alcoólicas em casos como este. Faça um sacrifício e não beba!

— Molo! — berrou ele.

— Sim, Bwana!

— Traga uísque-soda!

— Sim, Bwana!

— Não devia beber — insistiu ela. — É exatamente isso o que eu chamo de entregar a luta. O livro diz que lhe fará mal, eu sei que lhe fará mal!

— Nada disso! Sei que me fará bem.

“Tudo está mesmo chegando ao fim”, pensou ele, “e não terei tempo para discutir bobagens como um trago a mais ou a menos. Ponto final!”. Desde que sua

perna direita gangrenara, deixara de sentir dor, e o medo se fora com ela. Tudo o que sentia agora era um cansaço imenso e a raiva de perceber que seu fim estava próximo. Mas não se preocupava em imaginar como seria, exatamente. Durante anos a fio fora obcecado por isso, mas, agora, não significava coisa alguma. Era estranho como o cansaço suplantava tudo.

Percebia, também, que jamais escreveria sobre os temas que deixara para botar em papel quando realmente se sentisse preparado para escrever bem sobre eles. Por outro lado, também não correria mais o risco de algum fracasso eventual. E, quem sabe, talvez não pudesse mesmo fazê-lo, sendo essa a verdadeira razão pela qual os deixara de lado, esperando um momento oportuno que nunca se apresentara. Bem, era tarde demais para descobrir a resposta.

— Eu gostaria que não nos tivéssemos metido nisto — observou a mulher. Estava com o olhar preso nele, e mordida o lábio ao segurar o copo. — Você jamais passaria por isto se tivéssemos ficado em Paris, de que você gostava tanto, como sempre dizia. Poderíamos ter ficado por lá, ou viajado para outro lugar qualquer. Eu o teria acompanhado da mesma maneira, eu teria ido para onde você bem quisesse. Se fosse para caçar, poderíamos ter ido à Hungria, onde tudo seria mais do que confortável.

— Foi tudo por causa do seu maldito dinheiro!

— Não é justo que me acuse por isso — retrucou ela. — Meu dinheiro era também o seu dinheiro. Você sabe que abandonei tudo para acompanhá-lo onde quisesse ir, para fazer o que lhe parecesse melhor. Mas, no duro, bem gostaria que não tivéssemos vindo para cá.

— Você me disse que estava adorando...

— Sim, estava, quando tudo corria bem com você. Mas agora estou odiando! Não sei por que é que teve de acontecer isso com a sua perna. O que fizemos nós para que nos acontecesse esta desgraça!

— O que fizemos de errado foi não desinfetar com iodo o arranhão. Não liguei a mínima para ele, porque minhas feridas jamais infeccionaram. Depois, quando essa porcaria me dominou, errei de novo ao aplicar uma solução, talvez muito fraca,

de ácido fênico ao se acabarem os outros antissépticos. Os vasos capilares ficaram bloqueados e a gangrena começou. Não passou disso, foi ou não foi?

— Não é a isso que me refiro...

— Se você não tivesse dado o fora na sua turma, naquele bando de Old Westbury, Saratoga, Palm Beach, para juntar-se a mim...

— Nem pense nisso! Abandonei-a porque amava você. Não me venha com essa! Amava e continuo amando você. Aliás, acho que sempre amarei. Você não me ama, também?

— Não. Creio que não. Pensando bem, nunca te amei.

— Harry! O que é que está dizendo? Acho que você não está bem da cabeça!

— Não tenho mais cabeça, nem boa, nem má!

— Não beba isso! — pediu ela. — Não beba, querido! Temos que fazer tudo para tirar você deste problema!

— Faça você — retrucou ele. — Já me cansei de tudo!

Com o pensamento distante, viu-se em pé numa estação ferroviária em Karagatch, com a mochila nas costas. A luz que brilhava era o farol da locomotiva do Simplon-Orient varando a escuridão. Ele se aprontava para deixar a Trácia depois de o inimigo bater em retirada. Era esse um dos temas que conservava para escrever mais tarde sobre ele: ao tomar um café matinal, olhara pela janela e vira neve naquelas montanhas da Bulgária; lembrava-se de a secretária da Comissão Nansen de assistência aos desalojados pela guerra perguntar a um velho ali presente se já eram as nevadas iniciais do inverno, e de ele responder que não, que ainda era muito cedo para elas. Lembrava-se, também, de que a secretária se voltara para as outras moças que estavam com ela, traduzindo isso. “Não, ainda não são as nevascas. Estávamos enganadas...” Mas de fato já eram, sim, como se viu quando ela começou a promover a troca de populações desabrigadas e botou aquelas moças para trabalhar. Elas foram andando pela neve, e quase todas morreram naquele inverno.

Foi nevasca, também, o que tombou sobre o Gauertal durante toda a semana natalina daquele ano, daquele ano em que se alojaram na casa do lenhador com a imensa lareira quadrada de porcelana, que ocupava metade do quarto, eles dormindo sobre colchões toscos cheios de folhas secas de bétula, quando surgiu do nada aquele desertor, com os pés sangrando na neve, contando que a polícia estava no encalço

dele, e lhe deram uns tamancos de madeira para que pudesse fugir. Ficaram todos conversando com os guardas até que a nevasca cobrisse suas pegadas.

Em Schrunz, no dia de Natal, a neve estava tão brilhante que até doía nos olhos quando se olhava para fora pelas janelas da Weinstube e se viam as pessoas voltando da igreja para suas casas. Foi quando se puseram em marcha ladeira acima, os esquis pesando nos ombros, pela estrada sulcada pelos trenós e amarelada pela urina dos soldados, que margeava o rio e se dirigia para o bosque de pinheiros, descendo depois a longa rampa da geleira acima de Madlener-haus, com a neve parecendo tão lisa e suave como cobertura de bolo, e tão leve como talco. Ele se lembrava bem do cicio que os esquis faziam ao deslizar velozmente pela encosta, rápidos como um mergulho de pássaro.

Ficaram uma semana ilhados pela nevasca em Madlener-haus, jogando cartas à luz do lampião, as apostas aumentando de valor à medida que Herr Lent ia perdendo rodada após rodada. Acabou perdendo tudo o que tinha, tudo, seu próprio capital, além do que conseguira amealhar na estação turística e com as aulas de esquiagem. Podia vê-lo ainda, com seu nariz comprido, apanhando as cartas e apostando no escuro. Sempre jogavam, nessas ocasiões. Jogavam se a nevada era ligeira, jogavam se ela era pesada. Jogavam tanto, que ele se admirava do tempo enorme que havia perdido nisso.

Mas jamais escrevera uma só linha sobre isso, nem sobre aquele dia de Natal gelado e brilhante, com as montanhas formando um anfiteatro ao fim da planície, quando Barker voara por sobre as linhas inimigas e bombardeara a coluna austríaca que batia em retirada, além de metralhá-la quando oficiais e soldados corriam para todos os lados. Lembrava-se de Barker entrando mais tarde no refeitório, orgulhoso do bom resultado que conseguira. No silêncio que então se fez, uma voz não identificada se ergueu, para exclamar: “Seu carnicheiro filho da puta!”

Pois foi com os mesmos austríacos que eles mataram então que ele mais tarde passou a esquiar. Bem, não exatamente os mesmos. O Hans, com quem ele esquiara o ano todo, tinha lutado nas Kaiser-Jägers e, quando caçavam lebres no pequeno vale que se estendia pouco acima da serraria, contou-lhe que participara dos choques no Pasubio e do ataque a Perticara e Asalone. E ele ainda não escrevera uma palavra sobre esses choques, nem sobre aqueles em Monte Corona, Sette Comuni ou Arsiero.

Quantos invernos passara no Vorarlberg e no Arlberg? Foram quatro, e ele ainda se lembrava do homem que tinha uma raposa para vender quando eles entraram em Bludenz, já não mais para lutar, mas para comprar presentes. Lembrava-se do zunido que os esquis fizeram na neve pulverizada, quando todos deslizaram céleres pelo último estirão, cantando Hai Hô, aqui estou! e rumaram diretamente para a porta da estalagem que ficava além do pontilhão, sobre o riacho, assim que ultrapassaram as três curvas dentro

do pomar; da pressa com que se desvencilharam dos esquis, que apoiaram nas paredes de madeira, da luz que viam através das janelas esfumaçadas, do calor gostoso que sentiram ao entrar, do acordeão que estava sendo tocado e do cheiro de vinho novo que dominava o ambiente.

— Onde é que ficamos em Paris? — perguntou à mulher que agora, na África, estava sentada a seu lado numa cadeira de lona.

— No Crillon, como bem sabe.

— Por que deveria sabê-lo?

— Foi onde sempre ficamos.

— Não, nem sempre.

— Bem, se não era ali, era no Pavillion Henri-Quatre, em Saint-Germain. Você adorava ficar lá.

— Adorar é um modo de dizer. Eu sou como aqueles galos que gostam de cantar sobre uma estrumeira...

— Se você tem mesmo que partir — observou ela —, será necessário destruir tudo o que ficar para trás? Será preciso levar tudo com você? Matar seu cavalo, sua mulher, queimar sela e armadura?

— Sim, pois minha armadura era o seu maldito dinheiro.

— Pare com isso!

— Está bem. Vou parar. Não quero magoá-la.

— Você já passou da conta...

— Ótimo. Então continuarei a atormentá-la, pois isso é mais divertido. A única coisa que sempre gostei de fazer com você, não posso fazer agora.

— Isso não é verdade! Havia muitas coisas que você gostava de fazer, e eu topava tudo o que você quisesse.

— Pelo amor de Deus, deixe de se vangloriar, está bem?

Ele olhou para ela e viu que chorava.

— Escute, você acha que é divertido fazer o que estou fazendo? Nem sei por que o faço. É o mesmo que matar para sobreviver, penso eu. Sentia-me bem quando começamos a conversar, e não queria de modo algum feri-la, mas agora me vejo

como um louco dominado pelo desejo de ser cruel. Não ligue a mínima para o que eu disse, pois você sabe que a amo, que a amo de verdade. Jamais amei alguém como amo você.

Ele se entregava de novo à mentira habitual, que se tornara uma rotina quase diária.

— Quando quer, você pode ser bem carinhoso...

— Sua cadela! Sua cadelinha rica! Parece até poesia, e eu estou cheio de poesia e podridão neste instante. Cheio de poesia podre!

— Cale a boca, Harry! Por que quer agir como um demônio?

— Não gosto de deixar nada atrás de mim. Não gosto de abandonar coisa alguma.

Caíra a noite e ele havia tirado um cochilo. O sol escondera-se atrás das colinas e uma larga sombra cobria toda a extensão da planície. Pequenos animais tinham vindo comer nas proximidades do acampamento: baixavam rápido suas cabeças e abanavam as caudas. Ele podia vê-los agora já bem distantes dos bosques, espalhados por entre as gramíneas. Os abutres não estavam mais sobre o solo, estando todos empoleirados pesadamente nos galhos de uma árvore. Eram agora em número bem maior do que antes. Seu criado pessoal estava sentado ao pé do catre.

— A Memsahib foi caçar — informou o negro. — Bwana quer alguma coisa?

— Nada.

Ela fora caçar alguma carne para o jantar e, sabendo o quanto Harry gostava de ver os animais se aproximando, afastara-se bastante para não perturbar sua observação do pequeno trecho da planície que ele podia abranger deitado em seu catre. Ela sempre fora muito criteriosa, pensou Harry. Vivia ponderando tudo o que sabia, tudo o que lera, tudo o que ouvira.

Não era por sua culpa que ele, ao se aproximar dela, estivesse com a cabeça em outro lugar. Como poderia uma mulher saber que nada do que ele dizia era para valer, que ele só falava por hábito e para se sentir mais à vontade? A partir do

momento em que o que ele dizia deixou de ter significado concreto, suas mentiras passaram a ter mais sucesso junto às mulheres do que a verdade.

Não era tanto pelo elaborado de suas mentiras, mas porque não havia verdades a dizer. Ele vivera sua vida, ela já não o entusiasmava mais, e quis revivê-la com pessoas diferentes e com mais dinheiro, nos melhores lugares conhecidos e em alguns novos também.

Bastava-lhe não pensar em nada para que tudo lhe parecesse excelente. Munira-se de alguns bons conceitos existenciais para não se deixar destruir pela vida que levava, como ocorria com a maioria das pessoas, e assumira a atitude de não ligar mais para o tipo de trabalho que costumava realizar, quando se viu incapaz de realizá-lo. No íntimo, porém, pensava em escrever um dia sobre aquela gente: sobre os muito ricos, sobre aqueles em cujo meio não se integrava, sentindo-se antes um espião, e a quem abandonaria para descrevê-los pelo menos com a autenticidade de quem soubesse bem sobre o que estava escrevendo. Mas esse projeto vinha sendo adiado a cada instante, porque cada dia dedicado ao conforto, sem que se animasse a escrever, entregando-se àquilo que mais desprezava, adormecia sua capacidade e enfraquecia sua disposição, a tal ponto que, de fato, já não fazia coisa alguma. As pessoas com as quais convivia agora lhe pareciam muito mais simpáticas se ele não estivesse trabalhando. Como a África fora o lugar onde se sentira mais feliz nos bons tempos de seu passado, para ela se voltara em busca de um recomeço de vida. Esse safári fora organizado com a dose necessária de conforto: sem grandes desafios, mas também sem qualquer luxo, e ele pensava que isso seria o melhor para colocá-lo de novo em forma. Para eliminar o peso que trazia na alma, assim como fazem os boxeadores que vão treinar nas montanhas para eliminá-lo do corpo.

Ela até que gostara daquilo. Dissera mesmo que estava adorando, pois realmente gostava de tudo que fosse excitante, de tudo que levasse a mudanças de ambiente, a conhecer gente nova, a coisas agradáveis para fazer. De início ele se deixou dominar pela sensação de que seu ânimo de trabalho voltara a plena carga. No entanto, se aquele tivesse mesmo de ser o seu fim — e ele sabia que era —, não deveria agir como uma cobra que se pica a si própria só por estar com a coluna

partida. A mulher não tinha a menor culpa. Se não fosse ela, teria sido outra. Se vivera por uma mentira, deveria tentar morrer por ela. Ouviu um tiro para além da colina.

Atirava muito bem aquela boa putinha rica, aquela gentil curadora e destruidora do seu talento. Besteira! Ele mesmo o destruíra... Por que deveria culpá-la, se ela apenas o sustentara bem? Ele destruíra seu talento ao deixar de utilizá-lo, ao trair a si próprio e a todas as suas crenças, ao beber tanto que embotara sua capacidade de percepção, ao entregar-se à preguiça, à indolência, ao esnobismo, ao orgulho e ao preconceito, a mil e uma coisas por bem e por mal. O que era aquilo, enfim? Um catálogo de livros velhos? O que era o seu talento, afinal de contas? Era talento no duro, mas ele o negociara em vez de usá-lo. Não se tratava do que fizera com ele, mas do que poderia ter feito. E se dispusera a construir sua vida com outras coisas que não uma caneta ou um lápis. Era também estranho, sem dúvida, que, toda vez que se apaixonava por uma nova mulher, ela fosse mais rica do que a anterior. Mas, quando acabou de vez sua capacidade de se apaixonar, quando passou a fingir, como acontecera com essa última, que era a mais rica entre todas, que tinha todo o dinheiro imaginável, que fora casada e tivera filhos, que mantivera incontáveis amantes e depois se chateara com eles, mas realmente o amara como escritor e como homem, como companheiro e como um troféu de que se orgulhava, era extraordinário que, não a amando nem um pouco e mentindo o tempo inteiro, ele lhe pudesse dar mais pelo seu dinheiro do que fazia quando realmente amasse alguém.

Somos todos moldados pelo que fazemos, pensou ele. No entanto, façamos o que fizermos de nossas vidas, só nosso talento pode distingui-las. Ele vendera vitalidade de uma forma ou de outra durante a vida inteira, mas somente quando suas afeições não se viram envolvidas é que ele dera o melhor de si. Descobrira isso agora, mas jamais escreveria sobre tal tema. Não, jamais escreveria, por mais que valesse a pena.

Mas ei-la de volta, avançando pela planície em direção ao acampamento. Vinha de culote fechado até os tornozelos, e trazia seu rifle nas mãos. Logo atrás dela, dois carregadores negros portavam uma gazela abatida. Era ainda uma bela figura,

pensou ele, com aquele corpo firme. Tinha gosto e competência para os jogos de cama. Não era propriamente bonita, mas ele gostava de seu rosto; lia bastante, montava e caçava bem, bebia com grande vigor. Seu marido morrera quando ainda era relativamente jovem e, durante algum tempo, dedicara-se aos dois filhos adolescentes, que já não necessitavam dela e até se constrangiam ao vê-la sempre às voltas com cavalos, livros e bebidas. Ela gostava de ler à noite, antes do jantar, tomando uísque com soda enquanto lia. Quando o serviam, ela já estava razoavelmente bêbada e, com uma garrafa adicional de vinho, passava da embriaguez ao sono.

Era assim antes de ter amantes. Quando passou a tê-los, começou a beber menos, pois já não precisava estar bêbada para dormir. No entanto, os amantes aborreciam-na. Fora casada com um homem que jamais a entediava, ao passo que eles lhe enchiam a paciência.

Depois, um de seus filhos morreu num desastre de avião e ela, a partir daí, abandonou os amantes. Como a bebida não lhe chegava a ser um anestésico, teve que mudar de vida. Sentia-se subitamente dominada pelo grande receio de ficar sozinha e passou a querer alguém a seu lado, alguém que respeitasse.

Tudo começara do modo mais simples. Ela gostava do que ele escrevia e sempre invejara seu estilo de vida. Achava que ele só fazia o que realmente quisesse. A forma pela qual o conquistara e a maneira como finalmente se apaixonara por ele faziam parte de uma progressão regular, em que ela construía uma nova vida para si própria, e ele negociara o que restava de sua vida anterior.

Negociara a troca de segurança, de conforto também, isso era indiscutível. E por outras coisas mais? Não saberia dizê-lo. Ela lhe poderia comprar tudo o que ele quisesse, sem dúvida. Além do mais era muito atraente como mulher, e ele iria tão depressa para a cama com ela como com qualquer outra, mas preferia-a por ser mais rica, mais agradável e participante, e porque nunca fazia cenas. E agora, aquela nova vida que ela construía estava chegando ao fim simplesmente porque ele não desinfetara com iodo, duas semanas antes, o arranhão que um espinho lhe fizera no joelho, quando avançavam para fotografar de perto um rebanho de antílopes que, com as cabeças erguidas, investigavam o horizonte, aspiravam nervosamente o ar e

mantinham as orelhas em pé para captar o mais leve sinal do perigo que os faria disparar em direção à segurança da mata fechada. Foi exatamente o que fizeram, antes que pudessem fotografá-los.

Ei-la de volta ao acampamento. Virou a cabeça sobre o travesseiro para olhá-la de frente.

— Olá! — saudou ele.

— Abati uma gazela Thompson — respondeu-lhe. — Vai dar um excelente guisado, e mandarei fazer um purê para acompanhá-lo. Como é que você está?

— Muito melhor!

— Que bom! Achei que isso ia acontecer quando o vi dormindo tão tranquilamente, ao sair.

— Tirei uma boa soneca! Você foi muito longe em sua caçada?

— Não, só até o outro lado do morro. Abati a gazela com um tiro certo.

— Você atira muito bem...

— Eu adoro tudo isto. Eu adoro a África. Se você estivesse bem, este seria o melhor tempo de minha vida! Tem sido uma maravilha andar caçando com você, nesta região fantástica.

— Eu também adoro.

— Querido, você nem imagina o quanto me agrada vê-lo melhor. Eu estava desesperada com o seu pessimismo. Prometa-me nunca mais vir com aquelas bobagens de ainda há pouco.

— Prometo. Já nem me lembro do que disse.

— Você não tem que me arrasar. Sou apenas uma mulher madura que o ama e que fará tudo o que você quiser. Já fui arrasada duas ou três vezes em outras ocasiões e espero que não me queira destruir agora.

— Eu gosto é de destruí-la na cama, de vez em quando.

— Ah, dessa destruição eu também gosto! É a melhor forma de destruir que conhecemos. O avião chegará aqui amanhã.

— Como é que sabe disso?

— Tenho certeza! Já está na hora de ele chegar. Os rapazes já cortaram a grama e a madeira para as fogueiras de balizamento. Há bastante espaço para a pista de

pouso e as fogueiras marcarão as duas extremidades do campo.

— Sim, mas o que lhe diz que vai ser amanhã?

— Tenho certeza disso! Já está atrasado... Assim que chegarmos à cidade e cuidarem de sua perna, vamos fazer umas destruiçõezinhas para valer! Nada daquele papo idiota como há pouco.

— Que tal tomarmos um trago? O sol já se pôs.

— Você acha que está em condições de beber?

— Vou beber, seja como for...

— Está bem. Vamos beber juntos. Molo: *letti dui uísque-soda* — ordenou ela.

— Acho bom você cobrir as pernas por causa dos mosquitos — recomendou ele.

— Tomarei um bom banho antes.

E beberam enquanto anoitecia, e ainda não estava totalmente escuro quando uma hiena atravessou a planície diante deles, a caminho das colinas.

— Aquela filha da puta passa por ali todas as noites, há duas semanas.

— E passa as noites a uivar. Já nem ligo. Mas é um animal nojento!

Continuaram a beber. Ele não sofria dores agora, a não ser o desconforto de estar deitado sempre na mesma posição. Os rapazes acenderam fogueiras cujas chamas refletiam-se nas tendas, e ele voltou a sentir aquela sensação de aquiescência a uma vida de agradável entrega. Ela era muito boa para ele. Fora cruel e injusto com ela aquela tarde. Uma mulher realmente boa, fora de série, mesmo. Nesse preciso instante, porém, deu-se conta de que caminhava para a morte.

Essa sensação veio-lhe repentinamente, não como uma enxurrada ou uma lufada de vento, mas como algo vindo de um vácuo instantâneo e malcheiroso, que ele associou de pronto com a imagem da hiena cruzando a pequena distância.

— O que é que há, Harry?

— Nada — respondeu ele. — Acho que seria melhor para você se mudasse de lugar, ficando a favor do vento.

— Molo já trocou seu curativo?

— Já. Botou uma compressa de água boricada.

— E como se sente agora?

— Um pouco tonto.

— Vou tomar um banho. Serei rápida e voltarei logo para jantarmos. Depois, mandarei que levem seu catre lá para dentro.

“Foi muito bom pararmos aquele bate-boca”, pensou ele. Nunca discutira muito com essa mulher, ao passo que, com as outras que amara, brigara tanto que as discussões sempre acabaram corroendo aquilo de bom que haviam criado entre si. Amara excessivamente, exigira demais e liquidara com tudo.

Recordou-se do tempo que passou sozinho em Constantinopla, depois de ter brigado em Paris. Caíra na mais completa devassidão durante aquela fase e, então, quando ela terminou e ele se deu conta de que não conseguira acabar com a solidão, mas apenas torná-la pior, escreveu uma carta à sua primeira mulher, aquela que o abandonara, dizendo-lhe que jamais fora capaz de apagá-la da memória... Que pensara tê-la visto um dia perto do Regence e se sentira todo perturbado, como numa vertigem, passando a seguir essa mulher parecida com ela, receoso de verificar que se tratava de uma desconhecida e de perder a sensação que aquilo lhe causara. Que todas as mulheres com quem havia dormido apenas tornaram mais aguda a falta que sentia dela. Que aquilo que ela lhe fizera não tinha importância maior, já que descobrira ser incapaz de curar-se do amor que lhe dedicava. Escrevera essa carta no Clube, estando totalmente sóbrio, e a enviara para Nova York, pedindo-lhe que respondesse por intermédio do escritório em Paris, o que lhe parecia a forma mais segura. Nessa noite, sentindo tanto a sua falta que lhe parecia ter um vazio dentro de si, deu uma chegada até perto do Maxim's local, abordou uma garota e levou-a para jantar. Indo depois a um cabaré e vendo que ela dançava mal, trocou-a por uma vagabunda armênia, uma puta tão assanhada que se esfregava nele e parecia queimar-lhe a barriga. Roubou-a, depois de violento bate-boca com um soldado da artilharia britânica. O jovem artilheiro, enfurecido, desafiara-o a uma briga de rua e lá se foram eles pela escuridão, escorregando nos paralelepípedos. Atingiu-o em cheio duas vezes, bem no lado do maxilar, mas o desgraçado não desabou e ele viu que a parada seria indigesta. O soldado, por sua vez, golpeou-lhe o corpo e atingiu-o também perto dos olhos. Reagiu com a esquerda, socando o adversário, mas este caiu sobre ele, agarrando-o pelo paletó e rasgando uma das mangas. Conseguiu desferir dois socos atrás da orelha e depois acertou-o com uma direita ao afastá-lo de si. Quando o artilheiro desabou, batendo com a cabeça no chão, ele fugiu com a garota assim que ouviu a sirene da Polícia Militar. Tomaram um táxi e seguiram para Rimmily Hissa, ao pé do Bósforo, onde

gozaram o frescor da noite, antes de irem para um quarto de hotel, onde ela se mostrara uma fruta tão madura quanto parecia, embora macia, rosada, suculenta, de barriga lisa e seios fartos, que nem precisava de uma almofada sob os quadris. Deixou-a dormindo tranquilamente, como uma peça de roupa caída sobre a cama, naqueles primeiros clarões do dia, e regressou ao Pera Palace com um olho roxo e o paletó debaixo do braço, já que lhe faltava uma das mangas.

Nessa mesma noite partiu para a Anatólia e sempre se lembraria daquela viagem, atravessando campos plantados de papoula, cultivada para a produção do ópio, e da estranheza que isso lhe causara. As distâncias pareciam imprecisas quanto ao local de onde haviam partido os ataques liderados pelos oficiais recém-chegados que não tinham a mais remota competência, tanto que seus canhões haviam disparado contra os próprios regimentos de infantaria, o que levava um observador militar inglês a chorar como uma criança.

Fora esse o primeiro dia em que vira soldados mortos vestidos com saias de bailarinas e botas recurvadas nos bicos, ornadas de pompons. Os turcos tinham avançado firme e pesadamente, e ele pudera ver que os soldados com saiotas corriam em fuga, com os oficiais de início disparando sobre eles e, depois, fugindo também. Ele e o observador britânico igualmente correram, até que seus pulmões doeram e as bocas ficaram secas, com gosto de pedra. Esconderam-se atrás de umas rochas e viram os turcos avançando sem parar, tão pesadamente quanto antes. Depois, viu coisas que jamais imaginara poder ver, e algumas ainda piores. Quando regressou a Paris, daquela vez, não podia falar sobre isso, nem queria ouvir sua mais leve menção. Lá, no café que então frequentava, um poeta americano com uma pilha de pires à sua frente e uma expressão estúpida naquela cara de batata conversava sobre o dadaísmo com um romeno que dissera chamar-se Tristan Tzara, sempre usava um monóculo e se queixava de enxaqueca. Tendo voltado a viver com sua mulher, a quem de novo amava, estando terminadas todas as pendências entre eles, bem como todas as loucuras, sentindo-se plenamente feliz por estar outra vez em casa, eis que lhe chega às mãos a correspondência remetida ao escritório. E, naquela manhã, lá estava numa bandeja a carta em resposta à que ele escrevera à sua primeira mulher. Sentiu um frio na espinha e tentou escondê-la sob as demais. Mas já era tarde: a mulher viu-a e perguntou: “De quem é essa carta, querido?”, e isso fora o princípio do fim...

Relembrou-se dos bons tempos com todas elas, bem como de todas as brigas. Por que será que elas sempre escolhiam para brigar os momentos em que ele se sentia mais feliz? Jamais escrevera uma só frase a respeito disso, primeiro porque não desejava magoar ninguém e, ainda, porque havia muito sobre o que dizer além disso. Sempre pensara em fazê-lo, porém, e um dia desses ele o faria. Mas havia muitíssimo

sobre o que escrever! Ele acompanhara as mudanças do mundo, não apenas os acontecimentos, mas, embora os tivesse visto de perto e observado os personagens, ele conhecera as alterações mais sutis e podia lembrar-se de como se comportavam as pessoas em situações distintas. Participara de várias delas, examinara-as bem e era seu dever descrevê-las por escrito. Agora, no entanto, constatava que jamais iria fazê-lo.

— Como é que você está? — perguntou ela ao sair da tenda após o banho.

— Tudo bem.

— Quer comer agora? — Ele viu que Molo e um outro criado estavam atrás dela, com a mesa dobrável e os pratos.

— Quero escrever.

— Acho melhor você comer alguma coisa antes, para conservar as forças.

— Morrerei esta noite, e não preciso de forças para coisa alguma...

— Ora, Harry! Não seja melodramático, por favor! — pediu ela.

— Por que você não usa o nariz? Estou apodrecido até a altura da coxa. Por que deveria enganar a mim mesmo e comer para conservar as forças? Molo, traga-me uísque-soda.

— Por favor, coma alguma coisa — insistiu ela suavemente.

— Está bem!

O ensopado estava quente demais. Tinha de mantê-lo no prato até que esfriasse, e pudesse engoli-lo.

— Você é uma boa mulher — reconheceu ele. — Não ligue muito para o que eu disser.

Ela olhou para ele com aquele seu rosto tão conhecido e admirado das páginas de *Spur* e *Town and Country*, só que um pouco marcado pelos excessos de cama e bebida, mas, afinal, a *Town and Country* jamais revelara seus belos seios, suas coxas eficientes e aquelas mãos tão hábeis em deliciosas carícias. Reparando em seu costumeiro sorriso encantador, ele sentiu de novo a proximidade da morte. Dessa vez não era tão premente, sendo antes um sopro, como de vento, desses que fazem oscilar a chama de uma vela e a tornam mais alta.

— Não quero ir lá para dentro esta noite. Prefiro que tragam minha rede de dormir e a prendam em galhos de árvore, acendendo uma fogueira. Não vale a pena mudarem-me daqui. A noite está clara e não irá chover.

“Então é assim que as pessoas morrem? Entre murmúrios que elas próprias mal ouvem? Bem, agora já não haveria mais aquelas discussões ofensivas. Poderia prometer isso... Não iria estragar a única sensação que não conhecera ainda, embora não estivesse tão seguro disso... pois sempre acabava por estragar tudo... Mas, dessa vez, faria a maior força.”

— Você conhece estenografia?

— Não, nunca aprendi — respondeu ela.

— Não faz mal.

Já não havia mesmo tempo, por certo, embora lhe parecesse que ela, se vista por um telescópio, poderia caber inteira num parágrafo.

Era uma casa construída com toras de madeira, calafetadas com argamassa branca, situada numa colina acima do lago. Havia um sino num poste perto da porta, para chamar as pessoas na hora das refeições. Atrás da casa estendiam-se os campos e, ao fundo, os bosques madeireiros. Uma fileira de choupos lombardos vinha desde a casa até o ancoradouro. Outros choupos se erguiam paralelamente a eles. Uma estrada subia a colina beirando o bosque, e ele muitas vezes colhera amoras ao percorrê-la. Tempos depois a casa de madeira pegara fogo, e as espingardas que tantas vezes utilizaram para caçar veados foram queimadas também, seus canos, o chumbo derretido das balas e os fragmentos esturricados das coronhas aparecendo por entre as cinzas, que mais tarde foram usadas como lixívia para fazer sabão naqueles grandes panelões de ferro. Perguntara ao avô se podia brincar com aqueles canos, e ele dissera que não. No fundo, o velho achava que as armas ainda eram dele, tanto que jamais comprou outras, nem voltou a caçar. A casa foi reconstruída no mesmo lugar, só que com tábuas e não toras, sendo toda pintada de branco, e de sua varanda se podiam ver os choupos e o lago além deles. Mas jamais voltara a haver armas na casa. Se antigamente ficavam penduradas ao lado dos troféus de caça, seus canos agora jaziam sobre o monte de cinzas onde ninguém punha a mão.

Na Floresta Negra, depois da guerra, alugaram um riacho para a pesca de trutas, e havia dois caminhos que levavam a ele: um, descendo o vale a partir de Triberg e seguindo pela estrada sombreada que

contornava as colinas, para subir depois por uma estradinha secundária que atravessava as colinas e margeava propriedades com seus casarões típicos da região, até cruzá-lo. Era ali que começava a área reservada de pesca.

O segundo caminho era uma subida íngreme até a beira do bosque, passando depois pelo alto das colinas e através de pinheirais para chegar à ponte que havia em certo ponto da planície. Havia fileiras de bétulas ao longo da corrente, que não era volumosa, mas estreita, clara e rápida, formando pequenas bacias nos locais onde escavara por baixo das raízes das árvores. No hotel, em Triberg, o proprietário lucrara com uma excelente temporada. Ele era muito amável e todos ficamos bons amigos. No ano seguinte, com a inflação violenta que lhe dizimara o lucro e não lhe permitia abastecer o estabelecimento, ele se enforcou.

Ele poderia ditar essas coisas a uma estenógrafa, mas não havia como fazê-lo em relação à Place Contrescarpe, em Paris, onde floristas tingiam suas flores em plena rua e as tintas escorriam pelas calçadas, bem no ponto de ônibus, onde sempre havia grupos de homens e mulheres já idosos, geralmente bêbados de zurrapas ordinárias, bem como crianças com o nariz pingando por causa do frio. Dominando tudo, o cheiro do suor imundo e de miséria, de bebedeiras no Café des Amateurs e das prostitutas do Bal Musette, que moravam nos quartos ao alto dele. Uma zeladora concedia seus favores a um soldado da Guarda Republicana, no cubículo em que morava. Ele colocava sobre uma cadeira o capacete ornado de penacho e crina de cavalo. A locatária do outro lado do corredor era casada com um ciclista, e foi grande o estardalhaço que fez na manhã em que abriu as páginas de L'Auto e leu que ele conquistara o terceiro lugar na primeira corrida importante em que competia, a Paris-Tours. Corou, riu alegremente e depois se foi escada acima, a chorar sobre as páginas amarelas daquele jornal de esportes. O marido da gerente do Bal Musette dirigia um táxi e quando ele, Harry, tinha que partir bem cedo em algum avião, sempre se dispunha a acordá-lo, e ambos tomavam um copo de vinho branco no balcão de zinco do bar, antes de partirem. Harry conhecia todos os vizinhos de seu quartier, pois eram igualmente pobres.

Nas imediações da Place Contrescarpe havia dois tipos de fauna, os bêbados e os sportifs. Os primeiros afogavam no álcool a sua pobreza, os segundos consumiam-na com exercícios incessantes. Uns e outros eram descendentes dos Communards (os insurretos civis parisienses de 1871, cuja efêmera tomada do poder fora tão cruelmente rechaçada pelas forças legalistas), e não lhes era difícil escolher uma posição política. Sabiam muito bem quem havia abatido seus pais, seus parentes, irmãos e amigos quando as tropas vindas de Versailles retomaram da Comuna o controle de Paris e executaram sumariamente todos aqueles que tivessem as mãos calejadas, usassem um barrete ou ostentassem qualquer evidência de serem

trabalhadores. Vivendo nessa pobreza, nesse mesmo bairro, diante da Boucherie Chevaline e de uma cooperativa vinícola, Harry escrevera as primeiras páginas de tudo o que iria botar em papel. Não havia em toda Paris outro lugar de que gostasse tanto quanto daquele, com suas árvores copadas, o velho casario castanho caiado de branco, a longa fila de ônibus verdes no ponto final da praça redonda, as manchas vermelhas de tinta nas calçadas, o acentuado declive da Rue Cardinal Lemoine até a margem do Sena, a estreita e sempre atravancada Rue Mouffetard. Assim como a rua que ia dar no Pantheon e aquela outra em que sempre passava de bicicleta, a única asfaltada no bairro, muito lisa sob os pneus, onde havia aquelas casas estreitas e altas, bem como o hotel modesto em que Paul Verlaine morrera. Havia apenas dois cômodos no apartamento onde ele e sua companheira viviam, mas arranjava outro quarto no último andar daquele hotel, a sessenta francos por mês, onde escrevia, e de onde podia ver os telhados, as chaminés e todas as colinas de Paris.

Do apartamento só se podia ver a loja do carvoeiro. Esse homem também negociava com vinho, vinho vagabundo. A cabeça dourada do cavalo chamava a nossa atenção para a Boucherie Chevaline, de cujos tendais pendiam carcaças vermelho-amareladas, e ficava por perto e a cooperativa vinícola, com sua fachada verde, onde compravam o vinho que era bom e barato. No mais, eram as paredes rebocadas e as janelas da vizinhança, vizinhança que à noite, quando havia algum bêbado resmungando pelas ruas, naquela típica ivresse francesa que a propaganda oficial assegura não existir, escancarava as janelas para vociferar seu protesto: “Onde é que estão os policiais? Quando não se precisa deles, os meganhas vivem pelas esquinas, mas agora devem estar empernados com alguma zeladora por aí. Chamem a polícia!” Mas alguém sempre acabava despejando um balde de água sobre o bêbado, interrompendo seus resmungos. “O que foi que jogaram? Água? Muito bem feito!” As janelas voltaram a ser fechadas, e Marie, sua companheira, começava a protestar contra a jornada de trabalho de oito horas, argumentando que “se um homem trabalha até as seis da tarde, apenas terá tempo de tomar uns tragos antes de voltar para casa, e não gastará muito. Se trabalha até as cinco, embriaga-se todas as noites e o dinheiro voa. A mulher do trabalhador é quem sofre as consequências da redução das horas de trabalho”.

- Você não quer um pouco mais de ensopado? — voltou ela a perguntar.
- Não, muito obrigado. Embora esteja muito bom.
- Mais um pouquinho só...
- Não! Quero um uísque com soda.

— Bem sabe que isso não é bom para você.

— Não. Até faz mal. Cole Porter já escreveu letra e música sobre isso. Mas eu sei que você é louca por mim.

— De um modo geral, até gosto que você beba...

— Sim, embora ache que me faça mal.

“Quando ela se afastar”, pensou ele, “tomarei tudo o que quiser. Bem, não tudo o que quiser, mas tudo o que houver... Puxa! Como estou cansado, cansado demais! Tentarei dormir um pouco. Continuo à espera da morte, e ela nada de chegar. Deve estar andando por outras paragens, talvez em dupla e em bicicletas, deslizando sem ruído sobre as calçadas...”

Não, jamais escrevera sobre Paris, não sobre a Paris de que gostava. Mas, pensando bem, igualmente não escrevera sobre outras coisas importantes para ele.

Como, por exemplo, o rancho com seus campos cinza-prateados de artemísia, seus transparentes e rápidos canais de irrigação, acentuados pelo verde-escuro das plantações de alfafa. Lembrava-se da trilha que levava ao topo das colinas onde o gado, no verão, se mostrava tão tímido como os gamos selvagens. Do rumor surdo e constante que a grande massa animal, levantando nuvens de poeira, fazia ao ser deslocada no outono para as pastagens abaixo. E, para além das montanhas, do nítido contorno do pico mais elevado sob a luz suave do entardecer, das cavalgadas descendo a trilha sob o luar que clareava todo o vale. Lembrava-se também das ocasiões em que atravessava a floresta em plena escuridão, agarrado à cauda do cavalo, sem nada ver, e das numerosas histórias que projetara escrever.

Recordava-se vivamente do garoto meio debilitado que àquela época ficava tomando conta da fazenda, com ordens expressas de não permitir que roubassem o feno. Recordava-se também daquele filho da puta da fazenda Forks, para quem o garoto havia trabalhado, e que o espancara quando fora empregado dele. Pois esse cara fora até lá apanhar um pouco de forragem. O rapaz recusara-se a atendê-lo, e o velho ameaçara espancá-lo outra vez. Foi quando o garoto pegou o rifle que estava na cozinha e disparou contra ele quando o viu forçando a entrada no celeiro. Quando os outros peões regressaram à fazenda, o velho já estava morto há uma semana, seu cadáver congelado caído lá no curral, tendo-lhe os cachorros comido parte do corpo. O que sobrara fora enrolado num cobertor e colocado num trenó, preso por cordas, ele mesmo ajudando o garoto nessas tarefas. Depois, ambos partiram sobre aqueles esquis para cobrir os

noventa e poucos quilômetros até a cidade, onde o rapaz seria entregue às autoridades, embora não tivesse a mínima ideia de que seria preso. Achava que tinha cumprido seu dever e que, tendo-o por amigo, iria até recompensá-lo. Ajudara de boa vontade a enrolar e transportar o cadáver para que todos soubessem que ele tinha liquidado aquele velho safado quando ele quisera apropriar-se de forragem que não lhe pertencia. Quando o xerife botou-lhe as algemas, o rapaz nem pôde acreditar, e começou a chorar. Pois essa era uma das boas histórias que deixara para escrever mais tarde, entre as vinte ou mais que guardara na cabeça a respeito daquela época de sua vida. Acabara não escrevendo uma só delas. Por quê?

— Você lhes dirá por quê — exclamou ele.

— Por que, o quê, meu bem?

— Por que, nada.

Ela já não bebia tanto, desde que passara a viver com ele. Mas, se sobrevivesse, Harry já sabia a essa altura que jamais iria escrever sobre ela. Nem sobre qualquer dos outros. Os ricos eram chatos, bebiam muito e passavam o tempo todo jogando gamão. Eram chatos, e contavam sempre as mesmas histórias. Lembrou-se do pobre Julian e do aborrecimento que os ricos lhe causavam. Certa vez, ele iniciara um conto que começava assim: “Os ricos são muito diferentes de você e de mim” e alguém comentara brincando: “Sim, eles têm mais dinheiro do que nós.” Julian não achara graça. Julgava que os ricos fossem uma raça à parte, cheia de encantos, e a descoberta de que não eram nada disso arrasava com ele.

Harry sempre desprezara os que se deixavam arrasar. Não era necessário gostar de alguma coisa para compreendê-la. Ele se julgava capaz de superar qualquer dificuldade se não lhe desse muita importância.

Pois bem! Não daria importância à morte naquela situação em que se encontrava. Uma coisa que sempre temera era a dor física. Claro que poderia suportá-la, como qualquer outro ser humano, desde que ela não se tornasse muito prolongada e acabasse com ele. Mas, agora, quando já sofrera bastante e sentira que ela o liquidaria, a dor subitamente parara.

Veio-lhe à lembrança a figura de Williamson, o oficial de artilharia que fora atingido por uma granada arremessada por patrulha alemã quando ele procurava romper a barreira de arame farpado e, aos berros, pedia que qualquer um dos seus companheiros o matasse. Era um homem corpulento, muito corajoso e bom oficial, embora dado a certo exibicionismo de audácia. Naquela noite, enganchado na cerca de arame, iluminado de quando em quando pelos foguetes coloridos, e tendo as vísceras estendidas sobre ela, só o puderam resgatar cortando-lhe pedaços do corpo. “Mate-me, Harry! Pelo amor de Deus, acabe comigo!” Eles haviam discutido dias antes sobre o princípio de que Deus jamais nos submeteria a algo que não pudéssemos suportar, e alguém comentara que, depois de um certo ponto, dor e sofrimento cessariam automaticamente. Mas Harry jamais se esquecera daquela noite: as dores atrozes que Williamson sentira somente diminuíram quando ele lhe deu todas as cápsulas de morfina que sempre guardara para si próprio, sem que isso acontecesse de pronto.

O que se passava com ele, agora, não era tão importante. Se continuasse assim, não deveria preocupar-se, a não ser pela falta de companhia mais adequada. E começou a pensar em qual lhe seria a companhia ideal. “Não”, pensou, “quando alguma coisa se faz dura excessivamente, ou chega tarde demais, não se deve imaginar que as pessoas sejam as mesmas. Elas acabam indo embora, e é como se ficássemos apenas com os donos da casa ao fim de uma festa”.

“Esta espera da morte já me encheu”, pensou ele.

— É uma chatice! — disse em voz alta.

— O que é, querido?

— Tudo aquilo que se faz sem parar...

Olhou para o rosto dela, que tinha a fogueira por trás. Ela estava recostada na cadeira, e as chamas lhe acentuavam as delicadas feições, demonstrando que estava sonolenta. Ouviu a hiena rosnar a distância, afastada do fogo.

— Estive escrevendo um pouco, mas logo me cansei — observou ele.

— Você não acha que está na hora de dormir?

— Acho que sim. Por que você não se recolhe?

— Gosto de ficar aqui, sentada a seu lado.

— Está sentindo alguma coisa diferente?

— Não, apenas meio grogue de sono...

— Pois eu estou.

Voltara a sentir a proximidade da morte.

— Você bem sabe que a curiosidade é a única coisa que jamais perdi.

— Ora, você jamais perdeu coisa alguma! É o homem mais completo que já conheci em minha vida!

— Meu Deus! Como vocês, mulheres, sabem pouco! Como é que você pode dizer isso? Apenas por intuição?

É que, nesse instante, a morte aproximara-se dele, pousara a cabeça ao pé do catre e ele pudera sentir-lhe o mau hálito.

— Nunca se deixe dominar pela imagem da foice e do crânio — comentou ele. — Na realidade, pode tratar-se de dois policiais em bicicleta, ou de algum pássaro voando... Ou algum animal de focinho tão grande como uma hiena...

A morte estava ainda mais próxima dele, mas já não tinha forma definida. Ocupava espaço, eis tudo.

— Mande-a embora!

Não só não se foi, mas aproximou-se ainda mais.

— Mas que hálito infernal! — exclamou ele. — Desgraçada de uma figa!

Ela chegou ainda mais perto, e ele já não lhe podia dizer coisa alguma, ela cada vez mais próxima. Tentou afastá-la sem emitir qualquer palavra, mas já lhe sentia o peso sobre o peito, sem poder falar nem mexer-se, quando pôde ouvir sua mulher dizer: “O Bwana adormeceu. Levantem o catre com todo cuidado e levem-no lá para dentro.”

Gostaria de pedir-lhe que enxotasse a morte, mas esta se aninhara sobre seu peito de tal modo que ele mal podia respirar. No entanto, assim que os criados ergueram o catre, tudo voltou a ficar bem, seu peito sendo liberado daquele peso.

* * *

Já amanhecera há algum tempo, o dia estava claro quando ouviu o ruído do avião. Pôde vê-lo a distância, um pontinho minúsculo entre as nuvens, começando a fazer um largo círculo. Os criados correram e botaram fogo, com querosene, nos montes de erva seca colocados nos limites da pista, levantando nuvens de fumaça que a brisa matinal logo espalhava. O avião deu duas voltas mais, já bem baixo agora, depois aproximou-se para o pouso, nivelando as asas e tocando suavemente o solo. Viu que o velho Compton se dirigia para onde ele estava, vestindo um short e uma jaqueta xadrez. Na cabeça, o costureiro chapéu de feltro.

— O que há com você, seu bode velho?

— Tenho uma ferida na perna. Você não quer comer alguma coisa?

— Não, obrigado. Tomarei apenas um chá. Como vê, vim no Puss Moth. Não posso levar a *Memsahib*, pois só há espaço para um passageiro. Mas seu caminhão está vindo para cá.

Helen chamou Compton de lado, e passou a falar com ele em voz baixa. Eles voltaram até Harry, com o mesmo ar animado de sempre.

— Vou levá-lo imediatamente, depois volto para apanhá-la, mas teremos de pousar em Arusha para reabastecimento de combustível. Vamos dar o fora já.

— Esqueceu do chá que pediu?

— Deixe isso pra lá. Não me fará falta.

Os criados negros ergueram o catre e levaram-no por entre as tendas na direção da planície, passando pelos montes de ervas secas que ainda ardiam, atiradas pelo vento, até chegarem ao pequeno avião. Foi com dificuldade que o colocaram no assento de couro da cabine, uma das pernas estendida bem ao lado de onde Compton ficaria. Este deu partida ao motor, entrou também na cabine, deu adeus a Helen e aos rapazes quando o ronco do motor se transformou naquele rugido constante e eles começaram a se deslocar pela pista, Compton olhando atentamente para ela a fim de evitar os buracos. Percorrendo a pista demarcada pelas linhas de fogo, decolaram afinal, podendo ver o pessoal lá embaixo dando adeus. O acampamento ficou logo para trás, cedendo lugar à savana onde havia bosques esparsos e mato rasteiro, estando bem-marcadas as trilhas dos animais em direção às lagoas agora secas e, logo em seguida, a um grande lençol de água, que Harry

jamais notara antes. Zebras, com seus traseiros redondos, e gnus, com suas cabeçorras mais elevadas do que seus corpos, espalhavam-se açodadamente pela planície cinza-amarelada que se estendia a perder de vista, quando a sombra do aparelho se aproximou deles, para se transformarem logo depois em pequenos pontos escuros num galope aparentemente imóvel. Diante dele, Harry podia ver a camisa axadrezada e o velho chapéu de feltro de Compton. Voavam agora sobre as primeiras colinas, também marcadas pelas trilhas dos gnus e, em seguida, sobre montanhas mais escarpadas, com tufo verde-escuro de floresta subindo por elas e declives cobertos de bambus, depois mais florestas cerradas, acompanhando altos e baixos, até que vislumbraram novas planícies tórridas, castanho-avermelhadas, que pouco a pouco se elevavam em outras montanhas escuras.

Em lugar de seguirem diretamente para Arusha, Compton inclinou o aparelho para a esquerda tendo decerto verificado que havia gasolina suficiente. Olhando para baixo, viu uma nuvem rosada que se movia bem rente ao solo e se elevava no ar em certos pontos, como se fosse a primeira nevasca do inverno. Compreendeu logo que se tratava de gafanhotos vindo do sul e indo rumo ao leste, ao que lhe pareceu. Foi quando escureceu subitamente e eles se viram engolfados por uma tempestade, a chuva tão espessa que parecia estarem atravessando uma catarata. Superaram-na instantes depois, e Compton voltou-se para ele, com um sorriso nos lábios, apontando à sua frente para algo tão grande como o mundo, imenso, alto, incrivelmente branco e brilhante à forte luz do sol. Era o topo do Kilimanjaro. Compreendeu, então, que era para lá que se dirigiam.

A essa altura a hiena parara de gemer na escuridão e começara a fazer estranhos ruídos, quase humanos, como um choro. A mulher ouviu-a e estremeceu sem desconforto. Não chegou ao ponto de acordar, pois se encontrava sonhando com sua casa em Long Island, na noite que antecederia a debutância social de sua filha, cujo pai também estava presente e fora muito rude com ela. Mas a hiena voltou a manifestar-se, dessa vez tão alto que ela acordou sobressaltada. Por alguns instantes não se deu conta de onde estava e apavorou-se. Apanhou então a lanterna

portátil e apontou-a para o catre ao lado do seu, que tinham colocado na tenda quando Harry adormecera. Viu-lhe a forma do corpo sob o mosquiteiro, mas notou que ele inexplicavelmente tinha estendido a perna para fora do leito, e a mantinha pendida sobre o chão. As ligaduras tinham caído, e ela não pôde aguentar aquela cena.

— Molo! — gritou ela. — Molo! Molo!

Depois chamou:

— Harry! Harry! — Com a voz dominada pelo pânico, insistiu: — Harry! Por favor, Harry!

Não obteve resposta, e notou que ele já não respirava.

Do lado de fora da tenda a hiena voltou a fazer aquele estranho ruído que a acordara, mas ela só pôde ouvir a batida intensa do seu próprio coração.

O VELHO NA PONTE



Um velho usando óculos com aro de metal e roupas imundas de poeira estava sentado à beira da estrada. Um pontão cruzava o rio e por ele passavam carroças, caminhões, homens, mulheres e crianças. As carroças, puxadas por mulas, balançavam um bocado no esforço para subir a íngreme barranca após a travessia, com os soldados ajudando a empurrá-las pelos raios das rodas. À frente, abrindo passagem, iam os caminhões, deixando na rabeira grande massa de camponeses que mal se deslocavam naquela terra fofa que lhes cobria os tornozelos. O velho, no entanto, nem se mexia, continuava sentado ali. Estava cansado demais para prosseguir.

Minhas ordens eram as de cruzar o pontão e examinar as cabeceiras para descobrir até que ponto o inimigo avançava. Tendo-as cumprido, regressava à base, atravessando o rio em sentido contrário. Já não havia tantas carroças, nem tanta gente a pé. Mas o velho continuava ali.

— De onde é que você vem? — perguntei-lhe.

— De San Carlos — respondeu, sorrindo para mim.

Era a sua cidade natal, e ele parecia orgulhar-se de mencioná-la.

— Quem tomava conta dos animais era eu — explicou.

— Ah! — exclamei, sem entender muito bem o que ele queria dizer com aquilo.

— Sim — continuou ele. — Fiquei até o fim tomando conta deles e fui a última pessoa a abandonar a cidade de San Carlos.

Ele não me dava a impressão de ser um pastor, nem um boiadeiro. Examinei melhor sua roupa escura, imunda de poeira, seu rosto também empoeirado e aqueles estranhos óculos com aro de metal, e perguntei-lhe:

— Mas que animais eram?

— Vários animais — respondeu, sacudindo desanimadamente a cabeça. — Tive que abandoná-los...

Olhei então para a ponte improvisada e para aquela região do delta do Ebro, tão parecida com a África, perguntando-me quanto tempo correria até que víssemos o inimigo e mantendo os ouvidos atentos para os primeiros ruídos que pudessem assinalar esse acontecimento frequentemente misterioso a que chamamos contato. O velho, imóvel, continuava ali.

— Mas que tipo de animais eram eles? — insisti.

— Eram só três — explicou —, duas cabras e um gato. Isso sem falar em quatro casais de pombos.

— E você teve que abandoná-los?

— Sim, por causa da artilharia. O capitão me mandou sair dali, por causa da artilharia.

— Você não tem família? — perguntei-lhe sem tirar os olhos da cabeceira do pontão, onde algumas poucas carroças se apressavam em descer a ribanceira.

— Não — disse-me ele. — Somente esses animais de que lhe falei. Com o gato, naturalmente, tudo correrá bem. Um gato sempre cuida bem de si próprio, mas nem sei o que acontecerá com os outros.

— E quais são as suas ideias políticas?

— Não tenho ideia política de nenhum tipo — respondeu-me. — Sou um velho de 76 anos, percorri doze quilômetros até aqui e acho que não tenho forças para prosseguir.

— Este não é um bom lugar para ficar parado — falei-lhe eu. — Se se esforçar um pouco mais, é quase certo que arranjará condução no lugar onde a estrada se vira para Tortosa.

— Vou descansar um pouco mais, depois irei. Para onde é que esses caminhões estão indo?

— Para Barcelona — informei-lhe.

— Não conheço ninguém que more para esses lados, mas lhe agradeço muito pela informação. Muito obrigado, mesmo!

Olhou para mim com uma expressão vazia, desanimada, e depois, como alguém que deseja compartilhar suas preocupações, repetiu-me:

— Com o gato tudo correrá bem, estou seguro. Nem preciso inquietar-me com ele. Mas o que dizer dos outros? O senhor tem alguma ideia do que poderá ocorrer com eles?

— Acho que acabarão encontrando uma boa saída qualquer.

— Acha mesmo?

— Por que não? — respondi-lhe, continuando a olhar para a cabeceira do pontão, onde já não havia tráfego algum.

— Mas o que poderão fazer se houver fogo da artilharia, pois a mim mesmo obrigaram a dar o fora dali?

— Você deixou o pombal com as portas abertas?

— Deixei.

— Então, não há perigo. Eles voarão para longe.

— Sim, os pombos se salvarão... Mas e os outros? Nem quero pensar nisso!

— Bem, parece que você já descansou o suficiente e é melhor se pôr a caminho. Levante-se e comece a andar.

— Obrigado — agradeceu ele.

Levantou-se, balançou como um pêndulo e caiu para trás, sentando-se de novo na poeira.

— Eu cuidava dos animais — lamuriou-se.

Não se dirigia a mim, especificamente, e repetiu:

— Eu só tomava conta dos animais...

Não havia coisa alguma que eu pudesse fazer por ele àquela altura. Estávamos no Domingo de Páscoa e os fascistas avançavam na direção do Ebro. O dia estava de um cinza sombrio, com nuvens baixas no céu. Por isso mesmo não apareciam os

aviões do inimigo. Essa circunstância e o fato de os gatos serem capazes de cuidar de si mesmos eram tudo o que aquele velhinho poderia considerar boa sorte.

A VOLTA DO SOLDADO



Krebs saiu de um colégio metodista de Kansas para a guerra. Tem uma fotografia em que ele aparece entre seus colegas de turma, todos exatamente da mesma idade e usando o mesmo estilo de colarinho. Ele se alistou nos Fuzileiros em 1917 e só voltou aos Estados Unidos quando a segunda divisão voltou do Reno em 1919.

Tem uma fotografia tirada no Reno em que ele aparece com duas alemãs e mais um cabo. Krebs e o cabo parecem grandes demais dentro dos uniformes. As moças alemãs não são bonitas. O Reno não aparece na foto.

Quando Krebs voltou para a sua cidade natal em Oklahoma, as recepções a heróis tinham acabado. Ele voltava muito tarde. Os homens da cidade que tinham sido convocados foram recebidos condignamente quando regressaram. Houve muito histerismo. Agora as emoções tinham se acalmado. Parecia que as pessoas estavam achando ridícula a volta tão retardada de Krebs, anos depois do fim da guerra.

A princípio Krebs, que tinha estado em Belleau Wood, Soissons, Champagne, St. Mihiel e Argonne, não queria falar da guerra. Depois sentiu necessidade de falar, mas ninguém queria ouvir. A cidade dele tinha ouvido muitas histórias de atrocidades e já se sentia enjoada. Krebs percebeu que para ser ouvido precisava mentir; e depois de fazer isso duas vezes ele também passou a reagir contra a guerra e a vontade de falar nela. As mentiras que contou criaram nele uma aversão por tudo o que havia passado na guerra. Todos os momentos que lhe tinham dado calma

e lucidez quando pensava neles; os momentos já distantes no passado quando soubera tomar a atitude certa, a única que um homem podia tomar com facilidade e com naturalidade, rejeitando qualquer outra — tinham agora perdido todo encanto, significado e importância.

As mentiras que contou não eram mentiras importantes, consistiam em atribuir a si mesmo feitos que outros tinham presenciado, praticado ou ouvido, e em apresentar como fatos certos incidentes apócrifos conhecidos de todo soldado. E as mentiras inventadas por ele não causavam sensação no salão de bilhar. Seus conhecidos, que tinham ouvido relatos pormenorizados de mulheres alemãs acorrentadas a metralhadoras na floresta de Argonne e que não podiam compreender, ou estavam proibidos de compreender por considerações patrióticas, e qualquer metralhador alemão que não tinha sido acorrentado, não se empolgavam com as histórias de Krebs.

Krebs adquiriu repugnância por sensações resultantes de inverdades ou de exagero, e, quando encontrava casualmente uma pessoa que tinha também sido soldado e conversavam alguns minutos no vestiário de um salão de dança, ele caía na pose fácil do veterano entre outros soldados: dar a entender que tinha sentido muito medo o tempo todo. Com isso perdeu tudo.

Nessa ocasião, final do verão, Krebs dormia até tarde, ia à biblioteca trocar livro, almoçava em casa, lia na varanda da frente até enjoar e ia dar uma volta pela cidade para passar as horas mais quentes do dia no frescor do salão de bilhar. Gostava de jogar bilhar.

À noite estudava clarineta, andava pelas ruas, lia e ia dormir. Ainda era herói para as duas irmãs mais novas. A mãe lhe serviria café na cama se ele quisesse. Frequentemente ela entrava no quarto quando ele ainda estava na cama e lhe pedia para falar da guerra, mas a atenção dela acabava borboleteando. O pai não se comprometia.

Antes de ir para a guerra, Krebs nunca teve licença de dirigir o carro da família. O pai era do ramo imobiliário e queria sempre ter o carro à disposição para levar clientes a alguma propriedade à venda no campo. O carro ficava parado em frente

ao First National Bank, onde o pai tinha escritório no segundo andar. Agora, depois da guerra, o carro ainda era o mesmo.

Nada tinha mudado na cidade; a única mudança era que as menininhas tinham crescido. Mas elas viviam em um mundo tão complicado de alianças já definidas e de pequenos desentendimentos que Krebs não sentia disposição nem coragem para entrar nesse mundo. Mas gostava de olhar as moças. Havia tantas criaturinhas bonitas. A maioria usava cabelo cortado curto. Quando ele foi para a guerra, só meninas muito pequenas usavam esse corte, ou então moças avançadas. Todas usavam suéter e blusas justas de colarinho largo e pontudo. Era obrigatório. Krebs gostava de olhá-las da varanda da frente quando passavam na rua. Gostava de olhá-las caminhando à sombra das árvores. Gostava dos colarinhos largos e pontudos por cima do suéter. Gostava das meias de seda e dos sapatos de salto baixo. Gostava dos cabelos amarrados atrás e da maneira de andar delas.

Quando ele saía de casa, não se sentia muito atraído pelas moças. Não gostava delas quando as via na sorveteria. Não queria mesmo nenhuma delas. Eram muito complicadas. E tinha mais. Ele queria vagamente uma moça, mas não queria se esforçar para conquistá-la. Gostaria de ter namorada, mas não queria gastar tempo para consegui-la. Não queria entrar no mundo dos cochichos e dos mexericos. Não queria cortejar. Não queria contar mais mentiras. Não valia a pena.

Não queria consequências, nunca mais. Queria levar a vida sem consequências. Aliás, não queria mesmo namorada. Aprendera isso no exército. Pode-se fazer de conta que se tem namorada. Quase todo mundo faz de conta. Mas não é verdade. Ninguém precisa de namorada. É engraçado. Primeiro o camarada diz com ar altivo que as mulheres nada significam para ele, que nunca pensa nelas, que elas não conseguem pegá-lo. Depois outro camarada diz que não pode viver sem mulheres, que precisa delas o tempo todo, que não pode dormir sem elas.

É tudo mentira. É mentira nos dois sentidos. Quem não precisa de mulheres não pensa nelas. Krebs aprendera isso no exército. Mas um dia se arranja uma. Quando se está amadurecido para mulher, sempre se consegue uma. Não é preciso ficar pensando nela. Mais cedo ou mais tarde ela aparece. Aprendera isso no exército.

Agora ele até que aceitaria uma garota se ela viesse a ele e não quisesse conversar. Mas naquelas circunstâncias era complicado. Sentia que não poderia passar por tudo de novo. Não valia a pena. Aquele assunto das garotas francesas e alemãs. A conversa com elas. Não se podia falar muito, nem era preciso. Era tudo simples, entre amigos. Pensou na França, e logo pensou na Alemanha. Avaliando tudo, achou que tinha gostado mais da Alemanha. Não queria sair da Alemanha. Não queria voltar para os Estados Unidos. Mas voltou. Estava numa cadeira na varanda.

Gostava das garotas que passavam no outro lado da rua. Gostava mais do que gostava de olhar as francesinhas ou as alemãzinhas. Mas o mundo em que elas viviam não era o mundo em que ele estava agora. Gostaria de estar com uma delas. Mas será que valia a pena? Eram agradáveis à vista. Ele gostava de vê-las. Era animador. Mas conversar com elas... O interesse não chegava a esse ponto. Mas gostava de vê-las, todas. Valeria a pena? Não agora, quando as perspectivas eram boas.

Ele sentado na varanda, lendo um livro sobre a guerra. Livro de história, contando os combates de que ele participara. A melhor leitura que encontrara. Só faltavam mais mapas. Se saíssem mais livros com mapas e boas histórias, ele os compraria para ler. Agora é que ele estava se informando sobre a guerra. Tinha sido bom soldado. Querer mais o quê?

Um dia cedo, cerca de um mês depois de ele ter voltado, a mãe entrou no quarto dele e sentou-se na cama. Alisou o avental.

— Estive conversando com seu pai a noite passada, Harold — falou ela —, e ele não se importa se você sair com o carro à noite.

— É mesmo? — disse Krebs, ainda não de todo acordado. — Sair com o carro?

— É. Seu pai já vinha achando que você devia sair com o carro à noite quando quisesse, mas só falamos no assunto ontem.

— Aposto que a senhora o forçou.

— Não. Foi seu pai quem puxou o assunto.

— Forçado pela senhora. — Krebs sentou-se na cama.

— Vai descer para o café, Harold? — perguntou a mãe.

— Logo que me vestir.

A mãe saiu, e não demorou muito ele ouviu qualquer coisa frigindo na cozinha, enquanto se lavava, se barbeava e se vestia pra descer. Enquanto ele tomava o café, a irmã entrou com a correspondência.

— Olá, Harry! Seu grande dorminhoco. Levantou-se para quê?

Krebs olhou para ela. Gostava dela. Era a melhor irmã que tinha.

— Trouxe o jornal? — perguntou Krebs.

Ela passou-lhe o *Kansas City Star*. Krebs abriu-o na página de esportes. Dobrou-o e o apoiou no jarro de água, calçando-o com a tigela de mingau, para ler enquanto comia.

— Harold — falou a mãe da porta da cozinha. — Harold, não amarrote o jornal. Seu pai não lê jornal amarrotado.

— Estou ciente — respondeu Krebs.

A irmã sentou-se à mesa e ficou olhando Krebs enquanto ele lia.

— Vamos jogar em quadra coberta no colégio hoje — disse a irmã. — Vou ser lançadora.

— Ótimo. Como está o time?

— Lanço melhor do que a maioria dos rapazes. Passo a eles tudo que você me ensinou. As meninas são fracas.

— É assim?

— Digo a elas que você é o meu galã. Você é o meu galã, não é, Hare?

— Pode jurar.

— Não pode um irmão ser galã da irmã porque são irmãos?

— Eu sei lá?

— Sabe, sim. Você não podia ser o meu galã se eu tivesse a sua idade e você quisesse?

— Claro. Você é minha namorada.

— Sou mesmo? Você me ama?

— Demais.

— Vai me amar sempre?

— Não tenha dúvida.

— Vai lá me ver jogar?

— Capaz.

— Ah, Hare, você não me ama. Se amasse, você ia lá me ver jogar na quadra coberta.

A mãe de Krebs veio da cozinha. Trazia um prato com dois ovos fritos e bacon e outro prato de bolinhos de trigo.

— Se manda, Helen — ordenou a mãe. — Preciso falar com Harold.

Pôs os ovos e o bacon na frente dele e mais uma jarra de melado para os bolinhos de trigo. Sentou-se à mesa na frente de Krebs.

— Por que não larga o jornal por um instante, Harold?

Krebs pegou o jornal e o pôs de lado.

— Já resolveu o que vai fazer, Harold? — indagou a mãe, tirando os óculos.

— Não.

— Não acha que já é tempo? — A mãe não disse isso em tom de censura. Ela estava era preocupada.

— Não pensei ainda — redarguiu Krebs.

— Deus tem uma missão para cada um — disse a mãe. — No Reino d'Ele ninguém fica parado.

— Não estou no Reino d'Ele.

— Todos estamos no Reino d'Ele.

Krebs ficou mais ou menos desarvorado, como sempre.

— Ando muito preocupada com você, Harold. Sei das tentações a que está exposto. Os homens são fracos. Me lembro do que o seu avô, meu pai, nos contou da Guerra Civil, e sempre rezei por você. Rezo por você o dia inteiro, Harold.

Krebs olhou para a gordura do bacon secando no prato.

— Seu pai também está preocupado. Ele acha que você perdeu o interesse, que você não tem um objetivo na vida. Charley Simmons, que é da sua idade, tem um bom emprego e vai casar. Os rapazes todos estão se instalando na vida. Todos querem chegar lá. Rapazes como Charley Simmons estão caminhando para ser alguma coisa na comunidade.

Krebs nada disse.

— Não fique assim, Harold. Você sabe que amamos você e quero lhe dizer para o seu bem qual é a nossa situação. Seu pai não quer interferir na sua liberdade. Ele acha que você pode dirigir o carro. Se quiser sair com essas menininhas bonitinhas, vá em frente. Queremos que você se divirta. Mas algum dia você precisa assentar a cabeça, Harold. Seu pai não quer orientar você em nada. Qualquer trabalho é bom, disse ele. Mas você precisa começar de algum degrau. Ele me pediu para falar com você hoje cedo, para depois você ir vê-lo no escritório.

— É só isso? — indagou Krebs.

— É. Você não ama sua mãe, meu querido?

— Não.

A mãe olhou para ele do outro lado da mesa. Os olhos dela brilhavam. Ela começou a chorar.

— Não amo ninguém — afirmou ele.

Que situação. Ele não podia dizer a ela, ela não ia entender. Não tinha sentido dizer aquilo. Ele a machucara. Krebs levantou-se e pegou um braço dela. Ela chorava com a cabeça entre as mãos.

— Me desculpe — pediu ele. — Eu estava zangado com alguma coisa. Não quis dizer que não amo a senhora.

A mãe continuou chorando. Krebs pôs o braço no ombro dela.

— Não acredita em mim, mãe? — A mãe sacudiu a cabeça. — Mãe, oh, mãe, acredite.

— Acredito — respondeu a mãe soluçando. Ergueu os olhos para ele. — Acredito em você, Harold.

Krebs beijou-a na cabeça. Ela ergueu o rosto para ele.

— Sou sua mãe. Acariciei você quando você era bebê.

Krebs sentiu-se desarvorado.

— Eu sei, mamãe. Vou fazer força para ser um bom filho — disse ele.

— Você se ajoelha e reza comigo, Harold.

Ajoelharam-se ao lado da mesa de jantar e a mãe rezou.

— Agora você reza, Harold — pediu ela.

— Não posso.

— Tente, Harold.

— Não posso.

— Então eu rezo por você?

— É.

A mãe rezou por ele, depois os dois se levantaram e Krebs beijou a mãe e saiu. Ele tinha se esforçado tanto para que a sua vida não fosse complicada. E até então as complicações não o tinham atingido. Sofria pela mãe, e ela o levava a mentir. Agora ele ia para Kansas City arranjar trabalho, e a mãe ficaria feliz. Talvez houvesse um probleminha antes da viagem. Ele não iria ao escritório do pai. Perderia essa vantagem. Queria que a sua vida corresse tranquila. Aliás, como estava correndo. Olhando em volta, tudo estava encerrado. Agora ele ia para o pátio do colégio ver Helen jogar beisebol de salão.

GATO NA CHUVA



Só havia um casal de americanos hospedados no hotel. Não conheciam as pessoas que encontravam nas escadas quando subiam para o quarto ou quando desciam. O quarto deles era no segundo andar, de frente para o mar. Tinha vista também para o jardim público e para o monumento aos mortos da guerra. No jardim público havia altas palmeiras e bancos pintados de verde. Quando fazia bom tempo sempre aparecia um artista com o seu cavalete. Os artistas gostavam do porte das palmeiras e das cores vivas dos hotéis com frente para os jardins e para o mar. De longe vinham italianos ver o monumento aos mortos da guerra. Era de bronze e brilhava na chuva. Chovia. As palmeiras pingavam chuva. Nas trilhas de cascalho a chuva fazia poças. O mar quebrava em comprida linha na praia, escorria de volta para quebrar de novo na chuva. Não havia mais automóveis na praça em frente ao monumento. Do outro lado da praça, na entrada de um café, um garçom olhava a praça deserta.

A americana olhava da janela. Bem embaixo da janela do casal de americanos tinha um gato abrigado sob uma das mesas verdes que pingavam chuva. O gato encolhia-se o máximo para evitar os pingos.

— Vou descer e pegar aquele gatinho — falou ela.

— Deixe que eu vou — disse o marido deitado na cama.

— Não, eu vou. O pobrezinho fazendo tudo para não se molhar debaixo da mesa.

O marido continuou lendo, recostado em dois travesseiros aos pés da cama.

— Não vá se molhar — recomendou ele.

A mulher desceu e o proprietário do hotel levantou-se e fez uma mesura quando ela passou diante do escritório. A mesa do proprietário ficava no fundo do escritório. O homem era velho e muito alto.

— Il piove — disse a mulher. Ela gostava do proprietário.

— Sì, sì, Signora, brutto tempo. Tempo horrível.

O proprietário ficou em pé atrás da mesa no fundo da sala escurecida. A mulher gostava dele. Gostava do ar sério com que ele ouvia queixas. Gostava da dignidade dele. Gostava do empenho dele em servi-la. Gostava de ver o gosto dele de ser administrador de hotel. Gostava do rosto velho e marcante e das mãos grandes.

Gostando dele, ela abriu a porta e olhou para fora. A chuva aumentara. Um homem de capa de borracha atravessava a praça vazia na direção do café. O gato devia estar do lado esquerdo. Talvez pudesse chegar a ele pelo beiral. Quando estava parada ainda na porta, um guarda-chuva abriu atrás dela. Era a camareira do quarto deles.

— A senhora não precisa se molhar — sugeriu ela sorrindo, falando italiano. Devia ter sido mandada pelo proprietário.

Com a camareira segurando o guarda-chuva, ela seguiu pela trilha de cascalho até ficar abaixo da janela do quarto. A mesa estava lá, verde e brilhando na chuva, mas o gato, não. Sentiu-se desapontada. A camareira olhou para ela.

— Ha perduto qualche cosa, Signora?

— Tinha um gato aqui — afirmou a americana.

— Um gato?

— Sì, il gatto.

— Gato? — A moça riu. — Gato na chuva?

— É, debaixo da mesa. — Pausa. — Eu queria tanto esse gatinho.

O rosto da moça ficou sério.

— Venha, Signora — disse ela. — Vamos voltar para dentro. A senhora vai se molhar.

— Tem razão — concordou a americana.

Voltaram pela trilha de cascalho e entraram, mas a moça demorou-se para fechar o guarda-chuva. Quando a americana passou na porta do escritório, o padrone fez uma curvatura lá de sua mesa. A americana sentiu-se pequena por dentro, e sentiu também um aperto. O padrone fê-la sentir-se pequenina e ao mesmo tempo importante. Ela teve uma sensação momentânea de ser pessoa de suprema importância. Subiu a escada. Abriu a porta do quarto. George na cama lendo.

— Pegou o gato? — perguntou ele largando o livro.

— Ele sumiu.

— Para onde teria ido? — indagou ele, descansando os olhos da leitura.

Ela sentou-se na cama.

— Eu queria tanto o gatinho — lamentou-se. — Não sei por que o queria tanto. Não é nada divertido ser um gatinho perdido na chuva.

George voltara à leitura.

Ela foi à penteadeira, sentou-se na frente do espelho e olhou-se no espelho de mão. Olhou-se de perfil, de um lado e do outro. Depois olhou a cabeça atrás e o pescoço.

— O que você acha de eu deixar o cabelo crescer? — perguntou, olhando-se de perfil mais uma vez.

George olhou e viu a nuca dela, o cabelo cortado rente como de menino.

— Gosto dele assim.

— Estou cansada dele. Estou cansada de parecer menino.

George mudou de posição na cama. Não tinha desviado os olhos dela desde que ela começara a falar.

— Você fica linda demais assim — comentou.

Deixou o espelho de mão na penteadeira, foi à janela e olhou para fora. Escurecia.

— Quero poder pentear o cabelo para trás e fazer um coque grande na nuca, coque que eu possa pegar — disse. — Quero um gatinho para sentar no meu colo e ronronar quando eu o acariciar.

— Não diga.

— E quero comer à mesa com meus talheres de prata e com velas. Quero que seja primavera, quero escovar o meu cabelo na frente de um espelho e quero um gatinho. E quero roupas novas.

— Ah, pare com isso e vá ler alguma coisa — motejou George. Ele voltara a ler.

A mulher continuava olhando pela janela. Já estava completamente escuro e ainda chovia nas palmeiras.

— Pois quero um gato — afirmou ela. — Quero um gato. Quero um gato agora. Se não posso ter cabelo comprido nem nenhum divertimento, quero ter um gato.

George não escutava, estava lendo. A mulher olhava pela janela. As luzes da praça estavam acesas.

Alguém bateu à porta.

— *Avanti* — ordenou George. Ergueu os olhos para a porta.

Era a camareira. Trazia enorme gato de tartaruga apertado contra o peito, alcançando até a cintura.

— Com licença — pediu. — O *padrone* mandou isto para a *Signora*.

O MEU VELHO



Pensando bem, estou achando que o meu velho foi talhado para ser um cara gordo, um daqueles caras gordos roliços que a gente vê por aí, mas nunca chegou a isso, a não ser já quase no fim, não por culpa dele, ele ainda montava e podia carregar alguns pesos a mais. Lembro-me dele vestindo uma camisa de borracha por cima de dois agasalhos, e um suéter por cima de tudo, e me levando para correr com ele ao sol quente da tarde. Isso depois de ter experimentado um dos pangarés de Razzo de manhã, logo depois de chegar de Turim às quatro horas e correr para as baías num táxi e depois, com o orvalho cobrindo tudo e o sol mal apontando, eu o ajudava a tirar as botas, ele calçava um par de tênis, vestia todos aqueles suéteres e começávamos.

— Vamos, menino — ordenava ele, fazendo flexões na frente do vestiário dos jóqueis. — Vamos nos mexer.

Íamos correr em volta da quadra uma vez, ele na frente, correndo bem, e depois passava o portão e pegava uma das estradas arborizadas que saem de San Siro. Quando chegávamos à estrada, eu passava à frente, correndo bem; e, quando olhava para trás, ele vinha logo perto de mim; olhava de novo, ele já estava suando. Suando muito mas atrás de mim, com os olhos nas minhas costas. E, quando me pegava olhando para trás, sorria e dizia: “Suando muito?” Quando meu velho sorria, ninguém podia deixar de sorrir também. Continuávamos correndo para as montanhas até que ele gritava: “Ei, Joe!” Eu olhava e o via sentado debaixo de uma

árvore com a toalha que costumava levar amarrada à cintura agora enrolada no pescoço.

Eu voltava e me sentava ao lado dele, ele tirava uma corda do bolso e começava a pular corda no sol suando como um danado no rosto, e pulando corda ali na terra branca, a corda fazendo *plaft plaft plaft* e o sol cada vez mais quente e ele malhando na corda na beira da estrada. Eu gostava de ver o meu velho pulando corda. Ele aumentava ou diminuía a velocidade conforme lhe desse na telha. Vocês deviam ver os italianos nos olharem quando passavam com suas carroças puxadas por boiecos brancos. Eles deviam pensar que o meu velho não era bom da cabeça. Meu velho aumentava a velocidade da corda e eles ficavam boquiabertos olhando; depois davam um grito e uma cutucada com o ferrão nos bois e continuavam caminho.

Quando eu o ficava olhando pular corda no sol quente, ficava gostando mais dele. Ele era engraçado e malhava pra valer, terminando com um salto que sacudia o suor do rosto como água, depois pendurava a corda na árvore e sentava-se junto comigo e se recostava no tronco com a toalha e um suéter enrolados no pescoço.

— Não é brincadeira fazer isso, Joe — dizia. Inclina a cabeça para trás, fechava os olhos e respirava fundo. — Não é como no tempo de criança. — Depois de algum tempo levantava-se e, antes que o sangue esfriasse, voltava correndo para as baías. Assim é que ele fazia para queimar gordura. O assunto o preocupava muito. A maioria dos jóqueis perde peso montando. Um jóquei perde um quilo cada vez que monta, mas o meu velho parece que tinha o corpo seco e não conseguia manter o peso só montando, precisava correr e pular corda.

Me lembro de uma vez em San Siro quando Regoli, um italianinho que corria para Buzoni, saiu do padoque para tomar um refrigerante no bar. Caminhava batendo com o rebenque nas botas depois de ter se pesado. O meu velho tinha também acabado de passar pela pesagem e veio com a sela debaixo do braço, cansado e com o rosto vermelho, ele apertado na roupa de seda; parou e ficou olhando para o jovem Regoli na porta do bar refrescado e com cara de criança. Perguntei ao meu velho por que ele estava olhando o outro; porque talvez Regoli o tivesse atropelado ou prejudicado; depois de olhar bem para Regoli, ele disse: “Ah, pros diabos”, e seguiu para o vestiário.

Talvez fosse melhor se tivéssemos ficado em Milão e corrido em Milão e Turim, que são os melhores prados. “Pianola, Joe”, disse meu velho quando desmontou na baia do vencedor depois de um páreo que os italianos acharam que tinha sido uma bela corrida de obstáculos. Conversando com ele sobre o assunto, ele respondeu: “Essa pista corre sozinha. O perigo dos obstáculos, Joe, é a marcha que se adota. Aqui não se adota marcha nenhuma e os obstáculos não são arriscados. É sempre a marcha, não os saltos, que dá problema.”

San Siro é o melhor Prado que já vi, mas o velho dizia que correr nele era como vida de cachorro. O ir e vir de Mirafiore a San Siro e correr quase todos os dias da semana e viajar de trem uma noite sim e outra não.

Eu era maluco também pelos cavalos. Há qualquer coisa de mágico quando eles saem para tomar seus lugares no posto de partida. Parece que vão dançando imponentes com o jóquei no comando da rédea às vezes afrouxando-a um pouquinho para os cavalos apressarem o passo. Mas, quando chegam, fico inquieto. Principalmente em San Siro com aquela grama verdinha e as montanhas lá longe e o gordo juiz de partida com o seu chicote e os jóqueis os acariciando no pescoço e de repente a barreira se erguendo com um estalo e a sineta tocando e todos disparando embolados e depois começando a se separar. Sabemos como é que um bando de parrelheiros faz a largada. Quem está na arquibancada com um binóculo só vê os cavalos disparando, ouve a sineta e pensa que ela vai ficar tocando por mil anos e logo os cavalos aparecem voando na curva. Nada é mais emocionante para mim.

Mas um dia no vestiário, quando trocava o uniforme de jóquei pela roupa de cidadão, meu velho me disse:

— Não são cavalos, Joe. Em Paris matam essas coisas para tirar o couro e os cascos. — Foi no dia que ele ganhou o Premio Commercio com Lantorna avançando os últimos cem metros como rolha saindo da garrafa.

Logo depois do Premio Commercio deixamos a Itália. O meu velho e Holbrook e um italiano de chapéu de palha que não parava de limpar o rosto com um lenço discutiam numa mesa do Galleria. Falavam em francês e os dois outros queriam qualquer coisa do meu velho. No fim o meu velho calou a boca, mas ficou

lá olhando para Holbrook, que, junto com o outro, insistia com o velho, primeiro um falava depois o outro.

— Joe, vá lá fora e compre um *Sportsman* para mim — pediu o meu velho dando-me dois *soldi* sem tirar os olhos de Holbrook.

Então saí do Galleria, atravessei a rua e comprei um jornal na calçada do Scala; voltei e fiquei um pouco afastado porque não queria perturbar a conversa. O meu velho estava recostado na cadeira olhando a xícara de café e brincando com uma colher; Holbrook e o italianão estavam em pé e o italianão enxugava o rosto e balançava a cabeça. Aproximei-me e o meu velho fez como se os outros dois não estivessem ali e disse:

— Quer um sorvete, Joe?

Holbrook olhou para o meu velho e disse com voz lenta e explicada:

— Seu filho da puta. — E saiu com o gordo por entre as mesas.

O meu velho continuou sentado e deu-me um sorrisinho, mas o rosto estava branco e ele parecia muito aborrecido. Fiquei assustado e me senti mal porque percebia que alguma coisa havia acontecido e não entendia que alguém pudesse chamar o meu velho de filho da puta e ficar por isso. Meu velho abriu o *Sportsman*, olhou os *handicaps* por algum tempo e disse:

— Neste mundo precisamos aguentar muitas coisas, Joe. — Três dias depois deixamos Milão para sempre no trem de Turim para Paris depois de um leilão na frente dos estábulos Turner de tudo o que não pudemos levar num baú e uma mala.

Chegamos a Paris de manhã cedo numa estação comprida e suja que meu velho disse que era a Gare de Lyon. Comparada com Milão, Paris era uma cidade imensa. Em Milão parece que todo mundo está indo para algum lugar, que todos os trens têm destino e não há nenhuma mistura; mas Paris é toda embolada e ninguém faz nada para desembolar. Mas fiquei gostando de Paris, pelo menos de uma parte, e digo uma coisa: tem os melhores hipódromos do mundo. Até parece que isso é a razão de ser da cidade e o que se vê todos os dias são ônibus levando gente para qualquer hipódromo onde tenha corrida. Não fiquei conhecendo Paris bem porque só ia à cidade uma ou duas vezes por semana com o velho, morávamos em Maisons, e ele ficava no Café de la Paix do lado da Ópera com o pessoal de Maisons. Acho que

esse era um dos lugares mais frequentados da cidade. Mas não é estranho que uma cidade grande como Paris não tenha um Galleria?

Fomos morar em Maisons-Lafitte, onde quase todo mundo mora, exceto o pessoal de Chantilly, com uma Mme. Meyers, que tem uma pensão. Maisons é o melhor lugar de viver que conheci em minha vida. A cidade não é essas coisas, mas tem um lago e uma floresta agradável onde íamos; meu velho fez um estilingue para mim; eu e outros meninos derrubamos muitas coisas com ele, mas a melhor foi uma gralha. Dick Atkinson acertou um coelho, pusemos o coelho debaixo de uma árvore e nos sentamos em volta. Dick tinha levado cigarros e de repente o coelho deu um pulo e saiu correndo para o mato; corremos atrás, mas não o achamos. Como nos divertíamos em Maisons! Mme. Meyers me dava almoço de manhã e eu desaparecia o dia inteiro. Depressa aprendi a falar francês. É língua fácil.

Logo que chegamos em Maisons, meu velho escreveu para Milão pedindo que lhe mandassem a licença e ficou muito preocupado esperando. Finalmente chegou. Ele ficava no Café de Paris em Maisons com a turma; tinha um monte de gente que ele conhecera quando corria em Paris antes da guerra e morava em Maisons, e sobrava tempo para ficar em cafés porque o trabalho em hipódromo para os jóqueis acaba às nove da manhã. Levam o primeiro grupo de cavalos para galope às cinco e meia da manhã e o segundo às oito. Isso significa levantar cedíssimo e deitar cedo. Quando um jóquei monta para alguém, ele não pode andar por aí bebendo porque o treinador está sempre de olho nele, e, se ele é jovem ou não, sempre precisa se cuidar. Mas, se um jóquei não está trabalhando, fica no Café de Paris com a turma; ficam lá duas ou três horas com um copo na frente que pode ser vermute e tônica, conversando e contando histórias ou jogando bilhar; é como num clube ou no Galleria de Milão. Só não é bem como no Galleria porque lá tem sempre gente entrando e saindo, e muita gente nas mesas.

Pois bem, meu velho recebeu a licença. Mandaram sem uma palavra e ele correu algumas vezes. Em Amiens e cidades do norte, mas não conseguiu nenhum contrato fixo. Todo mundo gostava dele, e, sempre que eu entrava no Café na parte da manhã, encontrava todo mundo bebendo com ele porque o meu velho não era unha de fome como a maioria dos jóqueis que ganharam o primeiro dólar correndo

na Feira Mundial em St. Louis em dezenove zero quatro. Isso era o que dizia meu velho quando provocava George Burns. Mas parecia que ninguém queria contratar o meu velho para jóquei permanente.

Íamos de carro aonde houvesse corrida, e essas viagens eram muito divertidas. Eu gostava quando os cavalos voltavam de Deauville no verão. Acabavam-se as farras nas matas, porque então tínhamos de ir de carro a Enghien ou Tremblay ou St. Cloud para vê-los do posto dos treinadores e jóqueis. Com essa turma aprendi muito de corrida, e me diverti muito também.

E aquela vez em St. Cloud? Tinha um páreo de duzentos mil francos com sete inscritos e o franco favorito era Kzar. Fui com meu velho ao padoque ver os cavalos, e que cavalos! Esse Kzar era um douradilho enorme que parecia nascido mesmo para correr. Estavam dando uma volta pelo padoque com ele, ele de cabeça baixa. Quando passou por mim me arrepiei com a beleza. Nunca tinha visto coisa tão linda, esbelta, feita para correr. Andava pelo padoque pisando certo, com calma e compenetrado, parece que sabendo o que tinha de fazer, não corcoveava nem se erguia nas pernas, não tinha o olhar selvagem daqueles pangarés dopados que a gente costuma ver. Havia tanta gente, que não pude vê-lo mais, só vi as pernas passando e qualquer coisa amarela, meu velho foi abrindo caminho entre a multidão e eu atrás dele para o vestiário dos jóqueis lá no meio das árvores e uma multidão enorme lá também; o porteiro fez sinal para meu velho e entramos e todo mundo se vestindo, enfiando camisas pela cabeça e calçando botas e aquele cheiro de calor e suor e unguento e a multidão olhando lá de fora.

O velho acabou de entrar e sentou-se ao lado de George Gardner, que estava vestindo a calça, e disse: “Qual é o palpite, George?” Disse com naturalidade, não precisava ficar apalpando porque ou George podia dizer ou não podia.

— Não vai ganhar — afirmou George em voz baixa e se inclinando para abotoar o culote.

— Quem vai? — pergunta o velho chegando-se bem perto para ninguém ouvir.

— Kircubbin. E, se ganhar, guarde dois bilhetes para mim.

Meu velho diz alguma coisa em voz normal a George e George diz:

— Nunca aposte em palpite meu. — Disse como brincando.

Sáímos e, varando a multidão que olhava, fomos para a máquina de apostas de cem francos. Mas eu sabia que havia alguma coisa grande no ar, porque George era o jóquei de Kzar. No caminho o velho pega um dos volantes amarelos de cotações: Kzar só está pagando 5 por 10. Cefisidote vem logo abaixo com 3 por 1 e em quinto lugar está Kircubbin com 8 por 1. Meu velho aposta cinco mil em Kircubbin na cabeça e mil no placê e voltamos passando por trás da tribuna especial para subir a escada e arranjar lugar para ver o páreo.

Ficamos espremidos lá em cima. Um senhor de casaca e cartola cinzenta e um chicote enrolado na mão apareceu, e um após outro os cavalos com os jóqueis montados e um cavaliço segurando a rédea de cada um. O douradilho grandão chamado Kzar ia na frente. A quem o visse a primeira vez, ele não parecia tão grande, mas, quando se via o comprimento das pernas e a constituição e o andar lento atrás do senhor de cartola cinzenta, nossa! Nunca vi cavalo igual. George Gardner o montava, iam devagar atrás do senhor de cartola cinzenta que mais parecia diretor de circo. Atrás de Kzar, pisando macio e brilhando amarelo no sol, ia um bonito zebruno montado por Tommy Archibald; e atrás do zebruno uma fileira de mais cinco cavalos, todos em procissão lenta passando pela tribuna de honra e pelo posto de pesagem. Meu velho disse que o zebruno era Kircubbin. Olhei bem para ele: era um belo cavalo sem dúvida, mas não como Kzar.

Todo mundo aplaudiu Kzar quando ele passou imponente. O desfile continuou fazendo a volta toda, passou diante da pelouse e voltou ao começo da pista. O diretor de circo mandou os cavaliços soltarem todos os cavalos um a um para eles galoparem diante das arquibancadas na volta ao posto e também para que toda a assistência os visse. Mal tinham eles chegado ao posto e já o gongo soava e lá iam eles embolados no gramado como uma coleção de cavaleiros de brinquedo. Eu os olhava com o binóculo, Kzar ia bem atrás e, na frente, um baio. Fizeram a curva e pegaram a reta à nossa frente; quando passaram por nós, Kzar estava ainda mais para trás, e o tal Kircubbin, fagueiro na frente. Dá um nervoso quando eles passam na frente da gente, a gente os vê se distanciando e ficando cada vez menores, depois se embolando nas curvas e pegando a reta, e a gente tem vontade de gritar palavrões

bem alto. Finalmente fizeram a última curva e pegaram a reta de cá com o Kircubbin disparado na frente. Todo mundo ficou com cara de pateta dizendo “Kzar” como autômatos e os cavalos correndo e depois uma coisa saiu do bolo bem dentro do meu binóculo, uma coisa amarela com cabeça de cavalo e todo mundo entrou a gritar “Kzar” como loucos. Kzar correu mais do que tudo o que eu já tinha visto e alcançou Kircubbin, que também não ia devagar, o jóquei chicoteando-o como louco, e os dois ficaram emparelhados por um segundo, mas Kzar corria mais e pôs uma cabeça na frente — mas foi enquanto estiveram emparelhados que cruzaram a linha de chegada e, quando apareceram os números na tabuleta, o primeiro era o 2, que era o número do Kircubbin.

Fiquei tremendo e balançando por dentro e quando vi estávamos espremidos no meio do povo que descia para olhar o quadro onde ia aparecer a informação de quanto Kircubbin pagava. De tanto me concentrar na corrida, eu tinha esquecido quanto o meu velho apostara no Kircubbin. Queria tanto que Kzar ganhasse. Mesmo assim era um consolo saber que tínhamos apostado no vencedor.

— Bela corrida, hein, pai? — comentei.

Ele me olhou de um jeito esquisito com a cartola empurrada para trás.

— George Gardner é um jóquei de mão cheia — afirmou ele. — Só mesmo um grande jóquei poderia impedir Kzar de ganhar.

Claro que eu sabia que havia alguma coisa no ar. Mas ouvir meu velho dizer isso desse jeito tirou-me a graça, graça que não tive de volta nem quando puseram os números no quadro e a sineta tocou avisando que iam fazer o pagamento e ficamos sabendo que Kircubbin pagava 67,50 por 10. Só se ouviam pessoas dizendo “Coitado de Kzar! Coitado de Kzar!”. Naquela hora tive vontade de ser jóquei e ter montado no lugar daquele filho da mãe. Era estranho eu pensar em George Gardner como filho da mãe, porque eu gostava dele e além do mais ele nos indicara o vencedor; mesmo assim ele era mesmo um filho da mãe.

Meu velho ficou cheio de dinheiro depois dessa corrida e passou a ir mais vezes a Paris. Quando tinham corrida em Tremblai, ele pedia que na volta para Maisons o deixassem em Paris. Ia para o Café de la Paix e ficava olhando as pessoas passarem. É bom ficar ali. Gente passando o tempo todo, sujeitos esquisitos

chegando e querendo vender coisas. Eu gostava de ficar ali sentado com o meu velho. Como nos divertíamos! Uns caras vendiam coelhinhos que pulavam quando se apertava um botão. Esses caras vinham à nossa mesa e meu velho brincava com eles. Ele falava francês como falava inglês e esse pessoal todo o conhecia, joguei se conhece de longe e ficávamos sempre na mesma mesa e eles se acostumaram a nos ver nela. Tinha quem vendesse documentos de casamento e havia moças vendendo ovos de borracha que se abriam e soltavam um galo quando a gente os apertava. Tinha um velhinho parecido com minhoca que vendia cartões-postais de Paris e naturalmente ninguém comprava. Então ele voltava e mostrava as costas dos cartões; aí muita gente enfiava a mão no bolso, procurava dinheiro e comprava porque eram cartões obscenos.

Não esqueço as caras estranhas que passavam por ali. Na hora do jantar, moças procurando alguém que as convidasse puxavam conversa com o meu velho; ele dizia alguma brincadeira em francês, elas davam um tapinha na minha cabeça e nos deixavam. Uma vez tinha uma americana com uma filha pequena na mesa perto da nossa, as duas tomando sorvete, e eu ficava olhando para a menina porque era linda. Sorri para ela, ela sorriu para mim, mas ficou nisso, porque eu olhava para ela e a mãe todos os dias e imaginava maneiras de falar com ela. Achava que, se a ficasse conhecendo e se a mãe dela me deixasse levá-la a Auteuil ou Tremblay... mas elas nunca mais apareceram. Também talvez tivesse sido melhor assim, porque, me lembrando delas agora e lembrando do jeito que eu tinha inventado para falar com ela, que era mais ou menos assim: “Com licença, que tal eu lhe dar o nome do ganhador em Enghien hoje?”, ela podia pensar que eu fosse um conversa-fiada e não me dar atenção.

Tínhamos muito prestígio com o garçom no Café de la Paix porque o meu velho bebia uísque que custava cinco francos, o que significava boa gorjeta quando o garçom contava os pires. O meu velho estava bebendo mais do que antes, mas não estava montando no momento e além disso dizia que o uísque ajudava a manter peso. Mas notei que o peso dele aumentava assim mesmo. Ele tinha se afastado da turma antiga de Maisons e parecia estar gostando de ficar no Bulevar comigo. E gastava bom dinheiro todos os dias nas corridas. Depois do último páreo, ele ficava

meio abatido quando perdia; mas era só a gente sentar na nossa mesa e ele tomar o primeiro uísque para ficar alegre de novo.

Às vezes lia o *Paris Sport*, levantava o olhar para mim e dizia: “Cadê a namorada, Joe?” para brincar comigo por causa da menina que estivera com a mãe na mesa ao lado. Eu ficava corado, mas gostava de ouvir o velho falar nela. Era bom ouvir. “Fique de olho aberto, Joe. Ela vai aparecer”, dizia ele.

Fazia perguntas sobre mim e algumas coisas que eu dizia o faziam rir. Depois ele mesmo falava de sua vida, lembrando que tinha montado no Egito ou em St. Moritz quando minha mãe era viva, e do tempo da guerra quando havia corridas regularmente no sul da França sem prêmios em dinheiro nem apostas, nem grande assistência, era só para manter os cavalos em forma. Corridas regulares com os jóqueis forçando os cavalos ao máximo. Puxa, eu podia ouvir o meu velho falar durante horas, principalmente depois que ele tomava alguns drinques. Falava de seu tempo de menino em Kentucky caçando guaxinim e da vida nos Estados Unidos antes da crise. Às vezes ele dizia: “Joe, quando ganharmos uma boa bolada, você volta para os Estados Unidos para estudar.”

— Que adianta eu voltar lá para estudar se tudo lá anda desorganizado? — perguntei.

— É diferente. — Levantou-se, chamou o garçom e pagou a pilha de pires. Pegamos um táxi para a Gare St. Lazare onde tomamos o trem para Maisons.

Um dia em Auteuil, depois de uma corrida de obstáculos para leilão, meu velho comprou o vencedor por trinta mil francos; precisou fazer lances para comprá-lo, mas acabou arrematando, e dentro de uma semana o meu velho já tinha em mãos a licença e as cores. Como me senti orgulhoso quando o meu velho passou a proprietário! Alugou uma baia no estábulo com Charles Drake, suspendeu as idas a Paris e voltou a correr e suar, e nós dois éramos a equipe. O nosso cavalo chamava-se Gilford, era irlandês e muito bom de salto. O meu velho achou que, se ele mesmo o treinasse e o montasse, Gilford seria um bom investimento. Eu não cabia em mim e fiquei achando Gilford tão bom quanto Kzar. Era baio, bom saltador, tinha velocidade no plano quando exigido, e era bonito também.

Como eu gostava dele! A primeira vez que foi montado por meu velho chegou em terceiro numa corrida de 2.500 metros; e, quando o meu velho desmontou molhado de suor e muito feliz, e foi para a pesagem, me senti orgulhoso dele como se fosse a sua primeira corrida com classificação. Quando um cara passa muito tempo sem montar, fica parecendo que ele nunca montou antes. Mas agora era diferente, porque em Milão nem as grandes corridas abalavam meu velho; se ele ganhava, não ficava excitado nem nada e agora eu mal podia dormir na véspera de uma corrida e sabia que o meu velho estava excitadíssimo também, apesar de não mostrar. Montar por conta própria é bem melhor.

A segunda vez que Gilford e meu velho correram foi num domingo chuvoso em Auteuil no Prix du Marat, corrida de obstáculos de 4.500 metros. Logo que meu velho saiu para montar, corri para a arquibancada com o novo binóculo que ele tinha comprado para mim. A partida foi dada numa extremidade da pista e houve algum problema na barreira. Alguma coisa de antolhos fazia grande confusão recuando e empinando, e forçou a barreira uma vez; mas vi o meu velho com a nossa jaqueta preta e uma cruz branca e boné preto montado em Gilford e acariciando-o no pescoço. De repente partiram com um pulo e desapareceram atrás das árvores e o gongo soou e os guichês das apostas se fecharam. Fiquei nervoso, com medo de olhar, mas focalizei o binóculo para o ponto onde eles deviam aparecer depois das árvores e de fato apareceram com a jaqueta preta em terceiro e todos enfrentando os saltos como passarinhos. Sumiram novamente de vista e reapareceram descendo a colina com a maior facilidade e enfrentando a cerca todos juntos e se afastando de nós inteirinhos. Iam tão unidos que se podia andar sobre as costas deles. Agora iam de barriga por cima da grande cerca viva dupla sobre água e alguma coisa caiu. Não pude ver quem era, mas logo o cavalo apareceu com os outros galopando livre, todos já entrando na grande curva à esquerda. Saltaram o obstáculo de pedra e entraram juntos no trecho antes do grande salto sobre água bem na frente das arquibancadas. Aproximavam-se, e gritei para o meu velho quando ele passou liderando por um corpo, firme na sela e leve como um macaquinho, e já se aproximavam do salto sobre água. Voaram sobre a cerca daquele obstáculo todos juntos, houve um choque e dois cavalos saíram de lado e continuaram correndo, e

três ficaram caídos, amontoados. Não vi o meu velho em lugar nenhum. Um cavalo levantou-se e o jóquei que ainda segurava a rédea montou e disparou atrás do placê. Outro cavalo levantou-se e saiu sozinho, sacudindo a cabeça e galopando com a rédea pendente e o jóquei se arrastando de um lado da pista, agarrando-se à cerca. Gilford rolou de lado, levantou-se e saiu correndo com três pernas, um casco da frente pendurado e o meu velho caído na grama de rosto para cima e um lado da cabeça coberto de sangue. Desci a arquibancada correndo, empurrando uma massa de gente e cheguei ao gradil. Um policial me agarrou e dois padioleiros passaram para buscar o meu velho, e do outro lado da pista vi três cavalos saindo das árvores prontos para o salto.

Meu velho chegou morto, e, enquanto um médico escutava o coração dele com um negócio enfiado nas orelhas, ouvi um tiro longe na pista e compreendi que sacrificavam Gilford. Deitei ao lado de meu velho quando levaram a padiola para a enfermaria, agarrei-me na padiola e chorei, chorei. Meu velho estava branco e terrivelmente morto e pensei que se meu velho tinha morrido talvez não precisassem matar Gilford. O casco dele poderia ser recuperado. Não sei. Eu gostava demais do meu velho.

Apareceram dois sujeitos, um deles deu um tapinha nas minhas costas e foi ver o meu velho, depois pegou um lençol e cobriu-o com ele; o outro falava ao telefone em francês pedindo uma ambulância para levar meu velho para Maisons. Eu não podia parar de chorar, chorava e soluçava, e George Gardner chegou e sentou-se a meu lado no chão, pôs um braço no meu ombro e disse:

— Vamos, Joe, bom menino. Vamos lá para fora esperar a ambulância.

Eu e George fomos para o portão, eu fazendo força para não chorar mais e George enxugando o meu rosto com um lenço dele, e nos afastamos um pouco para deixar a multidão passar e dois sujeitos pararam perto de nós e um deles contava um maço de pules de apostas e disse:

— Bom, Butler ganhou o dele.

O outro sujeito disse:

— Não me interessa se ganhou, o maroto. Ele precisava pagar pelo que fez.

— É, acho que precisava — concordou o outro, e rasgou as pules ao meio.

George Gardner olhou para mim para ver se eu tinha ouvido, percebeu que tinha.

— Não dê atenção ao que disseram esses desocupados, Joe. O seu velho era um homem e tanto.

Não sei. Parece que, quando pegam um, não o soltam mais.

OS RENITENTES



Manuel Garcia subiu a escada para o gabinete de Don Miguel Retana. Descansou a mala no chão e bateu na porta. Nada aconteceu. Em pé no corredor, Manuel percebeu que havia alguém na sala. Qualquer coisa na porta lhe dizia.

— Retana — disse, escutando.

Não houve resposta.

Ele está aí, pensou Manuel.

— Retana — repetiu, e esmurrou a porta.

— Quem é? — perguntou alguém lá de dentro.

— Eu. Manolo.

— O que é que você quer?

— Trabalhar — falou Manuel.

Alguma coisa estalou várias vezes na porta, e se abriu. Manuel entrou com a mala.

Um homem baixinho estava sentado à mesa no fundo da sala. Acima da cabeça dele havia uma cabeça de touro empalhada por um taxidermista de Madri. Na parede fotografias emolduradas e cartazes de touradas. O homenzinho ficou olhando para Manuel.

— Pensei que tivessem matado você — comentou.

Manuel bateu na mesa com os nós dos dedos. O homenzinho continuava olhando para ele.

— Quantas corridas você teve este ano? — perguntou.

— Uma.

— Só aquela?

— Só.

— Vi nos jornais — lembrou Retana. Recostou-se na cadeira, sempre olhando para Manuel.

Manuel ergueu os olhos para o touro empalhado. Tinha visto aquela cabeça muitas vezes. Tinha certo interesse de família nela. Aquele touro matou o irmão dele, o mais promissor, uns nove anos antes. Manuel se lembrava do dia. No suporte de carvalho que sustentava a cabeça, tinha uma placa de latão. Manuel não sabia ler, mas achava que a placa era homenagem ao irmão.

A placa dizia: “O touro ‘Mariposa’, do Duque de Veragua, que aceitou 9 varas de 7 caballos e causou a morte de Antonio Garcia, Novillero, 27 de abril de 1909.”

Retana viu Manuel olhando a cabeça empalhada.

— O lote que o Duque me mandou para domingo vai ser um escândalo — disse. — Todos são ruins das pernas. O que é que estão dizendo deles no Café?

— Não sei. Estou chegando agora.

— Estou vendo. Ainda está com a mala. — Recostado na cadeira atrás da grande escrivaninha, olhou para Manuel. — Sente-se. Tire o boné — ordenou.

Manuel sentou-se. Sem o boné, o rosto dele mudou. Estava pálido, e a *coleta*, presa na frente da cabeça e coberta pelo boné, dava-lhe um ar estranho.

— Está doente? — perguntou Retana.

— Acabo de sair do hospital.

— Ouvi dizer que amputaram a sua perna.

— Não. Ficou boa.

Retana inclinou-se para a frente sobre a mesa e empurrou uma caixa de cigarros para Manuel.

— Aceita um cigarro?

— Obrigado. — Manuel acendeu o cigarro e ofereceu o fósforo a Retana.

— Não. Não fumo — respondeu Retana, e ficou olhando o outro fumar. Finalmente perguntou: — Por que não arranja algum trabalho?

— Não quero trabalho. Sou toureiro — disse Manuel.

— Não é mais toureiro — contrapôs Retana

— Eu sou toureiro — insistiu Manuel.

— Só quando está lá.

Manuel riu.

Retana continuava sentado. Calado, olhava para Manuel.

— Ponho você numa noturna, se quiser — sugeriu Retana.

— Quando?

— Amanhã.

— Não quero substituir ninguém — afirmou Manuel. Era assim que eles todos morriam. Foi assim que Salvador morreu. Bateu na mesa com os nós dos dedos.

— É só o que tenho — falou Retana.

— Por que não me escala para a semana que vem?

— Você não atrai. Só querem Litri, Rubito, La Torre. Esses garotos são bons.

— O público vai me ver, sim — enfatizou Manuel, esperançoso.

— Vai, não. Não sabem mais quem é você.

— Ainda tenho muita garra.

— Estou lhe oferecendo uma noturna amanhã — insistiu Retana. — Você trabalha com o jovem Hernandez e mata dois novillos depois dos Charlots.

— Novillos de quem?

— Não sei. Dos que tiver nos currais. Dos que o veterinário não aprovar para a diurna.

— Não gosto de ser substituto.

— Você é quem sabe. — Retana inclinou-se para a frente sobre uns papéis. Não estava mais interessado. O interesse que Manuel despertara nele por um momento, quando ele pensara, no passado, desaparecera. Gostaria que Manuel substituísse Larita porque sairia barato. Poderia escalar outros, também baratos. Mas gostaria de ajudar Manuel. Já lhe dera a oportunidade. Ele que decidisse.

— Quanto vou ganhar? — perguntou Manuel. Ainda jogava com a ideia de recusar. Mas sabia que não podia.

— Duzentas e cinquenta pesetas. — Retana tinha pensado em quinhentas, mas quando abriu a boca disse duzentas e cinquenta.

— Você paga sete mil a Villalta.

— Você não é Villalta.

— Eu sei.

— Ele merece, Manolo.

— Claro. — Manuel levantou-se. — Me dê trezentas, Retana.

— Está bem — concordou Retana. Procurou um papel na gaveta.

— Pode me adiantar cinquenta?

— Claro. — Retana tirou do bolso uma nota de cinquenta pesetas e colocou-a aberta na mesa.

Manuel apanhou-a e enfiou no bolso.

— E a *cuadrilla*? — perguntou.

— Os rapazes que trabalham para mim de noite. São bons.

— E picadores?

— Não são muitos — concordou Retana.

— Preciso de um que seja bom.

— Então arranje um. Procure você mesmo.

— Por minha conta? Não vou pagar nenhuma *cuadrilla* tirando dos meus sessenta duros.

Retana não disse nada. Ficou olhando para Manuel.

— Você sabe que vou precisar de um bom pic — disse Manuel.

Retana calado, olhando distante para Manuel.

— Não é direito — ponderou Manuel.

Retana olhando para ele, estudando-o, lá de sua cadeira distante.

— Tem os pics habituais — justificou afinal.

— Conheço os seus pics habituais.

Retana não sorriu. Manuel entendeu que o assunto estava encerrado.

— Só quero uma oportunidade correta — insistiu Manuel. — Quando eu entrar lá, quero saber que estou garantido. Só preciso de um bom picador.

Falava para uma pessoa que não estava mais ouvindo.

— Se quiser alguma coisa extra — disse Retana —, procure você mesmo. Ofereço-lhe uma *cuadrilla*. Traga quantos *pics* você quiser. A *charlotada* termina às dez e meia.

— Está bem, se é assim que você quer — concordou Manuel.

— É assim — finalizou Retana.

— Então até amanhã à noite.

— Estarei lá — falou Retana.

Manuel pegou a mala e saiu.

— Feche a porta — falou Retana.

Manuel virou-se. Retana estava debruçado na mesa olhando uns papéis. Manuel puxou a porta até o trinco estalar.

Desceu a escada e saiu para a claridade quente da rua. Fazia calor, e o reflexo do sol nas paredes brancas dos prédios doeu-lhe nos olhos. Desceu a rua pelo lado da sombra e tomou o rumo da Puerta del Sol. A sombra era sólida e fresca como água corrente. O calor voltava quando ele atravessava os cruzamentos. Manuel não viu nenhum conhecido entre as pessoas que passavam.

Pouco antes da Puerta del Sol, ele entrou num café.

Havia algumas pessoas em mesas junto à parede. Numa mesa quatro pessoas jogavam baralho. A maioria dos homens estava sentada em mesas laterais fumando, xícaras e copos vazios de licor na frente deles nas mesas. Manuel atravessou a sala comprida e chegou a um reservado pequeno no fundo. Numa mesa de canto um homem dormia sentado. Manuel sentou em outra mesa.

Um garçom apareceu e ficou parado ao lado da mesa de Manuel.

— Viu Zurito? — perguntou Manuel.

— Esteve aqui antes do almoço — respondeu o garçom. — Agora só vai aparecer lá pelas cinco horas.

— Me traz café e leite e uma dose do comum — pediu Manuel.

O garçom voltou trazendo uma bandeja com um copo grande com uma dose de licor dentro. Na mão esquerda uma garrafa de conhaque. Pousou a bandeja na mesa e um menino que o acompanhava com dois bules pequenos serviu café e leite no copo.

Manuel tirou o boné e o garçom viu o rabicho preso na cabeça. Piscou para o menino quando servia o conhaque no copo ao lado do café de Manuel. O menino olhou curioso para o rosto pálido de Manuel.

— Está toureando aqui? — perguntou o garçom arrolhando a garrafa.

— Estou. Amanhã — falou Manuel.

O garçom ficou ali com a garrafa na mão.

— É dos Charlie Chaplins? — perguntou.

O menino olhou para outro lado, encabulado.

— Não. Tourada séria.

— Pensei que era Chaves e Hernandez — disse o garçom.

— Não. Eu e um outro.

— Quem? Chaves ou Hernandez?

— Hernandez, acho.

— O que é que há com Chaves?

— Foi ferido.

— Quem disse isso?

— Retana.

— Ei, Looie — gritou o garçom para a outra sala —, Chaves sofreu uma *cogida*.

Manuel desembrolhou os cubos de açúcar e soltou-os no café. Mexeu e bebeu; caiu doce e quente no estômago vazio. Tomou um gole do conhaque.

— Mais uma dose deste — pediu ao garçom.

O garçom desarrolhou a garrafa e encheu o copo até derramar no pires. Outro garçom apareceu na frente da mesa. O menino do café tinha saído.

— Chaves está muito ferido? — perguntou o segundo garçom a Manuel.

— Não sei. Retana não disse.

— E ele está lá ligando — observou o segundo garçom. Manuel não o tinha visto antes. Devia ter acabado de entrar.

— Se você se juntar com Retana nesta cidade, estará feito — reconheceu o primeiro garçom. — Se não se juntar a ele, será melhor procurar um canto e dar um tiro na cabeça.

— Você já disse isso uma vez, e acertou — falou o garçom que tinha acabado de chegar.

— Você está lembrado, não está? — indagou o primeiro garçom. — Sei o que digo quando falo daquela peça.

— Veja o que ele fez com Villalta — aparteou o segundo garçom.

— E não é só — interpôs o primeiro. — Veja o que ele fez com Marcial Lalanda. E o que fez com Nacional.

— Você o disse — concordou o segundo garçom.

Manuel ficou olhando para eles. Tinha tomado o segundo conhaque. Conversavam ali ao lado da sua mesa. Não estavam interessados nele.

— Veja aquele bando de camelos — disse o primeiro garçom. — Já viu esse Nacional II?

— Vi domingo passado — lembrou o primeiro garçom.

— É uma girafa — falou o outro.

— Eu não disse? — repetiu o primeiro garçom. — São gente de Retana.

— Olhe aí, me dê outra dose disto — pediu Manuel, que já tinha despejado no copo e bebido o conhaque que o garçom derramara no pires.

O primeiro garçom encheu o copo mecanicamente, e os dois saíram do reservado conversando. O homem que dormia no canto continuava dormindo, e roncava moderadamente ao ritmo da respiração, a cabeça encostada na parede.

Manuel bebeu a terceira dose de conhaque. Já se sentia sonolento. Fazia muito calor para andar pela cidade. Ademais, não tinha o que fazer. Queria ver Zurito. Dormiria enquanto esperava. Empurrou a mala com o pé para debaixo da mesa. Ou seria melhor deixá-la debaixo da cadeira, encostada na parede? Abaixou-se e empurrou-a um pouco mais. Debruçou-se na mesa e pegou no sono.

Quando acordou, deu com uma pessoa sentada na frente dele. Era um homenzarrão de rosto pardo como de índio. Estava ali havia algum tempo. Mandara o garçom sair e se sentara para ler um jornal. De vez em quando olhava para Manuel, que dormia com a cabeça na mesa. Leu o jornal dificultosamente, formando as palavras com os lábios. Quando se cansou, olhou para Manuel. O

homenzarrão enchia a cadeira, e tinha na cabeça um chapéu Córdoba preto puxado para a frente.

Manuel endireitou-se e olhou-o.

— Olá, Zurito — saudou.

— Olá, menino — respondeu o homenzarrão.

— Caí no sono. — Manuel esfregou a testa com as costas da mão.

— Foi o que pensei.

— Como vão as coisas?

— Bem. E do seu lado?

— Não tão bem.

Ficaram calados. Zurito, o picador, olhou para o rosto branco de Manuel. Manuel olhou as mãos enormes do picador, que dobrava o jornal e o guardava no bolso.

— Preciso de um favor seu, Manos — disse Manuel.

Manosduras era o apelido de Zurito. Toda vez que o ouvia, pensava em suas mãos enormes. Pôs as duas mãos na mesa, meio encabulado.

— Vamos tomar um drinque — propôs.

— Vamos — concordou Manuel.

O garçom entrava, saía, entrava de novo. Da última vez que saiu, virou-se e olhou os dois na mesa.

— Qual é o assunto, Manolo? — indagou Zurito pousando o copo.

— Pode picar dois touros para mim amanhã de noite? — perguntou Manuel, olhando para Zurito.

— Não. Não estou picando.

Manuel baixou os olhos para o copo. Esperava essa resposta; agora ouviu-a. E agora?

— Sinto muito, Manolo, mas não estou picando. — Zurito olhou para as mãos.

— Compreendo — falou Manuel.

— Estou muito velho — justificou-se Zurito.

— Apenas perguntei — disse Manuel.

— É a noturna de amanhã?

— É. Achei que, se tivesse um bom *pic*, me daria bem.

— Quanto vai receber?

— Trezentas pesetas.

— Ganho mais do que isso picando.

— Eu sei — confessou Manuel. — Nem devia ter pedido.

— Por que continua nisso? Por que não corta a sua *coleta*, Manolo?

— Não sei.

— Você tem quase a minha idade — lembrou Zurito.

— Preciso continuar. Até conseguir uma volta em boas condições, é só o que quero — explicou Manuel. — Preciso tentar, Manos.

— Não, não precisa.

— Preciso. Tentei ficar de fora.

— Compreendo. Mas não está certo. Você deve largar, e largar de vez.

— Não posso. E até tenho me saído bem ultimamente.

Zurito encarou-o.

— Você esteve no hospital.

— Mas ia muito bem até ser ferido. — Zurito ficou calado. Despejou no copo o conhaque que estava no pires.

— Os jornais disseram que nunca tinham visto uma *faena* melhor — disse Manuel.

Zurito olhou fixamente para ele.

— Quando eu me aprumar, volto a ser bom — insistiu Manuel.

— Você está velho — tachou o picador.

— Não. Você tem dez anos mais do que eu — respondeu Manuel.

— Comigo é diferente.

— Não sou tão velho assim — retrucou Manuel.

Ficaram calados, Manuel olhando o rosto do picador.

— Eu ia muito bem até ser ferido — insistiu Manuel. — Você devia ter me visto, Manos.

— Não quero ver você — falou Zurito. — Me deixa nervoso.

— Você não me viu ultimamente.

— Vi você demais. — Zurito olhou para Manuel, mas não nos olhos. — Você deve parar, Manolo.

— Não posso. Estou em boa fase, garanto.

Zurito inclinou-se para a frente, as mãos na mesa.

— Está bem. Pico para você; e, se você não brilhar na noturna de amanhã, você para. Combinado?

— Combinado.

Zurito recostou-se, aliviado.

— Você precisa parar — repetiu. — Isso não é brincadeira. Precisa cortar a coleta.

— Não preciso parar — disse Manuel. — Você vai ver. Tenho garra.

Zurito levantou-se, estava cansado de discutir.

— Você precisa parar — repisou. — Eu mesmo vou cortar a sua coleta.

— Não, não vai. Não vou lhe dar motivo — afirmou Manuel.

Zurito chamou o garçom.

— Vamos — ordenou Zurito. — Vamos para minha casa.

Manuel pegou a mala debaixo da mesa. Sentia-se feliz. Sabia que Zurito ia picar para ele. Era o melhor picador do momento. Agora tudo ficava fácil.

— Vamos para a minha casa. Vamos comer — disse Zurito.

Manuel ficou no *patio de caballos* esperando o fim do número dos Charlie Chaplins. Zurito o acompanhava. Estava escuro. O portão alto que levava à arena estava fechado. Ouviram um grito acima deles, depois outro acompanhado de risadas. Depois o silêncio. Manuel gostava do cheiro dos estábulos perto do *patio de caballos*. Cheirava agradável no escuro. Veio outro rugido de gargalhadas da arena seguido de aplausos, aplausos prolongados.

— Já viu esses caras? — perguntou Zurito, enorme ao lado de Manuel no escuro.

— Não — respondeu Manuel.

— São bem engraçados — falou Zurito. Sorriu para ele mesmo no escuro.

O portão alto, duplo, bem-encaixado que levava à arena se abriu. Manuel viu a arena à luz forte das lâmpadas voltaicas, a plaza escura em toda a volta se destacando; em torno da arena corriam dois homens vestidos de mendigos, acompanhados por um terceiro em uniforme de mensageiro de hotel, que ia apanhando chapéus e bengalas atirados na areia e jogando de volta para a escuridão.

A luz elétrica foi acendida no pátio.

— Monto num desses pôneis enquanto você reúne os rapazes — instruiu Zurito.

Atrás deles soaram os guizos das mulas que iam para a arena arrastar os touros mortos.

Os membros da *cuadrilla*, que tinham assistido ao burlesco em pé no espaço entre a *barrera* e os assentos, voltaram e ficaram em grupo conversando sob a luz elétrica do pátio. Um rapaz simpático vestido de amarelo e prata chegou-se a Manuel e sorriu.

— Sou Hernandez — apresentou-se, e estendeu a mão.

Manuel apertou a mão dele.

— Temos verdadeiros elefantes esta noite — informou o rapaz.

— Enormes e chifrudos — acrescentou Manuel.

— Você tirou o lote pior — afirmou o rapaz.

— Não faz mal — aquiesceu Manuel. — Quanto maiores, mais carne para os pobres.

— Onde arranjou este? — perguntou Hernandez sorrindo.

— É dos antigos — disse Manuel. — Você forma a sua *cuadrilla*, para eu ver com que posso contar.

— Você está com uma boa equipe — falou Hernandez. Era um rapaz alegre. Já trabalhara em duas noturnas e começava a ter público em Madri. Estava feliz porque a corrida ia começar em poucos minutos.

— Onde estão os *pics*? — perguntou Manuel.

— Nos currais discutindo sobre quem fica com os cavalos bonitos — respondeu Hernandez sorrindo.

As mulas passaram o portão rapidamente, os chicotes estalando, guizos tinindo e o touro novo escarvando areia.

Entraram em formação para o *paseo* logo que o touro saiu.

Manuel e Hernandez tomaram a frente. Os moços das *cuadrillas* iam atrás, os bonés enrolados debaixo dos braços. Mais atrás, os quatro picadores montados, com as varas de ferrão eretas na semiescuridão do curral.

— Por que será que Retana não nos fornece luz suficiente para vermos os cavalos? — perguntou um picador.

— Ele sabe que ficaremos mais felizes se não virmos bem os cavalos — respondeu outro.

— Esta coisa em que estou montado mal me aguenta — reclamou o primeiro picador.

— Mas são cavalos.

— Claro que são.

Conversavam montados nos cavalos magros no escuro.

Zurito estava calado. Tinha o melhor cavalo da prova. Já o experimentara nos currais, e ele respondera bem às esporas. Tinha tirado a bandagem do olho direito do cavalo e cortado os cordões com que haviam amarrado as orelhas dele na base, para fechá-las. Era um bom cavalo, de pernas fortes. Zurito não precisava de mais. Pretendia montá-lo durante toda a *corrida*. Desde que montara sobre a sela acolchoada e ficara esperando o *paseo*, ele já tinha picado durante toda a *corrida* mentalmente. Os outros picadores continuavam conversando. Zurito nem os ouvia.

Os dois matadores estavam juntos na frente de seus três *peones*, os bonés enrolados sob o braço esquerdo. Manuel pensava nos três rapazes atrás dele. Eram três madrilenhos, como Hernandez, rapazes de seus 19 anos. Um deles, cigano, sério, retraído, rosto moreno, chamara-lhe a atenção. Gostou dele. Virou-se e perguntou:

— Como é o seu nome, menino?

— Fuentes — respondeu o cigano.

— Bom nome — disse Manuel.

O cigano sorriu, mostrando os dentes.

— Você pega o touro e dê-lhe uma corrida pequena quando ele sair — pediu Manuel.

— Certo — respondeu o cigano. Começou a pensar no que devia fazer.

— Aí vem ela — disse Manuel a Hernandez.

— Então vamos.

De cabeça erguida, acompanhando a música, os braços direitos balançando livres, entraram, atravessando a arena sob a luz voltaica, as *cuadrillas*, os picadores atrás montados, atrás deles os serventes da praça e as mulas. A multidão aplaudiu Hernandez quando marchavam pela arena. Arrogantes, imponentes, desfilavam olhando para a frente.

Fizeram a reverência ao presidente e o desfile separou-se em suas partes componentes. Os toureiros foram para a *barrera* e trocaram os mantos pesados pelas capas leves. As mulas saíram. Os picadores deram um galope em volta da arena e dois saíram pelo portão por onde tinham entrado. Os serventes limparam a areia.

Manuel bebeu um copo d'água servido por um dos homens de Retana que atuava como agente e espadeiro de Manuel. Hernandez apareceu depois de conversar com o seu agente.

— Você tem boa mão, menino — falou Manuel.

— Gostam de mim — disse Hernandez.

— Que tal o *paseo*? — perguntou Manuel ao homem de Retana.

— Como um casamento. Uma beleza. Vocês estiveram como Roselito e Belmonte.

Zurito ergueu-se no cavalo e ficou parecendo uma estátua equestre. Virou o cavalo e o colocou de frente para o *toril*, de onde ia sair o touro. Zurito sentiu-se estranho sob a luz voltaica. Tinha picado ao sol da tarde por muito dinheiro. Não gostava nada de luz voltaica. Por que não começavam logo?

Manuel aproximou-se dele.

— Pica ele, Manos — ordenou. — Ponha ele bem pequeno para mim.

— Pode deixar, filho. — Zurito cuspiu na areia. — Vou fazer ele pular fora da arena.

— Encoste-se nele, Manos.

— Vou me encostar nele. Por que está demorando?

— Ele já vem aí — informou Manuel.

Zurito esperou, os pés nos estribos de caixa, as pernas compridas no escudo de couro, as rédeas na mão esquerda, a vara de ferrão na direita, o chapéu de aba larga puxado sobre os olhos para protegê-los da luz, olhando o portão do toril lá longe. As orelhas do cavalo tremiam. Zurito acariciou-o com a mão esquerda.

O portão vermelho do toril abriu-se para trás, e por um momento Zurito olhou a passagem vazia lá adiante. Olhe o touro vindo disparado, patinando nas quatro pernas quando entrou na arena iluminada; depois avançando a galope, um galope ligeiro, silencioso a não ser pelo bufo que soltava pelas largas narinas enquanto avançava, contente pela liberdade depois do confinamento no cercado escuro.

Na primeira fila de cadeiras, um tanto chateado, curvado para escrever apoiado nos joelhos em frente ao muro de cimento, o crítico de touradas substituto de El Heraldo anotou: “Campagnero, Negro, 42, saiu a 150 quilômetros por hora com muito gás...”

Encostado na *barrera*, olhando o touro, Manuel fez sinal com a mão e o cigano correu arrastando a capa. O touro, em pleno galope, girou e investiu contra a capa, a cabeça baixa, o rabo se elevando. O cigano movimentou-se em zigue-zague; ao passar, o touro viu o cigano e abandonou a capa para atacar o homem. O cigano correu e pulou a cerca vermelha da *barrera*, que o touro atingiu com os chifres. Por duas vezes investiu contra a *barrera*, chifrando-a cegamente.

O crítico de El Heraldo acendeu um cigarro, jogou o fósforo no touro e escreveu no bloco: “Grande e de chifres suficientes para satisfazer os pagantes, Campagnero mostra inclinação para invadir o terreno dos toureiros.”

Quando o touro investiu contra a cerca, Manuel saiu para a areia calcada da arena. Pelo canto do olho viu Zurito no cavalo perto da *barrera*, mais ou menos a um quarto da faixa em volta da arena para a esquerda. Manuel susteve a capa perto do corpo, uma dobra em cada mão, e gritou para o touro. O touro virou-se, parece que armou o ataque se apoiando na cerca e investiu desordenadamente; atacou a capa, Manuel torceu o corpo para um lado, virou-se nos calcanhares e sacudiu a capa bem na frente dos chifres. Quando terminou o giro, estava novamente de frente para o

touro, com a capa na mesma posição perto do corpo; girou de novo quando o touro renovou o ataque. A cada vez que ele girava, a multidão gritava.

Quatro vezes girou com o touro, erguendo a capa de maneira a inchá-la de ar, sempre trazendo o touro para nova investida. Ao fim do quinto giro, Manuel puxou a capa para os quadris e girou; a capa volteou como saíote de bailarina e enrolou-se em volta do animal, deixando-o como que enfaixado. O toureiro afastou-se lépido, deixando o touro de frente para Zurito no cavalo branco, plantado firme, o cavalo de cara com o touro, as orelhas espetadas para a frente, os beiços tremendo; e Zurito, com o chapéu sobre os olhos, inclinado para adiante, a vara comprida apontando uma parte para a frente e outra para trás em ângulo agudo debaixo do braço direito, o triângulo de ferro da ponta voltado para o touro.

Chupando o cigarro, com os olhos no touro, o crítico substituto de *El Heraldo* escreveu: “O veterano Manolo descreveu uma série de *verónicas* aceitáveis terminando em um *recorte* muito belmontístico que arrancou aplausos da assistência, e entramos no *tercio* da cavalaria.”

Zurito no cavalo media a distância entre o touro e a ponta do ferrão. Enquanto olhava, o touro se recompôs e investiu, os olhos no peito do cavalo. Quando abaixou a cabeça para atacar, Zurito enfiou o ferrão no murundum acima do cachaço do touro, deitou todo o peso na vara, e com a mão esquerda fez o cavalo empinar, os cascos dianteiros raspando o ar, e virou-o para a direita ao mesmo tempo em que forçava o touro para baixo com o ferrão, e com isso os chifres passaram por baixo da barriga do cavalo sem feri-lo, e o cavalo voltou a pisar o chão com as quatro patas, tremendo, o rabo do touro raspando-o quando investiu para a capa que Hernandez lhe mostrava.

Hernandez saiu de lado, levando o touro com a capa para o outro picador. Paralisou-o com um volteio da capa, deixando-o diante do picador montado, e recuou. Quando viu o cavalo, o touro investiu. O ferrão do picador resvalou pelo lombo do animal; e, quando o avanço da investida fez o cavalo empinar, o picador já estava com meio corpo fora da sela, a perna direita erguida por ter errado a picada, e pendendo o corpo para a esquerda para manter o cavalo entre ele e o touro. Chifrado e erguido, o cavalo caiu; o touro cravou mais os chifres; o picador apoiou a

bota no cavalo e caiu de lado e ficou esperando que o levantassem e o pusessem de pé.

Manuel deixou que o touro enterrasse os chifres no cavalo caído: não tinha pressa, o picador estava a salvo; além do mais, era bom que um picador como aquele se assustasse: da próxima vez ele ficaria mais tempo na sela. Que porcaria de picadores! Olhou para Zurito lá longe, a pequena distância da *barrera*, o cavalo firme, esperando.

Gritou para o touro, “*Tomar!*”, segurando a capa com as duas mãos para que o touro a visse. O touro largou o cavalo e investiu para a capa. Correndo de lado e segurando a capa aberta, Manuel parou, girou nos calcanhares e conduziu o touro para Zurito.

“*Campagnero* aceitou duas *varas* pela morte de um *rosignante*, com Hernandez e Manolo nos *quites*”, escreveu o crítico de *El Herald*o. “Empurrou-se contra o ferro e mostrou que não gosta de cavalos. O veterano Zurito recuperou parte de sua antiga destreza com a *vara*, principalmente a *suerte*...”

“*Olé! Olé!*”, gritou o homem que estava atrás do crítico. O grito perdeu-se no rugido da multidão, e o homem deu um tapa nas costas do crítico, que ergueu os olhos para ver Zurito bem debaixo muito inclinado sobre o cavalo, a vara erguida em ângulo reto embaixo do braço, segurando o pico quase na ponta, pondo nele todo o seu peso, mantendo o touro afastado, o touro se esforçando para alcançar o cavalo; e Zurito em cima dele, sustentando-o, sustentando-o, e girando o cavalo devagar contra a pressão, para afinal se livrar. Zurito percebeu o momento em que o cavalo ficava livre e o touro podia passar; afrouxou a resistência férrea e a ponta triangular do pico raspou pelo cachaço do touro, que ficou livre, já com a capa de Hernandez diante do nariz. O touro investiu cegamente contra a capa, e o rapaz levou-o para o centro da arena.

Zurito acariciou o cavalo e olhou o touro atacando a capa que Hernandez sacudia para ele sob a luz forte, enquanto a multidão gritava.

— Viu esta? — perguntou a Manuel.

— Uma maravilha — respondeu Manuel.

— Peguei-o daquela vez — falou Zurito. — Olhe como ele está.

Ao fim de um passe bem-girado da capa, o touro caiu de joelhos. Levantou-se imediatamente, mas, de onde estavam, Manuel e Zurito viram o brilho do sangue que escorria pelo cachaço preto do touro.

— Peguei ele daquela vez — repetiu Zurito.

— É um bom touro — concordou Manuel.

— Se me derem outra oportunidade, mato ele — afirmou Zurito.

— Vão mudar os terços, aposto — admitiu Manuel.

— Olhe como ele está — observou Zurito.

— Preciso ir lá — disse Manuel, e disparou para o outro lado da arena, onde os monos conduziam um cavalo pela rédea na direção do touro, dando varadas nas pernas do cavalo para que ele se aproximasse do touro, que de cabeça baixa pateava o chão, indeciso sobre se devia investir.

Montado no seu cavalo, Zurito se aproximava da cena, atento a todos os detalhes.

Finalmente o touro investiu, os que levavam o cavalo correram para a barrera, o picador picou muito atrás e o touro mergulhou sob o cavalo, ergueu-o e jogou-o nas costas.

Zurito olhava. Os monos de camisas vermelhas correram para ajudar o picador. Agora a pé, o picador praguejava e sacudia os braços. Manuel e Hernandez esperavam com as capas nas mãos. E o touro, o grande touro preto, com um cavalo nas costas e as rédeas embaraçadas nos chifres. O touro preto com um cavalo nas costas, cambaleando, arqueando o pescoço, sacudindo-o, esforçando-se por se livrar do cavalo, que ia escorregando para a areia. O touro investiu valente contra a capa que Manuel abria para ele.

Manuel percebeu que o touro não tinha mais velocidade. Sangrava muito. Tinha sangue por todo o flanco.

Manuel mostrou-lhe a capa mais uma vez. O touro avançou, olhos abertos, feio, olhando a capa. Manuel deu um passo de lado e ergueu os braços, fechando a capa na frente do touro para a verónica.

Agora Manuel estava de frente para o touro. A cabeça do touro estava um tanto caída. Obra de Zurito.

Manuel sacudiu a capa; aí vem ele; torceu o corpo e girou em outra *verónica*. Está com boa pontaria, pensou Manuel. Já lutou muito, agora observa. Virou caçador. Está de olho em mim. Mas sempre lhe dou a capa.

Sacudiu a capa para o touro; aí vem ele; descaiu de lado. Passou perto desta vez. Não quero chegar perto assim.

A beirada da capa estava molhada de sangue de tanto passar pelas costas do touro.

Muito bem, esta é a última.

Encarando o touro, tendo já se destorcido dele a cada investida, Manuel ofereceu a capa com as duas mãos. O touro olhou para ele. Olhos atentos, chifres para a frente, o touro o observava.

— Vamos! Toro! — ordenou Manuel; e, recuando, lançou a capa para a frente. Aí vem ele. Torceu de lado, a capa resvalou pelas costas do touro; Manuel girou e o touro acompanhou o volteio da capa e acabou sem nada, enganado pelo passe, dominado pela capa. Manuel sacudiu a capa no focinho do touro com uma das mãos para mostrar que o touro estava fixado, e afastou-se.

Não houve aplauso.

Manuel atravessou a arena para a *barrera*, enquanto Zurito saía no cavalo. A trombeta anunciara a mudança do ato para o espetar de *banderillas*, enquanto Manuel trabalhava o touro. Nem tinha percebido o toque. Os monos estendiam lonas sobre os dois cavalos mortos e espalhavam serragem em volta deles.

Manuel foi à *barrera* beber água. O homem de Retana passou-lhe o pesado jarro poroso.

Fuentes, o cigano alto, tinha na mão um par de *banderillas* vermelhas, finas, com pontas de anzol. Olhou para Manuel.

— Vá para lá — mandou Manuel.

O cigano obedeceu. Manuel pousou o jarro e ficou olhando. Enxugou o rosto com o lenço.

O crítico de *El Heraldo* pegou a garrafa de champanhe quente que tinha entre os pés; bebeu um gole e terminou o parágrafo.

“... o idoso Manolo não recebeu aplauso por uma série vulgar de lances com a capa, e entramos no terço das espetadas.”

O touro continuava sozinho no centro da arena, ainda fixado. Fuentes, alto, costas retas, caminhou arrogante para ele, os braços abertos, um espeto vermelho, fino, em cada mão, sustentado pelos dedos, as pontas voltadas para a frente. Fuentes avançava. Atrás dele, de um lado, ia um peão com capa. O touro olhou para ele e não estava mais fixado.

Os olhos dele observavam Fuentes, agora imóvel. Fuentes inclinou-se para trás, chamou o touro. Sacudiu as duas *banderillas* e o reflexo da luz nas pontas de aço feriu os olhos do touro.

O touro ergueu o rabo e investiu.

Partiu reto, os olhos no homem. Fuentes continuava imóvel, inclinado para trás, as *banderillas* apontando para a frente. Quando o touro abaixou a cabeça para chifrar, Fuentes inclinou-se para diante, os braços se juntaram e se ergueram, as duas mãos se encontrando, as *banderillas* descendo como duas linhas vermelhas; inclinando-se para a frente, Fuentes enfiou as duas pontas nas pás do touro, deitando-se entre os chifres e girando sobre os dois espetos verticais, as pernas unidas, o corpo curvando-se para um lado para o touro passar.

— Olé! — gritou a multidão.

O touro chifrava desesperado, saltando como truta, as quatro patas fora do chão. As hastes vermelhas das *banderillas* balançavam com os saltos.

Em pé na *barrera*, Manuel notou que o touro olhava sempre para a direita.

— Diga a ele para fincar as duas seguintes na direita — pediu ao menino que ia correndo com as novas *banderillas* para Fuentes.

Sentiu uma mão pesada no ombro. Era Zurito.

— Que tal, filho? — perguntou Zurito.

Manuel olhava o touro. Zurito debruçou-se na *barrera*, pondo o peso do corpo nos braços. Manuel virou-se para ele.

— Você está indo bem — encorajou Zurito.

Manuel sacudiu a cabeça. Não tinha mais nada para fazer até o terço seguinte. O cigano era bom bandarilheiro. O touro seria passado a Manuel em boa forma no

terço seguinte. Era um bom touro. Tudo tinha sido fácil até agora. O que o preocupava era a parte final com a espada. Aliás, não o preocupava. Nem estava pensando nisso. Mas, em pé ali na *barrera*, sentiu-se apreensivo. Olhava para o touro, planejando a *faena*, o trabalho com o pano preto para reduzir o touro, fazê-lo manejável.

O cigano caminhava novamente para o touro, insultuosamente, saltitando, como dançarino, com as *banderillas* nas mãos. Não mais fixado, o touro o observava como caçador, mas esperando que ele chegasse perto para ter certeza que o chifraria.

Enquanto Fuentes avançava, o touro investiu. Fuentes descreveu correndo um quarto de círculo quando o touro atacou; e, ao passar correndo para trás, parou, virou-se, ergueu-se nos calcanhares, os braços abertos, e fincou as *banderillas* verticalmente no músculo da pá quando o touro passou sem atingi-lo.

A multidão vibrou.

— Esse garoto não vai ficar muito tempo em noturnas — admitiu o homem de Retana a Zurito.

— Ele é bom — concordou Zurito.

— Olhe como ele vai fazer.

Ficaram olhando.

Fuentes em pé com as costas na *barrera*. Atrás dele dois da *cuadrilla*, com as capas prontas para pularem a cerca e distrair o touro.

Com a língua de fora, o bojo crescido, o touro observava o cigano. Achava que ia pegá-lo. Com as costas nas tábuas vermelhas. Bastava uma investida curta. O touro observava o cigano.

O cigano inclinou-se para trás, recuou os braços, as *banderillas* apontadas para o touro. Chamou o touro, bateu um pé no chão. O touro ficou desconfiado. Queria o homem. Não queria mais farpas na pá.

Fuentes aproximou-se um pouco mais do touro. Inclinou o corpo para trás. Alguém na multidão gritou uma advertência.

— Está perto demais — falou Zurito.

— Observe ele — disse o homem de Retana.

Inclinado para trás, incitando o touro com as *banderillas*, Fuentes saltou com os dois pés. Quando saltou, o touro levantou o rabo e investiu. Fuentes caiu sobre as pontas dos pés, os braços esticados, o corpo arqueado para a frente, e fincou as varetas verticalmente ao mesmo tempo em que torcia o corpo para se livrar do chifre direito.

O touro chocou-se com a *barrera* para onde as capas agitadas atraíram-lhe o olhar quando ele perdeu o *banderillero*.

O cigano correu ao longo da *barrera* para chegar a Manuel, sob aplausos da multidão. Tinha o colete rasgado no ponto onde o chifre passara. Considerou o rasgão um troféu, e o mostrou à assistência. Fez a volta da arena. Zurito o viu passar sorrindo, mostrando o colete. Zurito sorriu também.

Algum outro espetava o último par de *banderillas*. Ninguém estava interessado.

O homem de Retana enfiou um bastão dentro do pano vermelho de uma muleta, dobrou-a com o bastão dentro e passou-a a Manuel por cima da *barrera*. Tirou uma espada do estojo de couro e passou-a também a Manuel. Manuel pegou-a pelo punho vermelho e a desembainhou, deixando cair a bainha molenga.

Manuel olhou para Zurito. O homenzarrão viu que Manuel suava.

— Agora você vai lá e o liquida, filho — sugeriu Zurito.

Manuel fez que sim com a cabeça.

— Ele está em boa forma — comentou Zurito.

— Do jeito que você quer — observou o homem de Retana.

Manuel novamente concordou sem falar.

O trombeteiro lá em cima anunciou o ato final. Manuel foi atravessando a arena para o lugar onde devia estar o presidente, nos camarotes escuros.

Na primeira fila de cadeiras, o crítico substituto de *El Herald* tomou um longo gole de champanhe quente. Tinha achado que não valia a pena fazer uma reportagem completa e decidira escrever a matéria na redação. Perder tempo com aquilo? Com uma simples noturna? Se lhe faltasse alguma coisa, tiraria dos matutinos. Tomou mais um gole do champanhe. Tinha encontro no Maxim's à meia-noite. Afinal, quem eram aqueles toureiros? Garotos e pés-rapados. Um bando de pés-rapados. Guardou o bloco no bolso e olhou para Manuel na arena, muito

sozinho, gesticulando com o chapéu na direção de um camarote lá em cima no escuro. O touro parado na arena, olhando para nada.

— Dedico este touro ao senhor, presidente, e ao público de Madri, o mais inteligente e generoso do mundo — saudou Manuel. Era uma fórmula. Ele a disse inteira. Era um pouco comprida para uso noturno.

Fez uma curvatura para o escuro. Endireitou-se. Jogou o chapéu para o ombro e, com a muleta na mão esquerda e a espada na direita, caminhou para o touro.

Manuel caminhava para o touro. O touro olhava para ele, os olhos ágeis. Manuel notou as *banderillas* na pá esquerda e o brilho do sangue tirado pelos picos de Zurito. Notou a posição dos pés do touro. Enquanto avançava, segurando a muleta com a mão esquerda e a espada na direita, reparava os pés do touro. Ele não poderia investir sem antes juntar os pés. Agora, sim, estava na posição correta.

Manuel caminhava para o touro, observando os pés. Estava certo. Podia fazer assim. Precisava fazer o touro baixar a cabeça. Com o touro de cabeça baixa ele poderia ficar entre os chifres e matá-lo. Não pensava na espada, nem em matar o touro. Pensava em uma coisa de cada vez. Mas a sequência o angustiava. Avançando, observando os pés do touro, via sucessivamente os olhos, o focinho úmido e a ampla abertura dos chifres apontados para a frente. O touro tinha círculos claros em volta dos olhos. Olhos que observavam Manuel. O touro achava que podia pegar aquele pequenino de cara branca.

Imóvel agora, e abrindo o pano vermelho da muleta com a espada, a ponta espetada no pano para que a espada, agora na mão esquerda, abrisse a flanela vermelha como a bujarrona de um veleiro, Manuel prestou atenção nas pontas dos chifres. Uma estava lascada em consequência do choque com a *barrera*. A outra era afiada como espinho de ouriço. Quando abria a muleta Manuel notou que a base branca do chifre tinha mancha de sangue. Observou tudo isso sem esquecer os pés do touro. O touro observava Manuel atentamente.

Está na defensiva, pensou Manuel. Está se guardando. Preciso tirá-lo disso e fazê-lo abaixar a cabeça. A cabeça precisa estar abaixada. Zurito abaixou a cabeça dele uma vez, mas ele a ergueu logo. Quando eu o tirar disso ele vai sangrar e cair.

Segurando a muleta, com a espada na mão esquerda abrindo a muleta, Manuel chamou o touro.

O touro olhou para Manuel.

Manuel inclinou-se para trás insultuosamente e sacudiu a flanela aberta.

O touro viu a muleta. Era um retângulo escarlate à luz voltaica. As pernas do touro se retesaram.

Aí vem ele. Zum! Manuel virou-se e ergueu a muleta, que passou por cima dos chifres e roçou o dorso inteiro, da cabeça ao rabo. O touro elevou-se no ar com a investida. Manuel não se mexeu.

O touro voltou à ofensiva. Não tinha mais peso. Manuel notou o sangue fresco luzindo pela pá abaixo e escorrendo pela perna do touro. Tirou a espada da muleta e segurou-a com a mão direita. Com a muleta pendida da mão esquerda, Manuel chamou o touro. As pernas do touro se retesaram, os olhos fixos na muleta. Aí vem ele, pensou Manuel. Vupt!

Manuel girou com a investida, passando a muleta na frente do touro, os pés plantados, a espada seguindo a curva, um ponto brilhante sob a luz.

Quando o *pase natural* terminou, o touro investiu de novo, e Manuel ergueu a muleta para um *pase de pecho*. Plantado firme, avançou por baixo da muleta erguida. Manuel inclinou a cabeça para trás para evitar as varetas das *banderillas*. O corpo quente do touro preto tocou o peito de Manuel ao passar.

Perigosamente perto, pensou Manuel. Debruçado na *barrera*, Zurito falou rapidamente ao cigano, que correu para Manuel com uma capa. Zurito enterrou mais o chapéu na testa e olhou para Manuel na arena.

Manuel estava novamente de frente para o boi, a muleta abaixada para a esquerda. O touro observava a muleta com a cabeça baixa.

— Se fosse Belmonte que fizesse isso, a multidão enlouquecia — comentou o homem de Retana.

Zurito ficou calado, de olhos em Manuel no centro da arena.

— De onde o chefe desenterrou esse cara? — perguntou o homem de Retana.

— Do hospital — informou Zurito.

— É pra lá que ele vai voltar, e depressa — falou o homem de Retana.

Zurito voltou-se para ele.

— Bate na madeira — disse, mostrando a *barrera*.

— Eu estava brincando — justificou o outro.

— Bate na madeira.

O homem de Retana inclinou-se e bateu três vezes na *barrera*.

— Olhe a *faena* — indicou Zurito.

No centro da arena, sob as luzes, Manuel se ajoelhava de frente para o touro; quando ele ergueu a *muleta* com as duas mãos, o touro investiu, o rabo erguido.

Manuel torceu o corpo quando o touro investiu, manejou a *muleta* num semicírculo que pôs o touro de joelhos.

— Peraí, esse cara é um toureiro e tanto — saudou o homem de Retana.

— Não é, não — afirmou Zurito.

Manuel levantou-se e, com a *muleta* na mão esquerda e a espada na direita, agradeceu o aplauso da praça escura.

O touro já tinha se levantado e agora olhava, a cabeça baixa.

Zurito falou a dois outros rapazes da *cuadrilla* e eles correram e tomaram posição atrás de Manuel com suas capas. Eram agora quatro homens atrás de Manuel. Hernandez o acompanhara desde que ele entrara na arena com a *muleta*. Fuentes observava, a capa junto ao corpo, alto, em repouso, acompanhando tudo com olhos sonolentos. Quando os dois capinhas chegaram, Hernandez fez-lhes sinal para que ficassem um de cada lado. Manuel encarava o touro.

Manuel fez sinal para os capinhas recuarem. Recuando cautelosamente, notaram que o rosto de Manuel estava branco e suando.

Então eles não sabiam que deviam ficar recuados? Queriam atrair o olhar do touro com as capas quando ele estava fixado e pronto? Ele já tinha muito com que se preocupar, e agora mais isso.

Com os quatro pés bem plantados, o touro olhava para a *muleta*. Manuel enrolou a *muleta* na mão esquerda. O touro olhando. O touro estava bem plantado. Mantinha a cabeça baixa, mas não muito.

Manuel ergueu a *muleta* para o touro. O touro não se mexeu. Só os olhos acompanhavam.

Virou chumbo, pensou Manuel. Está plantado. Enquadrado. Vai receber.

Pensou em termos de tourada. Às vezes ocorria-lhe um pensamento e a gíria correspondente não lhe vinha à cabeça, e ele não podia formular o pensamento. Seus instintos e sua experiência funcionavam automaticamente, o cérebro trabalhava devagar com palavras. Sabia tudo de touro. Não precisava pensar neles. Na hora certa fazia o certo. Os olhos notavam pormenores e o corpo executava os movimentos necessários sem pensar. Se ele pensasse, estaria perdido.

Naquele momento, encarando o touro, teve consciência de muitos pormenores ao mesmo tempo. Tinha os chifres, um com a ponta lascada, o outro de ponta afiada; a necessidade de se perfilar na direção do chifre esquerdo, lançar-se reto, abaixar a muleta para o touro segui-la; e, por cima dos chifres, enfiar a espada toda num ponto pequeno como uma moeda de cinco pesetas bem na nuca, entre a saliência das pás. Fazer tudo isso e sair de entre os chifres. Sabia que precisava fazer tudo isso, mas só pensava nas palavras: “Corto y derecho.”

“Corto y derecho”, pensou, enrolando a muleta. Curto e reto. Corto y derecho, Manuel tirou a espada da muleta, perfilou-se no chifre esquerdo lascado, soltou a muleta na frente do corpo de modo que a mão direita com a espada no nível dos olhos fizesse o sinal da cruz e, erguendo-se na ponta dos pés, apontasse a lâmina da espada para o lugar certo entre as pás do touro.

Corto y derecho ele se lança sobre o touro.

Houve um choque, e Manuel sentiu-se erguido no ar. Enfiou a espada enquanto subia, e ela escapou-lhe da mão. Ele caiu, e o touro foi em cima dele. Caído no chão, Manuel chutou o focinho do touro com as sapatilhas. Ele chutando, o touro em cima dele, errando as chifradas, atacando-o com a cabeça, enfiando os chifres na areia. Chutando como quem quer manter uma bola no ar, Manuel impedia que o touro o chifrasse.

Manuel sentiu nas costas o vento das capas sacudidas para o touro. De repente o touro sumiu, passou por cima de Manuel. Num lampejo, Manuel viu o ventre preto passando. O touro nem pisou nele.

Manuel levantou-se e apanhou a muleta. Fuentes entregou-lhe a espada. Estava entortada na parte em que tocou a pá do touro. Manuel desentortou-a no joelho e

correu para o touro, que estava ao lado de um dos cavalos mortos. Quando corria, Manuel sentiu a jaqueta rasgada debaixo do braço.

— Tire ele de lá! — gritou Manuel para o cigano. O touro tinha sentido o cheiro do sangue do cavalo morto e chifrava a lona que o cobria. Investiu contra a capa de Fuentes, a lona pendendo do chifre lascado, e a multidão riu. O touro sacudiu a cabeça para se livrar da lona. Correndo atrás dele, Hernandez agarrou a ponta da lona e arrancou-a do chifre do touro.

O touro acompanhou-a numa meia-investida e parou. Voltara à defensiva. Manuel caminhava para ele com a espada e a *muleta*. Sacudiu a *muleta* na frente dele. O touro não aceitou.

Manuel perfilou-se para o touro apontando a espada. O touro imóvel, parecendo chumbado no chão, incapaz de outra investida.

Manuel ergueu-se nas pontas dos pés, apontou a espada e atacou.

Repetiu-se o choque, e ele sentiu-se empurrado para trás e caiu de cheio na areia. Agora não havia como chutar. O touro estava em cima dele. Manuel caído como morto, a cabeça nos braços, o touro dando-lhe cabeçadas. Cabeçada nas costas, cabeçada no rosto. Manuel sentiu o chifre entrar na areia entre os braços que mantinha cruzados. O touro atingiu-o na altura dos rins. Manuel apertou o rosto na areia. O chifre furou uma das mangas da jaqueta e rasgou-a. Manuel ficou livre e o touro acompanhou os capinhas.

Manuel levantou-se, catou a espada e a *muleta*, experimentou a ponta da espada com o polegar e correu à *barrera* para pegar outra espada.

O homem de Retana passou-lhe a espada por cima da *barrera*.

— Limpe o rosto — disse.

Correndo para o touro, Manuel limpava o sangue do rosto com o lenço. Não viu Zurito. Onde estaria Zurito?

A *cuadrilla* tinha se afastado do touro e esperava com as capas. O touro plantou-se, pesadão e gasto depois da ação.

Manuel caminhou para ele com a *muleta*. Parou e sacudiu-a. O touro não reagiu. Manuel passou a *muleta* da direita para a esquerda, da esquerda para a direita diante

do focinho do touro. Os olhos do touro acompanhavam esse movimentos, mas ele não investia. Esperava Manuel.

Manuel estava preocupado. Só lhe restava enfrentar. *Corto y derecho*. Perfilou-se perto do touro, cruzou a muleta na frente do corpo e atacou. Enquanto puxava a espada, torceu o corpo para a esquerda, para o chifre passar. O touro passou por ele e a espada voou no ar, reluzindo na claridade, e caiu na areia.

Manuel correu e apanhou-a. Estava entortada, ele endireitou-a no joelho. Quando corria com ela para o touro, agora novamente fixado, passou por Hernandez, que estava com a capa.

— Ele é osso só — disse o rapaz animando-o.

Manuel concordou, enxugando o rosto. Guardou o lenço sujo de sangue no bolso.

O touro lá, agora perto da *barrera*. C'os diabos. Talvez fosse só osso. Talvez a espada não tivesse por onde entrar. E daí? Ele ia mostrar.

Tentou um passe com a muleta, o touro não se mexeu. Manuel correu a muleta na frente do touro. Nada.

Enrolou a muleta, tirou a espada, perfilou-se e espetou o touro. Sentiu a espada empenar-se quando a empurrava pondo nela todo o seu peso, e ela voou no ar em cambalhotas no rumo da multidão. Manuel caíra de lado quando a espada voou.

As primeiras almofadas jogadas do escuro não o acertaram. Depois uma acertou-o no rosto quando ele voltou o rosto sujo de sangue para a multidão. Mais almofadas eram atiradas sobre ele, coalhando a areia. Alguém jogou uma garrafa vazia de champanhe de perto. Acertou Manuel no pé. Ele ficou parado olhando para o escuro, de onde jogavam coisas. Alguma coisa assobiou no ar e caiu perto dele. Manuel abaixou-se e apanhou: era a espada. Ele endireitou-a no joelho e mostrou-a à multidão.

— Obrigado — agradeceu. — Obrigado.

Que filhos da mãe! Desgraçados! Filhos da mãe! Tropeçou numa almofada ao correr.

O touro lá. Do mesmo jeito. Muito bem, seu filho da mãe!

Manuel passou a muleta na frente do focinho do touro.

Nada.

Não quer? Muito bem. Chegou perto e empurrou a ponta afiada da muleta no focinho úmido do touro.

Quando Manuel recuava o touro avançou; Manuel tropeçou numa almofada e ao cair sentiu o chifre entrar nele de lado. Agarrou o chifre com as duas mãos e empurrou o próprio corpo para trás. O touro sacudiu a cabeça e o chifre saiu. Manuel no chão. Não era grave. O touro se fora.

Manuel levantou-se tossindo e sentindo-se acabado. Os filhos da mãe!

— Me dê a espada — ordenou. — Me dê isso.

Fuentes chegou com a muleta e a espada.

Hernandez pôs um braço em volta dele.

— Vá para a enfermaria, homem de Deus — pediu. — Não seja maluco.

— Me deixe — desvencilhhou-se Manuel. — Vá para o raio que o parta.

Hernandez soltou-o e deu de ombros. Manuel correu para o touro.

O touro lá, pesado, plantado firme.

Muito bem, seu filho da mãe! Manuel tirou a espada da muleta, mirou com o mesmo movimento e enfiou-a no touro. Sentiu que a espada entrava. Até a guarda. Quatro dedos e o polegar no touro. Sentiu a quentura do sangue nos dedos, ele em cima do touro.

O touro deu uma guinada, e Manuel quase caiu; mas equilibrou-se e recuperou a firmeza. Olhou o touro que se afundava lentamente de lado, e de repente estava no chão com as patas para o ar.

Manuel fez um gesto para a multidão, a mão vermelha do sangue do touro.

Muito bem, seus filhos da mãe! Queria dizer alguma coisa, um acesso de tosse não deixou. O ar estava quente e abafado. Procurou a muleta na areia. Precisava saudar o presidente. Presidente o cacete! Agachou-se olhando alguma coisa. Era o touro. As quatro patas para o ar. Língua grossa para fora. Coisas se mexendo na barriga e nas pernas. Se arrastando onde o pelo era ralo. Touro morto. Aos diabos com o touro! Aos diabos com todos! Foi se levantando e sofreu novo acesso de tosse. Sentou-se no chão, tossindo. Veio alguém e o levantou.

Levaram-no dali para a enfermaria, correndo com ele pela areia, mas tiveram de parar no portão para dar passagem às mulas que entravam; continuaram pela passagem escura, resmungando ao subirem a escada com ele, e finalmente o puseram no chão.

O médico e dois homens de branco o esperavam. Puseram-no na mesa. Tiraram a camisa dele cortando-a. Manuel estava cansado. Sentia o peito queimando por dentro. Começou a tossir, puseram alguma coisa na boca dele. Todos muito atarefados.

A luz de uma lâmpada elétrica ofendia-lhe os olhos. Manuel fechou os olhos.

Ouviu passos fortes de alguém descendo a escada. Depois não ouviu mais. Ouviu um barulho distante. Era a multidão. Alguém precisava matar o outro touro dele. Cortaram toda a camisa dele. O médico sorriu para ele. Era Retana.

— Olá, Retana! — cumprimentou Manuel. Não ouvia a voz do outro.

Retana sorriu para ele e disse alguma coisa. Manuel não ouviu.

Zurito falava com Retana. Um dos homens de branco sorriu e passou a Retana uma tesoura. Retana passou a tesoura a Zurito. Zurito disse alguma coisa a Manuel. Manuel não ouviu.

Aos diabos com esta mesa de operação. Ele já estivera em muitas mesas de operação. Não ia morrer. Se ele fosse morrer, teria um padre ali.

Zurito dizia alguma coisa a Manuel. Mostrando a tesoura.

Então era isso. Iam cortar a sua *coleta*. Iam cortar o seu rabicho.

Manuel sentou-se na mesa. O médico recuou, irritado. Alguém segurou Manuel.

— Você não pode fazer isso, Manos — disse Manuel.

De repente ouviu com clareza a voz de Zurito.

— Está bem — concordou Zurito. — Não vou fazer. Estava brincando.

— Eu estava me saindo bem — falou Manuel. — Mas não tive sorte. Foi só isso.

Manuel deitou-se de novo. Tinham posto alguma coisa no rosto dele. Já conhecia aquilo. Inspirou fundo. Sentia-se muito cansado. Estava muito, muito cansado. Tiraram a tal coisa do rosto dele.

— Eu estava indo muito bem — repetiu Manuel com voz fraca. — Estava indo muito bem.

Retana olhou para Zurito e caminhou para a porta.

— Vou ficar aqui com ele — informou Zurito.

Retana deu de ombros.

Manuel abriu os olhos e olhou para Zurito.

— Eu não ia bem, Manos? — perguntou, esperando confirmação.

— Claro — confirmou Zurito. — Você esteve maravilhoso.

O assistente do médico pôs o cone no rosto de Manuel, ele inspirou fundo. Zurito olhava, desajeitado.

EM UM OUTRO PAÍS



No outono a guerra estava sempre lá, mas nós não íamos mais. Fazia frio em Milão no outono, e os dias escureciam cedo. Aí acendia-se a luz elétrica, e era bom andar pelas ruas olhando as vitrines. Tinha muita caça pendurada nas portas das lojas, a neve pulverizava o pelo das raposas e o vento balançava os rabos delas. O veado pendia duro e pesado, e vazio, e pássaros pequenos piavam no vento e o vento arrepiava as penas deles. Era um outono frio, e o vento vinha das montanhas.

Íamos ao hospital toda tarde, e havia várias maneiras de caminhar pela cidade para o hospital no crepúsculo. Duas maneiras eram acompanhar os canais, mas eles são compridos. E sempre se tinha de passar uma ponte sobre um canal para entrar no hospital. Podia-se escolher entre três pontes. Em uma tinha uma mulher vendendo castanha assada. Era bom ficar na frente do fogareiro de carvão pegando o calor, e as castanhas continuavam quentes em nosso bolso. O hospital era muito velho e muito bonito, entrava-se por um portão, atravessava-se um pátio e saía-se por outro portão do outro lado. Sempre havia enterros saindo do pátio. Depois do hospital vinham os pavilhões novos de tijolos, e neles nos encontrávamos todas as tardes e nos mostrávamos muito gentis e interessados nos assuntos, e sentávamos nas máquinas que iam mudar tantas coisas.

O médico veio à máquina onde eu estava e disse:

— Do que é que você mais gostava de fazer antes da guerra? Praticava algum esporte?

— Futebol — respondi.

— Ótimo. Você vai poder jogar futebol novamente melhor do que antes.

Meu joelho não dobrava, e a perna não tinha barriga; a máquina era para dobrar o joelho e movimentá-lo como num triciclo. Mas o joelho ainda não dobrava, a máquina é que estremecia quando chegava à parte de dobrar. O médico falou:

— Tudo isso vai passar. Você é um jovem de sorte. Vai voltar a jogar futebol como campeão.

Na máquina ao lado tinha um major de mão pequena como de neném. Piscou para mim quando o médico examinava a mão dele, que ficava entre duas correias que subiam e desciam e batiam nos dedos duros. Piscou para mim e perguntou:

— Eu também vou jogar futebol, doutor-capitão? — Esse major tinha sido grande esgrimista, o maior da Itália antes da guerra.

O médico foi à sua sala no fundo do quarto e voltou com a fotografia de uma mão que tinha encolhido até quase ao tamanho da do major; depois de exercícios na máquina, cresceu um pouco. O major pegou a fotografia com a mão boa e olhou-a demoradamente.

— Ferimento? — perguntou.

— Acidente industrial — explicou o médico.

— Muito interessante, muito interessante — repetiu o major, e devolveu a foto ao médico.

— Tem confiança?

— Não — respondeu o major.

Havia três rapazes mais ou menos da minha idade que iam todos os dias ao hospital. Eram todos de Milão, um ia ser advogado, outro ia ser pintor, e o terceiro quis ser soldado; depois do nosso trabalho nas máquinas, às vezes íamos juntos ao Café Cova, que ficava ao lado do Scala. Fazíamos o pequeno percurso passando pela sede dos comunistas porque éramos quatro juntos. As pessoas nos detestavam porque éramos oficiais; de uma adega alguém às vezes gritava, *A basso gli ufficiali!* quando passávamos. Outro rapaz que às vezes também nos acompanhava, e então éramos cinco, usava um lenço preto de seda no rosto porque não tinha nariz, e o

rosto estava sendo reconstituído. Ele fora da academia militar para a frente de batalha, e uma hora depois de chegar à linha de frente foi ferido. O rosto foi reconstituído, porém o rapaz era de uma família muito antiga, e não conseguiram pôr o nariz exatamente como era. Emigrou para a América do Sul e trabalhou num banco. Mas isso foi há muito tempo, e nenhum de nós sabia então o que iria acontecer. Só sabíamos que sempre havia a guerra, e que não iríamos mais voltar a ela.

Todos tínhamos as mesmas medalhas, menos o rapaz que usava o lenço preto no rosto, ele não esteve na frente tempo suficiente para ganhar medalhas. O rapaz alto de rosto pálido, que ia ser advogado, tinha sido tenente de *Arditi* e recebera três medalhas iguais àquela única que recebemos. Ele convivera muito tempo com a morte e era meio desligado. Todos éramos meio desligados, e só o que nos mantinha unidos era a circunstância de nos encontrarmos todas as tardes no hospital. Entretanto, quando íamos para o Cova passando pela parte barra-pesada da cidade, caminhando no escuro, com luz e cantoria saindo das cantinas, às vezes tendo de andar no meio da rua quando a calçada se enchia de homens e mulheres que interrompiam a passagem, nos sentíamos unidos por alguma coisa que nos acontecera e que as pessoas que nos detestavam não compreendiam.

Nós todos compreendíamos o Cova, lugar alegre e aquecido e de iluminação não muito forte, barulhento e enfumaçado em certas horas, sempre com moças nas mesas e jornais ilustrados numa prateleira na parede. As moças que iam ao Cova eram muito patriotas, e descobri que a gente mais patriota da Itália eram as moças que frequentavam cafés — e acho que elas ainda são patriotas.

A princípio os rapazes foram muito corteses em relação a minhas medalhas, perguntavam o que eu tinha feito para ganhá-las. Eu mostrava os documentos, escritos em linguagem bonita e cheia de *fratellanza* e *abnegazione*, mas que, expurgados os adjetivos, diziam simplesmente que eu ganhara as medalhas por ser americano. Depois disso a atitude deles para comigo mudou um pouco, apesar de eu ser amigo deles contra estranhos. Eu era amigo, mas nunca fui um deles depois que leram as citações — porque com eles tinha sido diferente e eles tinham feito coisas bem diferentes para ganhar suas medalhas. Era verdade que eu fui ferido; mas todos

sabíamos que ser ferido era um acidente. Mas nunca me envergonhei das fitas, e às vezes, depois da hora do coquetel, eu me imaginava como tendo feito tudo o que eles fizeram para ganhar suas medalhas; mas voltar a pé para casa de noite pelas ruas desertas, com o vento frio e as lojas fechadas, procurando ficar perto dos postes de iluminação, eu sabia que nunca faria tais coisas, e tinha muito medo de morrer; e às vezes ficava na cama de noite com medo de morrer e imaginando como me sentiria quando voltasse à frente.

Os três medalhados pareciam aves de rapina. Eu não era águia nem gavião, embora pudesse parecer gavião a quem nunca foi caçador; eles, os três, eram espertos, e acabamos nos separando. Mas fiquei amigo do rapaz que foi ferido no seu primeiro dia na frente, porque ele não sabia como ia ficar; por isso podia não ser aceito também, e eu gostava dele por achar que talvez ele não se transformasse em falcão como os outros.

O major, que tinha sido grande esgrimista, não acreditava em bravura, e quando estávamos nas máquinas passava muito tempo corrigindo meus erros de gramática. Ele elogiou o meu italiano, conversávamos com facilidade. Um dia eu disse que o italiano me parecia uma língua tão fácil que eu não tinha grande interesse por ela; tudo era muito fácil de dizer.

— Ah, é — disse ele. — Então por que não se dedica à gramática? — Empenhei-me na gramática, e logo o italiano ficou sendo tão difícil que fiquei com medo de conversar com ele enquanto não dominasse a gramática.

O major ia regularmente ao hospital. Acho que não falhou um dia, apesar de não acreditar nas máquinas. Houve tempo em que nenhum de nós acreditava nas máquinas, e um dia o major disse que aquilo tudo era uma grande bobagem. As máquinas eram novidade, e nós é que devíamos demonstrar o valor delas. É uma ideia idiota, disse ele, uma teoria como qualquer outra. Eu ainda não tinha aprendido a gramática, e ele disse que eu era uma mentalidade impossível, tacanha, e que ele fora idiota por ter perdido tempo comigo. Era de baixa estatura, sentado ereto na cadeira, a mão direita enfiada na máquina, ele olhando para o alto da parede, as correias subindo e abaixando, batendo nos dedos dele.

— O que é que você vai fazer quando a guerra acabar, se acabar? — perguntou-me ele. — Falar gramaticalmente?

— Vou para os Estados Unidos.

— É casado?

— Não, mas vou ser.

— Mais bobo do que eu pensava — retrucou. Parecia zangado. — Homem não deve casar.

— Por que, *Signor Maggiore*?

— Não me chame de *Signor Maggiore*.

— Por que o homem não deve se casar?

— Não pode. Não pode — afirmou com raiva. — Se ele vai perder tudo, não deve se colocar na posição de perder tudo. Não deve se colocar em posição de perder. Precisa achar coisas que não pode perder.

Falava irritado, o tempo todo olhando para a frente.

— Mas por que acha que ele vai perder necessariamente?

— Vai perder — repetiu o major olhando para a parede. Baixou os olhos para a máquina e tirou a mãozinha de entre as correias e bateu forte com ela na coxa. — Vai perder — falou quase gritando. — Não discuta comigo. — Chamou o assistente que cuidava das máquinas. — Desligue essa joça.

Passou à outra sala para o tratamento de luz e para a massagem. Ouvi-o perguntando ao médico se podia falar ao telefone, e fechou a porta. Quando voltou à sala, eu estava em outra máquina. Ele estava de capa e com o boné na cabeça. Chegou-se à minha máquina e pôs o braço em meu ombro.

— Me desculpe — pediu, e bateu em minhas costas com a mão boa. — Eu não quero ser grosseiro. Minha mulher acaba de morrer. Me perdoe.

— Oh... — Fiquei comovido, com pena dele. — Sinto muito.

Ele ficou imóvel, mordendo o lábio inferior.

— É muito difícil. Não me conformo.

Olhou para além de mim, para a janela. Começou a chorar.

— Não consigo me conformar — repetiu, e perdeu a voz. Chorando, com a cabeça erguida e olhando para o espaço vazio. Tomou postura de soldado,

mordendo os lábios, com lágrimas nos olhos, saiu da sala.

O médico me disse que a mulher do major, que era muito jovem e com quem ele tinha casado depois de declarado definitivamente inválido, morrera de pneumonia, contraída dias antes. Ninguém esperava que ela morresse. O major só voltou ao hospital três dias depois. Chegou à hora de costume com uma faixa preta na manga do uniforme. Havia grandes fotografias emolduradas na parede, de todos os tipos de ferimentos antes e depois de tratados pelas máquinas. Na frente da máquina que o major utilizava havia três fotos de mãos como a dele, completamente restauradas. Não sei como o médico as conseguiu. Sempre supus que éramos os primeiros a utilizar as máquinas. As fotos não tiveram muita influência sobre o major porque ele só olhava pela janela.

COLINAS PARECENDO ELEFANTES BRANCOS



As colinas que se erguiam para além do vale do Ebro eram longas e esbranquiçadas. Do lado de cá não havia árvores nem sombra, e a estação ferroviária ficava ao sol, entre duas linhas de trilhos. Um dos lados era coberto pela sombra que o edifício projetava, e nele se abria a porta que dava para o bar, protegida das moscas por uma cortina de pequenas contas de bambu. O americano e a moça que o acompanhava estavam sentados à mesa, do lado de fora, à sombra. Fazia um calor danado, e o expresso vindo de Barcelona demoraria pelo menos quarenta minutos para chegar. Era uma parada rapidíssima: dois minutos apenas, antes de seguir para Madri.

— O que é que poderíamos beber? — perguntou ela retirando o chapéu e colocando-o sobre a mesa.

— Está quente demais — respondeu-lhe o homem.

— Que tal uma cerveja?

— *Dos cervezas* — gritou ele na direção da cortina.

— Das grandes? — perguntou-lhe uma mulher que veio à soleira da porta.

— Sim. Duas grandes.

A mulher trouxe-lhes dois copos e dois descansos de feltro. Colocou tudo sobre a mesa e olhou para o homem e a moça. Esta olhava para as colinas que se erguiam a distância.

— Parecem elefantes brancos — sugeriu a seu companheiro.

— Jamais vi algum dessa cor — respondeu ele ao tomar um gole de cerveja.

— Nem poderia ver.

— Eu talvez até pudesse — respondeu-lhe ele. — Sua negativa não prova coisa alguma.

A garota olhou vagamente para a cortina.

— Há alguma coisa pintada nela. O que é aquilo?

— Um anúncio do *Anis del Toro*, uma bebida.

— Vamos experimentá-lo?

— Por favor! — disse o homem para a área cortinada

— São quatro *reales* — informou a balconista.

— Queremos dois *Anis del Toro*.

— Com água?

— Você quer com água? — perguntou ele à moça.

— Quero. — Tomou um pequeno trago, pousou o copo e comentou: — Engraçado, lembra alcaçuz.

— Acho que isso acontece com quase tudo.

— Sim — concordou ela. — Tudo fica com gosto de alcaçuz, especialmente aquelas coisas pelas quais ficamos esperando tanto tempo, como o absinto.

— Oh, pare com isso!

— Foi você quem começou — respondeu ela. — Estava me divertindo e na melhor disposição para tudo...

— Está bem! Que essa disposição continue!

— Você não notou isso quando comparei as colinas a elefantes brancos? Não foi uma imagem feliz?

— Sem dúvida!

— Além disso, quis experimentar esta bebida que não conhecia. Não é o que sempre fazemos, olhar para as coisas e provar bebidas novas?

— Acho que sim.

A garota olhou de novo para as colinas.

— São muito bonitas — afirmou. — Nada a ver com elefantes brancos. Eu me referia apenas à cor que apresentam por entre as árvores.

— Que tal bebermos mais um pouco?

— Topo!

A brisa quente sacudiu a cortina de bambu por sobre a mesa.

— A cerveja é boa e está bem gelada — comentou o homem.

— Está ótima! — concordou a garota.

— Será realmente muito simples essa operação, Jig. Nem chega a ser uma operação para valer — disse ele.

A moça olhou para o chão onde a mesa pousava.

— Estou certo de que não se preocupa com ela, Jig. É mesmo uma coisa à toa apenas para que o ar possa entrar melhor.

Ela continuou em silêncio.

— Vou acompanhá-la e estarei o tempo todo a seu lado. Eles apenas deixam que o ar entre, e tudo volta ao normal.

— E depois, o que faremos?

— Depois disso, tudo ficará bem. Do jeito que éramos antes.

— Por que é que você diz isso?

— Porque é a única coisa que nos incomoda. A única coisa que nos deixa infelizes.

A garota examinou distraidamente a cortina e apanhou duas fileiras de contas.

— Acha, no duro, que tudo correrá bem e seremos felizes então?

— Sim, no duro que seremos! Não há o que temer. Conheço um bocado de gente que já fez operações como essa.

— Eu também conheço — admitiu a moça. — E sei que ficaram muito felizes depois.

— Bem — ponderou o homem —, você não está obrigada a fazê-la. Caso não queira, não se fala mais nisso. Mas que é uma moleza, garanto que é.

— E você quer mesmo que eu a faça, não é?

— Acho que é a melhor coisa a fazer. Mas só quero que a faça se isso for de seu desejo.

— E, se eu a fizer, você ficará feliz, as coisas voltarão a ser o que eram, e você me amará de novo?

— Eu a amo agora, como é. Bem sabe que sempre a amei.

— Sei disso. Mas, se eu fizer a operação, você achará graça quando eu disser coisas como há pouco, sobre os elefantes brancos?

— Adorarei! Já gostei agora, mas não tenho cabeça para isso quando me sinto preocupado.

— Você deixará a preocupação de lado se eu me operar?

— Claro que sim, mesmo porque a operação é perfeitamente simples.

— Então eu a farei! Você sabe que não me preocupo comigo mesma.

— Como assim?

— Exatamente assim: não ligo a mínima para mim mesma.

— Mas eu me ligo muito a você!

— Pois eu, não. Farei a coisa e tudo acabará muito bem.

— Já não quero que a faça, se é assim que você se sente.

A moça levantou-se e andou até a ponta da estação. Olhando para o outro lado, viu os campos de trigo e as fileiras de árvores margeando o Ebro. Bem mais distantes, além do rio, erguiam-se as montanhas. A sombra de uma nuvem passou sobre os campos, e ela vislumbrou o rio correndo atrás das árvores.

— Poderíamos ter tudo isto — falou ela. — Não há o que não possamos ter, embora o tornemos impossível a cada novo dia...

— O que é que está dizendo?

— Disse que poderíamos ter todas as coisas...

— E poderemos tê-las!

— Não, não poderemos.

— Teremos todo o mundo ao nosso alcance!

— Não, não teremos.

— Não haverá lugar algum aonde não possamos ir!

— Não, não poderemos. O mundo já não nos pertence mais.

— Você está enganada! *Ele* é nosso!

— Já não é! E, depois que o tiraram de nós, jamais o devolverão.

— Mas quem diz que vão tirá-lo?

— Basta esperarmos um pouco para confirmar isso...

— Venha para a sombra! Você está tomando muito sol na cabeça, e não deve pensar assim.

— Não estou imaginando coisa alguma! Sei como as coisas realmente são.

— Já lhe disse que não quero forçá-la a nada que não seja de sua própria vontade...

— Nada que não seja bom para mim, já sei. Podemos beber outra cerveja?

— Claro! Mas gostaria que você compreendesse...

— Estou compreendendo — atalhou a moça. — Será que não podíamos parar com esta conversa?

Sentou-se novamente à mesa e passou a examinar o horizonte, limitado pelas colinas de um lado e pelo vale seco do outro. O homem olhava ora para ela, ora para a mesa.

— Quero uma vez mais que você compreenda não estar de modo algum obrigada a fazer o que não quiser. Estou disposto a topar o que der e vier se isso é realmente importante para você.

— E para você, não é? Poderíamos nos entender muito bem assim mesmo...

— Claro que poderíamos! Você é a única pessoa a quem realmente quero. Mas que a coisa é simplíssima, bem sei que é.

— Sim, você é quem sabe.

— Pode brincar com as palavras, mas sei mesmo que é.

— Você seria capaz de fazer algo por mim neste instante?

— Faço qualquer coisa por você!

— Então, por favor, cale, cale, cale, cale essa boca!

Ele não disse coisa alguma e olhou para as malas que estavam encostadas a uma das paredes da estação. Havia um bocado de rótulos colados nelas, dos hotéis onde tinham estado.

— Mas não quero forçá-la a coisa alguma... Para falar a verdade, nem estou ligando muito para isso...

— Pare, ou vou gritar! — atalhou-o a moça.

A botequineira atravessou a cortina com dois copos de cerveja nas mãos e colocou-os sobre os molhados descansos de feltro.

— O trem chegará em cinco minutos — informou.

— O que ela disse? — perguntou a moça.

— Disse que o trem estará aqui dentro de cinco minutos.

A moça sorriu cordialmente para a mulher, agradecendo-lhe dessa maneira.

— Acho melhor botar nossas malas mais para o outro lado da plataforma — sugeriu o homem. A moça sorriu para ele também.

— Está legal — concordou ela. — Mas volte logo para acabarmos com a cerveja.

Ele apanhou as duas pesadas malas, deu a volta em torno do edifício e colocou-as lá na frente, diante dos trilhos, verificando de passagem que nenhum trem se aproximava. Atravessou então o bar, onde várias pessoas bebiam, esperando pelo comboio. Tomou um Anis no balcão, olhando para os demais fregueses, que se mostravam pacientes e despreocupados. Passou depois pela cortina de contas de bambu. Ela continuava sentada à mesa, e sorriu para ele quando o viu.

— Você está se sentindo melhor? — perguntou-lhe.

— Estou ótima! — exclamou ela. — Não há nada errado comigo, e me sinto otimamente bem!

OS PISTOLEIROS



A porta do restaurante abriu e dois homens entraram. Sentaram-se em banquinhos na frente do balcão.

— O que é que vai ser? — perguntou-lhes George.

— Não sei — disse um dos homens. — Vai querer o que, Al?

— Não sei. Não sei o que vou querer — respondeu Al.

Estava ficando escuro lá fora. A iluminação da rua clareava a janela. Os dois homens no balcão liam o menu. Nick Adams os observava de uma extremidade do balcão. Ele conversava com George quando os dois entraram.

— Quero o lombinho assado com purê e molho de maçã — pediu um dos homens.

— Ainda não está pronto.

— Por que raios então pôs ele no menu?

— É para o jantar — explicou George. — Sai às seis.

George olhou o relógio na parede atrás dele.

— São cinco horas.

— O relógio marca cinco e vinte — retrucou o outro homem.

— Está adiantado.

— Que se dane o relógio — falou o primeiro homem. — O que é que tem para comer?

— Qualquer espécie de sanduíche — esclareceu George. — Presunto com ovos, bacon com ovos, fígado com bacon, ou filé.

— Então croquetes de frango com *petit-pois*, molho branco e purê.

— É prato do jantar.

— Tudo o que a gente pede é para o jantar. Que coisa!

— Posso servir-lhe presunto com ovos, bacon com ovos, fígado...

— Me dê presunto com ovos — disse o homem chamado Al. Usava chapéu-coco e sobretudo preto estilo jaquetão. Tinha rosto pequeno, pele branca e lábios finos. Usava luvas e cachecol de seda.

— Eu quero bacon com ovos — pediu o outro. Tinha mais ou menos a mesma estatura de Al. As feições eram diferentes, mas os dois se vestiam como gêmeos. Ambos usavam sobretudo muito apertado. Sentavam-se inclinados para a frente, os cotovelos no balcão.

— Tem alguma coisa para beber? — perguntou Al.

— Cerveja clara, bevo, *ginger-ale* — informou George.

— Perguntei se tem alguma coisa para beber.

— O que eu disse.

— Esta cidade é muito quente — reclamou o outro. — Como é o nome?

— Summit.

— Já ouviu falar? — perguntou Al.

— Nunca — afirmou o amigo.

— O que é que as pessoas fazem aqui de noite? — perguntou Al.

— Jantam — disse o outro. — Todos vêm aqui e comem o jantarão.

— Acertou — assentiu George.

— E você acha que está certo? — perguntou Al a George.

— Acho.

— Você sabe das coisas, hein?

— Sei — concordou George.

— Pois não sabe — retrucou o outro. — Será que sabe, Al?

— Ele é tapado — tachou Al. Virou-se para Nick. — Como é o seu nome?

— Adams.

— Outro rapaz sabido — debochou Al. — Ele não é sabido, Max?

— A cidade é cheia de rapazes sabidos — disse Max.

George pôs no balcão os dois pratos, um com presunto e ovos, o outro com bacon e ovos. Ao lado pôs mais dois pratos com batatas fritas e fechou a portinhola da cozinha.

— Qual é o seu? — perguntou a Al.

— Já esqueceu?

— Presunto e ovos.

— Rapaz sabido — insistiu Max. Inclinou-se para a frente e pegou o prato de presunto e ovos. Os dois comeram sem tirar as luvas. George os olhava.

— Está olhando o quê? — Max encarou George.

— Nada.

— Estava, sim. Estava me olhando.

— Talvez ele estivesse brincando, Max — admitiu Al.

George riu.

— Você não tem que rir — disse Max a George. — Você não tem que estar rindo, entendeu?

— Entendi — falou George.

— Ele pensa que entendeu. — Max virou-se para Al. — Ele pensa que entendeu. Essa é boa.

— É um pensador — ironizou Al. Continuaram comendo.

— Qual é mesmo o nome do rapaz sabido aí na ponta do balcão? — perguntou Al a Max.

— Ei, rapaz sabido — disse Max a Nick. — Passe para o outro lado do balcão e fique junto com o seu amigo.

— Que história é essa? — perguntou Nick.

— Não é história nenhuma.

— É melhor você passar pra lá, seu sabido — ordenou Al. Nick passou para o outro lado do balcão.

— Que história é essa? — perguntou George.

— Não é da sua conta — respondeu Al. — Quem é que está na cozinha?

— O negro.

— Negro? Que quer dizer com isso?

— O negro cozinheiro.

— Chame ele aqui.

— Para quê?

— Chame ele aqui.

— Onde é que pensam que estão?

— Sabemos muito bem onde estamos — afirmou o sujeito chamado Max. — Temos cara de bobos?

— Você fala como bobo — retrucou Al para o companheiro. — Para que discutir com esse garoto? — Virou-se para George e falou: — Diz ao negro para vir aqui.

— O que é que vão fazer com ele?

— Nada. Use a cabeça, rapaz sabido. O que é que se faz com um negro?

George abriu a portinhola da cozinha.

— Sam, venha aqui um instante — pediu.

A porta da cozinha se abriu e o negro apareceu.

— Às ordens — disse. Os dois homens ao balcão olharam para ele.

— Muito bem, negro. Fique parado aí — mandou Al.

Sam, o negro, ainda de avental, olhou os dois homens ao balcão.

— Sim, senhor — falou. Al desceu do banquinho.

— Vou à cozinha com o negro e o rapaz sabido — disse. — Volte para a cozinha, negro. Você vai com ele, rapaz sabido. — O homem chamado Al seguiu atrás de Nick e Sam para a cozinha. A porta fechou-se. O homem chamado Max ficou sentado na frente de George. Não olhava para George, olhava no espelho que cobria a parede do fundo. O restaurante tinha sido um salão.

— E você, rapaz sabido — falou Max olhando o espelho —, por que não diz alguma coisa?

— O que é que está acontecendo?

— Ei, Al — gritou Max —, o rapaz sabido quer saber o que está acontecendo.

— Por que não diz a ele? — perguntou Al lá da cozinha.

— O que é que você acha que está acontecendo?

— Não sei.

— O que é que você acha?

Enquanto falava, Max não tirava os olhos do espelho.

— Eu não diria.

— Ei, Al. O rapaz sabido diz que não diria o que é que ele acha que está acontecendo.

— Estou ouvindo você — disse Al lá da cozinha. Ele tinha aberto a portinhola por onde eram servidos os pratos e a escorava com um vidro de ketchup. — Escute, rapaz sabido — falou Al da cozinha para George. — Afaste-se um pouco para o lado. Max, você se afaste para a esquerda. — Parecia um fotógrafo arrumando um grupo para uma foto.

— Fale comigo, rapaz sabido — ordenou Max. — O que é que você acha que vai acontecer?

George ficou calado.

— Vou lhe dizer — respondeu Max. — Vamos matar um sueco. Conhece um sueco enorme chamado Ole Andreson?

— Conheço.

— Ele janta aqui todas as noites, não é?

— Às vezes vem.

— Vem às seis horas, não é?

— Quando vem.

— Sabemos disso, seu sabido — observou Max. — Fale de outra coisa. Costuma ir ao cinema?

— De vez em quando.

— Devia ir mais vezes. Cinema é bom para um cara sabido como você.

— Por que vão matar Ole Andreson? O que foi que ele fez com vocês?

— Ele nunca teve oportunidade de fazer nada conosco. Ele nunca nos viu.

— E só vai nos ver uma vez — acrescentou Al da cozinha.

— Então por que vão matá-lo? — perguntou George.

— Vamos matá-lo para um amigo. Para servir a um amigo, seu sabido.

— Cale a boca — ordenou Al lá de dentro. — Você fala demais.

— É que eu preciso distrair o sabido aqui. Não é, sabido?

— Você fala demais — disse Al. — O negro e o meu rapaz sabido aqui distraem um ao outro. Eu os amarrei como duas menininhas de convento.

— Então você já esteve em convento?

— Nunca se sabe.

— Você esteve num convento kosher. É de lá que você veio.

George olhou o relógio.

— Se alguém entrar, você diz que o cozinheiro saiu; e, se insistirem, diz que você mesmo vai para a cozinha. Entendeu bem, sabido?

— Entendi — respondeu George. — E o que é que vai fazer conosco depois?

— Isso depende — disse Max. — É dessas coisas que nunca se sabe com antecedência.

George olhou o relógio. Seis e quinze. A porta da rua abriu-se. Um motorneiro de bonde entrou.

— Olá, George — cumprimentou ele. — Podemos jantar?

— Sam precisou sair — informou George. — Deve voltar dentro de meia hora.

— É melhor eu ir mais adiante — falou o motorneiro. George olhou o relógio. Marcava seis e vinte.

— Saiu-se muito bem, sabido — admitiu Max. — Você é um cavalheiro.

— Ele sabia que eu estourava a cabeça dele — disse Al lá da cozinha.

— Não — afirmou Max. — Não é isso. O sabido é boa gente. Muito boa gente. Gosto dele.

Às seis e cinquenta e cinco George falou:

— Ele não vem.

Duas outras pessoas entraram no restaurante. Uma vez George foi à cozinha e preparou um sanduíche de presunto e ovos “para viagem”. Na cozinha viu Al, com o chapéu-coco empurrado para trás, sentado num tamborete ao lado da portinhola, com o cano serrado de uma espingarda apoiado no batente. Nick e o cozinheiro estavam de costas um para o outro no canto, cada um com uma toalha amarrada na

boca. George preparou o sanduíche, embrulhou-o em papel encerado, pôs num saco; o homem pagou e saiu.

— O sabido pode fazer qualquer coisa — reconheceu Max. — Sabe cozinhar et cetera. Você faria de uma garota uma boa esposa, seu sabido.

— Eu sei — concordou George. — Seu amigo Ole Andreson não vem.

— Vamos dar a ele dez minutos — concedeu Max.

Max olhou o espelho, depois o relógio. Os ponteiros marcavam sete horas. Depois sete e cinco.

— Vamos, Al — ordenou Max. — É melhor irmos. Ele não vem.

— Vamos dar mais cinco minutos — sugeriu Al.

Nesses cinco minutos entrou um homem, e George explicou que o cozinheiro estava doente.

— Por que diabos não arranja outro? — perguntou o homem. — Isto aqui não é uma lanchonete? — disse, e saiu.

— Vamos, Al — chamou Max.

— E os dois sabidos e mais o negro?

— São legais.

— Acha mesmo?

— Acho. Vamos embora.

— Não estou gostando — falou Al. — Pode ter sujado. Você fala demais.

— Ora, não chateia — respondeu Max. — Precisamos nos distrair.

— Você fala demais — repetiu Al.

Saiu da cozinha. Os canos serrados da espingarda faziam pequeno volume no peito do sobretudo apertado. Esticou o sobretudo com as mãos enluvadas.

— Até mais ver, sabido — disse a George. — Você tem muita sorte.

— Tem mesmo — concordou Max. — Devia apostar nos cavalos, seu sabido.

Os dois saíram. George acompanhou-os com o olhar na porta, na janela sob a luz do poste até o outro lado da rua. Com seus sobretudos apertados e o chapéu-coco, pareciam uma dupla de teatro de variedades. George voltou à cozinha e desamarrou Nick e o cozinheiro.

— Pra mim chega — explodiu Sam, o cozinheiro. — Pra mim chega.

Nick levantou-se. Nunca estivera com uma toalha na boca antes.

— Pô, que coisa! — Procurava encarar a situação com bonomia.

— Iam matar Ole Andreson — disse George. — Iam atirar nele quando ele entrasse para jantar.

— Ole Andreson?

— É.

O cozinheiro apalpou os cantos da boca com os dedos.

— Já foram? — perguntou.

— Já — informou George. — Já se foram.

— Não gosto disto — protestou o cozinheiro. — Não gosto nada mesmo.

— Olhe — disse George a Nick. — É melhor você procurar Ole Andreson.

— Vou fazer isso.

— É melhor não se envolver — pediu Sam. — É melhor ficar longe disso.

— Não vá, se não quiser — disse George.

— Meter-se nisso não vai ser nada bom pra você — advertiu o cozinheiro. — Fique fora.

— Vou vê-lo — afirmou Nick a George. — Onde ele mora?

O cozinheiro virou as costas.

— Criança sempre sabe o que quer — sentenciou.

— Ele mora na casa de cômodos da Hirsch — disse George a Nick.

— Vou lá.

Lá fora a luz da rua iluminava o tronco de uma árvore. Nick subiu a rua acompanhando os trilhos de bonde e virou na primeira esquina. Três casas depois da esquina ficava a casa de cômodos da Hirsch. Nick subiu os dois degraus e puxou a corda da campainha. Uma mulher veio à porta.

— Ole Andreson está?

— Quer falar com ele?

— Sim, senhora.

Nick acompanhou-a escada acima e voltou até o fim de um corredor. Ela bateu à porta.

— Quem é?

— Tem alguém querendo vê-lo, sr. Andreson — falou a mulher.

— É Nick Adams.

— Entre.

Nick abriu a porta e entrou no quarto. Ole Andreson estava deitado, vestido. Tinha sido pugilista peso-pesado e era grande demais para a cama. Tinha a cabeça em dois travesseiros. Não olhou para Nick.

— Qual é o assunto? — perguntou.

— Eu estava no Henry, e dois sujeitos entraram e amarraram a mim e ao cozinheiro; disseram que iam matar o senhor.

Depois de dizer isso, sentiu-se envergonhado. Ole Andreson nada disse.

— Eles nos puseram na cozinha — continuou Nick. — Iam atirar no senhor quando o senhor chegasse para jantar.

Ole Andreson olhou para a parede e nada disse.

— George achou que eu devia vir e dizer ao senhor.

— Nada posso fazer para evitar — respondeu Ole Andreson.

— Posso lhe dizer como são eles.

— Não quero saber como são — disse Ole Andreson. Olhou para a parede. — Obrigado por ter me avisado.

— De nada.

Nick olhou o homenzarrão deitado na cama.

— Quer que eu vá à polícia?

— Não — pediu Ole Andreson. — Não seria bom.

— Posso fazer alguma coisa?

— Não. Nada se pode fazer.

— Pode ter sido um blefe.

— Não. Não é blefe.

Ole Andreson virou-se para a parede.

— O problema — admitiu falando para a parede — é que não posso me decidir a sair. Passei o dia inteiro aqui.

— Não pode sair da cidade?

— Não — afirmou Ole Andreson. — Estou cansado de viver fugindo. — Olhou para a parede. — Não há nada a fazer agora.

— Não se poderia arranjar as coisas de alguma maneira?

— Não. Eu vacilei. — Falava na mesma voz monótona. — Nada se pode fazer. Daqui a pouco me decido a sair.

— É melhor eu voltar e falar com George — lembrou Nick.

— Até logo — cumprimentou Ole Andreson sem olhar para Nick. — Obrigado por ter vindo.

Nick saiu. Quando fechava a porta viu Ole Andreson vestido, deitado e olhando para a parede.

— Está o dia inteiro no quarto — confidenciou a senhoria quando Nick chegou ao térreo. — Acho que está doente. Eu disse a ele: “Sr. Andreson, o senhor devia sair e dar um passeio num dia lindo de outono como este”, mas ele disse que não tinha vontade.

— Ele não quer sair.

— Fico preocupada de vê-lo assim — observou a senhora. — É ótima pessoa. Foi pugilista, sabia?

— Sabia.

— Se não fosse o rosto, ninguém saberia — acrescentou a senhora. Ficaram conversando do lado de dentro da porta. — É uma pessoa fina.

— Bem, boa-noite, sra. Hirsch.

— Não sou a sra. Hirsch. Ela é a dona. Eu administro para ela. Meu nome é sra. Bell.

— Então boa-noite, sra. Bell.

— Boa-noite.

Nick foi caminhando pela rua escura até a esquina, virou e acompanhou os trilhos até a lanchonete. George estava lá, atrás do balcão.

— Encontrou Ole?

— Encontrei. Está no quarto e não quer sair.

O cozinheiro abriu a porta da cozinha quando ouviu a voz de Nick.

— Não quero nem ouvir — disse e fechou a porta.

— Contou a ele? — perguntou George.

— Claro. Conteí, mas ele sabe do que se trata.

— O que é que ele vai fazer?

— Nada.

— Vão matá-lo.

— Parece que sim.

— Ele deve ter se envolvido em alguma coisa em Chicago.

— É o que penso — admitiu Nick.

— Coisa séria.

— Muito séria — falou Nick.

Ficaram calados. George limpou o balcão com uma toalha.

— Que será que ele fez? — indagou Nick.

— Passou a perna em alguém. Por isso vão matá-lo.

— Vou-me embora desta cidade — disse Nick.

— É o que deve fazer — concordou George.

— Não suporto pensar nele esperando no quarto e sabendo que vai morrer. É horrível.

— É melhor não pensar — assentiu George.

CHE TI DICE LA PATRIA?



A estrada do passo era dura e lisa e ainda não empoeirada no começo da manhã. Abaixo ficavam os morros cobertos de carvalhos e castanheiras, e mais abaixo o mar. Do outro lado, as montanhas nevadas.

Descemos o passo e entramos em terreno arborizado. Ao lado da estrada havia sacos de carvão empilhados, e entre as árvores víamos ranchos de carvoeiros. Era domingo, e a estrada, subindo e descendo mas sempre perdendo a altitude do passo, passava por vegetação rala e por aldeias.

Nos arredores das vilas havia parreiras. Os parreirais eram pardos, e as parreiras, de má qualidade e muito polidas. As casas eram brancas, e nas ruas os homens jogavam boliche vestidos com suas roupas de domingo. Rente às paredes de algumas casas havia pereiras, os galhos abertos como candelabros nas paredes brancas. As pereiras tinham sido pulverizadas, e as paredes das casas estavam manchadas de um verde-azul metálico pelo vapor da pulverização. Em volta das aldeias havia pequenas clareiras onde cresciam parreiras, e mais adiante as matas.

Numa aldeia a vinte quilômetros acima de Spezia, havia uma multidão na praça, e um jovem com uma mala na mão chegou-se ao carro e perguntou se podíamos levá-lo a Spezia.

— Só tem dois lugares, e estão ocupados — respondi. Tínhamos um velho cupê Ford.

— Vou no para-lama.

— É desconfortável.

— Não importa. Preciso ir a Spezia.

— Podemos levá-lo? — perguntei a Guy.

— Ele quer ir de qualquer maneira — disse Guy. O jovem passou-nos um embrulho pela janela.

— Tome conta disto — pediu. Dois homens amarraram a mala dele na traseira do carro, em cima das nossas. Ele apertou as mãos de cada um, explicou que, para um fascista e homem acostumado a viajar como ele, não havia desconforto. Subiu no para-lama do lado esquerdo, segurando-se por dentro, o braço direito passado pela janela aberta.

— Pode arrancar — autorizou. A multidão acenou. Ele respondeu com a mão livre.

— Que foi que ele disse? — perguntou-me Guy.

— Que podíamos arrancar.

— Não é simpático? — indagou Guy.

A estrada acompanhava um rio, e do outro lado do rio as montanhas. O sol derretia o gelo do capim. O dia era claro e frio, o ar entrava pelo para-brisa aberto.

— Como será que ele está se arranjando aí fora? — Guy olhava a estrada à frente. A visão do lado dele era bloqueada pelo rapaz, que se projetava do para-lama como figura de proa de um navio. Levantara a gola do paletó e puxara o chapéu para baixo, e o nariz parecia gelado no vento.

— Talvez ele se canse — falou Guy. — É o lado do nosso pneu careca.

— Ah, ele desiste se o pneu furar — afirmei. — Não vai querer sujar a roupa de viajante.

— Bom, ele que se arranje — admitiu Guy. — Mas me preocupa isso de ele se inclinar para fora nas curvas.

As matas ficaram para trás; a estrada separou-se do rio para subir; o radiador fervia; o jovem parecia aborrecido e preocupado com o vapor e com a água amarelada de ferrugem. O motor rateava, Guy com os dois pés no pedal da primeira marcha, o carro subindo, rateando e subindo, e finalmente o plano. O rateio cessou, e sem o barulho dele ouvimos a ebulição do radiador. Estávamos no alto da última

cordilheira acima de Spezia e do mar. A estrada descia em curvas curtas, mal-arredondadas. O nosso passageiro inclinava-se nas curvas e quase tombava o carro.

— Não podemos pedir-lhe para não fazer isso — comentei com Guy. — É o instinto de conservação dele.

— O grande instinto italiano.

— O maior instinto italiano.

Descemos fazendo curvas, levantando poeira, a poeira cobrindo as oliveiras. Spezia se espalhava lá embaixo junto ao mar. Nos arredores da cidade a estrada ficava plana. O nosso passageiro enfiou a cabeça na janela.

— Fico aqui — disse.

— Pare — pedi a Guy. Reduzimos e paramos na beira da estrada. O moço desceu, foi à traseira do carro e tirou a mala.

— Fico aqui para não lhe dar problema por transportar passageiro — falou. — O meu embrulho.

Passei-lhe o embrulho. Ele apalpou o bolso.

— Quanto lhe devo?

— Nada.

— Por que não?

— Não sei — respondi.

— Então obrigado — respondeu o moço. Não disse “muito obrigado”, ou “obrigadíssimo”, como se dizia antigamente na Itália à pessoa que lhe entregasse uma tabela de horários de trem ou lhe indicasse um endereço. O moço disse a forma mais fraca de agradecimento e olhou-nos desconfiado quando Guy ligou o carro. Fiz sinal de despedida com a mão. O moço era muito orgulhoso para responder. Chegamos a Spezia.

— Esse moço é dos que vão longe na Itália — disse eu a Guy.

— Bem, já viajou vinte quilômetros conosco — respondeu Guy.

REFEIÇÃO EM SPEZIA

Entramos em Spezia procurando lugar para comer. Era uma rua larga, de prédios altos pintados de amarelo. Seguimos o trilho de bonde até o centro. As paredes das casas tinham retratos a estêncil de um Mussolini de olhos esbugalhados, e “vivas” pintados à mão, os V em tinta preta escorrendo na parede. Da rua saíam becos para a baía. Era um dia claro, as pessoas fora por ser domingo. O calçamento tinha sido lavado, viam-se trechos molhados aqui e ali. Seguíamos rente ao meio-fio para evitar o bonde.

— Vamos comer em algum lugar simples — sugeriu Guy.

Paramos no lado oposto a duas tabuletas de restaurante. Antes de atravessar a rua, parei para comprar jornais. Os restaurantes ficavam lado a lado. Uma senhora na porta de um deles sorriu para nós. Atravessamos a rua e entramos. Estava escuro lá dentro. No fundo do salão, três moças ocupavam uma mesa com uma senhora idosa. Em outra mesa, um marinheiro; não estava comendo nem bebendo. Mais ao fundo, um jovem de terno azul escrevia sentado a uma mesa. O cabelo dele brilhava de pomada. Estava bem-vestido e bem-arrumadinho.

A claridade vinha da porta e da janela, onde havia um mostruário de legumes, frutas, carnes. Uma moça anotou o nosso pedido, outra ficou na porta. Notamos que ela não usava nada por baixo do vestido de casa. A moça que anotou o nosso pedido passou o braço no pescoço de Guy enquanto consultávamos o menu. Eram três moças ao todo, que se revezavam na porta. A senhora idosa na mesa ao fundo falou com elas, elas voltaram a se sentar.

No salão não havia nenhuma outra porta a não ser para a cozinha. Essa porta tinha uma cortina. A moça que tomara nosso pedido veio da cozinha com o espaguete, que pôs na mesa. Depois trouxe uma garrafa de vinho tinto e sentou-se.

— E você queria comer num lugar simples — falei eu a Guy.

— Este não é simples. Este é complicado.

— O que foi que você disse? — perguntou a moça. — São alemães?

— Alemães do sul — respondi. — Os alemães do sul são um povo ameno, amorável.

— Não compreendo — respondeu ela.

— Qual é a mecânica deste lugar? — perguntou Guy. — Preciso deixar que ela ponha o braço em meu pescoço?

— Sem dúvida — respondi. — Mussolini fechou os bordéis. Estamos num restaurante.

A moça usava vestido de uma peça. Inclinou-se sobre a mesa, pôs a mão no peito e sorriu. Sorriu melhor de um lado do que de outro, e voltou o lado melhor para nós. O encanto do lado melhor fora realçado por algum evento que amassara o outro lado do nariz, como se pode amassar cera aquecida. Mas o nariz não parecia cera aquecida. Era frio e firme, apenas amassado.

— Gosta de mim? — perguntou ela a Guy.

— Ele adora você. Mas não fala italiano.

— *Ich spreche Deutsch* — disse ela, e acariciou o cabelo de Guy.

— Fale com a senhora em sua língua, Guy.

— De onde são? — perguntou a senhora.

— Potsdam.

— Vai ficar aqui por algum tempo?

— Nesta tão querida Spezia? — perguntei.

— Diz a ela que precisamos ir — falou Guy. — Diz a ela que estamos doentes e não temos dinheiro.

— O meu amigo é misógino. Um velho misógino alemão — esclareci eu.

— Diz a ele que eu o amo.

Eu disse.

— Quer calar a boca e nos tirar daqui? — pediu Guy. A moça tinha posto outro braço no pescoço dele.

— Diga a ele que ele é meu — disse eu.

— Quer nos tirar daqui?

— Vocês estão brigando — concluiu a mulher. — Vocês não se gostam.

— Somos alemães — proclamei orgulhosamente. — Alemães do sul.

— Diga-lhe que ele é um rapaz bonito — falou a jovem.

Guy tem 38 anos e tem orgulho de ser tomado por caixeiro-viajante na França.

— Você é um rapaz bonito — disse eu.

— Quem diz isso? Você ou ela? — perguntou Guy.

— Ela. Eu sou o intérprete. Não foi para isso que você me trouxe nesta viagem?

— Ainda bem que é ela — ironizou Guy. — Do contrário teria que deixar você também aqui.

— Sei não... Spezia é um belo lugar.

— Spezia — repetiu a moça. — Está falando de Spezia.

— Belo lugar — disse eu.

— É a minha terra — afirmou ela. — Spezia é a minha terra, a Itália é a minha pátria.

— Ela está dizendo que a Itália é a pátria dela.

— Diga a ela que parece mesmo — retrucou Guy

— O que é que temos para sobremesa? — perguntei.

— Frutas. Temos banana.

— Banana está bem — concordou Guy. — Tem casca.

— Oh, ele quer banana — falou a moça, e abraçou Guy.

— O que foi que ela disse? — perguntou ele, afastando o rosto para se livrar dela.

— Ela ficou feliz por você ter pedido banana.

— Diga a ela que não quero banana.

— O *Signor* não quer banana.

— Ah — exclamou ela decepcionada —, ele não quer banana.

— Diga a ela que tomo banho frio toda manhã — afirmou Guy.

— O *Signor* toma banho frio toda manhã.

— Não compreendo — disse a mulher.

Na mesa à nossa frente o marinheiro que não comia nem bebia mexeu-se na cadeira. Ninguém prestou atenção a ele.

— A conta, por favor — pedi eu.

— Oh, não. Vocês devem ficar.

— Olhe aqui — interveio o moço bem-vestido lá da mesa onde escrevia —, deixe-os irem. Esses dois não valem nada.

A moça pegou a minha mão.

— Não quer ficar? Peça a ele para ficar.

— Precisamos ir — disse eu. — Precisamos estar em Pisa, ou se possível Florença, esta noite. Podemos nos divertir nessas cidades no fim do dia. Ainda é dia claro. Podemos viajar muito.

— Ficar um pouquinho só não atrapalha.

— É melhor viajar com a claridade do dia.

— Escute — insistiu o moço bem-vestido. — Não perca tempo conversando com esses dois. Eles não valem nada, e sei o que estou dizendo.

— A nossa conta — repeti. Ela trouxe a conta tirada pela senhora idosa, voltou-se e sentou-se à mesa. Outra moça apareceu vinda da cozinha. Atravessou todo o salão e parou na porta.

— Não ligue para esses dois — repetiu o moço bem-vestido, com voz cansada. — Venha comer. Eles não valem nada.

Pagamos a conta e nos levantamos. Todas as moças, a senhora e o moço bem-vestido reuniram-se na mesma mesa. O marinheiro estava agora com a cabeça entre as mãos. Ninguém falou com ele enquanto estivemos no restaurante. A moça trouxe o troco que a senhora idosa dera a ela, e voltou ao seu lugar na mesa. Deixamos gorjeta na mesa e saímos. Quando já estávamos no carro prontos para sair, a moça apareceu na porta do restaurante. Dei adeus a ela com a mão quando saíamos. Ela não respondeu, mas ficou lá nos olhando.

DEPOIS DA CHUVA

Chovia forte quando chegamos à periferia de Gênova, e, mesmo indo bem devagar atrás dos bondes e dos ônibus, lançávamos água lamacenta nas calçadas, e as pessoas subiam nos degraus quando nos viam nos aproximando. Em San Pier d'Arena, distrito industrial de Gênova, tem uma rua larga com duas mãos de bonde. Pegamos o centro da rua para não jogar lama nas pessoas que voltavam do trabalho.

À nossa esquerda, ficava o Mediterrâneo. Um mar enorme, ondas se arrebentando e o vento jogando borrifos no carro. Um leito de rio que era largo, pedregoso e seco pelo qual passamos quando chegamos à Itália, agora corria pardacento até as margens. A água parda descorava o mar, e, quando as ondas se afinavam e clareavam na arrebentação, a luz atravessava a água amarela cujas cristas, sopradas pelo vento, caíam na estrada.

Um carro grande passou rápido, levantando um jato de água lamacenta que caiu no radiador e no para-brisa do nosso carro. O limpador automático entrou em ação, espalhando a película no para-brisa. Paramos para almoçar em Sestri. O restaurante não tinha aquecimento; por isso não tiramos o chapéu nem o sobretudo. Víamos o carro lá fora, pela janela. Estava coberto de lama e estacionado perto de uns barcos que tinham sido retirados para longe das ondas. No restaurante podíamos ver a nossa respiração.

A pasta asciutta estava boa; o vinho tinha gosto de alume, pusemos água nele. Depois o garçom trouxe bife e fritas. Numa mesa ao fundo estava um casal. Ele era de meia-idade e ela, jovem e se vestia de preto. Durante toda a refeição ela respirava forte no ambiente frio e úmido. O homem olhava e sacudia a cabeça. Comiam calados, o homem segurava a mão dela por baixo da mesa. Ela era bonita e eles pareciam tristes. Perto deles estava uma mala de viagem.

Pegamos os jornais e eu li o relato da luta de Xangai em voz alta para Guy. Depois do almoço Guy saiu com o garçom à procura de um lugar que não havia no restaurante. Limpei o para-brisa, os faróis e as placas com um trapo. Guy voltou, demos marcha a ré, depois primeira e saímos. O garçom tinha levado Guy a uma casa velha do outro lado da rua. As pessoas da casa ficaram desconfiadas, e o garçom permaneceu com Guy para evitar que alguma coisa fosse furtada.

— Eu não sendo encanador, não sei como eles receavam que eu furtasse alguma coisa — disse Guy.

Quando chegamos a uma planície fora da cidade, o vento pegou o carro e quase o virou.

— É bom que ele nos empurre para longe do mar — admitiu Guy.

— É, mas afogaram Shelley por aqui.

— Foi em Viareggio — esclareceu Guy. — Já se esqueceu para que viemos a este país?

— Não. Mas até agora nada conseguimos.

— Vai ser esta noite.

— Se conseguirmos passar de Ventimiglia.

— Veremos. Não gosto de dirigir à noite neste litoral.

Era no começo da tarde, o sol brilhava. Embaixo, o mar era azul com ondas de crista branca avançando na direção de Savona. Atrás, no promontório, a água parda e a azul se juntavam. À nossa frente, um navio subia a costa.

— Ainda se vê Gênova? — perguntou Guy.

— Ainda.

— Mas depois do promontório seguinte não a veremos mais.

— Ainda vai ser vista por muito tempo. Ainda vejo o cabo Portofino atrás de Gênova.

Finalmente não vimos mais Gênova. Quando passamos o cabo, olhei para trás e só vi o mar, e lá embaixo na baía uma faixa de praia com barcos de pesca; e acima, do lado do morro, uma cidade e promontórios em toda a costa.

— Sumiu — disse a Guy.

— Ora, tinha sumido há muito tempo.

— Mas até agora não tínhamos certeza.

Apareceu uma placa indicando uma curva em S e *Svolta Pericolosa*. A estrada contornava o promontório, o vento soprou na rachadura do para-brisa. Abaixo do cabo um trecho plano à beira-mar. O vento tinha secado a lama e as rodas começavam a levantar poeira. Na estrada plana cruzamos com um fascista de bicicleta, com um revólver no coldre nas costas. Ele mantinha a bicicleta no meio da estrada, e tivemos que desviar dele. Ele nos olhou quando passamos. Adiante havia uma passagem de nível, e quando chegávamos perto a cancela se fechou.

Enquanto esperávamos, o fascista voltou na bicicleta. O trem passou, Guy ligou o motor.

— Esperem! — gritou o ciclista atrás do carro. — Sua placa está suja.

Saí do carro com um trapo. A placa tinha sido limpa depois do almoço.

— Podem-se ler os números — afirmei.

— Você acha?

— É só ler.

— Não posso. Está suja.

Limpei a placa com o trapo.

— E agora?

— Vinte e cinco liras.

— O quê? Você podia ter visto os números. Se estão sujos é por causa do estado das estradas.

— Não gosta das estradas italianas?

— São sujas.

— Cinquenta liras. — Cuspiu na estrada. — O seu carro está sujo e você também está sujo.

— Muito bem. Me dê o recibo com o seu nome.

Ele tirou um talão de recibos em duas partes separadas por picote. Uma parte seria entregue à alfândega e a outra ficaria como canhoto. Não havia carbono para confirmar o que dizia a parte da alfândega.

— As cinquenta liras.

Escreveu com lápis-tinta, destacou o recibo e entregou-o. Olhei o escrito.

— É de vinte e cinco liras.

— Me enganei — disse, e mudou vinte de cinco para cinquenta.

— Agora o outro lado. Ponha cinquenta na parte que está com você.

Ele sorriu um belo sorriso italiano e escreveu alguma coisa no recibo, segurando-o de maneira a que eu não pudesse ver.

— Pode ir — ordenou — antes que sua placa fique suja de novo.

Dirigimos por mais duas horas antes de escurecer, e pernoitamos em Mentone. Pareceu-me uma cidade alegre e limpa, saudável e simpática. Tínhamos passado por Ventimiglia, Pisa e Florença, da Romagna a Rimini, voltamos por Forli, Ímola, Bolonha, Parma, Piacenza e Gênova, novamente Ventimiglia. Esse circuito todo nos tomou apenas dez dias. Nessa viagem tão curta, obviamente não tivemos oportunidade de ver direito as coisas, nem o país, nem o povo.

CINQUENTA MIL



— E você, como vai, Jack? — perguntei.

— Viu esse Walcott?

— Vi no ginásio.

— Vou precisar de muita sorte com esse garoto — falou Jack.

— Ele não pode com você, Jack — afirmou Soldier.

— Deus queira que não.

— Ele não pode com você nem a chumbo.

— Quem me dera fosse só com chumbo — admitiu Jack.

— Ele parece fácil de acertar — disse eu.

— Parece — concordou Jack. — Ele não vai durar muito. Não vai durar como você e eu, Jerry. Mas no momento está com tudo.

— Você despacha ele com a esquerda.

— Pode ser. Pode até ser.

— Trate ele como tratou Kid Lewis.

— Kid Lewis. Aquele judeca — lembrou Jack.

Nós três, Jack Brennan, Soldier Bartlett e eu, estávamos no Hanley's. Na mesa perto da nossa havia duas mulheres bebendo.

— Que negócio é esse de judeca? — perguntou uma delas. — Explique isso direito, seu pilantra irlandês.

— Pois não. É o que eu disse — falou Jack.

— Judeca — continuou ela. — Esses irlandeses grandões estão sempre falando de judecas. Que é que você quer dizer com judeca?

— Vamos embora daqui — pedi.

— Judeca — insistia a mulher. — Alguém já viu você pagar um drinque algum dia? Sua mulher costura os seus bolsos toda manhã. Esses irlandeses e os judecas deles! Ted Lewis podia acabar com você.

— Claro — reconheceu Jack. — E você também dá muita coisa de graça, não dá?

Sáímos. Jack era assim. Dizia o que queria, quando queria.

Jack começou a treinar no sítio de recuperação de Danny Hogan em Jersey. Era bom lá, mas Jack não gostou. Não queria ficar longe da mulher e das crianças, e ficava azedo e resmungão a maior parte do tempo. Gostava de mim, e nos dávamos muito bem. E gostava de Hogan, mas depois de algum tempo começou a se irritar com Soldier Bartlett. Um cara brincalhão pode acabar sendo má companhia se não renova o repertório. Soldier ficava sempre brincando com Jack, não dava folga. Não era muito engraçado, e Jack foi se irritando. Era assim. Jack acabara de se exercitar com os pesos e com o saco e punha as luvas.

— Quer trabalhar? — perguntava a Soldier.

— Vamos. Como é que quer que eu faça? — perguntava Soldier. — Quer que eu seja duro como Walcott? Quer que eu derrube você umas vezes?

— Exatamente — dizia Jack. Mas não gostava nada.

Um dia cedo estávamos todos na estrada. Tínhamos andado bastante e já voltávamos. Corríamos três minutos e caminhávamos um minuto, depois mais três minutos correndo. Jack nunca foi o que se pode chamar de bom corredor. No ringue ele se movimentava com rapidez se fosse preciso, mas na estrada não era tão rápido. No minuto da caminhada, Soldier ficava sempre brincando com Jack. Subimos a elevação para a sede.

— Agora é melhor você voltar para a cidade, Soldier — sugeriu Jack.

— Como assim?

— É melhor você voltar para a cidade e ficar lá.

— Por quê?

— Não aguento mais ouvir a sua voz.

— Com efeito! — admitiu Soldier.

— É isso — disse Jack.

— Você vai ficar muito mais aborrecido quando Walcott pegar você.

— Pode ser que sim. Mas agora eu estou aborrecido é de ouvir você — enfatizou Jack.

Então Soldier voltou de trem para a cidade àquela manhã mesmo. Acompanhei-o à estação. Ele estava bem, mas chateado.

— Eu estava só brincando com ele — desabafou na plataforma. — Ele não pode fazer isto comigo, Jerry.

— Ele está nervoso e irritado. É um bom sujeito, Soldier.

— Bom sujeito uma ova. Bom sujeito.

— Bem, até breve, Soldier — despedi-me eu.

O trem chegou. Ele embarcou com o saco de viagem.

— Até breve, Jerry. Vai estar na cidade antes da luta?

— Acho que não.

— Vejo você depois.

Ele acabou de entrar, o condutor deu sinal, o trem partiu. Voltei ao sítio na carroça. Jack estava na varanda escrevendo para a mulher. O correio tinha chegado, peguei os jornais e entrei pelo outro lado da varanda; sentei-me para ler. Hogan veio lá de dentro e se aproximou de mim.

— Ele teve um atrito com Soldier? — perguntou.

— Atrito, não. Disse a ele para voltar para a cidade.

— Eu sabia. Ele nunca topou muito o Soldier.

— Verdade. Tem muita gente que ele não topa.

— É muito fechado.

— A mim ele sempre tratou bem.

— A mim também — concordou Hogan. — Não tenho queixa dele. Mas é um homem reservado.

Hogan entrou de novo, fiquei na varanda lendo os jornais. O clima do outono começava, clima agradável no alto em Jersey. Depois de ler o jornal de ponta a

ponta, continuei lá sentado olhando a paisagem e a estrada ao pé da mata, carros passando e levantando poeira. A temperatura estava agradável, a paisagem também. Hogan chegou à porta e eu disse:

— Ei, Hogan, tem alguma coisa para caçar aqui?

— Não. Só pardais.

— Viu os jornais?

— O que é que eles trazem?

— Sande despediu três deles ontem.

— Ah, soube disso pelo telefone ontem à noite.

— Você acompanha tudo de perto, hein, Hogan?

— Estou sempre em contato.

— E Jack? Ainda joga neles?

— Jack? Já viu ele fazendo isso?

Nesse momento Jack apareceu na esquina da casa com uma carta na mão. Vestia suéter, calça velha e sapatilhas de boxe.

— Tem um selo, Hogan? — perguntou.

— Me dê a carta. Ponho no correio pra você — ofereceu Hogan.

— Ei, Jack — disse eu —, você não costumava jogar nos pôneis?

— Correto.

— Eu sabia que você jogava. Via você em Sheepshead.

— Por que parou? — perguntou Hogan.

— Estava perdendo dinheiro.

Jack sentou-se ao meu lado, recostou-se num esteio. Fechou os olhos ao sol.

— Quer uma cadeira? — perguntou Hogan.

— Não. Está bem assim — falou Jack.

— Dia lindo! — exclamei. — O campo fica ótimo neste tempo.

— Pois eu preferia estar na cidade com minha mulher.

— Só lhe falta uma semana.

— É. Uma semana — concordou Jack.

Eu e Jack ficamos na varanda. Hogan tinha se recolhido ao escritório.

— O que é que você acha da minha forma? — perguntou Jack.

- Não se pode dizer. Você tem uma semana para adquirir forma.
- Não tergiverse.
- Bom, você não está no ponto.
- Não estou dormindo — confessou ele.
- Você estará bem dentro de uns dois dias.
- Não. Tenho insônia.
- O que é que está preocupando você?
- Sinto falta de minha mulher.
- Chame ela para cá.
- Não. Estou velho para isso.
- Vamos dar uma longa caminhada antes de deitar para você se cansar.
- Me cansar! Estou sempre cansado.

Esteve assim a semana inteira. Não dormia à noite e se levantava de manhã cansado, sem nem poder fechar as mãos.

- Está murcho como pão de asilo — falou Hogan. — Está perdido.
- Nunca vi o Walcott — disse eu.
- Vai arrasá-lo — afirmou Hogan. — Vai parti-lo ao meio.
- Bom, todos têm o seu dia.
- Mas não desse jeito. Vão pensar que ele não treinou. É ruim para o prestígio do sítio.

- Viu o que os repórteres disseram dele?
- Se vi! Disseram que ele está péssimo. Disseram que não deviam deixá-lo lutar.

- Bom, eles erram muito, não erram?
- É. Mas desta vez estão certos.
- Como é que eles sabem quando um homem está bem ou não?
- Sabem porque não são idiotas — esclareceu Hogan.
- E quando eles descobriram Willard em Toledo? Esse Lardner, que é tão perspicaz, pergunte a ele da descoberta de Willard em Toledo.

- Ah, ele não foi lá — informou Hogan. — Ele só escreve sobre grandes lutas.

— Não quero nem saber quem são. Não passam de toupeiras. Sabem escrever, reconheço, mas o que é que eles sabem de boxe?

— Você não acha que Jack está em forma; ou acha? — perguntou Hogan.

— Não. Está acabado. O que ele precisa é que Corbett o escolha para ganhar; depois, é dizer adeus.

— Corbett vai escolhê-lo — admitiu Hogan.

— Claro. Vai escolhê-lo.

Essa noite também Jack não dormiu. O dia seguinte era a véspera da luta. Depois da refeição da manhã estávamos novamente na varanda.

— Como está se sentindo, Jack, com isso de não dormir? — perguntei.

— Preocupado — explicou Jack. — Preocupado com o imóvel que comprei no Bronx, preocupado com o imóvel que comprei na Flórida. Preocupado com as crianças. Preocupado com a minha mulher. Às vezes penso em luta. Penso naquele judeca, Ted Lewis, e fico irritado. Possuo umas ações, e me preocupo com elas. O que é que falta mais para eu pensar?

— Bem, amanhã de noite tudo acaba — sugeri eu.

— Certo — concordou Jack. — É um alívio, não é? Isso acerta as pontas, espero.

Jack passou o dia inteiro enfarruscado. Não fizemos nenhum trabalho. Jack apenas mexeu-se um pouco para relaxar. Lutou alguns rounds com um adversário imaginário. Nem nisso conseguiu impressionar. Pulou corda por algum tempo. Não suava.

— É melhor ele não fazer nenhum trabalho — lembrou Hogan. Estávamos observando Jack pular corda. — Ele não suava mais?

— Parou de suar.

— Acha que ele pode estar com tuberculose? Ele nunca teve dificuldade de ganhar peso.

— Não, não está tuberculoso. O que há é que perdeu a gana.

— Ele precisa suar — insistiu Hogan.

Jack aproximou-se de nós pulando a corda. Ficou pulando na nossa frente, para diante e para trás cruzando os braços a cada três pulos.

— E aí? O que é que os senhores urubus estão conversando? — perguntou.

— Acho que você não deve trabalhar mais — opinou Hogan. — Passa do ponto.

— Não seria um desastre? — diz Jack e sai pulando corda batendo forte com ela no chão.

Naquela tarde John Collins apareceu no sítio. Jack estava no quarto em cima. John veio de carro da cidade. Veio com dois amigos.

— E Jack? — perguntou-me John.

— Em cima, no quarto. Deitado.

— Deitado?

— É.

— Como está ele?

Olhei para os dois camaradas que tinham chegado com John.

— São amigos dele — informou John.

— Está mal — confessei eu.

— O que é que ele tem?

— Não dorme.

— E essa! — irritou-se John. — Esse irlandês está sempre com insônia.

— Ele não está bem.

— Pô. Ele nunca está bem. Estou com ele há dez anos e ele ainda não achou jeito de ficar bem — protestou John.

Os dois acompanhantes riram.

— Quero que você cumprimente o sr. Morgan e o sr. Steinfeld — apresentou John. — Este é o sr. Doyle. Está treinando Jack.

— Muito prazer — cumprimentei eu.

— Vamos subir e ver o menino — sugeriu o sujeito chamado Morgan.

— Vamos passar a vista nele — endossou Steinfeld.

Subimos os quatro.

— E Hogan? — perguntou John.

— No celeiro com uns clientes.

— Ele tem muitos empregados aqui? — perguntou John.

— Só dois.

— Lugar tranquilo, não? — indagou Morgan.

— Muito — concordei eu.

Chegamos à porta do quarto de Jack. John bateu. Não houve resposta.

— Pode estar dormindo — sugeri.

— Por que raios ele tem que dormir de dia?

John girou a maçaneta e entramos todos. Jack dormia. Dormia de braços com o rosto no travesseiro.

Os dois braços abraçavam o travesseiro.

— Ei, Jack! — disse John perto da cama. A cabeça de Jack mexeu-se um pouco. — Jack! — diz John inclinando-se para a cama. Jack afundou um pouco mais a cabeça no travesseiro. John tocou no ombro dele. Jack virou-se e se levantou. Olhou para nós. Não tinha se barbeado e vestia um suéter velho.

— Puxa! Por que não me deixam dormir? — reclamou com John.

— Não se irrite — apaziguou John. — Não queria acordar você.

— Ah, não! Claro que não — ironizou Jack.

— Você conhece Morgan e Steinfeld — nomeou John.

— Prazer em vê-los — cumprimentou Jack.

— Como é que está? — pergunta Morgan.

— O fino — diz Jack. — De que jeito mais eu podia estar?

— Você parece ótimo — reconheceu Steinfeld.

— E não pareço? — interrogou Jack. — Ei, John, você é meu agente. Recebe gorda comissão. Por que não esteve aqui quando os repórteres vieram? Queria que eu e Jerry falássemos com eles?

— Eu tinha Lew lutando na Filadélfia — explicou John.

— E eu com isso? Você é meu agente. Recebe gorda comissão, não recebe? Por que diabos não está aqui quando preciso de você?

— Hogan estava aqui.

— Hogan. Hogan é mais burro do que eu — retrucou Jack.

— Soldier Bartlett esteve aqui trabalhando com você, não esteve? — perguntou Steinfeld para mudar de assunto.

— Esteve, sim — concordou Jack. — Esteve aqui algum tempo.

— Jerry, pode procurar Hogan e dizer que precisamos vê-lo dentro de meia hora? — disse John a mim.

— Certo — respondi.

— Por que ele não pode ficar? — perguntou Jack. — Jerry, fique aí.

Morgan e Steinfeld olharam um para o outro.

— Calma aí, Jack — pediu John.

— Vou procurar Hogan — propus.

— Então vá, se você quer — disse Jack. — Nenhum desses caras vai mandar você sair.

— Vou procurar Hogan — repeti.

Hogan estava no ginásio no celeiro. Tinha com ele dois clientes de seu sítio de recuperação, ambos com as luvas. Nenhum queria acertar o outro por medo de revide.

— Já chega — falou Hogan quando me viu. — Podem parar com o morticínio. Agora os cavalheiros tomam uma chuva e Bruce os esfrega.

Eles subiram pelas cordas e Hogan veio falar comigo.

— John Collins está aí com dois amigos, vieram ver Jack — informei eu.

— Vi quando chegaram no carro.

— Quem são os dois outros?

— São o que se pode chamar de espertinhos. Não os conhece?

— Não.

— São Happy Steinfeld e Lew Morgan. Têm um salão de bilhar.

— Estive fora muito tempo — justifiquei-me.

— Eu sei. Happy Steinfeld é um grande especulador.

— Já ouvi o nome.

— É muito maneiroso — advertiu Hogan. — São dois trambiqueiros.

— Bom, eles querem nos ver em meia hora.

— Devo entender que não querem nos ver antes de meia hora?

— É isso.

— Vamos para o escritório — pediu Hogan. — Ao inferno com os trambiqueiros.

Depois de uma meia hora mais ou menos, Hogan e eu subimos. Batemos à porta de Jack. Conversavam lá dentro.

— Espere um minuto — falou alguém.

— Ao diabo com isso — protestou Hogan. — Quando quiserem me ver, estou no escritório lá embaixo.

Ouvimos o estalo do trinco. Steinfeld abriu a porta.

— Entre, Hogan — disse. — Vamos todos tomar um drinque.

— Ora, ora. Já é alguma coisa — reconheceu Hogan.

Entramos. Jack estava sentado na cama, John e Morgan em cadeiras. Steinfeld em pé.

— Vocês são um bando bem misterioso — disse Hogan.

— Olá, Danny — cumprimentou John.

— Olá, Danny — respondeu Morgan, e estendemos as mãos.

Jack não diz nada. Fica lá, sentado na cama. Ele não está com os outros. Está com ele mesmo. Vestia camisa e calça de lã e sapatilhas de boxe. A barba crescida. Steinfeld e Morgan eram preparadores. John também. Jack lá sentado, muito irlandês e durão.

Steinfeld veio com uma garrafa, Hogan com os copos, e todo mundo bebeu. Eu e Jack tomamos uma dose, os outros beberam duas ou três.

— Convém reservar um pouco para a viagem de volta — lembrou Hogan.

— Não se preocupe. Temos bastante — afirmou Morgan.

Jack não bebeu mais nada depois daquela primeira dose. Levantou-se e olhou para os outros. Morgan sentou-se na cama, onde Jack estivera.

— Mais uma, Jack — ofereceu John passando-lhe o copo e a garrafa.

— Não. Nunca fui frequentador de velórios.

Todos riram — menos Jack.

Estavam todos bem alegres quando saíram. Jack ficou na varanda quando entraram no carro. Fizeram sinal com a mão para ele.

— Até mais ver — gritou Jack.

Jantamos. Jack não falou nada durante o jantar, a não ser “passe-me isso”, “passe-me aquilo, por favor”. Os dois pacientes do sítio jantaram na nossa mesa. Eram gente fina. Terminado o jantar, fomos para a varanda. Já estava escuro, escurecia cedo.

— Que tal uma caminhada, Jerry? — propôs Jack.

— Topo.

Vestimos os agasalhos e saímos. Fizemos uma boa caminhada até a estrada, depois uns dois quilômetros e meio da rodovia, pegando o acostamento para os carros passarem, Jack calado o tempo todo. Quando tivemos que subir numa moita para deixar um carro grande passar, ele disse:

— À merda com esta caminhada. Vamos voltar.

Pegamos uma estrada vicinal que cortava caminho morro acima até o sítio. Víamos as luzes da casa lá em cima. Chegamos pela frente. Hogan estava em pé na porta.

— Caminharam bem? — perguntou.

— Muito — respondeu Jack. — Hogan, tem alguma bebida aí?

— Claro. O que é que você tem em mente?

— Mande levar ao quarto. Esta noite vou dormir.

— Você é quem manda — disse Hogan.

— Venha ao quarto comigo, Jerry — pediu Jack.

Subimos. Jack sentou-se na cama, a cabeça entre as mãos.

— Que vida, hein? — desabafou.

Hogan apareceu com uma garrafa e dois copos.

— *Ginger-ale*? — perguntou.

— Quer me pôr de cama?

— Só perguntei — justificou Hogan.

— Vai uma dose? — perguntou Jack.

— Não, obrigado — agradeceu Hogan, e saiu.

— E você, Jerry?

— Acompanho você com uma.

Jack serviu dois drinques.

— Este eu quero consumir bem devagar, quero dizer, sem pressa.

— Então amacie com água — sugeri.

— É. Acho que assim fica bem — concordou Jack.

Tomamos umas duas doses calados. Jack ia me servindo outra.

— Não. Pra mim chega — disse eu.

— OK — fez Jack.

Pegou a garrafa e serviu-se de outra dose caprichada, que completou com água. Ele já estava se acendendo.

— Que bela tropa tivemos aqui hoje, hein? Aqueles dois não querem correr nenhum risco — comentou.

Passou-se um tempo, ele voltou a falar.

— Pensando bem, acho que estão certos. Afinal, para que correr riscos? — Olhou para mim. — Não quer outro, Jerry? Vamos, vem nessa comigo.

— Não quero, Jack. Estou muito bem.

— Só mais um. — Ele estava se soltando.

— Está bem.

Jack serviu um para mim e outro enfiado para ele.

— Sabe — continuou —, gosto de beber. Se eu não fosse boxeador, beberia mais.

— É mesmo?

— Sabe, abri mão de muitas coisas para ser boxeador.

— Mas ganhou muito dinheiro.

— Ganhei. E é o que quero. Mas sabe que perdi muitas coisas, Jerry?

— Como assim?

— Minha mulher, por exemplo. E passar tanto tempo longe de casa. Não é bom para minhas filhas. “E seu pai, quem é?”, pergunta a elas uma daquelas garotas da sociedade. “Meu pai é Jack Brennan.” Isso não é nada bom para elas.

— O que importa é que elas tenham dinheiro, Jack.

— Bom, dinheiro eu tenho para elas.

Serviu-se de mais uma dose. A garrafa estava quase no fim.

— Ponha água — sugeri. Jack pôs água.

— Você nem imagina a falta que sinto de minha mulher.

— Posso imaginar.

— Nem de longe. Você não faz a mínima ideia.

— Deve ser melhor no campo do que na cidade.

— Hoje em dia, onde estou não faz a menor diferença — explicou Jack. —
Você não calcula a falta que ela me faz.

— Tome mais um drinque.

— Estou ficando grogue? Enrolando a língua?

— Você está conversando muito bem.

— Você não sabe o que estou passando. Ninguém sabe.

— Só a sua mulher.

— Ela sabe. Sabe muito bem.

— Ponha água nesse — sugeri eu.

— Jerry, você nem faz ideia de como estou me sentindo.

Jack estava bêbado. Olhava fixo para mim. Os olhos estavam um pouco fixos demais.

— Você vai dormir bem — admiti.

— Olhe aqui, Jerry. Quer ganhar dinheiro? Aposte em Walcott.

— É mesmo?

Jack pousou o copo e disse:

— Não estou bêbado. Sabe quanto estou apostando em Walcott? Cinquenta mil.

— É dinheiro pra burro.

— Cinquenta mil. A dois por um. Vou faturar vinte e cinco mil. Ganhe dinheiro com ele, Jerry.

— Parece boa pedida.

— Não vejo como posso derrotá-lo. É luta limpa. Como é que vou derrotá-lo?
Sendo assim, por que não ganhar dinheiro com ele?

— Ponha água nisso aí — repeti.

— Depois desta luta, paro. Já estou cheio. Preciso de uma derrota. E por que não ganhar dinheiro com ela?

— Dá para entender.

— Não durmo há uma semana. Fico acordado a noite inteira, pensando mil coisas. Não consigo dormir, Jerry. Você sabe o que é isso, a pessoa não dormir?

— Posso imaginar.

— Não durmo. E agora? Não consigo dormir. De que me adiantou me cuidar esses anos todos e agora não poder dormir?

— Deve ser péssimo.

— Você não faz ideia, Jerry.

— Com água, sim?

Pelas onze horas Jack apagou-se, eu o pus na cama. Como ele estava, não podia deixar de dormir. Ajudei-o a se despir na cama.

— Hoje você vai dormir bem, Jack.

— Se vou. Hoje vou.

— Boa-noite, Jack.

— Boa-noite, Jerry. Você é o único amigo que tenho.

— Deixa pra lá, pô.

— Você é o único amigo que tenho. O meu único amigo.

— Então vá dormir.

— Vou, sim.

Hogan estava em sua escrivaninha lá embaixo lendo jornal. Olhou para mim.

— Então? Pôs o seu amigo para dormir?

— Já dormiu.

— É melhor para ele dormir do que não dormir — reconheceu Hogan.

— Também acho.

— Mas você vai ter que se virar muito para explicar isso àqueles cronistas esportivos.

— Mas agora eu também vou dormir.

— Então boa-noite — cumprimentou Hogan.

Na manhã seguinte desci por volta das oito e tomei café. Hogan estava trabalhando os dois clientes no celeiro. Fui lá e fiquei olhando.

Hogan contava para eles, um, dois, três, quatro.

— Olá, Jerry. Jack já levantou?

— Ainda dorme.

Voltei ao quarto e arrumei a mala para ir para a cidade. Pelas nove e meia ouvi Jack se levantando no quarto ao lado. Quando ouvi os passos dele descendo, desci atrás. Jack estava à mesa do café. Hogan em pé ao lado da mesa.

— Como está, Jack? — perguntei.

— Mais ou menos.

— Dormiu bem? — perguntou Hogan.

— Dormi. Estou com a língua grossa, mas não estou com dor de cabeça.

— Ótimo — saudou Hogan. — Bebida de primeira.

— Ponha na conta — pilheriou Jack.

— A que horas vai querer ir para a cidade? — indagou Hogan.

— Antes do almoço. No trem das onze — informou Jack. — Sente-se, Jerry.
— Hogan saiu.

Sentei-me à mesa. Jack comia uma toranja. Quando encontrava uma semente, cuspi na colher e a soltava no prato.

— Enchi a moringa ontem, hein?

— Bebeu um pouco.

— Devo ter falado um monte de bobagens.

— Você não estava tão bêbado.

— Onde está o Hogan? — Tinha acabado com a fruta.

— No escritório.

— O que foi que eu disse sobre aposta na luta? — perguntou Jack. Com a colher na mão cutucava os restos da toranja.

A servente trouxe presunto e ovos e levou o bagaço.

— Mais um copo de leite — pediu Jack a ela.

— Você disse que tinha apostado cinquenta mil em Walcott — informei.

— É verdade.

— É muita grana.

— Não me sinto em forma.

— Pode acontecer alguma coisa — admiti eu.

— Não. Ele quer muito o título. Vai entrar com tudo.

— Nunca se sabe.

— Ele quer o título. Vale muito dinheiro para ele.

— Cinquenta mil é muito dinheiro.

— É negócio — falou Jack. — Não posso ganhar. Você sabe que não posso.

— Quando estiver no ringue pode aparecer uma oportunidade.

— Não. Estou derrotado. É puro negócio.

— Como se sente agora?

— Bem. Dormir me fez bem.

— Você pode se sair bem.

— Vou dar a eles um bom espetáculo — afirmou Jack.

Depois do café, Jack foi telefonar para a mulher. Estava na cabine telefonando.

— É a primeira vez que ele telefona para ela desde que está aqui — confidenciou Hogan.

— Escreve para ela diariamente.

— Eu sei. Uma carta custa só dois centavos — disse Hogan.

Hogan despediu-se de nós, e Bruce, o massagista negro, nos levou à estação na carroça.

— Adeus, sr. Brennan — despediu-se Bruce quando já estávamos no trem. — Espero que o senhor ponha ele para dormir.

— Adeus — respondeu Jack, e deu dois dólares a Bruce.

Bruce tinha trabalhado muito massageando Jack. Parece que ficou desapontado. Jack me viu olhando para Bruce, que estava com os dois dólares na mão.

— Está incluído na conta — disse Jack. — Hogan me cobrou as massagens.

No trem para a cidade, Jack não falou. Ficou sentado com o bilhete enfiado na fita do chapéu, olhando pela janela. Uma vez voltou-se para falar comigo.

— Disse a minha mulher que reservei quarto no Shelby para a noite — comentou. — Fica pertinho do Garden. Amanhã cedo vou para casa.

— Muito boa ideia — concordei. — Sua mulher vê você lutando, Jack?

— Não. Nunca viu.

Deduzi que ele esperava apanhar muito, do contrário iria para casa depois da luta. Da estação tomamos um táxi para o Shelby. Um *boy* pegou nossas malas, e fomos à recepção.

— Quanto custa a diária? — perguntou Jack.

— Só temos quartos duplos — informou o funcionário. — Posso lhe dar um bom quarto duplo por dez dólares.

— É salgado.

— Tenho outro de sete dólares.

— Com banheiro?

— Sem dúvida.

— É melhor você se encostar comigo, Jerry — falou Jack.

— Não. Vou dormir na casa do meu cunhado.

— Não é para você pagar — diz Jack. — Só quero gastar bem o meu dinheiro.

— Queiram se registrar — pediu o funcionário. Olhou os nomes. — Número 238, sr. Brennan.

Subimos pelo elevador. Era um quarto enorme com duas camas e banheiro.

— Muito bom — observou Jack.

O *boy* que nos acompanhara pousou as malas e abriu as cortinas. Jack não se mexeu; dei 25 centavos ao *boy*. Lavamos as mãos e o rosto, e Jack propôs sairmos para comer.

Almoçamos no Jimmy Hanley. Muitas figuras da patota estavam lá. Enquanto comíamos, John apareceu e sentou-se à nossa mesa. Jack não falava muito.

— Como está o seu peso, Jack? — perguntou John. Jack devorava um almoço e tanto.

— Posso liquidar o assunto vestido como estou — respondeu Jack. Ele nunca precisara se preocupar em manter o peso. Era um meio-médio natural e nunca engordava. Perdeu peso no sítio de Hogan.

— Bem, você nunca precisou se preocupar com esse assunto — admitiu John.

— Pelo menos isso — reconheceu Jack.

Fomos ao Garden para pesar depois do almoço. A luta seria de sessenta e seis quilos e seiscentos gramas, às três horas. Jack subiu na balança com uma toalha em

volta do corpo. A barra não se mexeu. Walcott tinha acabado de se pesar e estava cercado por um grande grupo.

— Vamos ver o seu peso, Jack — solicitou Freedman, agente de Walcott.

— Então pese *ele*. — Jack apontou Walcott com a cabeça.

— Largue a toalha — pediu Freedman.

— Quanto dá? — perguntou Jack aos camaradas que o pesavam.

— Sessenta e quatro quilos e oitocentos gramas — respondeu o gordo que fazia a pesagem.

— Está com bom peso, Jack — disse Freedman.

— Pese *ele* — pediu Jack.

Walcott veio à balança. Era um louro de ombros largos e braços como os de um peso-pesado. Não tinha muita perna. Jack era meia cabeça mais alto do que ele.

— Olá, Jack — cumprimentou Walcott. Tinha o rosto muito marcado.

— Olá — retribuiu Jack. — Como é que está?

— Bem — respondeu Walcott. Deixou cair a toalha da cintura e subiu na balança. Parece que tinha os ombros e as costas mais largos do mundo.

— Sessenta e seis quilos e quinhentos gramas.

Walcott desceu da balança e sorriu para Jack.

— Bem — fala John para Walcott —, Jack tem um quilo e setecentos menos do que você.

— Terá menos ainda quando eu subir — disse Walcott. — Vou almoçar agora. Voltamos ao vestiário.

— Que cara mais feia ele tem — observou Jack.

— Tem cara de quem apanhou muitas vezes.

— É. É fácil acertá-lo — reconheceu Jack.

— Aonde você vai daqui? — perguntou John quando Jack acabou de se vestir.

— Para o hotel. Já cuidou de tudo?

— Já. Está tudo certo.

— Vou me deitar um pouco — informou Jack.

— Apanho você a um quarto para as sete para jantarmos.

— Combinado.

Já no quarto do hotel, Jack tirou os sapatos e o paletó e deitou-se. Escrevi uma carta. Olhei Jack umas duas vezes, ele estava acordado. Não se mexia, mas de vez em quando abria os olhos. Finalmente sentou-se.

— Vamos jogar burro, Jerry? — pergunta.

— Vamos.

Jack pegou a mala e tirou o baralho. Jogamos burro, ele ganhou três dólares de mim. John bateu à porta e entrou.

— Quer jogar burro, John? — perguntou Jack.

John pôs o chapéu na mesa. Estava molhado. O paletó também.

— Está chovendo? — pergunta Jack.

— E como. O táxi que tomei ficou retido no trânsito. Saí e vim andando.

— Então vamos jogar burro — convidou Jack.

— Você precisa comer.

— Não quero comer agora.

Jogaram burro por meia hora, Jack ganhou um dólar e cinquenta.

— Bem, acho que está na hora de comer — falou Jack. Foi à janela e olhou para fora.

— Ainda chove? — perguntei.

— Ainda.

— Vamos comer no hotel — sugere John.

— Então vamos — concorda Jack. — Eu e você jogamos mais uma partida para ver quem paga o jantar.

Pouco tempo depois Jack levanta-se e diz:

— Você paga o jantar, John. — Descemos e jantamos no refeitório imenso.

Depois do jantar voltamos ao quarto e Jack jogou mais burro com John e ganhou dois dólares e cinquenta. Jack estava muito bem-disposto. John tinha levado uma mala com as suas coisas. Jack tirou o colarinho e a camisa e vestiu uma camiseta e um suéter para não se resfriar quando saísse; pôs a roupa de boxe e o roupão numa maleta.

— Pronto? — pergunta John. — Vou telefonar pedindo um táxi.

Logo o telefone tocou avisando que o táxi estava esperando.

Descemos e pegamos o táxi para o Garden. Chovia forte, mas tinha muita gente nas ruas. O Garden estava lotado. Quando entramos e seguíamos para o vestiário, vi como o estádio estava cheio. As luzes estavam apagadas, menos as do ringue.

— Com essa chuva, foi bom não terem programado a luta para o campo de bola — disse John.

— Estão com a casa cheia — reconheceu Jack.

— Esta luta é daquelas que atraem mais gente do que cabe no Garden.

John enfiou a cabeça na porta do vestiário. Jack estava sentado, vestido com o roupão. Com os braços cruzados, olhava para o chão. John vinha acompanhado de dois treinadores, que olhavam por cima do ombro dele. Jack ergueu os olhos para eles.

— Ele já chegou? — perguntou.

— Acaba de descer.

Descemos. Walcott ia subindo ao ringue. A multidão o aplaudia adoidada. Ele passou por entre as cordas, juntou os pulsos sorrindo e os sacudiu para a multidão, primeiro para um lado, depois para o outro, e sentou-se. Jack também foi muito aplaudido quando passava entre a multidão. Jack é irlandês, e os irlandeses são sempre muito aplaudidos. Em Nova York um irlandês não atrai muita gente como um judeu ou um italiano, mas sempre consegue aplausos. Jack subiu e se abaixou para passar entre as cordas. Walcott veio lá do seu canto e abaixou a corda para Jack. A multidão achou isso formidável. Walcott pôs a mão no ombro de Jack e ficaram assim por um momento.

— Então você vai ser mais um campeão popular — ironizou Jack a Walcott. — Tire a pata do meu ombro.

— Como queira — diz Walcott.

A multidão gosta dessas coisas. Gosta dos rapapés dos contendores antes da luta. Cada um deseja sorte ao outro.

Solly Freedman veio ao nosso canto quando Jack enrolava gaze nas mãos e John estava no canto de Walcott. Jack enfia o dedo grande pela abertura da bandagem e

enrola a mão bem enrolada. Prendo-a com esparadrapo no pulso e duas vezes sobre os nós dos dedos.

— Ei — pergunta Freedman —, onde consegue tanto esparadrapo?

— Sexto sentido — responde Jack. — Fica macio, não é? Não seja bronco.

Freedman fica ali enquanto Jack põe bandagem na outra mão, e um dos atendentes que vão cuidar dele traz as luvas, que calço em Jack.

— Ei, Freedman — pergunta Jack —, de que nacionalidade é esse Walcott?

— Não sei. Parece que é dinamarquês.

— É da Boêmia — informa o rapaz que tinha trazido as luvas.

O juiz chamou-os para o centro do ringue. Walcott vai sorrindo. Os dois se encontram e o juiz põe um braço no ombro de cada um.

— Olá, campeão da popularidade — diz Jack a Walcott.

— Como queira.

— Por que resolveu se chamar “Walcott”? — indaga Jack. — Não sabia que ele era negro?

— Atenção — alerta o juiz, e diz a xaropada de sempre.

Walcott o interrompe uma vez. Pega o braço de Jack e diz:

— Posso socá-lo quando ele me pega assim?

— Tire as mãos de mim — pede Jack. — Não estamos fazendo um filme.

Voltam a seus cantos. Tiro o roupão de Jack, ele se apoia nas cordas, flexiona os joelhos umas vezes e arrasta as sapatilhas na resina. O gongo soa, Jack vira-se depressa e vai ao centro. Walcott também, eles se encontram e tocam as luvas; e logo que Walcott abaixa as mãos Jack lhe manda dois esquerdos no rosto. Nunca houve boxeador melhor do que Jack. Walcott foi atrás dele avançando, sempre com o queixo no peito. É bom de gancho e mantém as mãos baixas. Ele só sabe é que tem de se aproximar e golpear. Mas, toda vez que se aproxima, Jack o acerta no rosto com a esquerda. Até parece coisa automática. É só Jack levantar a esquerda para achar o rosto de Walcott. Três ou quatro vezes Jack usa a direita, mas Walcott a recebe no ombro ou na parte alta da cabeça. É como todos os que são bons de gancho. Ele só tem medo é de encontrar outro que também seja bom de gancho. Ele

se cobre em toda parte onde pode ser atingido. Não se incomoda com esferdos no rosto.

Depois de uns quatro rounds, Jack o deixa sangrando muito, com o rosto todo cortado; mas, a cada vez que Walcott chega perto, solta golpes tão fortes que Jack já tem duas grandes manchas vermelhas de ambos os lados, abaixo das costelas. E, cada vez que Walcott chega perto, Jack clincha, e de repente solta uma das mãos e dá-lhe um golpe curto de baixo para cima; mas, quando Walcott solta a mão, soca Jack no corpo com tanta força que se pode ouvir a batida lá na rua. É um socador.

Continua assim por mais três rounds. Nenhum deles fala. Estão trabalhando. Nós também trabalhamos bastante com Jack nos intervalos dos rounds. Ele não está lá essas coisas, nem se mostra muito ágil. Não se movimenta muito, e a esquerda é automática. É como se estivesse ligada ao rosto de Walcott, e Jack só tinha que deixá-la ir. Jack é muito calmo quando de perto, e não gasta muita energia. Sabe tudo de luta de perto, e está se garantindo bem. Quando estiveram em nosso canto, vi Jack prender Walcott, livrar a mão direita, torcê-la e mandar um uppercut que pegou o nariz de Walcott com a dobra da luva. Sangrando muito, Walcott apoiou o nariz no ombro de Jack para passar sangue a ele, ora essa, só eu é que sangro. Jack ergueu o ombro rápido e pegou o nariz de Walcott; acionou a direita e acertou novamente o nariz de Walcott.

Walcott enfezou-se. Depois de cinco rounds ele já odiava Jack como o demônio odeia a cruz. Jack não estava enfezado; quero dizer, não estava mais enfezado do que é normalmente. Verdade que ele costumava fazer os adversários odiarem o boxe. Por isso é que ele odiava Kid Lewis. Ele nunca fazia o Kid odiar o boxe. Kid Lewis sempre tinha umas três sujeirinhas novas que Jack não conhecia. Nessa luta Jack estava mais seguro do que uma igreja — mas só enquanto tivesse força. Não estava dando refresco a Walcott. O engraçado era que Jack parecia um boxeador clássico. Porque ele tinha garra.

Depois do sétimo round, Jack disse que a esquerda estava ficando pesada.

Depois disso começou a apanhar. No princípio não demonstrava; mas, em vez de dominar ele a luta, quem dominava era Walcott; em vez de se mostrar seguro o tempo todo, agora parecia inseguro. Não podia manter Walcott longe com a

esquerda. A luta parecia a mesma; mas agora, em vez de errarem Jack, os golpes de Walcott o acertavam. Jack apanhava muito no corpo.

— Que *round* é este? — perguntou Jack.

— Décimo primeiro.

— Não posso continuar. Minhas pernas não aguentam.

Walcott vinha batendo há muito tempo. Parecia um aparador de beisebol que amortece a força da bola. Walcott começava a se firmar. Parecia uma máquina de socar. Jack se limitava a esquivas. Não parecia que ele estava apanhando tanto. Trabalhei nas pernas dele entre *rounds*. Os músculos pareciam geleia nas minhas mãos quando eu os massageava. Jack estava na pior.

— Como é que estou? — perguntou a John, mostrando o rosto inchado.

— Ele é o dono hoje.

— Acho que posso resistir — disse Jack. — Não quero que esse tranca me tire do ringue.

A luta se desenrolava do jeito que ele tinha imaginado. Sabia que não podia derrotar Walcott. Já não era um lutador forte. Quanto ao mais, não podia se queixar. Tinha dinheiro, e agora só queria chegar ao fim sem vexame por uma questão de brio. Não queria sofrer nocaute.

O gongo soou, empurramos Jack. Ele foi devagar. Walcott marchou para Jack. Jack mandou-lhe um esquerdo, Walcott o recebeu no rosto, abaixou-se e trabalhou no corpo de Jack. Jack tentou prendê-lo, mas foi como querer segurar uma serra circular. Jack livrou-se, soltou um direto e errou. Walcott acertou um gancho esquerdo e Jack caiu. Caiu de quatro, e olhou para nós. O juiz começou a contagem. Jack olhava para nós, sacudindo a cabeça. No oito John fez sinal para ele. Não podíamos ouvir por causa da multidão. Jack levantou-se. Enquanto contava, o juiz tinha um braço nas costas de Walcott.

Quando Jack levantou, Walcott caminhou para ele.

— Cuidado, Jimmy — gritou Solly Freedman.

Walcott caminhava para Jack olhando-o. Jack esticou a mão esquerda para Walcott. Walcott desviou a cabeça. Forçou Jack contra as cordas, calculou e soltou a direita com toda a força no corpo de Jack, o mais baixo que pôde. Deve ter atingido

dez centímetros abaixo do cinturão. Pensei que os olhos de Jack iam saltar fora do rosto, de tanto que esbugalharam. Jack estava com a boca aberta.

O juiz segurou Walcott. Jack avançou. Estavam em jogo cinquenta mil dólares. Jack caminhava como se as entranhas estivessem a ponto de cair.

— Não foi foul — disse. — Foi accidental.

A multidão gritava tanto que não se podia ouvir o que diziam.

— Estou bem — diz Jack.

Estavam na nossa frente. O juiz olha para John, sacode a cabeça.

— Venha, seu polaco filho da puta — diz Jack a Walcott.

John pendurou-se nas cordas, com a toalha pronta para ser jogada. Jack estava em pé perto das cordas. Deu um passo à frente. Vi suor no rosto dele como se alguém o tivesse espremido, e uma gota grande desceu pelo nariz.

— Venha lutar — disse Jack a Walcott.

O juiz olhou para John e fez sinal para Walcott continuar.

— Vá à luta, seu palerma.

Walcott foi. Ele também não sabia o que fazer. Não imaginara que Jack resistisse. Jack soltou-lhe um esquerdo no rosto. A gritaria era infernal. Os dois estavam na nossa frente. Walcott acertou Jack duas vezes. O rosto de Jack estava horrível — e o olhar! Jack reunia as forças e o corpo, e o rosto demonstrava esse esforço. Concentrava-se no pensamento e segurava o corpo na parte mais atingida.

Começou a socar. O rosto em estado horrível. Socava com as mãos junto ao corpo, atacando. Walcott se protegia, Jack o atacava na cabeça. De repente solta um esquerdo que pega Walcott na virilha e um direto que o pega no lugar onde ele havia atingido Jack — bem abaixo do cinturão. Walcott caiu com a mão no ponto atingido e rolou na lona.

O juiz agarrou Jack e o empurrou para o canto. John sobe ao ringue. A gritaria era ensurdecedora. O juiz falava com os dirigentes. O locutor entra no ringue com o megafone e diz: “Foul contra Walcott!”

O juiz conversa com John e diz:

— O que é que eu podia fazer? Jack não reclamou do foul. Depois, quando já está grogue, aplica um foul?

— De qualquer maneira, ele ia perder — diz John.

Jack está sentado. Tiro as luvas dele, ele fica lá se segurando com as duas mãos. Quando consegue pressionar o lugar atingido, a expressão do rosto melhora.

— Vá lá e peça desculpa — pede John no ouvido dele. — Impressiona bem.

Jack se levanta e o suor no rosto aumenta. Estendo o roupão por cima dele, ele se segura com uma mão sob o roupão e caminha pelo ringue. Já levantaram Walcott e trabalham nele. Tem muita gente no canto de Walcott.

— Lamento muito — fala Jack. — Não era minha intenção atingir você com um golpe baixo.

Walcott nada diz. Está sofrendo muito.

— Bem, você agora é campeão — reconhece Jack. — Espero que se divirta bastante com o título.

— Não aborreça o homem — pede Solly Freedman.

— Olá, Solly. Sinto muito ter feito isso com o seu garoto — diz Jack.

Freedman olha para ele e não diz nada.

Jack volta ao seu canto com aquele seu andar balançado. Nós o tiramos por entre as cordas e saímos com ele, passando pelas mesas dos repórteres e pelo corredor entre as cadeiras. Muita gente quer dar tapinhas nas costas de Jack. Ele enfrenta a multidão e finalmente chegamos ao vestiário. Cresceu a popularidade de Walcott. Assim é que se aposta no Garden.

Mal entramos no vestiário, Jack deita-se e fecha os olhos.

— Precisamos ir para o hotel e chamar um médico — diz John.

— Estou todo esbandalhado por dentro — declara Jack.

— Você não sabe o quanto eu lamento — fala John.

— Deixe pra lá — diz Jack. Continua deitado, de olhos fechados.

— Parece que tentaram uma bela batota — admite John.

— Seus amigos Morgan e Steinfeld — acusa Jack. — Belos amigos você tem.

Agora ele está de olhos abertos. O rosto ainda tem aquela expressão caída, horrível.

— Engraçado isso — reconhece. — Como a gente pensa depressa quando tem muito dinheiro em jogo.

— Você é demais, Jack — diz John.

— Que nada. Foi fácil — justifica Jack.

UMA INDAGAÇÃO INOCENTE



Lá fora a neve era mais alta do que a janela. A claridade do sol entrava pela janela e batia num mapa na parede de tábuas da cabana. O sol ia alto e a luz entrava por cima do monte de neve. No lado aberto da cabana foi aberta uma trincheira, e nos dias claros o sol, batendo na parede, refletia calor na neve e alargava a trincheira. Era fim de março. O major estava numa mesa encostada na parede. O ajudante estava em outra mesa.

Em volta dos olhos do major havia dois círculos claros onde os óculos de neve protegiam o rosto do sol e da neve. O resto do rosto tinha sido queimado, depois amorenado e depois queimado o amorenado. O nariz estava inchado e havia escamas de pele deixadas pelas bolhas. Enquanto trabalhava com uns papéis, o major punha os dedos da mão esquerda em um pires de óleo e aplicava óleo no rosto muito delicadamente com as pontas dos dedos. Tinha muito cuidado ao molhar os dedos na beirada do pires para não pegar muito óleo. Depois de aplicar óleo na testa e no rosto, oleou o nariz delicadamente. Quando terminou, levantou-se, pegou o pires de óleo e foi para o quartinho da barraca onde dormia.

— Vou dormir um pouco — disse ao ajudante. Naquele exército os ajudantes não têm patente de oficial. — Você acaba isso.

— Sim, *Signor Maggiore* — respondeu o ajudante. Recostou na cadeira e bocejou. Tirou do bolso do capote um livro encapado e abriu; depois pôs o livro na mesa e acendeu o cachimbo. Depois fechou o livro e guardou-o novamente no bolso. Tinha

muito trabalho para fazer. Só podia curtir a leitura quando terminasse. O sol sumiu atrás de uma montanha e sumiu também a claridade na parede da cabana. Um soldado entrou e pôs galhos de pinheiro, cortados em tamanhos iguais, na estufa. — Não faça barulho, Pinin — pediu o ajudante. — O major está dormindo.

Pinin era ordenança do major. Era um rapaz moreno. Abasteceu a estufa pondo a lenha com muito cuidado, fechou a tampa e voltou para o fundo da cabana. O ajudante continuou às voltas com seus papéis.

— Tonani — gritou o major.

— Signor Maggiore?

— Mande Pinin aqui.

— Pinin! — gritou o ajudante. Pinin voltou à sala. — O major está lhe chamando.

Pinin chegou à porta do quarto do major. Bateu na porta entreaberta.

— Signor Maggiore?

— Entre — ordenou o major — e feche a porta.

O major estava deitado no beliche. Pinin ficou em pé ao lado do beliche. O major tinha a cabeça na mochila, que enchera de roupas para fazer travesseiro. Olhou para Pinin com o rosto comprido, queimado e oleado. As mãos em cima do cobertor.

— Você tem 19 anos? — perguntou.

— É, Signor Maggiore.

— Já esteve apaixonado?

— Como diz, Signor Maggiore?

— Apaixonado. Por uma mulher.

— Já estive com mulheres.

— Não foi o que perguntei. Perguntei se já esteve apaixonado. Por uma mulher.

— Já, Signor Maggiore.

— Ainda está apaixonado por ela? Você não escreve para ela. Leio todas as suas cartas.

— Estou apaixonado por ela, mas não escrevo.

— Tem certeza?

— Toda.

— Tonani — disse o major no mesmo tom de voz —, está ouvindo a minha conversa?

Nenhuma resposta veio da sala.

— Ele não ouve — informou o major. — E você tem certeza de que está apaixonado por uma mulher?

— Tenho.

— E — perguntou o major olhando bem para ele — de que não é corrupto?

— Não sei o que quer dizer corrupto.

— Muito bem. Mas não precisa ser altivo — observou o major.

Pinin baixou os olhos para o chão. O major olhou o rosto moreno de Pinin demoradamente, olhou as mãos dele. Continuou, sem sorrir:

— E você não acha... — O major hesitou. Pinin olhando para o chão. — ... que o seu grande desejo não é... — Pinin olhando para o chão. O major descansou a cabeça na mochila e sorriu. Via-se que estava aliviado; a vida no exército é muito complicada. — Você é um bom rapaz — falou. — Você é um bom rapaz, Pinin. Mas não seja altivo e tenha cuidado para que algum outro não venha e leve você.

Pinin continuava imóvel ao lado do beliche.

— Não tenha medo — insistiu o major, com as mãos fechadas em cima do cobertor. — Não vou tocar em você. Pode voltar para o seu pelotão se quiser. Mas será melhor ficar aqui como meu ordenança. Você corre menos riscos de ser morto.

— Quer alguma coisa de mim, Signor Maggiore?

— Não. Volte para fazer o que estava fazendo. Deixe a porta aberta quando sair.

Pinin saiu, deixando a porta aberta. O ajudante ficou olhando enquanto ele atravessava a sala com passo desajeitado e saía. Pinin estava ruborizado e caminhava de modo diferente do que quando entrara com lenha para a estufa. O ajudante acompanhou-o com o olhar e sorriu. Pinin voltou com mais lenha para a estufa. Deitado em seu beliche, olhando para o capacete coberto de pano e para os óculos de neve pendurados num prego na parede, o major ouviu os passos de Pinin na sala. O diabinho, pensou; será que ele mentiu para mim?

UM CANÁRIO PARA ELA



O trem passou muito depressa por uma casa comprida de pedra vermelha com jardim e quatro palmeiras bojudas com mesas na sombra delas. Do outro lado era o mar. Tinha também um corte entre a pedra vermelha e o barro, e o mar só era visto ocasionalmente e bem longe lá embaixo, batendo em pedras.

— Comprei em Palermo — disse a senhora americana. — Só passamos uma hora em terra, numa manhã de domingo. O homem queria receber em dólares, dei-lhe um dólar e cinquenta. Canta que é uma beleza.

Estava muito quente no trem, e muito quente no *lit salon*. Pela janela aberta não entrava brisa. A senhora americana baixou a veneziana da janela e não havia mais mar, nem ocasionalmente. Do outro lado era capim, depois o corredor, depois uma janela aberta, e além da janela árvores empoeiradas e uma estrada escura e terrenos planos plantados de vinhas, tendo ao fundo morros de pedra cinzenta.

Muitas chaminés altas soltavam fumaça. Chegávamos em Marselha, o trem diminuiu a velocidade e seguiu um trilho por entre muitos outros até a estação. Ficou parado vinte e cinco minutos na estação de Marselha, e a senhora americana comprou um exemplar do *Daily Mail* e meia garrafa de água Evian. Caminhou um pouco pela plataforma, mas sem se afastar dos degraus do vagão, porque em Cannes, onde o trem parou por doze minutos, partiu sem dar sinal e ela quase o perdeu. A senhora americana era meio surda e tinha medo de não ouvir os sinais de partida.

O trem deixou a estação de Marselha, e, além dos pátios de manobra e da fumaça das fábricas, olhando para trás víamos a cidade de Marselha e o porto com morros de pedra por trás, e os últimos raios de sol na água. Ao escurecer o trem passou por uma casa de fazenda em chamas. Na estrada havia carros parados e camas e utensílios outros retirados da casa e espalhados no campo. Muita gente olhava o incêndio. Depois que escureceu, o trem entrou em Avignon. Gente embarcando e gente desembarcando. Franceses que voltavam para Paris compravam jornais franceses do dia nas bancas. Na plataforma havia soldados negros. Usavam uniforme cáqui, eram altos e de rostos lustrosos à luz elétrica. Os rostos eram pretíssimos, os soldados eram altíssimos, não dava para encará-los. O trem partiu de Avignon com os negros parados na estação. Com eles estava um sargento branco, baixo.

No *lit salon* o cabineiro baixou as três camas da parede e as preparou para a noite. De noite a senhora americana não dormia porque o trem era um *rapide* e ela tinha medo da velocidade. A cama da senhora americana era a que ficava perto da janela. O canário de Palermo, com um pano cobrindo a gaiola, estava protegido de correntes de ar no corredor que levava ao lavatório do compartimento. Na porta do compartimento, do lado de fora, havia uma luz azul, e de noite o trem corria muito e a senhora americana ficava acordada esperando um acidente.

De manhã o trem estava chegando a Paris, e, depois que a senhora americana saiu do lavatório, com ar muito higiênico e americano apesar de não ter dormido, e de ter tirado o pano que cobria a gaiola e pendurado a gaiola no sol, voltou ao carro-restaurant para tomar café. Quando voltou ao *lit salon* as camas já estavam recolhidas em seus nichos na parede e transformadas em assentos, o canário sacudia as penas no sol que entrava pela janela aberta, e o trem estava mais perto de Paris.

— Ele adora o sol — disse a senhora americana. — Não demora a cantar.

O canário sacudia as penas e as bicava.

— Adoro pássaros — confessou a senhora americana. — Estou levando ele para minha filhinha. Escute: está cantando.

O canário trinou e as penas do pescoço se arrepiaram; ele abaixou o bico e tornou a bicar as penas. O trem atravessou um rio e passou dentro de uma floresta bem-cuidada. O trem passou por muitas cidades da periferia de Paris. Nas cidades

havia bondes e grandes anúncios da Belle Jardinière e Dubonnet e Pernod nos muros voltados para o trem. Tudo por que o trem passava parecia que era antes do café. Por vários minutos fiquei sem ouvir a senhora americana, que falava com minha mulher.

— Seu marido também é americano? — perguntou a senhora.

— É. Somos ambos americanos.

— Pensei que eram ingleses.

— Não.

— Talvez seja porque eu uso alças — falei. Ia dizendo suspensórios, mas mudei para alças em tempo para não perder o jeito de inglês. A senhora americana não ouviu. Era mesmo surda, entendia as pessoas pelo movimento dos lábios, e falei sem olhar para ela. Eu olhava pela janela. Ela continuou conversando com minha mulher.

— Estou contente por saber que são americanos. Os americanos são os melhores maridos — achava ela. — Foi por isso que deixamos o continente, sabe? Minha filha enamorou-se de um homem em Vevey. — Fez uma pausa. — Estavam os dois apaixonadíssimos. — Fez outra pausa. — Eu a tirei daqui.

— E ela esqueceu o amor? — perguntou minha mulher.

— Que nada. Não comia e não dormia. Tentei de tudo, mas parece que ela não se interessa por nada. Não liga para nada. Eu não podia deixar que ela se casasse com um estrangeiro. — Fez uma pausa. — Alguém, uma pessoa muito minha amiga, me disse uma vez: “nenhum estrangeiro pode ser bom marido para uma americana.”

— É. Acho que não — concordou minha mulher.

A senhora americana gostou do casaco de viagem de minha mulher, e ficamos sabendo que a senhora americana comprava suas roupas há vinte anos na mesma *maison de couture* na Rue Saint Honoré. Tinham as medidas dela, e uma vendeuse que a conhecia e conhecia o gosto dela escolhia as roupas para ela e as mandava para os Estados Unidos. A encomenda chegava ao correio do bairro onde ela morava em Nova York. O imposto nunca era exorbitante porque abriam o pacote e os vestidos no correio para avaliação, e viam que eram coisas simples e baratas. Antes da vendeuse

atual, de nome Thérèse, tinha havido outra, de nome Amélie. Só houve essas nos vinte anos. Sempre o mesmo *couturier*. Mas os preços subiram, o que não fazia muita diferença, porque a taxa de câmbio compensava. Agora a casa tinha também as medidas da filha. Ela já era adulta e não havia grande perigo de aumentar as medidas.

O trem entrava em Paris. As fortificações estavam arrasadas, mas não cresceu grama. Muitos vagões parados nos trilhos — vagões de carros-restaurantes e vagões de carros-dormitórios, todos marrons, que partiriam para a Itália às cinco da tarde, se é que esse trem ainda partia às cinco; os vagões tinham a inscrição Paris-Roma. Havia também carros com bancos em cima, que iam e vinham entre os subúrbios e o centro a certas horas, com pessoas ocupando todos os lugares e até no teto, se é que ainda funcionava assim, e passavam por muros brancos e muitas janelas de casas. Nada tinha tomado nenhum café.

— Os americanos são os melhores maridos — repetia a senhora americana à minha mulher. Eu estava retirando a bagagem. — Os americanos são os únicos homens do mundo com quem se deve casar.

— Quanto tempo faz que você deixou Vevey? — perguntou minha mulher.

— Faz dois anos no outono. É para ela que estou levando o canário.

— O homem por quem a sua filha se apaixonou é suíço?

— É. É de uma família muito boa de Vevey. Vai ser engenheiro. Conheceram-se em Vevey. Davam longos passeios a pé.

— Conheço Vevey. Passamos nossa lua de mel lá — disse minha mulher.

— É mesmo? Deve ter sido maravilhoso. Eu não sabia que ela ia se apaixonar por ele.

— É um lugar muito simpático — concordou minha mulher.

— É, não é? — disse a senhora americana. — Onde vocês se hospedaram lá?

— No Trois Couronnes.

— É um hotel antigo e muito bom — endossou a senhora americana.

— Ficamos em um quarto magnífico, e no outono a paisagem era maravilhosa.

— Estiveram lá no outono?

— Foi.

Passamos por três vagões acidentados. Estavam esbandalhados, os tetos afundados.

— Vejam, houve um acidente — falei.

A senhora americana olhou e viu o último vagão.

— Tive medo disso a noite inteira — comentou. — Às vezes tenho maus pressentimentos. Nunca mais viajo num *rapide* de noite. Deve haver outros trens confortáveis que não corram tanto.

O trem já estava no escuro da Gare de Lyons. Parou, os carregadores chegaram às janelas. Passei as malas a um pelas janelas e descemos para a comprida plataforma mal-iluminada. A senhora americana entregou-se aos cuidados de um de três funcionários da Cook's, que disse:

— Um momento, madame, enquanto procuro o seu nome.

O carregador veio com um carrinho e empilhou a bagagem nele. Minha mulher despediu-se e eu também da senhora americana, cujo nome foi encontrado pelo funcionário da Cook's em uma folha datilografada tirada de um maço de folhas datilografadas que ele tornou a guardar no bolso.

Acompanhamos o carregador com o carrinho pela comprida plataforma de cimento ao lado do trem. No fim tinha um portão; um funcionário pegou os bilhetes.

Voltávamos a Paris para nos instalarmos em endereços separados.

AGORA VOU DORMIR



De noite deitamos no chão do quarto e fiquei ouvindo o barulho dos bichos-da-seda comendo. Comiam em caixas com folhas de amora, e a noite inteira os ouvíamos comendo e o barulho de alguma coisa caindo nas folhas. Eu mesmo não queria dormir porque há muito tempo achava que, se fechasse os olhos no escuro e me entregasse ao sono, minha alma sairia do corpo. Esse pensamento me perseguia há muito tempo, desde que fui bombardeado de noite e senti a alma saindo de mim, sumindo e depois voltando. Fiz força para nunca pensar nisso, mas de noite minha alma começava a sair bem no momento em que o sono entrava, e eu só podia evitar a saída dela com um esforço muito grande. De sorte que agora, mesmo estando razoavelmente certo de que ela nunca saiu de mim, não me animei a fazer a verificação naquele verão de que estou falando.

Eu tinha muitas maneiras de me manter ocupado enquanto acordado. Podia pensar num riacho com trutas onde costumava pescar quando criança, e pescava em toda a extensão dele mentalmente; pescava meticulosamente debaixo de cada tora, em todas as curvas do riacho, nos poços fundos e nos trechos rasos, às vezes pegando trutas, às vezes não. Parava ao meio-dia para almoçar, às vezes numa tora sobre a água, outras num barranco da margem debaixo de uma árvore; almoçava devagar, olhando o riacho passar. Frequentemente eu ficava sem isca porque só levava dez minhocas numa lata de fumo. Quando gastava todas, precisava procurar mais, e às vezes era difícil cavoucar na margem onde os cedros vedavam a passagem

do sol, e embaixo não tinha capim, mas só a terra pelada onde não dá minhoca. Mas sempre acabava achando alguma outra isca; mas uma vez no brejo não achei isca nenhuma e tive de picar uma truta já pescada para fazer isca.

Às vezes achava insetos nos brejos, no capim ou debaixo de galhos caídos, e os usava. Tinha besouros e insetos de pernas parecidas com haste de capim, e larvas em troncos podres; larvas brancas de cabeça parda que não ficavam no anzol e sumiam na água fria. Na parte de baixo de toras eu encontrava minhocas que escorregavam para o chão mal eu virava a tora. Uma vez achei uma salamandra debaixo de uma tora podre. Era muito pequena a salamandra, e era limpa e esperta e de uma cor linda. Tinha pezinhos minúsculos que tentavam se agarrar ao anzol, e depois dessa nunca mais usei salamandra, mesmo tendo achado muitas. Também não usava grilos porque eles reagiam muito para não serem espetados no anzol.

Às vezes o riacho corria em campo aberto, e eu pegava gafanhotos no capim seco e os usava para isca; às vezes também pegava gafanhotos e os jogava na torrente para vê-los flutuar e nadar e fazer círculos na superfície, depois desapareciam no salto de uma truta. Outras vezes pescava em quatro ou cinco arroios de noite, começava o mais perto possível da nascente e ia descendo. Quando acabava muito depressa e o tempo não passava, pescava de novo, começando no lugar onde o riacho desembocava no lago e ia subindo, tentando pegar as trutas que não tinha pegado quando descia a corrente. Tinha noites que eu inventava riachos, alguns até bem interessantes, e era como sonhar acordado. Me lembro ainda de alguns desses riachos e penso nas pescarias que fiz neles, e eles se confundem com riachos que conheci de verdade. Dei-lhes nomes, fui a eles de trem e outras vezes caminhei quilômetros para chegar a eles.

Tinha noites que eu não podia pescar, então ficava acordado e rezava, rezava, rezava por pessoas que eu conhecia ou tinha conhecido. Isso me tomava muito tempo, porque, quando queremos nos lembrar de todas as pessoas que já conhecemos, começando da recordação mais antiga — que para mim era o sótão da casa onde nasci, e o bolo de casamento de meus pais numa lata pendurada num caibro, e vidros com cobras e espécimes outros já embranquecidos —, quando se pensa assim tão para trás, acaba-se lembrando de muita gente. Se a gente rezar por

todos, uma ave-maria e um pai-nosso para cada um, leva-se muito tempo, o dia amanhece e aí a gente pode dormir, desde que se esteja em um lugar onde se possa dormir com a luz do dia.

Nessas noites eu procurava me lembrar de tudo que me acontecera, começando pouco antes de eu ir para a guerra e voltando para trás de um acontecimento a outro. Verifiquei que só podia recordar até o sótão da casa de meu avô. Daí começava a lembrar para a frente até chegar à guerra.

Depois da morte de meu avô nos mudamos para uma casa nova projetada e construída por minha mãe. Muitas coisas que não iam ser levadas foram queimadas no quintal, e me lembro daqueles vidros do sótão sendo jogados no fogo, eles estouravam com o calor e o fogo aumentava com o álcool. Me lembro das cobras queimando no fogo. Mas nessas lembranças não havia pessoas. Nem me lembro de quem pôs fogo na tralha; e continuava recordando até chegar às pessoas; aí parava e rezava por elas.

Da nova casa eu me lembrava de minha mãe sempre limpando objetos e fazendo uma boa faxina. Uma vez, quando meu pai estava fora caçando, ela fez uma faxina geral no porão e queimou tudo que não devia estar lá. Quando meu pai voltou e desceu da caleche e amarrou o cavalo, a fogueira ainda crepitava na estrada ao lado da casa. Saí ao encontro de meu pai. Ele entregou-me a espingarda e olhou a fogueira.

— O que é isso? — perguntou.

— Fiz uma limpeza no porão, querido — falou minha mãe lá da varanda, onde o esperava. Meu pai olhou a fogueira e chutou alguma coisa. Abaixou-se e apanhou um objeto das cinzas.

— Pegue um ancinho, Nick — disse para mim.

Fui ao porão e voltei com um ancinho. Meu pai remexeu cuidadosamente as cinzas com ele. Retirou uns machados e facas de pedra e instrumentos para fazer pontas de flecha, e pedaços de cerâmica e muitas pontas de flechas. Tudo enegrecido e lascado pelo fogo. Meu pai separou tudo cuidadosamente e espalhou na grama do lado da estrada. A espingarda na capa de couro e os embornais de caça estavam na grama onde meu pai os deixara quando desceu da caleche.

— Leve a arma e os embornais para dentro, Nick, e traga um jornal — ordenou meu pai. Minha mãe tinha voltado para dentro da casa. Peguei a espingarda, que era pesada e batia nas minhas pernas, e os dois embornais de caça, e fui carregando tudo para a casa. — Leve uma coisa de cada vez — mandou meu pai. — Não queira levar tudo de uma vez. — Larguei os embornais e levei a espingarda; voltei com um jornal apanhado da pilha no escritório de meu pai. Ele espalhou todos os artefatos enegrecidos e lascados no jornal e fez um embrulho. — As melhores pontas de flecha ficaram inutilizadas — constatou. Foi para dentro da casa com o embrulho e eu fiquei lá fora na grama com os dois embornais. Logo depois levei-os para dentro. Ao me lembrar desse episódio, só vi duas pessoas; então rezei por elas.

Mas tinha noites em que eu não conseguia nem lembrar das rezas. Só conseguia chegar a “assim na terra como no céu”; voltava ao começo, e, quando chegava aí empacava. Finalmente reconhecia que não lembrava mesmo e desistia de rezar naquela noite, e experimentava alguma outra coisa. Em algumas noites eu procurava me lembrar de todos os animais do mundo pelos nomes, depois os pássaros, depois os peixes e depois países e cidades, e depois comidas e os nomes de todas as ruas de Chicago; e quando não conseguia me lembrar de mais nada, ficava só escutando. Não me lembro de uma só noite em que não pudesse ouvir ruídos. Se pudesse ficar de luz acesa, eu não teria medo de dormir, porque sabia que minha alma só sairia de mim no escuro. Assim, em muitas noites eu ficava onde pudesse ter luz, e então dormia porque quase sempre estava cansado e com sono. Tenho consciência também das muitas vezes que dormi sem saber — mas nunca dormi sabendo que não sabia, e nessa noite escutei os bichos-da-seda. Pode-se ouvir claramente bichos-da-seda comendo de noite. Deito de olhos abertos e escuto os bichos.

Só tinha mais outra pessoa no quarto, também acordada. Eu escutava os movimentos dele por muito tempo. Ele não ficava silencioso como eu porque talvez não tivesse a minha experiência de ficar acordado. Deitávamos em cobertores sobre palha, e quando ele se mexia a palha fazia barulho, mas os bichos-da-seda não se assustavam com nenhum barulho que fazíamos, e comiam diligentemente. Havia os

ruídos da noite sete quilômetros atrás das linhas lá fora, mas eram diferentes dos ruídozinhos do quarto no escuro. Meu companheiro de quarto tentava ficar quieto, mas logo se mexia. Eu também me mexia para ele saber que eu estava acordado. Ele tinha vivido dez anos em Chicago. Pegaram-no para soldado em 1914, quando voltava de uma visita à família, e o fizeram meu ordenança porque ele falava inglês. Percebi que ele estava me escutando, e me mexi no cobertor.

— Não consegue dormir, *Signor* tenente? — perguntou.

— Não.

— Nem eu.

— Por quê?

— Não sei. Só sei que não durmo.

— Mas está bem?

— Estou. Muito bem. Só não posso é dormir.

— Quer conversar?

— Quero. Mas conversar o que, neste maldito lugar?

— Este lugar é muito bom — disse eu.

— É. É bom.

— Me fale de Chicago.

— Ah! já lhe disse tudo.

— Me fale do seu casamento.

— Já lhe contei isso — falou ele.

— A carta que você recebeu segunda-feira... era dela?

— Era. Ela me escreve o tempo todo. Está faturando bem com a loja.

— Você vai encontrar tudo em boa ordem quando voltar.

— Verdade. Ela administra bem. Está faturando muito.

— Não acha que a nossa conversa pode acordá-los? — perguntei.

— Não. Eles não ouvem. Dormem como porcos. Comigo é diferente. Sou nervoso.

— Fale baixo. Quer um cigarro?

Fumamos competentemente no escuro.

— Você não fuma muito, *Signor* tenente.

— Não. Parei há pouco.

— É, não faz nenhum bem, e acho que quem para acaba não sentindo falta. Já ouviu dizer que cego não fuma porque não vê a fumaça?

— Não acredito.

— Acho que é conversa — observou ele. — Ouvi isso não sei onde. As coisas que a gente ouve.

Ficamos calados, eu escutando os bichos-da-seda.

— Está ouvindo esses benditos bichos-da-seda? — perguntou ele. — Está ouvindo eles mastigarem?

— É curioso.

— Signor tenente, qual é o motivo de você não dormir? Nunca o vejo dormindo. Desde que estou com você, nunca o vi dormindo.

— Não sei o motivo, John. Passei maus pedaços no começo da primavera, e isso me preocupa de noite.

— O mesmo comigo. Eu não devia ter vindo para esta guerra. Sou muito nervoso.

— Pode ser que melhore.

— Signor tenente, por que entrou nesta guerra?

— Não sei, John. Acho que foi porque quis.

— Porque quis. É um motivo e tanto.

— Não devemos falar alto — disse eu.

— Eles dormem como porcos. De qualquer forma, não entendem inglês. Não sabem nada de nada. O que é que pretende fazer quando a guerra acabar e voltarmos aos Estados Unidos?

— Vou trabalhar num jornal.

— Em Chicago?

— Talvez.

— Costuma ler o que esse tal Brisbane escreve? Minha mulher recorta e manda para mim.

— É mesmo?

— Você o conhece?

— Só de vista.

— Gostaria de conhecê-lo. Escreve bem. Minha mulher não sabe inglês, mas compra o jornal como se eu ainda estivesse em casa, recorta os editoriais e a matéria de esporte e me manda.

— E as crianças, como vão?

— Muito bem. Uma das meninas passou para a quarta série. Sabe, Signor tenente, se eu não tivesse as crianças não seria seu ordenança. Teriam me deixado na linha o tempo todo.

— Ainda bem que as tem.

— Ainda bem. São ótimas meninas, mas quero um menino. Três meninas e nenhum menino. Nota má para mim.

— Por que não tenta dormir?

— Não posso agora. Estou bem acordado, Signor tenente. Mas estou preocupado por você não dormir.

— Isso passa, John.

— Imagine um homem moço como você não dormir.

— Vou ficar bem. É uma questão de tempo.

— Você precisa dormir. Ninguém pode viver sem dormir. Está preocupado com alguma coisa? Tem algum problema sério?

— Não, John, creio que não.

— Você precisa casar, Signor tenente. Aí não vai ter preocupações.

— Será?

— Você precisa casar. Por que não escolhe uma italiana bonita cheia de dinheiro? Tem muito onde escolher. Você é jovem, tem boas condecorações e tem boa estampa. E foi ferido umas vezes.

— Não falo bem a língua.

— Fala, sim. Depois, não é preciso falar a língua. Não é preciso falar com elas. Case com elas.

— Vou pensar.

— Conhece algumas moças, não?

— Conheço.

— Então? Case com a que tiver mais dinheiro. Aqui, do jeito que são criadas, todas fazem boa esposa.

— Vou pensar.

— Não pense, *Signor* tenente. Case.

— Está bem.

— O homem precisa casar. Não vai se arrepender. Todo homem deve se casar.

— Está bem. Vamos ver se dormimos um pouco.

— De acordo, *Signor* tenente. Vou tentar mais uma vez. Mas não esqueça o que eu disse.

— Não vou esquecer. Agora vamos dormir um pouco, John.

— Está bem. Espero que você durma, *Signor* tenente.

Ouvi-o mexendo-se no cobertor sobre a palha, depois ficou quieto e escutei a respiração regular dele. Ele começou a roncar. Ouvi o ronco por muito tempo, depois parei de ouvi-lo roncar e fiquei escutando os bichos-da-seda comendo. Comiam sem parar, fazendo buracos nas folhas. Eu tinha um assunto novo para pensar, e fiquei no escuro com os olhos abertos pensando em todas as moças que tinha conhecido e que espécie de esposas elas seriam. Achei interessante pensar nisso, e por algum tempo pensar nisso afastou pensar em pescar truta e atrapalhou minhas orações. Mas acabei voltando a pensar em pescar truta porque verifiquei que podia recordar todos os riachos e sempre havia alguma novidade neles, ao passo que as moças, depois de pensadas algumas vezes, ficavam tortuosas e eu não podia trazê-las de volta à memória, e finalmente todas ficaram fora de foco e mais ou menos iguais, e desisti de pensar nelas completamente. Mas continuei com minhas orações e rezei intermitentemente por John, e a classe dele recebeu baixa do serviço ativo antes da ofensiva de outubro. Fiquei contente por ele não estar lá, porque se estivesse teria sido uma grande preocupação para mim. Ele foi me ver no hospital de Milão vários meses depois e ficou muito desapontado por eu não ter casado ainda, e sei que ficaria mais desapontado se soubesse que continuo solteiro. Ele voltou para os Estados Unidos ainda muito convicto a respeito de casamento e de que casamento resolve tudo.

UM LUGAR LIMPO E BEM ILUMINADO



Era tarde, e todas as pessoas já haviam deixado o café, salvo aquele velho que continuava sentado à sombra que a folhagem de uma árvore projetava contra a luz elétrica. Durante o dia, a rua era poeirenta, mas, à noite, o orvalho continha o pó, e o velho gostava de ficar por ali o quanto pudesse, pois era surdo e, à noite, tudo se acalmando, ele sentia a diferença. Os dois garçons do café sabiam que o velho, a essa hora, sempre estava um tanto bêbado e, embora se tratasse de um bom cliente, mantinham os olhos postos nele, pois, se bebesse além da medida, era capaz de sair sem pagar.

— Você sabe que ele tentou suicidar-se na semana passada? — perguntou um deles.

— E por quê?

— Porque se sentia desesperado.

— Desesperado por quê?

— Sei lá... Por tudo e por nada...

— Como é que sabe isso?

— Porque ele tem um bocado de dinheiro!

Estavam ambos sentados à mesa encostada à parede e próximo da entrada do café, à vista do terraço onde não havia ninguém, a não ser o velho que gozava a fresca da noite sob a folhagem oscilante da árvore. Uma garota e um soldado passaram pela rua, e a luz do poste de iluminação brilhou sobre o número em latão

que o soldado ostentava em seu colarinho. A garota apressava os passos para acompanhá-lo e trazia descoberta a cabeça.

— A patrulha irá detê-lo — disse um dos garçons.

— O que importa isso se ele conseguir realizar o que pretende?

— Seja como for, o melhor que ele tem a fazer é dar o fora da rua. A patrulha vai pegá-lo, pois faz cinco minutos que a ronda passou.

O velho sentado à sombra bateu com o copo no pires, e o garçom mais jovem foi atendê-lo.

— O que é que o senhor deseja?

— Outro conhaque — pediu o velho, olhando-o no rosto.

— O senhor acabará bêbado — observou o garçom. O velho olhou de novo para ele, em silêncio, até que se afastasse.

— Pelo jeito, o velho vai ficar a noite toda por aqui — afirmou ao colega. — Já estou morto de sono e não conseguirei deitar-me antes das três. Esse velho bem que podia ter morrido semana passada...

Apanhando a garrafa de conhaque e mais um pires, dirigiu-se à mesa do velho. Pôs o pires sobre ela e serviu-lhe mais uma dose.

— O senhor bem que podia ter acabado com a vida na semana passada — falou ele ao surdo.

O velho ergueu um dedo, e pediu:

— Bote um pouco mais, por favor. — O garçom serviu-o de novo, enchendo o copo até que ele extravasasse e a bebida caísse sobre o primeiro pires da pilha. — Muito obrigado — agradeceu-lhe o velho. O garçom levou a garrafa de volta para o bar e tornou a sentar-se com seu companheiro.

— Ele já está no porre — comentou.

— É a mesma coisa toda a noite!

— Por que é que ele quis se matar, afinal?

— Sei lá...

— Como foi que tentou?

— Pendurou-se com uma corda no pescoço.

— Quem foi que a cortou?

— Sua sobrinha.

— Por quê?

— Tinha medo que também perdesse a alma.

— Quanto dinheiro ele tem?

— Tem muito.

— Parece já estar com uns 80 anos.

— Sem dúvida. Oitenta ou um pouco mais.

— Por que esse velho desgraçado não vai para casa?! Nunca me deixa dormir antes das três... Isso não é hora de ninguém ir para a cama!

— Ele gosta de ficar por aqui.

— Sim, porque é um velho solitário... E eu não sou nem velho, nem solitário. Tenho minha mulher à minha espera, na cama.

— Pois ele também teve mulher algum dia...

— E daí? Hoje já não lhe adiantaria ter uma...

— Nunca se sabe... Talvez se sentisse melhor com uma tomando conta dele.

— Mas ele tem a tal sobrinha. Você não disse que ela o salvou?

— É verdade...

— Cá comigo, não gostaria de chegar à idade dele. Ser velho assim é sempre uma coisa detestável!

— Nem sempre! Veja como ele está sempre limpo e bem-arrumado. Bebe sem derramar uma gota, nem mesmo quando está bêbado. Repara só.

— Não quero nem olhar para ele! Por que esse desgraçado não vai para casa? Será que não tem consideração por aqueles como nós, que precisam trabalhar?

O velho ergueu os olhos do copo, olhou vagamente para a praça, e depois para os garçons.

— Outro conhaque — ordenou, indicando-o com o dedo.

O garçom que estava mais apressado foi até ele e, falando com aquela sintaxe quase telegráfica que as pessoas rudes usam ao falar com bêbados ou estrangeiros, disse-lhe:

— Acabou-se. Esta noite não mais. Fechamos.

— Quero mais um — insistiu o velho.

— Nada feito! Acabou. — Sacudindo a cabeça, o garçom começou a limpar a mesa com uma toalha.

O velho levantou-se, contou lentamente os pires da pilha, tirou do bolso um porta-moedas de couro, pagou a conta e foi-se embora, deixando gorjeta de meia peseta.

O garçom ficou a observá-lo, vendo-o andar pela rua, um velho trôpego, mas perfeitamente digno.

— Por que não o deixou ficar e beber? — perguntou-lhe o colega não apressado. Estavam colocando as portas de aço. — Ainda não são nem duas e meia!

— Quero ir para casa e deitar-me.

— Que importância tem uma hora a mais ou a menos?

— Mais para mim do que para ele.

— Uma hora é nada mais do que uma hora.

— Veja só! Você está falando como se fosse um velho também... Afinal de contas, ele pode comprar uma garrafa e continuar a bebedeira em sua própria casa.

— Não é a mesma coisa.

— Concordo — disse o garçom que tinha a mulher à sua espera. Realmente, não queria ser injusto. Estava apenas com pressa.

— Você não acha um pouco arriscado chegar em casa antes da hora habitual?

— Você quer me ofender com essa pergunta, ou o quê?

— Calma, *hombr*e! Estou apenas brincando com você...

— Pois saiba que tenho confiança — afirmou ele interrompendo por um minuto a descida da porta de aço. — Tenho a maior confiança!

— Meus parabéns! Você tem juventude, você tem confiança e um emprego! Você está com tudo!

— E a você, o que é que falta?

— Tudo, menos o emprego...

— Ora, você tem exatamente o mesmo que eu tenho!

— Não é verdade! Não tenho sua confiança nem sua juventude!

— Chega de besteira! Trave as portas para darmos o fora.

— Eu sou daqueles que gostam de ficar no café até bem tarde — falou o garçom mais velho. — Com todos aqueles que não têm vontade de ir para a cama. Com todos aqueles que preferem a luz acesa à noite.

— Pois repito que meu negócio é voltar para casa e dormir.

— Somos de espécies diferentes — admitiu o mais velho, que já vestira sua roupa pessoal. — Não se trata apenas de mocidade ou de confiança, por mais bonito que isso seja. Todas as noites reluto em fechar a casa porque pode haver alguém que precise deste café.

— Hombre! Você sabe que há bodegas abertas a noite inteira.

— Você não me está compreendendo. Este nosso café é um lugar limpo e agradável, além de bem iluminado. É uma boa luz, e ainda oferecemos a sombra das folhagens...

— Boa-noite — cumprimentou o garçom mais moço.

— Boa-noite — respondeu-lhe o outro. Apagou as luzes e continuou a falar consigo próprio. “É a luz, sem dúvida, mas é importante que o lugar seja também limpo e agradável. Não se precisa de música ambiente. Quem quer saber de música numa casa como esta? Tudo o que se quer é beber com dignidade, que é exatamente o recomendável nessas horas. Do que é que ele tinha receio? Não se tratava de medo ou pavor, mas daquele nada que ele conhecia muito bem, um *nada* que estava em tudo e nos homens também. Era só isso, e bastavam a luz, a limpeza e um pouco de ordem para colocar tudo nos eixos. Alguns viviam num ambiente assim e nem se davam conta disso, mas ele sabia muito bem que tudo podia reduzir-se a *nada y pues nada y nada pues nada*. Nosso *nada* que estais no *nada*, *nada* seja o nome de vosso reino, venha a nós o vosso *nada*; seja feito o vosso *nada* assim no *nada* como no *nada*; o *nada* de cada dia nos dai hoje, perdoai-nos o nosso *nada* assim como perdoamos os nossos *nadas*; não nos deixeis *nada* no *nada*, mas livrai-nos do *nada*; *pues nada* Salve o *nada* cheio de *nada*, o *nada* está convosco.” Sorriu para si mesmo e entrou num bar, colocando-se diante da reluzente cafeteira a vapor.

— O que é que manda? — perguntou-lhe o *barman*.

— *Nada*.

— Otro loco más — exclamou o homem, afastando-se.

— Bote lá uma dose — pediu o garçom.

O homem serviu-o.

— A luz está clara e agradável — elogiou o garçom —, mas o bar ganharia com uma boa faxina.

O *barman* olhou para ele, mas não abriu a boca. Já passara a hora de topar uma conversa.

— Vai outra *copita*?

— Não, obrigado — respondeu-lhe o garçom, e saiu dali! Não gostava de bares nem de *bodegas*. Um café bem limpo e iluminado era outra coisa. Agora, sem pensar em mais nada, iria diretamente para o seu quarto. Deitar-se-ia, ficaria imóvel, e só com o raiar do dia cairia no sono. Vai ver que é isso o que chamam insônia. Muita gente deve padecer dela.

A LUZ DO MUNDO



Ao nos ver entrar, o garçom do bar ergueu os olhos e imediatamente pôs as campânulas nas duas bandejas de cortesia.

— Um chope — pedi. Ele tirou o chope, cortou a espuma com a espátula e ficou com o copo na mão. Pus o dinheiro no balcão, ele empurrou o chope para mim.

— E você? — perguntou a Tom.

— Chope.

O garçom tirou o chope, cortou a espuma. E, quando viu o dinheiro, empurrou o chope para Tom.

— E aí? — disse Tom.

O garçom não respondeu, só ficou olhando por cima de nossas cabeças. Passado um tempo, perguntou “pra você o quê?” a um cara que acabara de entrar.

— Uísque — respondeu o cara. O garçom trouxe a garrafa com o copo, e um copo d’água.

Tom esticou o braço e tirou a campânula de uma das bandejas. Era uma bandeja com mocotó e pickles e uma engenhoca de madeira que funcionava como pegador, com duas garras na ponta.

— Não — recusou o garçom, e tornou a pôr a campânula em cima da bandeja. Tom ficou com o pegador na mão. — Ponha isso onde estava — ordenou o garçom.

— Você sabe onde — ordenou Tom.

O garçom levou a mão debaixo do balcão, olhando para nós. Pus cinquenta centavos no balcão, ele relaxou.

— Vão querer mais o quê? — perguntou.

— Chope — respondi. Antes de tirar os chopes, ele retirou a tampa das duas bandejas.

— Essa porcaria de mocotó fede — reclamou Tom, e cuspiu no chão o que tinha na boca. O garçom ficou calado. O cara que tinha pedido uísque pagou e saiu sem olhar para trás.

— Você também fede — afirmou o garçom. — Todos vocês, punks, fedem.

— Ele nos chamou de punks — falou Tom para mim.

— Sabe de uma coisa? Vamos embora — disse eu.

— Vão dando o fora mesmo, seus punks — ordenou o garçom.

— Eu já tinha dito que íamos embora. Não foi ideia sua — respondi.

— Mas vamos voltar — afirmou Tommy.

— Não vão, não — desdenhou o garçom.

— Diz a ele que ele está enganado — retrucou Tom para mim.

— Vamos embora — ordenei.

Na rua estava agradável e escuro.

— Que droga de lugar é este? — perguntou Tom.

— Não sei. Vamos para a estação.

Tínhamos chegado naquela cidade por uma ponta e íamos sair pela outra. Ela cheirava a couro e casca de angico e tinha montes de serragem por toda a parte. Chegamos ao escurecer, e agora, com a noite total, era fria, as poças d'água na estrada estavam se congelando nas margens.

Na estação havia cinco prostitutas esperando o trem, seis homens brancos e quatro índios. A estufa irradiava calor e fumaça. Quando chegamos, estavam todos calados, e o guichê, fechado.

— Feche a porta, tá? — falou alguém.

Olhei para ver quem era. Era um dos brancos. Usava calça listrada, botas de madeireiro e camisa de flanela como os outros, mas não usava boné; o rosto era branco e as mãos eram brancas e finas.

— Não vai fechar a porta?

— Claro — respondi, e fechei.

— Obrigado — agradeceu ele. Um dos outros riu.

— Já brincou com um cozinheiro? — perguntou o primeiro.

— Não.

— Pode brincar com este aí — afirmou, e olhou para o cozinheiro. — Ele gosta.

O cozinheiro olhou para outro lado, apertando os lábios.

— Ele passa suco de limão nas mãos — disse o homem. — Não molha a mão em água por lei nenhuma. Veja como são brancas.

Uma das prostitutas deu uma gargalhada. Era a maior prostituta que eu já tinha visto, e também a maior mulher. Usava um daqueles vestidos de seda que mudam de cor. Tinha mais duas prostitutas quase tão grandes como a grandona, mas essa devia pesar uns cento e vinte quilos. Olhando-se para ela, não se acreditava que fosse real. As três usavam vestidos furta-cor. Estavam juntas no banco. Eram enormes. As outras duas eram prostitutas comuns, louras oxigenadas.

— Veja as mãos dele — insistiu o homem apontando o cozinheiro com o queixo. A prostituta deu outra gargalhada que a sacudiu toda.

O cozinheiro virou-se e disse para ela:

— Você não passa de uma montanha de carne.

A resposta dela foi continuar rindo e se sacudindo.

— Deus do céu — exclamou ela por fim. Tinha voz agradável. — Ai, meu Deus do céu.

As duas outras, as grandes, estavam caladas e serenas, como se não tivessem juízo, mas eram enormes, quase tão grandes como a maior delas. Essas deviam ter mais de cem quilos. As outras duas tinham um comportamento digno.

Dos homens, além do cozinheiro e do tal que tinha falado, havia mais dois outros madeireiros, um que escutava, interessado mas retraído, e outro que parecia se preparar para dizer alguma coisa, e dois suecos. Dois índios sentavam-se na ponta do banco e um estava em pé encostado na janela.

O homem que se preparava para dizer alguma coisa falou comigo em voz baixa:

— Deve ser como subir num monte de feno.

Ri e passei isso a Tommy.

— Juro por Deus que nunca vi coisa igual — afirmou Tom. — Olhe bem para as três.

Agora o cozinheiro falou.

— Que idade vocês têm?

— Eu tenho 96 e ele 69 — respondeu Tommy.

— Ah! Ah! Ah! — disse a prostituta grandona, já rindo. A voz dela era mesmo bonita. As outras nem sorriram.

— Por que não procuram ser simpáticos? — falou o cozinheiro. — Perguntei para ser amável.

— Temos 17 e 19 — disse eu.

— O que é que há com você? — indagou Tommy a mim.

— Nada de mais.

— Pode me chamar de Alice — disse a prostituta grandona, e voltou a se sacudir.

— É o seu nome? — perguntou Tommy.

— É. Alice. Não é? — E voltou-se para o homem que estava sentado ao lado do cozinheiro.

— Alice. É o nome dela.

— É o nome que assenta em você — afirmou o cozinheiro.

— É meu nome verdadeiro — reiterou Alice.

— E as outras, como se chamam? — perguntou Tom.

— Hazel e Ethel — informou Alice. Hazel e Ethel sorriram. Não pareciam muito inteligentes.

— E o seu? — perguntei a uma das louras.

— Frances.

— Frances de quê?

— Frances Wilson. Por que pergunta?

— E o seu? — perguntei à outra.

— Ah, não chateia — respondeu.

— Ele só quer fazer amizade — observou o homem que tinha pedido para fechar a porta. — Você não quer fazer amizade?

— Não — falou a oxigenada. — Não com vocês.

— Essa aí é uma trinca-espigas — reconheceu o homem.

As duas louras trocaram olhares e sacudiram a cabeça.

— Esses caipiras — desdenhou a primeira loura.

Alice tornou a rir e a se sacudir.

— Onde está a graça? — perguntou o cozinheiro. — Vocês ficam rindo quando não tem nada engraçado. E vocês, rapazes, vão para onde?

— Você vai para onde? — Tom devolveu-lhe a pergunta.

— Quero ir para Cadillac — respondeu o cozinheiro. — Já esteve lá? Minha irmã mora lá.

— Ele já é uma irmã — debochou o homem de calça listrada.

— Por que não para com isso? — perguntou o cozinheiro. — Vamos conversar direito.

— Cadillac é a terra de Steve Ketchel e de Ad Wolgast também — afirmou o homem retraído.

— Steve Ketchel — repetiu uma das louras em voz alta, como se o nome tivesse disparado algum mecanismo nela. — Foi assassinado pelo pai. Já pensaram, pelo pai. Não tem mais homens como Steve Ketchel.

— O nome dele não era Stanley Ketchel? — perguntou o cozinheiro.

— Cale a boca — ordenou a loura. — O que é que você sabe de Steve? Stanley. Nada de Stanley. Steve Ketchel era o melhor e o mais bonito homem do mundo. Nunca vi homem tão bonito e tão alvo e tão limpo como Steve Ketchel. Nunca houve homem como ele. Andava como tigre e era a melhor e a mais liberal pessoa do mundo.

— Conheceu ele? — perguntou um dos homens.

— Se conheci? Se conheci? Se gostei dele? Pergunta isso a mim? Conheci Steve como não se conhece ninguém no mundo, e amei Steve como se ama Deus. Era o

maior, o melhor, o mais branco, o mais bonito homem do mundo. E o pai dele o matou como se mata cachorro.

— Você esteve na costa leste com ele?

— Não. Conheci ele antes disso. Foi o único homem que amei.

Todos ficaram muito respeitosos com a loura oxigenada, que disse tudo isso num tom teatral de voz, mas Alice começava a se sacudir de novo. Senti isso por estar sentado perto dela.

— Devia ter casado com ele — admitiu o cozinheiro.

— Não quis estragar a carreira dele — disse a loura oxigenada. — Não queria ser um estorvo para ele. Ele não precisava de esposa. Oh, que homem!

— Bonita maneira de encarar a situação — falou o cozinheiro. — Jack Johnson não o derrotou?

— Foi traição — afirmou Oxigênio. — O safado o pegou de surpresa. Ele tinha derrubado Jack Johnson, o pretão safado. O pretão pegou ele de surpresa.

O guichê se abriu e os três índios correram para ele.

— Steve pôs ele a nocaute — afirmou a oxigenada. — Ele se virou para sorrir para mim.

— Mas você não disse que não estava na costa? — alguém perguntou.

— Fui lá só para essa luta. Steve virou-se para sorrir para mim, e o pretão filho da mãe pulou em pé e o pegou de surpresa. Steve podia derrotar cem filhos da mãe como aquele.

— Foi grande lutador — reconheceu o madeireiro.

— Não tenha dúvida — concordou a oxigenada. — Nunca mais vai haver lutador como ele. Parecia um deus. Tão branco e limpo e bonito e simpático e ligeiro como um tigre ou um relâmpago.

— O vi no filme da luta — disse Tom. Estávamos todos comovidos. Alice sacudia-se toda; olhei e vi que ela chorava. Os índios tinham saído para a plataforma.

— Ele foi mais do que um marido — reiterou a oxigenada. — Éramos casados aos olhos de Deus, e eu ainda pertenço a ele e sempre pertencerei inteira. Não ligo

para meu corpo. Podem me tomar o corpo. Minha alma pertence a Steve Ketchel. Que homem!

Todo mundo ficou comovido. Era triste e tocante. Finalmente Alice, que ainda se sacudia, falou.

— Você é uma grande mentirosa — afirmou naquela voz baixa. — Você nunca esteve perto de Steve Ketchel.

— Como pode dizer isso? — perguntou a oxigenada com ar superior.

— Digo porque é verdade. Sou a única aqui que conheceu Steve Ketchel, sou de Mancelona e o conheci lá e você sabe que é verdade e Deus pode me matar aqui agora se não é verdade.

— E pode me matar também — repetiu Oxigênio.

— É verdade, muita verdade, e você sabe. Não estou inventando, e me lembro exatamente do que ele me disse.

— E o que foi que ele disse? — perguntou a oxigenada com ar concessivo.

Alice continuava chorando e mal podia falar, mas disse:

— Ele disse “você é uma mulher e tanto, Alice”. Foi isso que ele me disse.

— Mentira — rebateu Oxigênio.

— Verdade. Essas foram exatamente as palavras dele — reafirmou Alice.

— Mentira — repetiu Oxigênio.

— Verdade verdadeira, juro por Jesus e Maria.

— Steve não pode ter dito isso. Ele não falava assim — disse Oxigênio.

— É verdade — repetiu Alice com sua voz bonita. — E tanto faz se você acredita ou não. — Ela não chorava mais, e parecia muito calma.

— Seria impossível Steve dizer isso — insistiu Oxigênio.

— Pois disse — afirmou Alice, e sorriu. — Me lembro de quando ele disse e eu *era* uma mulher e tanto, exatamente como ele disse, e agora sou mais mulher do que você, sua bolsa de água quente murcha.

— Não me ofenda, sua montanha de pus. Tenho minhas recordações.

— Não, você não tem recordação nenhuma a não ser de quando tirou as trompas e quando entrou na menopausa. Tudo o mais você leu nos jornais. Sou

limpa, e os homens gostam de mim apesar de eu ser grandona. Nunca minto, e você sabe.

— Me deixe com minhas recordações — pediu Oxigênio. — Com minhas maravilhosas recordações verdadeiras.

Alice olhou para ela, depois para nós e o rosto perdeu aquele ar zangando. Ela sorriu, e foi o mais lindo sorriso que já vi. Tinha o rosto bonito, a pele lisa e uma voz agradável; era uma criatura simpática. Mas como era enorme! Era grande como três mulheres juntas. Tom me viu olhando para ela e disse:

— Vamos embora.

— Boa-noite — cumprimentou Alice. A voz era mesmo bonita.

— Boa-noite — respondi.

— Para que lado vocês vão? — perguntou o cozinheiro.

— Para o lado que você não for — respondeu Tom.

HOMENAGEM À SUÍÇA



PARTE I

RETRATO DE MR. WHEELER
[MONTREUX]

Dentro do café da estação estava quente e claro. A madeira das mesas brilhava da limpeza recente e havia cestas de biscoitos em sacos de papel transparente. As cadeiras eram trabalhadas; os assentos, lisos e confortáveis. Tinha um relógio de madeira trabalhada na parede e um bar no fundo do salão. Nevava lá fora. Dois carregadores da estação bebiam vinho novo numa mesa debaixo do relógio. Outro carregador entrou e disse que o Expresso Simplon-Oriente estava com uma hora de atraso em Saint-Maurice. A garçonete foi atender Mr. Wheeler.

— O Expresso está atrasado uma hora, cavalheiro — informou ela. — Posso lhe servir café?

— Se acha que não vou perder o sono.

— Como? — perguntou a garçonete.

— Traga o café — pediu Mr. Wheeler.

Ela trouxe o café e Mr. Wheeler olhou pela janela a neve caindo na plataforma da estação.

— Fala outras línguas além do inglês? — perguntou ele à garçonete.

— Falo alemão e francês e os dialetos.

— Quer tomar algum drinque?

— Oh, não. Não é permitido beber com os clientes.

— E um charuto?

— Oh, não, senhor. Não fumo.

— Faz muito bem — admitiu Mr. Wheeler. Olhou pela janela mais uma vez, tomou o café e acendeu um cigarro.

Chamou a garçonete.

— Deseja alguma coisa mais, senhor?

— Você — respondeu ele.

— Não deve brincar assim comigo.

— Não estou brincando.

— Então não deve dizer isso.

— Não tenho tempo para discutir — disse Mr. Wheeler. — O trem chega em quarenta minutos. Se for lá em cima comigo, dou-lhe cem francos.

— Não deve dizer essas coisas, senhor. Vou pedir ao carregador para falar com o senhor.

— Não quero carregador. Nem polícia, nem um daqueles rapazes que vendem cigarros. Quero você.

— Se continuar falando assim, eu lhe pedirei que saia. Não pode falar assim aqui.

— Então por que você não sai? Se sair, posso falar com você.

A garçonete afastou-se. Mr. Wheeler ficou olhando se ela falava com os carregadores. Não falou.

— *Mademoiselle!* — chamou. A garçonete atendeu. — Uma garrafa de Sion, por favor.

— Sim, senhor.

Mr. Wheeler ficou olhando ela sair e voltar com o vinho. Olhou o relógio.

— Dou-lhe duzentos francos — insistiu.

— Favor não dizer essas coisas.

— Duzentos francos é muito dinheiro.

— Pare com isso — pediu a moça. Mr. Wheeler olhou para ela com muito interesse.

— Duzentos francos.

— Você é detestável.

— Por que não sai então? Posso falar com você em outro lugar.

A garçonete deixou a mesa e foi ao bar. Mr. Wheeler bebeu do vinho e sorriu por algum tempo.

— *Mademoiselle* — chamou de novo. A garçonete atendeu.

— Deseja alguma coisa?

— Muito. Dou-lhe trezentos francos.

— Você é detestável.

— Trezentos francos suíços.

Ela saiu e Mr. Wheeler acompanhou-a com o olhar. Um carregador abriu a porta. Era o que cuidava da bagagem de Mr. Wheeler.

— O trem está chegando, senhor — falou ele em francês. Mr. Wheeler levantou-se.

— *Mademoiselle!* — A moça aproximou-se da mesa. — Quanto é o vinho?

— Sete francos.

Mr. Wheeler contou oito francos e os deixou na mesa. Vestiu o sobretudo e acompanhou o carregador à plataforma, onde caía neve.

— *Au revoir, mademoiselle* — cumprimentou.

A garçonete acompanhou-o com o olhar. Feioso, pensou, feioso e detestável. Trezentos francos por uma coisa que não custa fazer. Quantas vezes fiz por nada. E aqui não tem lugar. Se ele fosse sensato saberia que não tem lugar aqui. Nem tempo nem lugar. Trezentos francos para fazer isso. Que gente, esses americanos.

Em pé na plataforma de cimento ao lado das malas, olhando os trilhos na direção dos faróis do trem que chegava através da neve, Mr. Wheeler pensava que era um esporte muito barato. Ele só tinha gasto além do jantar sete francos por uma garrafa de vinho e um franco de gorjeta. Teria sido melhor setenta e cinco centavos. Ele estaria se sentindo melhor se tivesse deixado setenta e cinco centavos de gorjeta. Um franco suíço é cinco francos franceses. Mr. Wheeler ia para Paris. Era muito

cuidadoso com dinheiro e não ligava para mulheres. Tinha estado antes nesta estação e sabia que não havia lugar lá em cima. Mr. Wheeler nunca se arriscava.

* * *

PARTE II

MR. JOHNSON FAZ COMENTÁRIOS

[VEVEY]

Dentro do café da estação estava quente e claro; as mesas brilhavam da limpeza recente e algumas tinham toalhas com listras vermelhas e brancas; outras tinham toalhas de listras azuis e brancas; e em todas cestas com biscoitos salgados em sacos de papel transparente. As cadeiras eram trabalhadas, mas os assentos de madeira eram lisos e confortáveis. Tinha um relógio na parede, um bar com balcão de zinco no fundo do salão, e lá fora nevava. Dois carregadores bebiam vinho novo na mesa debaixo do relógio.

Outro porteiro entrou e disse que o Expresso Simplon-Oriente estava uma hora atrasado em Saint-Maurice. A garçonete foi atender à mesa de Mr. Johnson.

— O Expresso está atrasado uma hora, senhor — informou ela. — Posso lhe servir café?

— Se não for muito incômodo.

— Como? — perguntou a garçonete.

— Aceito café.

Ela trouxe o café e Mr. Johnson olhou pela janela a neve caindo na plataforma da estação.

— Fala outras línguas além do inglês? — perguntou ele.

— Falo alemão e francês e os dialetos.

— Quer beber alguma coisa?

— Oh, não, senhor. Não é permitido beber com os clientes.

— Um charuto?

— Oh, não, senhor — respondeu ela rindo. — Não fumo.

— Nem eu — disse Johnson. — É um hábito sujo.

A garçonete saiu e Johnson acendeu um cigarro e tomou o café. O relógio na parede marcava um quarto para as dez. O relógio dele estava um pouco adiantado. O trem chegaria às dez e meia — atraso de uma hora significava onze e meia. Johnson chamou a garçonete.

— Signorina!

— Deseja alguma coisa, senhor?

— Quer brincar comigo? — perguntou Johnson. A garçonete corou.

— Não, senhor.

— Não estou propondo nada violento. Não quer participar de uma festa e ver a vida noturna de Vevey? Leve uma amiga, se quiser.

— Preciso trabalhar. Tenho obrigações aqui.

— Eu sei. Mas não podia arranjar alguém para substituí-la? Faziam isso na Guerra Civil.

— Oh, não, senhor. Preciso servir aqui pessoalmente.

— Onde aprendeu inglês?

— Na escola Berlitz, senhor.

— Me conte isso — pediu Johnson. — Como eram os professores? E aquelas coisas de abraços e carícias? Havia lá muitos vaselinas? Conheceu Scott Fitzgerald?

— Como?

— Pergunto se os seus dias de colégio foram os dias mais felizes de sua vida. Como era o time da Berlitz no outono passado?

— Está brincando comigo, senhor?

— Só de leve — admitiu Johnson. — Você é uma garota e tanto. E não quer brincar comigo?

— Não, senhor. Quer que lhe traga mais alguma coisa?

— Quero. A carta de vinhos, por favor.

— Sim, senhor.

Johnson levou a carta de vinhos à mesa onde estavam os três carregadores, que ergueram os olhos para ele. Eram idosos.

— *Wollen Sie trinken?* — perguntou. Um deles fez que sim com a cabeça e sorriu.

— *Oui, monsieur.*

— Fala francês?

— *Oui, monsieur.*

— O que é que vamos beber? *Connais-vous des champagnes?*

— *Non, monsieur.*

— *Faut les connaître* — disse Johnson. — *Fräulein!* Vamos tomar champanhe.

— Que marca prefere, senhor?

— A melhor — ordenou Johnson. — *Laquelle est le best?* — perguntou aos carregadores.

— *Le meilleur?* — perguntou o carregador que tinha falado primeiro.

— Claro.

O carregador tirou do bolso do paletó um par de óculos de aro de ouro e consultou a carta. Correu o dedo pelos nomes datilografados e os preços.

— *Sportsman* — falou. — *Sportsman* é a melhor.

— Estão de acordo, senhores? — perguntou Johnson aos outros carregadores. Um confirmou com a cabeça. O outro disse, em francês: “Não as conheço pessoalmente, mas sempre ouvi falar da *Sportsman*. É boa.”

— Uma garrafa de *Sportsman* — pediu Johnson à garçonne. Olhou o preço na carta: onze francos suíços. — Duas *Sportsman*. Permitem que sente com os senhores? — perguntou ao carregador que havia sugerido *Sportsman*.

— Sente. Acomode-se aí, por favor. — O carregador sorriu para ele. Dobrou os óculos e guardou-os no estojo. — É o aniversário do cavalheiro?

— Não. Não é uma festa. Minha mulher resolveu se divorciar de mim — explicou Johnson.

— Ora, ora — disse o carregador. — Espero que não. — O outro carregador sacudiu a cabeça. O terceiro parecia surdo.

— É um acontecimento corriqueiro — admitiu Johnson. — Como a primeira ida ao dentista ou a primeira vez que uma moça tem aquilo, mas fiquei abalado.

— É compreensível — entendeu o carregador mais velho. — Compreendo isso.

— Nenhum dos senhores é divorciado? — perguntou Johnson. Ele tinha parado de estropiar a língua e falava francês correto, o que fazia muito bem.

— Não — falou o carregador que tinha sugerido Sportsman. — Aqui as pessoas não se divorciam muito. Tem homens divorciados, mas não muitos.

— Conosco é diferente — explicou Johnson. — Quase todo mundo é divorciado.

— É verdade — confirmou o carregador. — Li no jornal.

— Eu até que estou atrasado — justificou Johnson. — É a primeira vez que me divorcio. E tenho 35 anos.

— *Mais vous êtes encore jeune* — reconheceu o carregador. E explicou aos outros dois. — *Monsieur n'a que trente-cinq ans.* — Os outros carregadores indicaram que tinham entendido.

— Ele é muito jovem — concordou um.

— Então é a primeira vez que você se divorcia? — perguntou o carregador.

— A primeiríssima — confirmou Johnson. — Faça o favor de abrir a garrafa, *mademoiselle*.

— É muito caro?

— Dez mil francos.

— Dinheiro suíço?

— Não, francês.

— Ah, sim. Dois mil francos suíços. Mesmo assim, não é barato.

— Não.

— E por que se faz isso?

— Porque alguém pede.

— Mas por que pedem?

— Para se casar com outra pessoa.

— É uma idiotice.

— Concorde — admitiu Johnson. A garçonete encheu as quatro taças. Cada um ergueu a sua.

— Prosit — saudou Johnson.

— *A votre santé, monsieur* — brindou o carregador. Os outros dois disseram *salut*. O champanhe tinha gosto de cidra adocicada.

— É norma responder sempre em língua diferente na Suíça? — perguntou Johnson.

— Não — respondeu o carregador. — Francês é mais fino. Além do mais, aqui é a Suíça *romande*.

— Mas você fala alemão.

— É. Onde nasci falam alemão.

— Ah! E você disse que nunca se divorciou — disse Johnson.

— Não. Sairia muito caro. E também nunca me casei.

— Ah! — exclamou Johnson. — E os outros cavalheiros?

— São casados.

— Gosta de ser casado? — perguntou Johnson a um dos carregadores.

— O quê?

— Gosta da condição de casado?

— *Oui. C'est normale.*

— Exatamente. *Et vous, monsieur?*

— *Ça va* — respondeu o outro carregador.

— *Pour moi, ça ne va pas* — falou Johnson.

— *Monsieur* vai se divorciar — explicou o primeiro carregador.

— Ah! — disse o segundo.

— Ah-ha! — fez o terceiro.

— Bem — admitiu Johnson —, parece que esgotamos o assunto. Vocês não estão interessados nos meus problemas — falou ao primeiro carregador.

— Como não? — disse o carregador.

— Vamos falar de outras coisas.

— Como queira.

— Vamos falar de quê?

— Pratica esporte?

— Não. Mas minha mulher pratica.

— Você se distrai com quê?

— Sou escritor.

— Isso dá dinheiro?

— Não. Mas mais tarde, quando se fica conhecido, dá.

— Interessante.

— Não. Não é interessante — reconheceu Johnson. — Sinto muito, cavalheiros, mas preciso deixá-los. Querem fazer o favor de beber a outra garrafa?

— Mas o trem ainda demora três quartos de hora.

— Eu sei — concordou Johnson. A garçonete veio e ele pagou o vinho e o jantar.

— Vai sair, senhor? — perguntou ela.

— Vou. Só dar uma voltinha. Deixo minhas malas aqui.

Pôs o cachecol, vestiu o sobretudo, pôs o chapéu. Lá fora nevava muito. Pela janela Johnson olhou os três carregadores na mesa. A garçonete enchia as taças deles com o resto da garrafa aberta. Depois levou a garrafa inteira para o bar. Cada um teria de pagar uns três francos, pensou Johnson. Virou-se e foi andando pela plataforma. No café ele tinha pensado que falar sobre o assunto o amorteceria; não amorteceu; só serviu para fazê-lo sentir-se péssimo.

PARTE III

O FILHO DE UM ACADÊMICO

[TERRITET]

No café da estação de Territet estava um pouco quente; as luzes eram claras e as mesas brilhavam da limpeza. Havia cestas com biscoitos salgados em sacos de papel transparente nas mesas, e rodelas de papelão para copos de cerveja, para evitar que o suor dos copos deixasse círculos na madeira. As cadeiras eram

trabalhadas, mas os assentos de madeira eram lisos e muito confortáveis. Havia um relógio na parede, um bar no fundo do salão, e lá fora nevava. Um senhor idoso tomava café numa mesa debaixo do relógio e lia o jornal da tarde. Um carregador entrou e disse que o Simplon-Oriente estava uma hora atrasado em Saint-Maurice. A garçonete chegou-se à mesa de Mr. Harris. Mr. Harris tinha acabado de jantar.

— O Expresso está atrasado uma hora, cavalheiro. Posso servir-lhe café?

— Se quiser.

— Como?

— Quero, sim.

Ela trouxe o café, Mr. Harris pôs açúcar, esmagou os cubos com a colher e olhou pela janela a neve caindo na plataforma iluminada.

— Fala outros idiomas além do inglês? — perguntou à garçonete.

— Falo alemão e francês e os dialetos.

— Qual é que gosta mais?

— São muito parecidos, senhor. Não sei dizer qual o que gosto mais.

— Quer tomar alguma coisa, ou um café?

— Oh, não, senhor. Não é permitido beber com os clientes.

— Aceita um charuto?

— Não, senhor — respondeu ela, rindo. — Não fumo.

— Nem eu — disse Harris. — Não concordo com David Belasco.

— Como?

— Belasco. David Belasco. Pode-se reconhecê-lo porque ele usa o colarinho para trás. Mas não concordo com ele. Ademais, ele já morreu.

— Dá licença, senhor — pediu a garçonete.

— Toda — disse Harris. Reclinou-se na cadeira e olhou pela janela. No salão o senhor idoso dobrou o jornal; olhou para Mr. Harris, pegou a xícara de café com o pires e foi para a mesa de Harris.

— Com licença — falou em inglês. — Sabe? Me ocorreu que o senhor talvez seja membro da National Geographic Society.

— Sente-se, por favor. — O cavalheiro sentou-se. — Quer mais um café, ou um licor?

— Obrigado — agradeceu o cavalheiro.

— Toma uma aguardente comigo?

— Pode ser. Mas você é quem toma comigo.

— Não, eu insisto. — Chamou a garçonete. O cavalheiro idoso tirou de um bolso interno do paletó um caderno de capa de couro, retirou um elástico largo que o fechava e apanhou vários papéis no caderno. Escolheu um, que passou a Harris.

— É a minha certidão de membro — disse. — Conhece Frederick J. Roussel nos Estados Unidos?

— Parece-me que não.

— Ele é muito conhecido.

— De onde ele é? De que parte dos Estados Unidos?

— De Washington. Não é a sede da Sociedade?

— Acho que sim.

— Você acha. Não tem certeza.

— Tenho andado fora há muito tempo — explicou Harris.

— Então não é sócio?

— Não. Meu pai é. É sócio há muitos anos.

— Então ele conhece Frederick J. Roussel. É um dos dirigentes da Sociedade. Sabe que foi por intermédio de Mr. Roussel que entrei para sócio?

— Fico feliz de saber.

— Lamento você não ser sócio. Mas pode entrar por intermédio de seu pai.

— É. Vou cuidar disso quando voltar.

— Deve entrar — falou o cavalheiro. — Mas costuma ler a revista, naturalmente.

— Ah, sim.

— Viu o número com as fotos coloridas da fauna americana?

— Vi. Tenho ele em Paris.

— E o número que traz um panorama dos vulcões do Alasca?

— Uma beleza.

— Eu também gostei muito das fotos dos animais selvagens de George Shiras três.

— Uma beleza.

— Hein?

— Muito boas. Esse cara é ótimo.

— Você chama Shiras de esse cara?

— Somos velhos amigos — disse Harris.

— Ah! Conhece George Shiras três. Deve ser uma pessoa muito interessante.

— E é. É a pessoa mais interessante que conheço.

— E conhece George Shiras dois? Ele também é interessante?

— Não muito.

— Eu o tinha na conta de pessoa muito interessante.

— É estranho, sabe? Ele não é tão interessante. E sempre me pergunto por quê.

— Hum. Sempre imaginei que todos da família fossem interessantes.

— Se lembra do panorama do deserto do Saara?

— Deserto do Saara? Isso já faz uns quinze anos.

— Certo. Era um dos preferidos de meu pai.

— Ele não prefere os números mais recentes?

— Talvez prefira. Mas gostava muito do panorama do Saara.

— Foi muito bom. Mas para mim o tratamento artístico deixou para trás o interesse científico.

— Não sei... O vento soprando a areia, e aquele árabe com o camelo se ajoelhando na direção de Meca...

— Pelo que me lembro, o árabe estava em pé, segurando o camelo.

— Tem razão. Eu estava pensando no livro do coronel Lawrence.

— O livro do coronel Lawrence é sobre a Arábia, me parece.

— Sem dúvida. Foi o árabe que me fez lembrar.

— Deve ser um jovem muito interessante.

— Também penso assim.

— Sabe o que ele anda fazendo?

— Está na RAF.

— E por quê?

— Porque gosta.

— Sabe se ele é da National Geographic Society?

— Não sei. Será?

— Seria um sócio e tanto. É o tipo de pessoa que eles querem para sócio. Eu teria muito prazer em indicá-lo se você acha que podem aceitá-lo.

— Acredito que aceitem.

— Indiquei um cientista de Vevey e um colega meu de Lausanne, e os dois foram eleitos. Acho que a Sociedade ficaria contente se eu indicasse o coronel Lawrence

— É uma grande ideia. Vem sempre a este café?

— Tomo café aqui depois do jantar.

— É da Universidade?

— Não estou mais em atividade.

— Estou esperando o trem — disse Harris. — Estou a caminho de Paris, de lá ao Havre, onde embarco para os Estados Unidos.

— Nunca estive nos Estados Unidos, mas gostaria muito de conhecer. Talvez vá para uma reunião da Sociedade não sei quando. Teria muito prazer em conhecer o seu pai.

— Ele também gostaria muito de conhecer o senhor, mas... morreu ano passado. Suicidou-se, incompreensivelmente.

— Sinto muito. A perda dele deve ter sido um golpe para a ciência e para a família.

— A ciência recebeu o golpe muito bem. Aqui está o meu cartão. As iniciais do nome dele eram E. J. em vez de E. D. Tenho certeza de que ele teria prazer em conhecer o senhor.

— Teria sido um prazer enorme. — O cavalheiro tirou um cartão do caderno e o passou a Harris. Dizia:

DR. SIGISMUND WYER, PH.D.

Sócio da National Geographic Society

Washington, D. C., U. S. A.

— Guardarei com muito carinho — falou Harris.

HISTÓRIA NATURAL DOS MORTOS



Sempre me pareceu que a guerra tem sido relegada como campo de observação dos naturalistas. Temos bons e confiáveis relatos da flora e da fauna da Patagônia por W. H. Hudson, o reverendo Gilbert White escreveu coisas interessantes sobre os Hoopoe nas suas ocasionais e nada comuns visitas a Selborne, e o reverendo Stanley deixou-nos uma valiosa apesar de popular *História Familiar dos Pássaros*. Não podemos então dar ao leitor alguns fatos racionais e interessantes sobre os mortos? Espero que sim.

Quando aquele perseverante viajor, Mungo Park, em determinado lance de sua expedição perdia os sentidos na imensidão de um deserto africano, nu e sozinho, considerando contados os seus dias e nada lhe restando para fazer a não ser deitar-se e morrer, uma pequenina flor de musgo de extraordinária beleza atraiu-lhe o olhar. “Apesar de a planta não ser maior de que um dedo meu, não pude contemplar o delicado formato das raízes, folhas e cápsulas sem admiração. Pode o Ser que plantou, aguou e deu perfeição, nesta parte obscura do mundo, a esta coisinha aparentemente tão sem importância, olhar com desinteresse a situação e o sofrimento de criaturas formadas à Sua imagem? Claro que não. Reflexões como essa não me deixam desesperar; levantei-me e, esquecendo fome e fadiga, continuei em frente, certo de que o alívio não ia demorar; e não me decepcionei.”

Com essa disposição a se maravilhar e adorar, como diz o reverendo Stanley, pode qualquer ramo da História Natural ser estudado sem acrescentar essa fé, esse

amor e esperança que nós também, cada um de nós, precisamos em nossa jornada pela vastidão da vida? Vamos então ver que inspiração podemos derivar dos mortos.

Na guerra os mortos geralmente são os machos da espécie humana, apesar de isso não se aplicar aos animais — tenho visto muitas éguas mortas entre cavalos. Outro aspecto interessante da guerra é que só nela o naturalista tem oportunidade de observar burros mortos. Em vinte anos de observação na vida civil nunca vi um burro morto, e comecei a ter dúvidas se esses animais são mortais. Em raras ocasiões vi o que pensei que fossem burros mortos, mas ao chegar perto verificava serem criaturas vivas que pareciam mortas devido à propriedade de ficarem em completo repouso. Mas na guerra esses animais sucumbem da mesma maneira que os equinos mais comuns e menos resistentes.

Muitos burros que vi mortos estavam em estradas de montanhas ou caídos no fundo de barrancas íngremes para onde foram empurrados para desimpedir a estrada. Pareciam uma visão adequada às montanhas onde as pessoas estavam habituadas à presença deles, e pareciam menos incongruentes lá do que em Esmirna, onde os gregos quebraram as pernas de todos os seus animais de carga e os empurraram do cais para dentro d'água para morrerem afogados. A quantidade de burros e cavalos de pernas quebradas se afogando em água rasa pedia o pincel de um Goya. Mas, falando literalmente, não se pode dizer que eles pediam um Goya, pois só houve um Goya, já morto há muito tempo, e é extremamente duvidoso que esses animais, pudessem eles falar, pedissem a representação pictórica de seu sofrimento; o mais provável, se falassem, seria chamar alguém para lhes aliviar o sofrimento.

Quanto ao sexo dos mortos, ficamos tão acostumados com a visão de todos eles serem machos que ver uma fêmea morta chega a ser escandaloso. A primeira inversão que vi do sexo costumeiro dos mortos foi após a explosão de uma fábrica de munições situada no campo perto de Milão, na Itália. Fomos à cena do desastre em caminhões, passando por estradas margeadas de choupos, com valas contendo uma infinidade de minúsculos animais vivos, que não pude observar claramente devido às grandes nuvens de poeira levantadas pelos caminhões. Chegando ao lugar onde tinha sido a fábrica de munição, alguns de nós foram designados para

patrulhar os grandes estoques de munição que inexplicavelmente não tinha explodido, enquanto outros foram destacados para apagar um incêndio que ocorrera no capim de um campo adjacente; uma vez concluída a tarefa, recebemos ordem de bater a vizinhança à procura de cadáveres. Encontramos e carregamos grande número de cadáveres para um necrotério improvisado e, devo dizer com franqueza, fiquei admirado ao descobrir que esses mortos eram mais mulheres do que homens. Naqueles dias as mulheres ainda não usavam cabelo curto como passaram a usar muitos anos depois na Europa e nos Estados Unidos, e o mais desconcertante, talvez por ser raro, foi a presença, e mais desconcertante ainda, a ausência ocasional desse cabelo comprido. Lembro-me que, depois de dar uma busca completa para recolher todos os mortos, recolhemos pedaços. Muitos dos pedaços foram retirados de uma cerca de arame farpado que rodeava a fábrica e de partes ainda existentes dela onde recolhemos mais fragmentos que serviram para ilustrar a tremenda energia dos altos explosivos. Muitos pedaços foram encontrados a grande distância no campo onde foram cair levados pelo próprio peso.

Na volta a Milão me lembro de termos, alguns de nós, discutido a ocorrência e concordado que a irreabilidade e a circunstância de não ter havido feridos contribuíram muito para reduzir o horror do desastre. Também o fato de termos chegado quase que imediatamente, e por isso os mortos estarem ainda um pouco desagradáveis para serem juntados e carregados, fez daquilo uma atividade alheia ao campo de batalha. A viagem agradável pelo belo campo da Lombardia apesar da poeira foi uma compensação para o horror do nosso trabalho: e na volta, trocando impressões, concordamos que fora uma felicidade ter o incêndio que irrompera pouco antes da nossa chegada sido controlado rapidamente antes de alcançar os estoques da munição não explodida. Concordamos também que a cata dos fragmentos constituía um trabalho extraordinário: ficamos admirados de ver que o corpo humano pode explodir em pedaços sem seguir linhas anatômicas, mas se dividindo aleatoriamente como a fragmentação após a explosão de um obus de alta potência.

Para fazer uma observação rigorosa, o naturalista deve se limitar a um período, e eu tomo o primeiro logo após a ofensiva austríaca de junho de 1918 na Itália

como um em que os mortos estiveram presentes em seu maior número, quando houve uma retirada forçada e um avanço posterior desfechado para recuperar o terreno perdido, de modo que as posições depois da batalha ficaram sendo as mesmas de antes, exceto pela presença dos mortos. Enquanto não são enterrados, os mortos mudam um pouco de aparência a cada dia. A mudança de cor nas raças caucasianas vai do branco ao amarelo, do amarelo ao esverdeado, depois ao preto. Se exposta ao calor por muito tempo, a carne fica parecendo alcatrão principalmente onde foi ofendida e adquire uma iridescência visível. Os mortos aumentam de tamanho diariamente até ficarem às vezes muito grandes para o uniforme: o uniforme se enche tanto que dão a impressão de que não tardam a estourar. Os membros engrossam assustadoramente e os rostos incham até ficarem arredondados como balões. O mais surpreendente depois dessa progressiva corpulência é a quantidade de papéis que se espalha em volta dos mortos. A posição deles no último momento antes de se pensar em enterro depende da localização dos bolsos no uniforme. No exército austríaco os bolsos ficavam na parte de trás das pernas, e depois de pouco tempo os mortos consequentemente viravam de borco, os dois bolsos traseiros puxados para fora e, espalhados em volta deles no capim, todos os papéis que estavam nos bolsos. O calor, as moscas, as posições indicativas dos corpos no capim e a quantidade de papel espalhado são impressões que não se esquecem. Não se lembra o cheiro de um campo de batalha em tempo de calor. Lembra-se que havia um cheiro, mas não se consegue senti-lo de novo. É diferente do cheiro de um regimento que se pode sentir de repente quando se passa de bonde na rua, olha-se e se vê o soldado que emitiu o cheiro. Mas a outra coisa se perde completamente como quando se está apaixonado: lembra-se de coisas que aconteceram, mas a sensação não é recuperada.

Fica-se imaginando o que aquele perseverante Mungo Park não deve ter visto num campo de batalha em dia quente para restaurar a confiança. Havia sempre papoulas no trigo no fim de junho e em julho, e as amoreiras em plena folhagem, podiam-se ver ondas de calor se elevando dos canos dos canhões onde o sol os atingia por entre as folhas: a terra apanhara um colorido amarelo-claro nas margens dos buracos abertos por granadas de gás de mostarda, e a casa bombardeada mas

ainda de pé é melhor de se ver do que uma que foi destruída, mas poucos viajantes podem tomar um bom hausto de ar naquele começo de verão e ter pensamentos como os que Mungo Park teve sobre os que foram feitos à Sua imagem.

A primeira impressão que se forma a respeito dos mortos é que, acertados em cheio, morrem como animais. Alguns morrem rapidamente de um ferimentozinho que não mataria um coelho. Morreram de ferimentozinhos como coelhos morrem às vezes de três ou quatro grãos de chumbo que mal atravessam a pele. Outros morrem como gatos; uma fratura de crânio e um fragmento de metal no cérebro, caem e continuam vivos durante dois dias como gatos que se arrastam para uma caçamba de carvão com uma bala na cabeça e só morrem quando alguém lhes corta a cabeça. Talvez gato não morra mesmo, dizem que eles têm sete vidas; não sei, mas muitos homens morrem como animais, não como homens. Nunca vi uma morte dita natural, por isso culpei a guerra, e como o perseverante viajor Mungo Park fiquei sabendo que havia alguma outra coisa; aquela sempre ausente outra coisa, até que vi uma.

A única morte natural que já vi fora a perda de sangue, que não é ruim, foi a morte causada pela gripe espanhola. Nesta a pessoa morre afogada em muco, engasgada, e sabe-se que o doente morreu pelo seguinte: no fim ele volta a ser criancinha apesar da força de homem e enche os lençóis completamente com uma vasta e final catarata amarelada que escorre e continua escorrendo depois da morte. Agora quero ver a morte de qualquer pretensão Humanista* porque um viajor perseverante como Mungo Park ou eu mesmo continua vivendo e talvez viva ainda para ver a morte de membros dessa seita literária e observar a nobre retirada que fazem. Em minhas reflexões naturalistas ocorreu-me que, apesar de ser o decoro uma excelente qualidade, alguns precisam ser indecorosos para que a raça continue, porque a posição prescrita para procriação é indecorosa, altamente indecorosa, e talvez seja isto que essas pessoas são ou foram: rebentos de coabitação decorosa. Mas, independentemente de como começaram, espero ver o fim de algumas, e imaginar como os vermes vão enfrentar essa longa esterilidade preservada: com seus fantásticos panfletos deteriorados e em notas de rodapé despudoradas.

Mesmo sendo talvez legítimo tratar desses chamados cidadãos numa história natural dos mortos, mesmo podendo a designação nada significar quando este trabalho for publicado, não deixa de ser injusto com os outros mortos, que não morreram por escolha em sua juventude, que não foram proprietários de revistas, muitos deles sem dúvida nunca leram uma revista, mortos que alguém viu num dia quente com enxame de moscas trabalhando nos lugares onde antes eram bocas. Nem sempre o dia era quente para os mortos, a maior parte do tempo era a chuva que os lavava ao cair sobre eles e amolecia a terra onde eles iam ser enterrados e às vezes continuava caindo até a terra virar lama e devolvê-los, e era preciso enterrá-los de novo. Ou no inverno, nas montanhas, era preciso pô-los na neve e quando a neve derretia na primavera algum outro tinha que enterrá-los. Havia lindos locais para enterros nas montanhas, a guerra nas montanhas é a mais bela de todas as guerras e em uma, num lugar chamado Pocol, foi enterrado um general baleado na cabeça por um franco-atirador. Aí é que se enganam os escritores que escrevem livros intitulados *Os Generais Morrem na Cama*, porque esse general morreu numa trincheira cavada na neve no alto de uma montanha, usando um chapéu alpino que tinha uma pena de águia na fita, e na frente um buraco em que não cabia um dedo, e atrás um buraco onde cabia um punho, desde que não fosse robusto e a pessoa quisesse pôr o punho nele, e na neve muito sangue. Era um excelente general como era também o general Von Behr, que comandava o Alpenkorps bávaro na batalha de Caporetto e morreu em seu carro de campanha pela retaguarda italiana quando ele entrava em Udine à frente de suas tropas, e os títulos de todos livros desse tipo deviam ser *Os Generais Geralmente Morrem na Cama*, se quisermos alguma fidelidade em tais coisas.

Às vezes, nas montanhas, a neve caía também nos mortos fora do posto avançado de socorro do lado protegido de qualquer bombardeio. Eram levados para uma caverna aberta na face da montanha antes que a neve congelasse. Foi nessa caverna que um homem que teve a cabeça quebrada como se quebra um vaso de planta, apesar de ser a cabeça sustentada por membranas, e uma bandagem aplicada com competência ficara embebida de sangue e endurecida, com a estrutura do cérebro alterada por um fragmento de metal, ficou caído um dia, uma noite e um

dia. Os padioleiros pediram ao médico que fosse lá dar uma olhada. Viam-no toda vez que saíam, e mesmo quando não olhavam o ouviam respirando. Os olhos do médico estavam vermelhos e as pálpebras inchadas quase fechadas em consequência de gás lacrimogêneo. Ele olhou o homem duas vezes: uma à luz do dia, outra com uma lanterna de mão. Isso também daria a Goya uma boa gravura, a visita com a lanterna de mão. Depois de olhá-lo a segunda vez, o médico acreditou nos padioleiros quando disseram que o soldado estava vivo.

— Que querem que eu faça com ele? — perguntou.

Eles não queriam que fizesse coisa alguma. Mas passado um tempo pediram permissão de levá-lo para junto dos feridos graves.

— Não, não, não! — falou o médico, que estava ocupado. — O que é que há? Estão com medo dele?

— Incomoda-nos ouvi-lo lá com os mortos.

— Não escutem. Se o tirarem de lá terão que voltar com ele depois.

— Não faz mal, capitão-doutor.

— Não — disse o médico. — Não. Já não me ouviram dizer não?

— Por que não lhe dá uma dose dupla de morfina? — perguntou um oficial de artilharia que esperava que lhe fizessem um curativo no braço ferido.

— Pensa que é só para isso que emprego a morfina? Quer que eu opere sem morfina? Você tem um revólver, vá lá e dê um tiro nele você mesmo.

— Ele já levou tiro — disse o oficial. — Se um de vocês, médicos, tivesse levado um tiro, pensaria diferente.

— Muito obrigado — agradeceu o médico gesticulando com um fórceps. — Mil vezes obrigado. E esses olhos? — Apontou com o fórceps. — Que tal?

— Gás lacrimogênio. Consideramos muita sorte quando é gás lacrimogêneo.

— Porque vocês deixam a linha — disse o médico. — Porque vocês vêm correndo com o seu gás lacrimogêneo para serem evacuados. Esfregam cebola nos olhos.

— Você está louco. Não vou tomar conhecimento de seus insultos. Você está louco.

Os padioleiros entraram.

— Capitão-doutor — interpelou um.

— Saiam daqui! — ordenou o médico.

Os padioleiros saíram.

— Vou dar um tiro no pobre camarada — concordou o oficial de artilharia. — Sou humano. Não vou deixá-lo sofrendo.

— Pois dê um tiro nele — assentiu o médico. — Assuma a responsabilidade. Faça um relatório. Ferido baleado por tenente de artilharia no primeiro posto de socorro. Mate ele. Vá e mate ele.

— Você não é humano.

— Minha função é cuidar dos feridos, não matá-los. Isso é para cavalheiros da artilharia.

— Então por que não trata dele?

— Já tratei. Já fiz tudo o que era possível.

— Por que não o manda para baixo no teleférico?

— Quem é você para me fazer perguntas? É oficial superior? Está no comando deste posto de socorro? Faça-me o favor de responder.

O tenente de artilharia ficou calado. Os outros ali eram todos soldados e não havia outros oficiais presentes.

— Responda — insistiu o médico colocando uma agulha no fórceps. — Me dê uma resposta.

— Que você se foda — respondeu o oficial de artilharia.

— Então essa é a sua resposta — falou o médico. — Muito bem. Muito bem. Vamos ver.

O tenente de artilharia levantou-se e caminhou para o médico.

— Que você se foda — repetiu. — Se foda. Se foda. Foda-se a sua irmã...

O médico atirou um pires cheio de iodo no rosto do tenente. O tenente caminhou para ele cegado, a mão procurando o revólver. O médico passou rápido para trás do tenente, deu-lhe uma rasteira e, quando ele caiu, chutou-o várias vezes e pegou o revólver com a luva de borracha. O tenente sentou-se no chão com a mão boa nos olhos.

— Eu mato você — explodiu. — Eu mato você logo que puder enxergar.

— Eu sou o chefe — gritou o médico. — Tudo ficará esquecido se você reconhecer que sou o chefe. Não pode me matar, porque o seu revólver está comigo. Sargento! Ajudante! Ajudante!

— O ajudante está no teleférico — informou o sargento.

— Lave os olhos deste oficial com álcool e água. Ele está com iodo nos olhos. Traga-me a bacia para eu lavar as minhas mãos. Cuido deste oficial a seguir.

— Não vai pôr as mãos em mim.

— Segure-o firme. Ele está delirando.

Um dos padioleiros entrou.

— Capitão-doutor.

— O que você quer?

— O homem na casa dos mortos...

— Saia daqui.

— ... morreu, capitão-doutor. Achei que o senhor devia saber.

— Está vendo, meu pobre tenente? Brigamos por nada. Em tempo de guerra brigamos por nada.

— Que você se foda — repetiu o tenente de artilharia. Ele ainda não podia enxergar. — Você me cegou.

— Não é nada. Os seus olhos vão ficar bem. Não é nada. Uma briga por nada.

— Ai! Ai! Ai! — gritou o tenente repentinamente. — Você me cegou! Você me cegou!

— Segure-o bem — disse o médico. — Ele está sentindo muita dor. Segure-o forte.

Nota

* Pede-se a indulgência do leitor para esta menção a um fenômeno extinto. A referência, como todas as referências a modas, prende a história a um tempo passado, mas é mantida pelo seu interesse histórico e também porque a sua omissão prejudicaria o ritmo.

O JOGADOR, A FREIRA E O RÁDIO



Chegaram com eles por volta da meia-noite, e durante o resto da noite todos do corredor ouviam o russo.

— Onde foi o ferimento? — perguntou Mr. Frazer à enfermeira da noite.

— Parece que foi na coxa.

— E o outro?

— Esse vai morrer, parece.

— Onde foi o ferimento?

— Dois no abdome. Só acharam uma bala.

Os dois trabalhavam em plantação de beterraba, um mexicano e um russo, e tomavam café num restaurante quando alguém entrou e começou a atirar no mexicano. O russo jogou-se debaixo de uma mesa e acabou atingido por uma bala destinada ao mexicano quando ele já estava no chão com duas balas no abdome. Isso dizia o jornal.

O mexicano disse à polícia que não sabia quem atirara nele. Achava que fora um acidente.

— Por um acidente ele deu oito tiros em você e acertou dois?

— Si, señor — admitiu o mexicano, que se chamava Cayetano Ruiz.

— Ele me atingiu por acidente, o *cabrón* — falou ao intérprete.

— O que foi que ele disse? — perguntou o sargento detetive olhando do outro lado da cama para o intérprete.

— Disse que foi acidente.

— Diga a ele para contar a verdade, porque ele vai morrer — ordenou o detetive.

— Na — disse Cayetano. — Diga a ele que estou muito mal e prefiro não falar muito.

— Ele diz que está falando a verdade — traduziu o intérprete. Depois, confidencialmente ao detetive: — Ele não sabe quem atirou nele. Atiraram pelas costas.

— É, entendo, mas por que as balas entraram pela frente? — indagou o detetive.

— Talvez ele estivesse girando — admitiu o intérprete.

— Olhe — disse o detetive, sacudindo o dedo quase no nariz de Cayetano, que se projetava cor de cera do rosto de morto onde só os olhos eram vivos como de gavião. — Pouco me dá saber quem atirou em você, mas preciso esclarecer o assunto. Não quer que o homem que atirou em você seja punido? Diga isso a ele — pediu o detetive ao intérprete.

— Ele diz para você dizer quem atirou.

— *Mandarlo al carajo* — respondeu Cayetano, com ar muito cansado.

— Ele diz que nunca viu o sujeito — traduziu o intérprete. — Eu lhe digo que atiraram nele pelas costas.

— Pergunte quem atirou no russo.

— Coitado do russo — lamentou Cayetano. — Ele estava no chão com a cabeça entre os braços. Começou a gritar quando atiraram nele, e não parou de gritar até agora. Coitado do russo.

— Ele diz que alguém que ele não conhece. Talvez o mesmo que atirou nele.

— Olhe — advertiu o detetive. — Isto não é Chicago. Você não é gângster. Não precisa fazer como se representasse num filme. Não tem nada de mais dizer quem atirou em você. Qualquer pessoa que leva tiro pode dizer de quem foi. Não tem nada de mais. Você não dizendo quem foi, ele pode atirar em outro. Pode atirar numa mulher ou numa criança. Não pode deixar que ele escape assim. Diga isso a ele — mandou o detetive a Mr. Frazer. — Não confio neste maldito intérprete.

— Sou confiável — replicou o intérprete. Cayetano olhou para Mr. Frazer.

— Escute, amigo — insistiu Mr. Frazer. — O policial diz que não estamos em Chicago mas em Hailey, Montana. Você não é bandido e isto não é cinema.

— Acredito — concordou Cayetano com voz macia. — *Ya lo creo*.

— Pode-se honradamente denunciar um assaltante. Todo mundo faz isso aqui, diz ele. Ele pergunta o que pode acontecer se, depois de atirar em você, o tal homem atirar numa mulher ou numa criança.

— Não sou casado — disse Cayetano.

— Ele diz qualquer mulher ou qualquer criança.

— O homem não é louco — afirmou Cayetano.

— Ele diz que você deve denunciar o homem — terminou Mr. Frazer.

— Obrigado — agradeceu Cayetano. — Você é um grande tradutor. Falo inglês, mas mal. Compreender eu compreendo. Como foi que quebrou a perna?

— Queda de cavalo.

— Que azar. Sinto muito. Dói?

— Agora não. No princípio doeu.

— Escute, amigo. Estou muito fraco. Vocês me desculpem. Estou sentindo muita dor também. Posso morrer. Favor tirar este policial daqui porque estou muito cansado. — Fez menção de se virar de lado, depois ficou imóvel.

— Eu disse a ele exatamente tudo o que você disse, e ele me pediu para lhe dizer que não sabe quem atirou nele, e que está muito fraco e quer que você deixe o interrogatório para mais tarde — falou Mr. Frazer.

— Mais tarde ele pode não estar mais vivo.

— É bem possível.

— Por isso quero interrogá-lo agora.

— Alguém atirou nele pelas costas, garanto — repetiu o intérprete.

— Pelo amor de Deus! — disse o sargento detetive, e guardou a caderneta no bolso.

No corredor o sargento detetive ficou com o intérprete ao lado da cadeira de rodas de Mr. Frazer.

— Então você também acha que alguém atirou nele pelas costas?

— Acho — assentiu Frazer. — Alguém o atingiu pelas costas. Que diferença faz para você?

— Não se zangue — pediu o sargento. — Como eu gostaria de falar língua de cucaracha.

— Por que não aprende?

— Não precisa se aborrecer. Não me divirto fazendo perguntas a esse cucaracha. Se eu falasse a língua dele, seria diferente.

— Não precisa falar espanhol — ponderou o intérprete. — Sou um intérprete confiável.

— Pelo amor de Deus! — disse o sargento. — Bem, até já. Nos veremos depois.

— Estou sempre aqui.

— Foi má sorte a sua. Muita má sorte. Mas já se sente melhor, não?

— Tem melhorado muito depois que encanaram a perna.

— É, mas faz muito tempo. Muito tempo mesmo.

— Não queira nunca levar tiro pelas costas.

— É, não vale a pena. Bem, fico contente de ver que você não está com raiva.

— Até já — despediu-se Mr. Frazer.

Mr. Frazer passou muito tempo sem rever Cayetano, mas tinha notícias dele todas as manhãs pela Irmã Cecília. Segundo ela, ele nunca se queixava, mas não estava nada bem. Tinha peritonite, e o prognóstico era desanimador. Pobre Cayetano, dizia ela. Tem mãos tão bonitas e rosto tão lindo e nunca se queixa. O cheiro agora é horrível. Ele mostra o nariz com o dedo, sorri e sacode a cabeça. Sente-se mal com o cheiro. Fica constrangido, dizia Irmã Cecília. Era um paciente maravilhoso. Sempre sorrindo. Não se confessa com o padre, mas promete rezar, e nem um mexicano jamais o visitou. O russo ia ter alta no fim da semana. Irmã

Cecília nada sentia pelo russo. Pobre coitado, ele também sofre. Foi uma bala engraxada e suja, o ferimento infeccionou, mas ele faz tanto barulho e eu sempre gostei de dar atenção aos pacientes difíceis. O Cayetano não é flor que se cheire. Não deve ser boa bisca, é mau sujeito, é tão delicado e nunca trabalhou com as mãos. Esse não trabalha na cultura de beterraba. Sei que não trabalha com beterraba. As mãos são macias, não calosas como as dos trabalhadores da beterraba. Sei que ele não é boa pessoa, agora em que sentido não sei. Vou descer e rezar por ele. Pobre Cayetano, está passando por mau pedaço, mas não dá um gemido. Por que será que o balearam? Pobre Cayetano! Vou descer agora e rezar por ele.

Desceu e rezou.

Naquele hospital os rádios só funcionavam bem depois do escurecer. Diziam que era por causa do minério da região ou algo a ver com as montanhas, mas a verdade era que os rádios só funcionavam bem depois do escurecer; e a noite inteira funcionavam maravilhosamente, e quando uma estação encerrava seus programas podia-se correr o dial mais para oeste e pegar outra. A última que se pegava era Seattle, Washington, e, devido à diferença de horário, quando ela saía do ar às quatro da manhã, eram cinco no hospital; e às seis pegavam-se os seresteiros de Mineápolis. Isso também era devido à diferença de horário, e Mr. Frazer gostava de pensar nos seresteiros matutinos chegando ao estúdio e imaginar como seriam eles descendo de um bonde antes do amanhecer, carregando seus instrumentos. Talvez não fosse assim, talvez eles deixassem os instrumentos no lugar onde seresteavam, mas Frazer sempre os imaginava agarrados aos instrumentos. Ele nunca esteve em Mineápolis e achava que jamais iria lá, mas sabia como era a cidade no começo da manhã.

Pela janela do hospital via-se um campo de amarantos saindo da neve e um morro pelado. Uma manhã o médico quis mostrar a Mr. Frazer dois faisões na neve; empurrando a cama para a janela, a lâmpada escapuliu da cabeceira da cama e caiu na cabeça de Mr. Frazer. Isso não parece engraçado agora, mas foi engraçadíssimo na hora. Todos olhavam pela janela, e o médico, aliás excelente médico, mostrava com

o dedo os faisões e empurrava a cama para a janela; de repente, como numa cena cômica, Mr. Frazer recebeu na cabeça a base metálica da lâmpada. Parecia a antítese de um tratamento ou do que quer que as pessoas que estavam internadas no hospital tinham ido buscar, e todos acharam aquilo muito engraçado, como uma peça pregada em Mr. Frazer e no médico. Em um hospital tudo é muito mais simples, inclusive as piadas.

Da outra janela, se a cama fosse virada, via-se a cidade com uma fumacinha acima, e os montes Dawson parecendo montanhas de verdade com a neve do inverno em cima. Eram essas as duas vistas desde que a cadeira de rodas foi considerada prematura. É mesmo melhor ficar na cama quando se está num hospital; porque duas vistas, com tempo para contemplá-las de um quarto cuja temperatura se controla, é muito melhor do que qualquer quantidade de vistas olhadas por alguns minutos de quartos quentes e vazios que estão à espera de alguém, ou apenas abandonados, para os quais se é levado ou dos quais se é tirado em uma cadeira de rodas. Quando se passa muito tempo em um quarto, a vista, seja qual for, ganha em valor e fica sendo muito importante e não se deseja mudá-la, nem de ângulo. Como acontece com o rádio, existem coisas das quais ficamos gostando, a elas nos apegamos e repelimos o que é novo. As melhores músicas que tocavam naquele inverno eram *Sing Something Simple*, *Sing-song Girl* e *Little White Lies*. Nenhuma outra música satisfazia, pensava Mr. Frazer. Betty Co-ed também era boa, mas as palavras da paródia que entraram inevitavelmente na mente de Mr. Frazer pareceram tão obscenas que, não havendo ninguém para apreciá-las, ele a abandonou e deixou a música voltar ao futebol.

Pelas nove da manhã começavam a trabalhar com a máquina de raios X, e aí o rádio, que então só estava pegando Hailey, ficava inútil. Muita gente em Hailey que possuía rádio protestava contra a máquina de raios X do hospital, que estragava a recepção de manhã, mas nada foi feito, apesar de muitos acharem lamentável que o hospital não pudesse utilizar sua máquina em horário em que as pessoas não estivessem com os rádios ligados.

Mais ou menos na hora de desligar o rádio a Irmã Cecília entrou.

— Como está o Cayetano, Irmã Cecília? — perguntou Mr. Frazer.

— Muito mal.

— Está delirando?

— Não, mas acho que vai morrer.

— E a senhora?

— Muito preocupada com ele, e sabe que ninguém, ninguém mesmo, veio visitá-lo? Ele vai morrer como um cachorro para todos os mexicanos. São mesmo detestáveis.

— Quer vir assistir à transmissão do jogo hoje?

— Ah, não, eu ficaria nervosa. Vou ficar rezando na capela.

— Vamos pegar a transmissão muito bem — informou Mr. Frazer. — O jogo vai ser na costa, e a diferença de horário nos beneficia.

— Ah, não. Não posso. O campeonato nacional quase me matou. Quando os Atléticos estavam na defensiva eu rezava alto, “Oh, Senhor, ajudai a pontaria deles! Oh, Senhor, ajudai ele a acertar uma! Oh, Senhor, não deixeis que ele erre!” Quando completaram as bases do terceiro tempo, você se lembra, aí não aguentei. “Oh, Senhor, ajudai as mãos dele! Oh, Senhor, fazei esta bola ir longe!” e quando os Cardinals passaram à defensiva foi um deus nos acuda. “Oh, Senhor, não deixeis que eles acertem!” E este jogo vai ser pior. É Notre Dame. Não, prefiro ficar na capela. Por Nossa Senhora. Vão jogar por Nossa Senhora. Por que não escreve alguma coisa por Nossa Senhora? Pode fazer isso facilmente, Mr. Frazer.

— Não a conheço suficientemente. Além do mais, tudo já foi escrito. O meu jeito de escrever não agradaria à senhora. E ela também não ficaria encantada.

— O senhor ainda vai escrever sobre ela — afirmou a Irmã. — Sei que vai. O senhor vai escrever sobre Nossa Senhora.

— Acho que a senhora devia vir escutar o jogo.

— Seria arriscado para mim. Vou ficar na capela fazendo tudo o que puder.

De tarde, cinco minutos depois de iniciado o jogo, um estagiário entrou na sala e disse que Irmã Cecília queria saber como estava o jogo.

— Diga a ela que já marcaram um ponto.

Não demorou muito e o estagiário voltou.

— Diga a ela que eles estão dominando — informou Mr. Frazer.

Pouco depois ele toca a campainha chamando a enfermeira de plantão no andar.

— Faça-me o favor de ir à capela ou mandar alguém dizer à Irmã Cecília que Notre Dame está quatorze a zero no fim do primeiro tempo, e que vai muito bem. Ela pode suspender as orações.

Minutos depois Irmã Cecília entra no quarto. Estava agitadaíssima.

— O que é que significa quatorze a zero? Não sei nada desse jogo. Se fosse beisebol seria ótimo. Mas nada sei de futebol. Pode não significar nada. Volto para a capela agora mesmo. Vou rezar até o fim do jogo.

— Eles vão ganhar — afirmou Frazer. — Eu prometo. Fique e escute comigo.

— Não. Não. Não. Não. Não. Não. Não — respondeu ela. — Vou rezar na capela.

Toda vez que Notre Dame marcava, Mr. Frazer mandava alguém avisar a Irmã, e finalmente, muito depois do escurecer, o resultado final.

— Como está Irmã Cecília?

— Estão todas na capela — disse ela.

Na manhã seguinte Irmã Cecília entrou no quarto. Estava alegre e confiante.

— Eu sabia que eles não podiam derrotar Nossa Senhora. Não podiam mesmo. Cayetano também está melhor. Muito melhor. Vai receber visitas. Ainda não pode ver as visitas, mas elas vão vê-lo e isto fará bem a ele, saber que não foi esquecido pela sua gente. Fui lá embaixo e vi aquele rapaz O'Brien da polícia e disse a ele para providenciar a vinda de alguns mexicanos para visitarem Cayetano. O'Brien vai mandar alguns hoje de tarde. O pobrezinho vai se sentir bem melhor. É maldade não ter vindo ninguém visitá-lo.

Pelas cinco horas daquela tarde, três mexicanos entraram no quarto.

— Se pode? — perguntou o mais alto, que tinha lábios grossos e era bem gordo.

— Por que não? — respondeu Mr. Frazer. — Sentem-se, senhores. Aceitam alguma coisa?

— Muito obrigado — agradeceu o grandão.

— Obrigado — falou o moreno, que era também o menor.

— Obrigado, não — disse o magrinho. — Sobe à minha cabeça. — Bateu na cabeça.

A enfermeira trouxe copos.

— Dê a garrafa a eles — falou Frazer. — É de Red Lodge — explicou.

— O de Red Lodge é o melhor — admitiu o grandão. — Muito melhor do que o de Big Timber.

— Sem dúvida — concordou o menor — e custa mais também.

— Em Red Lodge tem de todo preço — explicou o grandão.

— Quantas válvulas tem o rádio? — perguntou o que não bebia.

— Sete.

— Muito bonito. Quanto custa?

— Não sei. É alugado — informou Mr. Frazer. — Os senhores são amigos de Cayetano?

— Não — falou o grandão. — Somos amigos do que atirou nele.

— Foi a polícia que nos mandou aqui — acrescentou o menor.

— Temos um sitiozinho — disse o grandão.

— Ele e eu — mostrou o tal que não bebia.

— Ele também tem um sitiozinho — mostrou o pequenino e moreno. — A polícia disse pra gente vir, então viemos.

— Estou contente por terem vindo.

— Igualmente — respondeu o grandão.

— Quer mais um pouco?

— Por que não? — admitiu o grandão.

— Com sua permissão — disse o pequenino.

— Eu não — falou o magrinho. — Sobe à minha cabeça.

— É muito bom — elogiou o pequenino.

— Por que não experimenta um gole? — perguntou Mr. Frazer ao magrinho.

— Deixe um pouquinho só subir à sua cabeça.

— Depois vem a dor de cabeça — disse o magrinho.

— Vocês não podiam mandar amigos de Cayetano virem visitá-lo? — perguntou Frazer.

— Ele não tem amigos.

— Todo mundo tem.

— Esse não tem.

— O que é que ele faz na vida?

— Joga cartas.

— E é bom?

— Acho que sim.

— De mim ele ganhou cento e oitenta dólares — relatou o baixinho. — Agora não existem mais cento e oitenta dólares no mundo.

— De mim ele ganhou duzentos e onze dólares — informou o magrinho. — Guarde bem essa quantia.

— Nunca joguei com ele — confessou o gordo.

— Ele deve ser muito rico — sondou Mr. Frazer.

— É mais pobre do que nós — admitiu o baixinho. — Só tem a camisa do corpo.

— E essa camisa pouco vale agora — avaliou Mr. Frazer. — Furada como está.

— É, pouco vale.

— O tal que atirou nele é jogador?

— Não, trabalha na plantação de beterraba. Precisou fugir da cidade.

— Preste atenção nisto — alertou o baixinho. — Ele é o melhor violonista da cidade. O melhor.

— Que pena.

— E é mesmo — confirmou o grandão. — Como ele sabe tocar violão!

— Parece que hoje não há mais bons violonistas.

— Não há nem sombra.

— Conheço um acordeonista muito bom — disse o magrinho.

— Tem alguns que tocam vários instrumentos — acrescentou o grandão. — Gosta de música?

— Se gosto!

— Podemos vir uma noite com instrumentos? Será que a Irmã deixa? Ela parece bondosa.

— Tenho certeza que ela vai deixar quando Cayetano puder ouvir.

— Ela é meio... tantã? — perguntou o magrinho.

— Quem?

— A Irmã.

— Não — protestou Mr. Frazer. — É uma mulher excelente, muito inteligente e simpática.

— Desconfio de padres, monges e freiras — confidenciou o magrinho.

— Ele sofreu muito quando criança — informou o baixinho.

— Fui sacristão — disse o magrinho com orgulho. — Hoje não creio em nada.

Nem vou à missa.

— Por quê? Sobe em sua cabeça?

— Não. O que sobe à minha cabeça é o álcool. Religião é o ópio do pobre.

— Pensei que o ópio do pobre fosse a maconha — insinuou Frazer.

— Já fumou ópio? — perguntou o grandão.

— Não.

— Nem eu. Parece que é ruim. Quando a pessoa começa, não pode parar. É um vício.

— Como a religião — contrapôs o magro.

— Esse aí é muito contra a religião — afirmou o baixinho.

— É preciso ser muito contra alguma coisa — falou Mr. Frazer.

— Respeito os que têm fé, mesmo que sejam ignorantes — disse o magro.

— Muito bem — elogiou Frazer.

— Podemos trazer alguma coisa para o senhor? — perguntou o grandão. — Está precisando de alguma coisa?

— Gostaria de comprar umas garrafas de cerveja, se for boa.

— Então vamos trazer cerveja.

— Mais uma copita antes de ir?

— Boa ideia.

— Estamos furtando de vocês.

— Eu não posso. Sobe à minha cabeça. Depois fico com dor de cabeça e enjoado do estômago.

— Até mais ver, senhores.

— Até mais ver, e obrigado.

Saíram, e chegou a hora do jantar, depois a do rádio, ligado o mais baixo possível, mas ainda podendo ser ouvido, e finalmente as estações se despedindo nesta ordem: Denver, Salt Lake City, Los Angeles e Seattle. Mr. Frazer não recebeu nenhuma imagem de Denver pelo rádio. Via a cidade através do *Denver Post* e corrigia a imagem pelo *Rocky Mountain News*. E também não teve nenhum toque de Salt Lake City ou Los Angeles pelo que ouviu desses lugares. Tudo que sentiu no tocante a Salt Lake City foi que era limpa mas sem vida, e captou muitos salões de dança mencionados em muitos grandes hotéis para ele ver Los Angeles. Nada sentia através dos salões de dança. Mas ficou conhecendo Seattle muito bem, a companhia de táxis com os grandes táxis brancos (cada um dotado de rádio), foi de táxi todas as noites à hospedaria no lado canadense onde acompanhou o andamento das festas pelas seleções musicais que pediam por telefone. Morou em Seattle desde as duas da manhã de cada dia ouvindo as músicas que todas as pessoas diferentes pediam, e era tão real como Mineápolis, onde os seresteiros deixavam suas camas de manhã cedo para ir ao estúdio. Mr. Frazer ficou gostando muito de Seattle, Washington.

Os mexicanos levaram a cerveja, mas não era boa. Mr. Frazer os recebeu, mas não teve vontade de conversar, e quando foram embora ele percebeu que não voltariam. Os nervos dele não estavam legais, e quando era assim ele não gostava de ver ninguém. Os nervos se descontrolavam de cinco em cinco semanas, e, apesar de ficar contente por ver que duravam tanto, Frazer não gostava de estar tendo que fazer a mesma experiência cuja resposta já sabia. Ele já tinha passado por tudo isso. A única novidade para ele era o rádio. Tocava o rádio a noite inteira, tão baixo que mal podia ouvir, e estava aprendendo a ouvir o rádio sem pensar.

Irmã Cecília entrou no quarto por volta das dez da manhã daquele dia levando a correspondência. Era simpaticíssima, Mr. Frazer gostava de vê-la e ouvi-la, mas a

correspondência supostamente chegada de um mundo diferente era mais importante. Não obstante, nada havia de interessante nela.

— O senhor parece bem melhor — reconheceu ela. — Vai nos deixar em breve.

— É — admitiu Mr. Frazer. — A senhora parece muito feliz hoje.

— E estou. Hoje me sinto como se fosse ser santa.

Mr. Frazer ficou um tanto intrigado com isso.

— Uma santa — continuou Irmã Cecília. — É o que quero ser. Santa. Desde menininha eu quis ser santa. Quando moça achei que, se renunciasse ao mundo e entrasse para o convento, seria santa. Era o que eu devia ser, e foi isso que achei que devia fazer para ser santa. Sempre esperei ser santa. Sempre tive certeza de que seria. Houve um momento em que pensei que era. Me senti tão feliz, e parecia simples e fácil. Quando acordei de manhã esperava acordar santa, mas não aconteceu. Nunca fui santa. Quero muito ser. Tudo o que quero é ser santa. É o que eu sempre quis ser. E hoje me sinto como quem vai ser santa. Ah, espero chegar a ser santa.

— Vai ser. Todo mundo acaba conseguindo o que quer. É o que me dizem.

— Agora não sei. Quando eu era moça parecia simples. Sabia que seria santa. Quando descobri que não acontece de repente, fiquei achando que leva muito tempo. Agora parece quase impossível.

— O que posso dizer é que estive bem perto.

— O senhor acha mesmo? Não, não quero ser insuflada. Não fique me insuflando. Quero ser santa. Quero muito ser santa.

— E vai ser com certeza — assentiu Mr. Frazer.

— Não, provavelmente não serei. Mas, ah, quem me dera ser santa! Seria o cúmulo da felicidade.

— A senhora tem a probabilidade de três por um de ser santa.

— Não me insuffle. Mas, ah, se eu pudesse ser santa! Quem me dera ser santa!

— Como vai o seu amigo Cayetano?

— Vai ficar bom, mas paralítico. Uma bala atingiu o nervo que passa pela coxa, e a perna desse lado ficou paralisada. Só descobriram isso quando ele ficou em

condições de se locomover.

— Quem sabe o nervo se regenera.

— Estou rezando para isso — falou Irmã Cecília. — O senhor deve ir vê-lo.

— Não me sinto disposto a ver ninguém.

— O senhor está com vontade de vê-lo. Ele pode ser trazido aqui na cadeira de rodas.

— Está bem.

Levaram Cayetano na cadeira. Tinha a pele transparente, o cabelo preto precisando de corte, os olhos risonhos, quando sorria mostrava maus dentes.

— Hola, amigo! Qué tal?

— Como está vendo — disse Mr. Frazer. — E você?

— Vivo e parálitico da perna.

— Mau — admitiu Mr. Frazer. — Mas o nervo pode se regenerar e ficar como novo.

— É o que me dizem.

— E a dor?

— Passou. Por algum tempo sentia uma dor danada na barriga. Pensei que ia morrer dessa dor.

Irmã Cecília observava os dois com ar feliz.

— Ela me disse que você nunca se queixou — falou Mr. Frazer.

— Muita gente na enfermaria — justificou o mexicano. — Que espécie de dor você sente?

— Muita dor, mas não tão forte como a sua. Quando a enfermeira sai, choro uma hora, duas horas. Isso me acalma. Meus nervos não andam bem.

— Você tem o rádio. Se eu tivesse um quarto particular e um rádio, choraria e gritaria a noite toda.

— Duvido.

— Hombre, sí. É muito saudável. Mas não se pode chorar e gritar com tanta gente perto.

— Pelo menos as mãos estão boas. Soube que você ganha a vida com as mãos.

— E com a cabeça. — Cayetano bateu na testa. — Mas a cabeça já não é a mesma.

— Três patrícios seus estiveram aqui.

— Mandados pela polícia.

— Trouxeram cerveja.

— Provavelmente de péssima qualidade.

— Era péssima.

— Esta noite vêm fazer serenata para mim a mando da polícia — reconheceu Cayetano, e riu. Depois bateu na barriga. — Ainda não posso rir. Como músicos são um atentado.

— E o tal que atirou em você?

— Outro bestalhão. Ganhei dele trinta e oito dólares nas cartas. Não é motivo para matar ninguém.

— Os três me disseram que você ganha muito dinheiro.

— E sou mais pobre do que passarinho.

— Como assim?

— Sou um pobre idealista. Sou vítima de ilusões. — Riu, fez uma careta e bateu na barriga. — Sou jogador profissional, mas gosto de jogar. De jogar com alma. Joguinho rasteiro é roubado. Para jogar com alma é preciso ter sorte. Não tenho sorte.

— Nunca?

— Nunca. Não tenho sorte nenhuma. Veja o *cabron* que atirou em mim. Sabe atirar? Não sabe. O primeiro tiro não acertou. O segundo foi interceptado por um pobre russo. Isso pode parecer sorte. E o que acontece? Ele me acerta duas vezes na barriga. É um homem de sorte. Eu não tenho sorte. Ele não acerta num cavalo nem se estiver segurando o estribo. Tudo é sorte.

— Pensei que ele tivesse atirado primeiro em você e depois no russo.

— Não, acertou o russo primeiro. O jornal errou.

— Por que não atirou nele?

— Não ando armado. Com a sorte que tenho, se andasse armado seria enforcado dez vezes por ano. Sou um jogadorzinho de baralho, mais nada. — Fez

uma pausa, continuou. — Quando ganho algum dinheiro, aposto, e quando aposto perco. Passei no dado com um monte de três mil dólares e dobrei para seis. Com dado bom. Perdi. Mais de uma vez.

— Por que não para?

— Se eu viver mais, a sorte muda. A má sorte me acompanha há quinze anos. Se entrar em fase de boa sorte serei rico. — Sorriu. — Sou bom na aposta, e vou gostar muito de ser rico.

— É azarado em todos os jogos?

— Em todos e com mulheres. — Sorriu, mostrando os dentes ruins.

— Verdade?

— Verdade.

— E qual o remédio?

— Continuar, com calma, e esperar a virada da sorte.

— E com as mulheres?

— Nenhum jogador tem sorte com mulheres. Ele precisa de concentração. Trabalha de noite, quando devia estar com a mulher. O homem que trabalha de noite não pode segurar uma mulher que valha a pena.

— Você é filósofo.

— Não, *hombre*. Sou jogador de lugares pequenos. Um lugarejo aqui, outro ali, mais outro, depois um maior, uma cidade grande, e começa tudo de novo.

— E depois uma bala na barriga.

— Foi a primeira vez. Só aconteceu uma vez.

— Está cansado de me ouvir? — perguntou Mr. Frazer.

— Não. Eu é que devo cansar o senhor.

— E a perna?

— Não preciso muito da perna. Tanto faz com perna ou sem perna, se tenho meios de circular.

— Desejo muita sorte a você, muita sorte mesmo do fundo do coração — confessou Mr. Frazer.

— Igualmente. E que a dor passe.

— Vai passar. Já está passando. Não tem maior importância.

— Então que passe logo.

— Igualmente.

Àquela noite os mexicanos tocaram acordeão e outros instrumentos na enfermaria, foi um momento alegre, e o barulho do sopro do acordeão, das sinetas, da percussão e do tambor derramou-se pelo corredor. Na enfermaria tinha um cavaleiro de rodeio que descera o desfiladeiro montando Meia-Noite numa tarde empoeirada e quente com uma multidão olhando, e agora, com fratura da coluna, ia aprender a trabalhar com couro e empalhar cadeiras quando tivesse condições de deixar o hospital. Tinha um carpinteiro que caiu de um andaime e fraturou os pés e os punhos. Caiu como gato, mas sem a elasticidade do gato. Iam pô-lo em condições de voltar ao trabalho, mas levaria tempo. Tinha um trabalhador rural de seus 16 anos com a perna quebrada que fora mal encanada e precisava ser quebrada de novo para ser encanada direito. Tinha Cayetano Ruiz, jogador de cidades pequenas com uma perna paralisada. Mais adiante no corredor Mr. Frazer ouvia os risos e a algazarra deles misturados com a música dos mexicanos mandados pela polícia. Os mexicanos se divertiam a valer. Foram ao quarto de Mr. Frazer saber se ele queria que tocassem alguma música, e voltaram mais duas vezes para tocar o que bem entenderam.

Na última vez que tocaram, Mr. Frazer estava deitado com a porta aberta escutando a zoeira, a música atroz, e pensando. Quando perguntaram o que ele queria que tocassem, ele pediu a Cucaracha, que tem a leveza e a destreza sinistras de tantas músicas que mataram tantos homens. Tocaram ruidosamente e com bastante emoção. A música era melhor do que muitas outras que andavam no ar no entender de Mr. Frazer, mas o efeito era o mesmo.

Apesar da entrada da emoção, Mr. Frazer continuou pensando. Ele geralmente evitava pensar tudo o que pudesse, exceto quando escrevia, mas no momento pensava nos que estavam tocando e no que dissera o baixinho.

Religião é o ópio do povo. Ele acreditava, o dispéptico caixa-d'ossos. Certo, e a música é o ópio do povo. O tal sobe-à-cabeça certamente não pensou nisso. E hoje

economia política é o ópio do povo; como patriotismo é o ópio do povo na Itália e na Alemanha. E o intercâmbio sexual? É também um ópio do povo? De alguns do povo. De alguns dos melhores do povo. Mas a bebida é o ópio soberano do povo, que ópio excelente! Alguns preferem o rádio, outro ópio do povo, um ópio barato que ele estava consumindo. Juntamente com todos esses está o jogo, o mais importante ópio do povo, e dos mais antigos. Ambição é outro, juntamente com a crença em qualquer nova forma de governo. O que se quer é o mínimo de governo, sempre menos governo. A liberdade, em que ele acreditava, agora é nome de uma publicação MacFadden. Acreditávamos nisso, mas ainda não encontraram um nome novo para ela. E quanto à liberdade verdadeira? Qual é o verdadeiro, o genuíno ópio do povo? Ele sabia. Foi dar uma voltinha por aquele recanto bem-iluminado de sua mente que aparecia depois de dois ou três drinques a mais à noite; sabia que ele estava lá (na verdade não estava). Mas o que era? Ele sabia muito bem. O que era? Claro: pão é o ópio do povo. Será que ele se lembraria disso e que isso teria sentido à luz do dia? Pão é o ópio do povo.

— Olhe — observou Mr. Frazer à enfermeira que entrava. — Diga àquele mexicanozinho magro para vir aqui, por favor.

— Está gostando? — perguntou o mexicano na porta.

— Demais.

— É uma música histórica. É a música da revolução verdadeira.

— Escute — indagou Mr. Frazer. — Por que o povo é operado sem anestesia?

— Como é mesmo?

— Por que todos os ópios do povo não prestam? O que é que você faria com o povo?

— Eu o salvaria da ignorância.

— Não diga bobagem. Educação é um ópio do povo. Você devia saber. Já tomou dele.

— É contra a educação?

— Sou. Mas a favor do conhecimento — falou Mr. Frazer.

— Não estou entendendo.

— Muitas vezes eu mesmo não me entendo com satisfação.

— Quer ouvir a Cucaracha mais uma vez? — perguntou o mexicano preocupado.

— Quero. Toque a Cucaracha mais uma vez. É melhor do que o rádio.

Revolução não é ópio, pensou Mr. Frazer. Revolução é catarse; um êxtase que só pode ser prolongado por tirania. Os ópios só servem para antes e para depois. Ele estava pensando bem, muito bem.

Eles vão embora daqui a pouco, pensou, e vão levar a Cucaracha. Depois viria o gigante matador e ele tocaria o rádio, pode-se tocar o rádio de maneira a não ouvir o gigante matador.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Contos vol 2

Skoob do livro

<http://www.skoob.com.br/contos-volume-2-9386ed511808.html>

Wikipédia do autor

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ernest_Hemingway